



PUC

MARIA INÊS REINHOFER FERREIRA FRANÇA

**A ESTÉTICA E A ÉTICA DO DESEJO:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

TESE DE DOUTORADO

Departamento de Psicologia

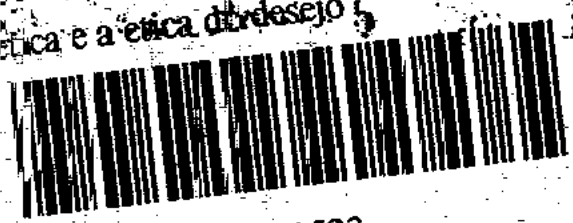
Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1995

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 – CEP 22453

RIO DE JANEIRO – BRASIL

N.º Nam. 150 F814es TESE UC
Título A Estética e a ética do desejo



0091533

ELUCB

MARIA INÊS REINHOEFER FERREIRA FRANÇA

**"A ESTÉTICA E A ÉTICA DO DESEJO:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO"**

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA PUC/RJ

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1995

MARIA INÊS REINHOEFER FERREIRA FRANÇA

“A Estética e a Ética do Desejo: um Estudo Psicanalítico”

**Tese apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para a obtenção do título de
Doutor em Psicologia Clínica.**

Orientador: Prof. Dr. Sérvulo Augusto Figueira

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1995



UC-63562-2

91533

450
E814
TESEUC

Para Newton, Renata, Ricardo e Rafaela.

MEUS AGRADECIMENTOS

- a SÉrvulo Augusto Figueira, orientador da tese;
- a Horus Vital Brazil, interlocutor e amigo, pela generosidade do seu saber e pela sensibilidade de sua escuta, contribuição inestimável para a elaboração deste estudo;
- a Joel Birman, pela colaboração na transmissão da psicanálise e na leitura da tese;
- a Maria Magdalena Mac Dowell Reinhoefer, pela presença amorosa e incentivadora de sempre;
- a Fritz Richard Reinhoefer, por uma ausência que se faz presente nas minhas produções;
- a Newton França, com quem compartilho de corpo e alma os melhores momentos da minha vida;
- a meus filhos Renata, Ricardo e Rafaela, amores queridos, que, em todos os momentos deste estudo, me permitiram lembrar as flores do campo;
- a Eliane Alvares, Enaide Barros e Mara Faget, pela solidariedade, amizade e respeito de muitos anos;
- a todos os meus amigos, por terem trazido alegria e carinho ao longo da construção deste trabalho;
- ao CNPq, pelo apoio financeiro recebido durante o curso;
- a Rosane Tavares, pela dedicação no teclado do computador.

RESUMO

O objeto de estudo desta tese é a estética e a ética do desejo, tendo como fundamento quatro conceitos do referencial psicanalítico: a angústia, a pulsão, o narcisismo e o desejo.

Sustentamos que a psicanálise, enquanto prática teorizada, coloca a questão de um corpo inserido traumáticamente na linguagem. Assim, nomeamos de “lapso de imagem” a falha no imaginário que introduz o que há de mais “*Unheimliche*” no universo da linguagem e que remete a uma experiência de indeterminação que representa, no campo do Outro, o traumático que constitui o sujeito.

Esta tese defende a apresentação de uma estética - erótica, fundada na estrutura trágica do desejo e no princípio da diferença “*Unheimliche*” que se refere à função do julgamento. Afirmamos que o campo de impacto pulsional cria um imperativo erótico constituído de Eros e Thanatos, conexão ambivalente, a qual, ao se articular com o imperativo simbólico, que se impõe através da atividade de simbolização, apresenta a sublimação como categoria estética e ética da psicanálise.

Concluimos que é este destino que possibilita a escolha, enquanto liberdade simbólica, ao transformar a pulsão em história através dos efeitos sublimatórios. Esta “outra satisfação” da pulsão demonstra o vínculo que enlaça os sujeitos no plano da criação. Cria-se a partir de um vazio determinante, o que indica a reunião do erótico com o perdido. A função do Belo perturba a estrutura desejante diante do enigmático e inacessível Bem e, desta forma, a estética permeia e articula as ações com os desejos que a habitam, mostrando sua face ética, sustentada pelo mal-estar estrutural.

ABSTRACT

The object of study of this thesis is esthetic and ethic of the desire, based on four concepts of the psychoanalytic references: anguish, pulsion (*trieb*), narcissism and desire.

We maintain that psychoanalysis, while a theorized practice, places the question of a body traumatically inserted in the language. Therefore, we named "lapse of image" the failure in the imaginary which introduces what is most "*Unheimliche*" in the universe of language and leads to an experience of indetermination that represents, in the field of the Other, the trauma that constitutes the subject.

This thesis defends the presentation of an erotic esthetic, founded in the tragic structure of the desire and in the principle of the difference "*Unheimliche*" which is referred to the function of judgement. We sustain that the field of pulsion impact creates an erotic imperative constituted by Eros and Thanatos, ambivalent connection which, when articulated with the symbolic imperative, that imposes itself through the activity of symbolization, presents sublimation as esthetic and ethic category of psychoanalysis.

We conclude that this is the destiny which allows the choice, while symbolic liberty, by transforming pulsion in history through the sublimatory effects. This "other satisfaction" of pulsion demonstrates the vinculum that enlaces the subjects in the plan of creation. Creation is processed through a determinant emptiness, which indicates the joining of the erotic with the loss. The function of Beauty disturbs the desiring structure in front of the enigmatic and inaccessible Good and, therefore, esthetic permeates and articulates the actions with the desires inherent to it, showing its ethic face, supported by the structural malaise.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 - Introdução..... | 1 |
| 1a. Parte: | |
| Quatro Conceitos Fundamentais para a Problemática da Estética e da Ética em Psicanálise..... | 12 |
| 2 - A Indizível Angústia..... | 13 |
| 2.1. - Introdução..... | 13 |
| 2.2. - Os anos 1892/1900..... | 14 |
| 2.3. - Desdobramentos da primeira teoria da angústia..... | 29 |
| 2.4. - Angústia e recalque: a segunda teoria da angústia..... | 47 |
| 2.5.-Argumentos e considerações sobre angústia..... | 54 |
| 3 - Pulsão: A Fronteira Do Pensamento Psicanalítico..... | 61 |
| 3.1. - Introdução..... | 61 |
| 3.2. - O parcial e o plural da pulsão..... | 66 |
| 3.3. - Para além do prazer: o irrepresentável..... | 86 |
| 3.4. - Por uma erótica no pensamento psicanalítico..... | 91 |
| 3.5. - Mal-estar e pulsão..... | 97 |
| 3.6. - Pulsão e linguagem..... | 107 |
| 4 - Narcisismo: Um Contraponto..... | 116 |
| 4.1. - Introdução..... | 116 |
| 4.2. - Narcisismo e a estranheza..... | 118 |
| 4.3. - " <i>Das Unheimliche</i> "..... | 123 |
| 4.4. - A questão da imagem..... | 126 |
| 4.5. - O imaginário..... | 128 |
| 4.6. - Lapso de imagem: efeito-surpresa..... | 133 |
| 4.7. - O <i>objeto a</i> | 140 |
| 4.8. - Privação..... | 145 |
| 4.9. - A articulação simbólico e imaginário..... | 147 |

| | |
|--|------------|
| 5 - Um Movimento Chamado Desejo..... | 158 |
| 5.1. - Introdução..... | 158 |
| 5.2. - Antígona: o desejo na origem..... | 162 |
| 5.3. - Hamlet e o " <i>Unheimliche</i> " do desejo..... | 167 |
| 5.4. - Da dimensão trágica do desejo ao movimento chamado desejo..... | 173 |
| 5.5. - A linguagem do desejo..... | 180 |
| 2a. Parte: | |
| Sobre a Estética e a Ética do Desejo..... | 204 |
| 6 - Sobre a Estética do Desejo..... | 205 |
| 6.1. - Introdução..... | 205 |
| 6.2. - O estranho: um princípio para a estética..... | 216 |
| 6.3. - O plano estrutural: o "não" da estética do desejo..... | 222 |
| 6.4. - O Belo: efeito sublimatório..... | 228 |
| 6.5. - O Belo é a visada do desejo..... | 235 |
| 6.6. - O Tempo e a estética do desejo..... | 240 |
| 6.7. - A dimensão estética da verdade..... | 242 |
| 6.8. - A estética é impressão-expressão do dizer inconsciente..... | 248 |
| 7 - Sobre a Ética do Desejo..... | 253 |
| 7.1. - Introdução..... | 253 |
| 7.2. - O paradoxo fundamental..... | 259 |
| 7.3. - O originário: o crime, a violência e o imperativo erótico..... | 267 |
| 7.4. - Do destino à liberdade simbólica ou do mal ao mal-estar: a ética do desejo..... | 281 |
| 7.5. - Sublimação: a outra satisfação, o outro paradoxo..... | 296 |
| 8 - Momento de Concluir: Argumentos Finais..... | 303 |
| 9 - Bibliografia..... | 316 |

1 - INTRODUÇÃO

Esta tese tem o propósito de construir a estética e a ética como dois temas que se apresentam no interior do discurso psicanalítico.

A construção deste estudo parte das indagações sobre o campo de pesquisa em psicanálise, que se constitui como uma prática teorizada porque se refere à interpretação do saber inconsciente que mantém a hegemonia da clínica.

A clínica psicanalítica é o espaço privilegiado de investigação prática que é indissociável da teoria. Este vínculo é o que designa o campo psicanalítico como lugar onde se encontram amalgamados dois processos: uma investigação particular referida à singularidade do sujeito do desejo inconsciente e outra que se constitui em uma produção teórica a partir de cada caso e que vai interrogar a rede conceitual psicanalítica, operando no domínio argumentativo e buscando introduzir pensamentos diferenciais, o que significa a relativização do conhecimento diante da função do desconhecimento.

Nesta perspectiva, a praxis psicanalítica se propõe como lugar de criação e de produção implicado na dimensão estética e ética do desejo.

O tema da estética aparece, claramente no discurso freudiano suscitado pelo impasse do familiar igual ao não familiar, ao qual ele dedica um texto: "*Das Unheimliche*"¹ em 1919. No entanto, a dimensão estética freudiana está praticamente presente em todos os seus trabalhos, seja colocando os dizeres

¹ Freud, S. - "Lo Ominoso" (1919) ("*Das Unheimliche*"), Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1976, Vol. XVIII.

mais diversos de poetas, sendo o preferido Goethe, seja explicitamente dedicando artigos a mestres da arte, como Leonardo da Vinci e Michelangelo, ou, ainda, da literatura, como Shakespeare e Dostoievsky. Ao lançar mão dos poetas é como se Freud pressentisse que só a poesia suportaria o alcance transgressivo de suas idéias, pois só a palavra poética poderia carregar os desdobramentos possíveis contidos na riqueza não - dita dos seus ditos, ou seja, só a dimensão estética da palavra freudiana manteria seus leitores "*en souffrance*". Não é a toa que Freud recebe o Prêmio Goethe de literatura, pois seu estilo literário é uma "assinatura" original que se torna "causa de desejo" para outros sujeitos e de onde jorra o evento psicanalítico. Entendemos, assim, que a palavra freudiana porta este "Belo causa de desejo" como um brilho que revela a questão do estilo na sua relação com a verdade parcial do desejo. Parece-nos, neste sentido, que fica colocada a relevância desta problemática enquanto objeto de estudo psicanalítico.

Vamos prosseguir, então, apresentando a relevância do estudo da ética para a psicanálise, cuja dimensão se abre a a partir da ruptura do discurso freudiano com o saber de sua época. Freud propõe uma prática - teórica baseada na perspectiva de que todo ato é simbólico e atribuindo aos delírios e às alucinações o valor de uma narrativa a respeito da verdade do sujeito. Neste sentido, a psicanálise se opõe à idéia de cura enquanto ato normalizador e ato moral, e cria um contexto de referência que considera a veracidade do sintoma, fundando, assim, uma nova percepção e um novo saber clínico.

Assim é que a rede conceitual freudiana apresenta o sujeito como sendo estruturalmente dividido e sua verdade descentrada do espaço da consciência. A ação humana comporta um sentido desconhecido, o que nos permite enunciar de acordo com Freud e Lacan, a especificidade da questão ética para a psicanálise: a articulação da ação do sujeito com o desejo inconsciente que a habita, ou, ainda, uma ética fundada no desejo.

Diante da complexidade e da amplitude destes dois temas apresentados neste estudo e para atingir o objetivo de uma fundamentação rigorosa, faremos, em uma primeira parte, um percurso teórico através de quatro conceitos que julgamos fundamentais na metapsicologia freudiana e no pensamento lacaniano, no “seu retorno a Freud”, que se tornam o solo para argumentos pertinentes e consistentes sobre as duas problemáticas: estética e ética. São eles: a angústia, a pulsão, o narcisismo e o desejo.

O primeiro conceito abordado é a indizível angústia, na medida em que este vazio de dizer no plano da palavra tem, no discurso freudiano, o lugar de um conceito paradoxal, porque se afirma enquanto investimento - motor propulsor do recalque, portanto, para além do campo das representações e, também, enquanto delegado pulsional, no campo da representação afetiva. Este paradoxo é que a possibilita a ocupar o lugar testemunha da verdade fundante do plano constitutivo do sujeito: a da identidade de Eros e Thanatos, do Belo e do Horror. Este lugar é “*Unheimliche*”, que é o princípio estético desta tese, porque indica uma “exterioridade familiar” não dizível, que insistentemente ecoa a presença de uma ausência, causando um efeito de tragicidade implacável, que Freud² nomeia, em 1919, como “o eterno retorno dos mortos”. Desse modo é que afirmamos a inserção das ações desejantes em uma dimensão trágica, cujo caráter compulsivo é o do inevitável retorno.

O segundo conceito, a pulsão, se articula ao primeiro, neste estudo, porque é o impacto pulsional que imprime o caráter do objeto fundamental como sendo o de um vazio determinante, que é testemunhado pelo afeto angústia. Assim é que as intensidades no contexto psicanalítico são impressões traumáticas de um registro perceptual, traduzido na teoria freudiana das pulsões de 1915³

² Idem

³ Freud, S. - “Pulsiones y Destinos de Pulsión” (1915) (“Triebe und Tribschicksale”), Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1976, Vol. XIV.

como “eu-realidade originário”, porque no plano do sujeito o choque pulsional imprime uma diferença, que significa o originário de um campo de julgamento ou, ainda, o originário da constituição do sujeito enquanto um princípio da diferença.

É o campo da pulsão que sustenta em psicanálise o sujeito como diferença. Isto quer dizer que a pulsão produz rupturas nos circuitos estabelecidos para sua satisfação, causando uma desarrumação permanente da ordem estabelecida pelo registro simbólico. Entendemos, assim, que há uma constante exigência de diferenciação pelo poder da intensidade disruptora pulsional sobre a ordem simbólica, que já é uma rede de oposições, onde se organiza um campo de diferenças.

Portanto, o campo primário de julgamento é a diferença introduzida em um impacto pulsional, de onde emerge uma ambivalência e uma dialética das pulsões e, ainda, a decisão de atribuir prazer e desprazer como respostas à questão sobre o desejo do Outro. Isto constitui o que nesta tese delimitamos como uma estética-erótica. É só através do juízo de existência, como segundo juízo, que tenta recuperar a coisa enigmática, que podemos afirmar a ética como face da estética. Isto porque esta face ética marca a operação de busca e de reencontro do objeto afirmando que não há objeto existente, há movimento desejante, que permite o processo criativo.

Neste sentido, vamos apresentar a estética-erótica e sua face ética associada ao ato criativo no “*a posteriori*” dos efeitos sublimatórios, que ao enlaçar os sujeitos desejantes, designam as duas dimensões estética e ética, como faces de uma mesma moeda. Estas faces indissociáveis se mostram quando falamos de liberdade simbólica através do destino pulsional da sublimação e de seu valor erótico.

O terceiro conceito apresentado é o narcisismo como contraponto a uma erótica referida à verdade parcial do desejo. Assim, trabalhamos neste

capítulo a questão da imagem e da estrutura, pois o ideal narcísico é a primeira ficção que vai operar uma distinção entre eu e sujeito. É desta discordância fundamental que a estranheza fala, pois a forma, que assegura o poder diante da onipotência imaginária, tem como estatuto sua condição de miragem.

É na estrutura narcísica que podemos interrogar sobre a função do olhar e o que ela determina. O olhar é “imaginado” no campo do Outro e, portanto, ele subverte quando o Isso faz sua aparição. Diferencia-se, assim, no campo escópico, o olhar do olho, pois o olho representa o vazio determinante onde se assenta a imagem. Em relação à pulsão escópica o sujeito é determinado pela cisão olhar/olho. Assim, no registro imaginário, se aparentemente há a harmonia da semelhança no que diz respeito à função da imagem de barrar a falta, por outro lado, há o retorno do que vem a ser discordante sob a forma de uma agressividade primária. Esta ambigüidade discordante é efeito da conjunção/disjunção de Eros e Thanatos, onde o encontro amalgamado das pulsões traz efeitos com os de júbilo e amor, assim como de rivalidade e ódio. Pretendemos demonstrar neste estudo a composição de uma erótica do Belo/Horrível.

Neste sentido, é a partir do eu enquanto efeito de imagem que surge a dialética aparência e para além da aparência, pois constatamos o completo desconhecimento do Eu diante daquilo que causa o poder constitutivo e alienante das imagens, que é a marca do desejo do Outro. É Lacan⁴ que apresenta o olhar como “objeto a”, que é o objeto mais evanescente e que não é jamais apreendido. A noção de “objeto a” é tomada nesta tese como fundamental, pois é ela que afirma a presença de um vazio causa de desejo, que é contornado pela pulsão em seu estatuto de parcialidade. Desse modo, desdobraremos a questão colocada por Lacan de que “o que faz agüentar-se a imagem é um resto”, nomeado de “objeto

⁴ Lacan, J. - “O Seminário, Livro 9, A Identificação”, Paris, mimeo.

a". Nossa argumentação sustenta a tese de que o Horrível se apresenta como algo estranho, inapreensível, que emerge para logo escapar, fazendo sua aparição, em um resplandecimento, que é na função do Belo. Esta função inquietante causa desejo e angústia. Trata-se, então, da queda da imagem que faz surgir o vazio, a imagem nua, despida do seu narcisismo. A partir da falha no imaginário elaboramos a idéia de "lapso de imagem", como acontecimento psíquico que revela a estranheza inquietante do desejo inconsciente.

É o último dos quatro conceitos fundamentais que abordaremos como "um movimento chamado desejo". A dimensão de movimento do desejo de desejar emerge de uma estrutura trágica, que, como veremos, implica na ausência de sentido que leva a "outra satisfação" que é com a ordem do símbolo articulada à experiência estética - erótica e ética.

Em relação ao processo criativo da sublimação, o desejo só pode expressar-se enquanto movimento de desejar, pois, como mencionamos, este percurso pulsional indica o objeto como radicalmente separado, fora e inerte na sua queda.

É na experiência clínica que evidenciamos a diferença entre o movimento desejante do psiquismo como produtor de novas formas de apresentação do Belo/Horrível, que é espaço criativo, e a paralisação do deslocamento do desejo através das fixações imaginárias associadas necessariamente a fantasias de onipotência. Desconstruir fixações é romper aprisionamentos imaginários, é destituir de onipotência o eu, é permitir que o movimento de desejo, como diz o poeta Vinícius de Moraes "seja infinito enquanto dure".

Ao exercitarmos, enquanto analistas, através do corte interpretativo, o valor estético da palavra, expressão da dimensão da "finitude", remetemos ao "como dizer", ao estilo como valor fundante da palavra que associa horrível e

belo numa única e mesma coisa. Neste sentido, o ato analítico é criativo, uma produção metafórica. A dimensão estética é justo colocada diante da construção criativa que inclui a destruição dos significados reiterativos, a destituição do eu de certezas infinitas quando colocado face a face com o efeito-surpresa que traz o desamparo como correlativo à ação da pulsão de morte. É um som estranho ao eu, que atribuímos ao sujeito do desejo.

É o “dizer ao vivo”, é a palavra no ar da experiência psicanalítica que revela ao analista a difícil função de decifrador dos enigmas do desejo, na medida em que o movimento desejante escapa ao simples caráter ilusório do desejo.

Neste ponto concluímos a introdução sobre os quatro conceitos que fundamentam e problematizam a segunda parte da tese, que apresenta a estética e a ética do desejo.

A estética do desejo é representada pela função do Belo, que sustenta o imaginário ao mesmo tempo que o faz falhar. Assim, esta função opera como lugar do equívoco, porque oculta e desvela o horrível a um só tempo.

A produção simbólica e seus efeitos de movimento através da pluralidade de formas estéticas de apresentação da palavra só se torna possível, enquanto produção criativa, se esta inquietante estranheza, o “*Unheimliche*” enquanto princípio estético e efeito daquilo que nos escapa, for capturada no valor impresso da expressão da própria palavra.

Freud, ao indicar a evanescência da beleza, mostra a transitoriedade como condição do belo, porque o valor estético é indicador da falta de “ser”, da relação com a morte. Nossa tese vai, assim, argumentar o Belo como instante, expressão que é forma e movimento, impressão da “finitude” e da dor.

Desse modo, vamos argumentar o valor da transgressão criativa do par expressão-impressão que vai-se colocar em um movimento de vai-e-vem, o

qual faz bascular a estranheza inquietante do Outro no eu, produzindo um efeito de fascínio e de feitiço. Esta reflexão afetiva é a linguagem da paixão pulsional operando em um mundo fantasmático. Assim é que a expressão ou forma do dizer é responsável pela densidade significativa do enunciado, marcando a articulação do afeto com a palavra designada.

Neste sentido, a estética do desejo encontra na estrutura afetiva não só a expressão e a forma de dizer no discurso, mas, também, o sentido fundante de um sujeito fraturado e incompleto, pois a verdade do discurso estético é a revelação de um corpo inserido traumáticamente na linguagem.

A ética do desejo é abordada nesta tese como face da estética-erótica. Vamos subsidiar nosso pensamento sobre a articulação estética-erótica em alguns textos freudianos, principalmente no "*Mal-Estar na Civilização*"⁵ e no "*Seminário 7º de Lacan*".

No Seminário da Ética, é a beleza de Antígona que esclarece a articulação da ação trágica.

Lacan vai marcar duas faces desta articulação: a da extinção e a da comoção do desejo pelo efeito do belo. Sobre a primeira face da questão retiramos que, além de o desejo continuar seu deslocamento ao apreender o efeito do belo, ocorre, também, a captura do engano, que é experimentada com intensa angústia, e que se "dá a ver" através da zona de brilho e de esplendor por onde o desejo se deixou conduzir. O imaginário falha diante do tropeço na experiência da ausência de sentido, pois não há objeto existente, é pura perda.

A outra face, a da comoção, vai indicar a potência perturbadora da perda, o impacto diante deste vazio angustiante e determinante, de onde emerge o potencial erótico. Assim, a partir da leitura desta estética-erótica, ou seja, do

⁵ Freud, S. - "El Malestar en la Cultura" (1929) ("Das Unbehagen in der Kultur"), Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1976, Vol. XXI.

⁶ Lacan, J. - "Le Séminaire, Livre VII, L'Éthique de la psychanalyse", Éditions du Seuil, Paris, 1986.

atravessamento de um excesso causando a desordem psíquica e fazendo emergir um “fluxo gososo” como comoção e brilho, é que podemos falar do desenho de uma ética do desejo para a psicanálise referida à estrutura trágica do desejo e ao real da pulsão.

É o excesso transbordante como efeito de luminosidade (conforme Freud em 1919⁷, “o oculto que vem à luz”) que leva à interdição da imagem, pois o que se delinea para além da imagem é o poder do sofrimento como o “significante de um limite”. Este limite é a proximidade da percepção de uma ameaça passível de revelação, algo que se pode “dar a ver”, mas que não pode ser visto, em suma, como diz Rajchman⁸: “é a essência trágica dessa coisa mantida “*en souffrance*” no que somos ou podemos vir a ser”.

Sobre a questão do método queremos enfatizar que todos os questionamentos e a argumentação construída a partir deles se referem à leitura que designamos interior ao saber psicanalítico. Nesta perspectiva, situamos como objeto teórico de leitura a fundamentação através dos quatro conceitos apresentados na primeira parte deste estudo, aqueles que se colocam como alicerces para a apresentação da tese: “**Estética e Ética do desejo: um Estudo Psicanalítico**”. Vale ressaltar a possibilidade e o interesse de articulação do nosso discurso psicanalítico com outras áreas de saber como a filosofia, que desde sempre se preocupou e construiu reflexões da maior relevância sobre a estética e a ética, assim como a literatura, a história e a arte, entre outros. No entanto, trabalhamos o contorno destas problemáticas nesta tese apenas dentro do referencial psicanalítico. Ambos os termos têm como raiz o grego: ética deriva da expressão “*Ethos*”, que significa “caráter” e estética de “*Aisthétikos*”, cujo significado é “percepção através dos sentidos”.

⁷ Freud, S. - “Lo Ominoso” (1919) (“Das Unheimliche”), Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1976, Vol. XVIII.

⁸ Rajchman, J. - “Erotique de la vérité - Foucault, Lacan et la question de l'éthique”, Presses Universitaires de France, Paris, 1994.

Além disso, definimos como universo de linguagem teórica desta tese, basicamente, o pensamento de Freud, que se constitui como o discurso fundante da psicanálise, assim como a referência paradigmática dos demais discursos psicanalíticos. O pensamento lacaniano é outra referência importante nesse estudo, pois os três registros: imaginário, simbólico e real, de sua topologia, são enriquecedores em nossa proposta interpretativa e crítica dos textos de Freud.

Desse modo, tanto Freud como Lacan formulam enunciados e trazem indicações preciosas sobre estes dois temas, permitindo uma leitura metapsicológica e a construção de um saber ampliado sobre estas questões. Além de Freud e Lacan, contamos com a contribuição de vários autores que têm-se interessado em estudar a estética e a ética mais recentemente e que ofereceram subsídios para nossa argumentação.

Gostaríamos ainda de assinalar que, durante a elaboração da tese, usamos alguns termos, que colocamos necessariamente entre aspas, pois sendo de conotação ambígua, muitas vezes são marcados por referências não psicanalíticas. Isto não nos impediu de usá-los na medida em que levamos em conta a importância da não-apropriação das palavras por qualquer saber. Neste sentido, optamos pela dimensão poética da palavra e pelo rigor do contexto apresentado.

Em nenhum momento de nosso percurso tivemos a pretensão de responder a todas as questões que nos foram provocadas pela leitura dos diversos autores subsidiados pela praxis analítica, mas sim, propomos abrir outras questões que pudessem estar fundamentadas e argumentadas. Nossa estratégia de construção de texto considerou a dimensão estética e poética da palavra como desejável e, assim, procurou colocar lado a lado a razão demonstrativa e argumentativa com a analógica e a metafórica.

A tradução das obras freudianas que tomamos por base é a editada pela Amorrortu Editores, de Buenos Aires, na medida em que traz a tradução literal da obra alemã freudiana, assim como os comentários da edição inglesa, sob responsabilidade de James Strachey. No entanto, as citações estão referidas à primeira edição Standard Brasileira, da Imago, pois apesar dos tropeços de tradução na edição em português da obra de Freud, nossa tese é de língua portuguesa. Finalmente, resta-nos ressaltar que o texto de 1925 "*Die Verneinung*" foi lido em alemão, assim como consultamos dicionários e tradutores todas as vezes que usamos os termos freudianos em alemão.

1a. PARTE

Quatro Conceitos Fundamentais para a Problemática da Estética e da Ética em Psicanálise.

2 - A INDIZÍVEL ANGÚSTIA

2.1. Introdução

É o pensamento freudiano sobre a teoria da angústia que nos vai permitir desdobrar esta afirmação: o indizível é a angústia. Há algo fora do plano do dizível e, portanto, da palavra, que é significativo e que se expressa no próprio limite da palavra. O que quer dizer que a indizível angústia é efeito que indica a verdade do desejo que não pode ser dita no plano da consciência, justo porque mostra o estatuto de parcialidade da verdade, deixando entre - ver e entre - dizer o espaço de ignorância e o desconhecimento, intervalo do que não pode ser dito, e que denuncia a falta no saber. Neste sentido, a angústia se coloca como condição de possibilidade de decifração dos enigmas com os quais nos confrontamos na experiência analítica e que só serão apreendidos e decodificados quando a angústia estiver acompanhada da palavra.

Desde 1892, Freud se interessou pela origem da angústia e de suas relações com a excitação sexual e a libido, como demonstram o "*Rascunho E*"⁹ de sua correspondência com Fliess, além de outros trabalhos. Ao problematizar a capacidade do aparelho psíquico de organizar e elaborar as "quantidades de excitação", Freud apresenta o trabalho psíquico consistindo na ligação (*Bindung*) de uma energia não diferenciada e sem objeto e coloca ainda o processo inverso,

⁹ Masson, J. M. - "A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess", Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1986, p.78.

o desligamento (*Entbindung*), como uma súbita e intensa liberação de energia que, ao invadir o psiquismo, provoca um ataque de angústia, um transbordamento. Assim é que nesta época, através da idéia de que na neurose de angústia há uma excitação sexual que atingiu seu valor limite e que, ao invés de levar à remoção de tensão através da ação específica, leva a uma "insuficiência" de elaboração psíquica traduzida no sintoma, Freud tenta dar conta da problemática da neurose de angústia através de uma explicação etiológica. A angústia seria para Freud, neste momento, um efeito de intensa liberação de energia e diante desta irrupção o psiquismo se mostraria incapaz de dominar, organizar e submeter esta energia, quer dizer, de ligá-la.

O que podemos valorizar em um plano introdutório é que Freud tem a intuição de que a neurose de angústia expressa algo da ordem de um transbordamento e que, num "segundo tempo", escolheria uma representação onde fixar-se.

Este pensamento permite entrever a intuição freudiana nos primórdios da psicanálise sobre a idéia de formas expressivas de apresentação diante do "vazio determinante de objeto", e diante de um "excesso" que invade o psiquismo conduzindo a efeitos de desordem e de exigências de trabalho de ordenação psíquica.

2.2. Os anos 1892 / 1900

É nesse período, mais precisamente entre 1895 - 1900, que Freud apresenta uma teoria econômica sobre a transformação direta da libido em

angústia nas neuroses atuais e sobre a angústia enquanto decorrência do recalçamento nas neuroses de transferência.

A idéia da transformação direta da libido em angústia significou para Freud,¹⁰ na sua investigação sobre a etiologia das neuroses, um processo excitatório sexual cuja fonte se encontrava no domínio somático. A inadequação da satisfação sexual caracterizaria a neurastenia e, por outro lado, a ausência de descarga da excitação sexual, a neurose de angústia. Ambas designavam formas de não satisfação das excitações sexuais.

Assim, Freud supõe duas possibilidades: transformação direta em angústia nas neuroses atuais e a angústia causada pelo recalçamento nas neuroses de transferência.

Freud pretende, dessa maneira, marcar uma diferença quanto à solução para o excesso angustiante. No primeiro caso, trata-se de uma impossibilidade de elaboração. Há uma fonte de excitação somática incapaz de encontrar sua expressão simbólica, onde o mecanismo de descarga não inclui o conflito psíquico e supõe uma causa real e concreta, exterior ao psiquismo.

Já no caso das neuroses de transferência é justo o conflito psíquico que está intensificado e o excesso angustiante ocorre em função de ressonâncias simbólicas, tratando-se, assim, de angústia proveniente de representações recalçadas. Vale ainda ressaltar a diferença entre a formação de sintomas que, nas neuroses atuais, é marcada pela ausência de sentido de um excesso que vai permanecer sem sentido, pois é descarregado, e que, no caso das neuroses de transferência, a diferença é marcada pela presença de sentido no excesso, presença condensada por uma formação sintomática que se faz por mediação simbólica. Há, assim, neste último caso, um conflito que, quando intensificado, produz o excesso energético.

¹⁰ Freud, S. - "La sexualidad en la etiologia de las neurosis" (1898), ("Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen", A.E. Vol. III.

Em resumo, Freud apresenta sua primeira teoria da angústia ancorada na idéia de uma energia sexual que carece de elaboração: ausência absoluta de elaboração nas neuroses atuais ou elaboração problemática nas neuroses de transferência, em função de um desligamento de suas representações, cuja liberação de angústia aponta para o conflito psíquico sob a forma de sintomas.

Em 6 de junho de 1894, Freud escreve o "*Rascunho E*"¹¹ e, ao se interrogar sobre a origem da angústia, o que ele coloca em causa é a articulação sexualidade-angústia, e o que Freud repete no seu relato é a questão sobre o acúmulo de tensão sexual cuja fonte é somática.

A tensão endógena, segundo Freud, cresce contínua ou descontinuamente, mas só é percebida ao atingir um certo limiar. Só neste ponto, ao se relacionar com grupos de idéias, é que esta tensão se apresenta psiquicamente. A questão sobre a transformação direta da libido em angústia ainda é um enigma para Freud.

É em 1895, no seu "*Projeto para uma Psicologia Científica*"¹², que Freud concebe um aparelho capaz de transmitir e de transformar a energia psíquica. Em sua busca de uma teoria do funcionamento mental, Freud, apoiado na neurologia da época, elabora este precioso texto, onde ele enfatiza a circulação de quantidades de energia que têm a capacidade de deslocamento e descarga. Freud já partiu, como vimos, do pressuposto de que as excitações só circulavam no psiquismo quando havia uma produção de um excesso ou uma acumulação, que permitia transpor um limiar de permeabilidade.

Tomaremos os diversos termos usados por Freud, no texto de 1895, para designar quantidades (como, por exemplo: soma de excitação, quota de

¹¹ Masson, J. M. - "A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess", Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1978.

¹² Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie), A.E., Vol. I.

afeto) como noções intensivas e não propriamente quantitativas, no sentido de que são passíveis de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, sem, no entanto, serem mensuráveis.

A idéia de intensidade psíquica implica, assim, em quantidade associada a outra idéia freudiana, a de investimento, onde se expressa qualitativamente uma quantidade.

O conceito de investimento (*Besetzung*) que no "Projeto"¹³ designa o ato de investir em um sistema, ou seja, o ato de o carregar de energia, foi empregado pela primeira vez nos "Estudos sobre a Histeria",¹⁴ de tal modo que investimento e afeto são praticamente sinônimos, no sentido de uma representação que é investida com uma determinada "quota de afeto" (*Affektbetrag*). Vale lembrar que a concepção econômica no pensamento freudiano é retomada e ampliada a partir dos anos vinte até o final de sua obra, onde o fator intensidade é apresentado como fundamental para prática teórica psicanalítica.

A idéia de regulação da intensidade e a proposta de mantê-la constante é o que leva Freud a enunciar o princípio de constância do aparelho psíquico, princípio implícito em seus escritos desde a época com Breuer, porém só explicitado em 1920, no trabalho "Além do Princípio do Prazer"¹⁵.

Carlos Paes de Barros¹⁶ discute em seu artigo "Contribuição à controvérsia sobre o ponto de vista econômico" as interpretações e formulações econômicas feitas por Freud e ressalta a construção do aparelho psíquico freudiano baseado no protótipo do arco reflexo, porém, assinala a não confusão com princípios da física que tratam da conservação de quantidade. Mais adiante

¹³ Idem.

¹⁴ Freud, S. "Estudios sobre la histeria" (1893) ("Studien über Hysterie"), A.E. Vol. II.

¹⁵ Freud, S. - "Más allá del principio del placer" (1920) ("Jenseits des Lustprinzips") A.E. , Vol. XVIII.

¹⁶ Barros, C. P. "Contribuição à controvérsia sobre o ponto de vista econômico", In: "Psicanálise: problemas metodológicos", Petrópolis, Vozes, 1975.

veremos como a noção de intensidade vai-se aplicar a outro princípio, o da diferença, que norteia todo o pensamento freudiano.

Então, no "*Projeto*"¹⁷, a lei da constância seria uma tendência a manter a intensidade energética acumulada no nível mais baixo possível, no sentido de o aparelho psíquico se proteger contra qualquer aumento, identificado com o desprazer. Neste sentido, se o prazer resulta da diminuição de energia psíquica acumulada no aparelho, ele é quase identificado ao princípio da inércia neurônica que tenderia à descarga total de energia.

Esta função neurônica primária, apesar da tendência para a descarga, encontra nos "estímulos endógenos" a impossibilidade desta descarga total, sendo obrigada a acumular certas intensidades, o que se oporia à tendência inicial à inércia. A idéia de alívio da tensão acumulada associada à idéia de prazer só será derrubada em 1920, quando Freud admite que um estado de tensão também pode ser prazeroso.

Porém, vale ressaltar que a busca de equilíbrio e a regulação do aparelho psíquico, através do prazer, não incluem a possibilidade de distinguir o objeto real do objeto alucinado. Freud, no "*Projeto*"¹⁸ apresenta um índice corretivo que vai conferir uma eficiência ao aparelho, fornecendo uma indicação de realidade. Este princípio de realidade, de acordo com Garcia-Roza¹⁹ "não diz respeito ao mundo exterior enquanto tal, mas aos signos que o indicam" (*Realitätszeichen*), ou seja, estes signos estão submetidos à função estruturante da linguagem. Ocorre assim uma inibição que é função de um grupo de neurônios, constantemente investido, que Freud define como uma organização chamada "eu" (*Ich*). Desse modo, o eu inibe a descarga da energia psíquica quando da

¹⁷ Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie), A.E., Vol. I.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Garcia-Roza, L.A., - "Introdução à Metapsicologia Freudiana 1", Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991.

ausência do objeto, criando a possibilidade de distinguir entre "imagem-percepção" e "imagem-lembrança".

Vale assinalar que Freud verificou um tipo de facilitação, que denominou de temporária, ao observar que o processo de condução do estímulo nervoso se encaminha mais facilmente em direção a um neurônio investido.

Com isso surge um outro fator que determina o processo de condução, além daquele da via de facilitação permanente. Esses dois fatores podem unir-se em direção a uma maior condutibilidade da excitação ou podem opor-se, modificando o curso da excitação para um novo curso, através do investimento colateral. Há uma inibição (diminuição de condutibilidade) da via anterior em favor de uma facilitação da nova via, processo semelhante ao que o eu exerce sobre os processos psíquicos primários como investimento-desejo, descompromissados com a indicação de realidade, podendo conduzir à descarga através da alucinação do objeto, e apresenta os processos psíquicos secundários como aqueles que inibem os processos primários e conduzem à ação específica.

Em resumo, de acordo com Garcia-Roza²⁰ a idéia do investimento (*Besetzung*) no "Projeto" e sua relação com a facilitação ou trilhamento (*Bahnung*) implica em uma "estratégia de ocupação" de uma "quantidade" de energia que investe em um grupo de neurônios, mas que necessariamente precisa levar em conta como se constituem os circuitos que serão privilegiados e como eles funcionam na medida da complexidade do modelo freudiano do aparelho psíquico.

É neste sentido que Freud lança mão da hipótese das barreiras de contato (*Kontaktschranke*). Os critérios de permeabilidade e impermeabilidade dos neurônios decorrem da resistência nas barreiras de contato. A impermeabilidade vai implicar na retenção da energia psíquica, o que conduz o

²⁰ Idem, p. 94.

aparelho a ter capacidade de armazenar informações e de criar memória. Por outro lado, a permeabilidade serve à idéia de que o processo perceptivo tem que ser diferente do processo de memória. Ou seja, no processo perceptivo, as barreiras de contato permanecem inalteradas e poderíamos inferir que nada é "barrado", de forma permanente com a passagem de energia.

Para Freud, o fato de o sistema *psi* estar em conexão direta com os estímulos endógenos faz com que a excitação (*Reiz*) funcione como força constante (*Konstante Kraft*), o que leva a uma exigência de trabalho feita ao sistema *psi* em função do aumento do fator intensivo.

A noção de *Bahnung*, trilhamento, surge em função da concepção freudiana do sistema *psi* enquanto um aparelho de memória. Portanto, a memória é constituída por trilhamentos existentes entre os neurônios. Estas "trilhas" facilitam o percurso, pois uma vez abertas tornam-se vias privilegiadas e, portanto, acarretam a exclusão de outros percursos. A idéia subjacente a isto é a de que, se constituímos trilhamentos preferenciais que facilitam a passagem da intensidade energética, temos a constituição de circuitos diferenciados e, portanto, a constituição de uma memória de diferenças a partir dos trilhamentos dessas vias, o que conduz a uma outra concepção freudiana, que é a de preferência de caminho, ou, ainda, de preferência pela repetição.

Assim é que, segundo Freud, os caminhos privilegiados e facilitadores se entrecruzam formando uma rede complexa e, portanto, a repetição de determinado percurso vai-se dar em função de trilhamentos que foram deixados por percursos anteriores, ou seja, por uma memória, cuja complexidade é justamente o fato de ela ser constituída por um processo que continuamente implica em diferenças de valor entre as várias trilhas possíveis. Freud afirma, no "Projeto",²¹ que a memória se faz pela diferença entre os

²¹ Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie), A.E., Vol. I.

trilhamentos (*Bahnungen*). Para Freud, o trilhamento ocorre a partir de uma certa intensidade, o que quer dizer que as concepções de diferença e de intensidade se relacionam intimamente.

O caráter de "facilitação" decorre da repetição que se estabelece com a passagem de intensidade de excitação, onde a resistência é suspensa. Cada passagem cria um trilhamento na medida em que um mesmo percurso seja percorrido. Então, as *Bahnungen* se formam em função da diminuição, em linguagem do "Projeto", das barreiras de contato.

É na "Carta 52"²² que Freud apresenta a diferença entre trilhamentos como responsável pela sua tese da memória e da própria constituição do aparelho psíquico.

"Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações". (p. 317)

A materialidade da memória, seus traços estariam sempre sujeitos a novos arranjos, "a uma tendência ao ajustamento quantitativo" (p. 319). Isto quer dizer que para Freud a memória é pensada em termos de diferenças nos trilhamentos existentes entre neurônios "*psi*" e que sobre este campo de diferenças incide um "processo excitatório" que exige arranjos. É esta ênfase na memória enquanto diferença e enquanto constitutiva do psiquismo que Lacan²³ vai posteriormente valorizar na noção de "*Bahnung*" como uma trama de trilhamentos, uma rede de significantes.

²² Masson, J. M. - "A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess", Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1986, p.208.

²³ Lacan, J. - "Le Séminaire", Livre VII, "L'Étiologie de la psychanalyse", Editions du Seuil, Paris, 1986.

De acordo com Garcia-Roza²⁴, isto faz de Freud um pensador da lógica da diferença desde sua época do *Projeto*, pois se toda memória é memória de traços, os traços são pensados como diferenças nos trilamentos.

Assim, o que vai constituir o sistema de traços é uma memória que se constitui diferencialmente (diferença entre os trilamentos) pelo fato de as "trilhas" não serem "trilhadas" igualmente, o que explica a idéia de preferência pela repetição de caminho que, aliada ao conceito de *Besetzung* torna-se a condição de possibilidade para a memória. Ou seja, *Bahnung* e *Besetzung* são noções freudianas absolutamente implicadas uma com a outra, assim como o são qualidade e quantidade. Além disso, conforme mencionamos, a idéia de transformação de quantidade em qualidade está no cerne da própria constituição do modelo freudiano de aparelho psíquico.

Porém, apesar de essas noções se oporem inclusivamente, é também necessário não confundi-las para não reduzir a complexidade da teoria freudiana, pois o fator intensivo implicado na questão quantidade-qualidade merece uma reflexão mais aprofundada. É a problematização sobre a relação entre a memória e a percepção tal como apresentada no "Projeto" que vai permitir uma extensão desta questão.

Vamos prosseguir então com o seguinte argumento freudiano.²⁵

“...se a facilitação fosse idêntica em todos os sentidos, não seria possível explicar porque motivo uma via teria preferência sobre outra. Por isso, pode-se dizer de maneira ainda mais correta que a memória está representada pelas diferenças de facilitação entre os neurônios psi”. (p. 401)

Logo após esta afirmação Freud se interroga: mas de que depende esta facilitação? E segue dizendo que ela depende de um fator que se pode qualificar como “a magnitude da impressão e, também da freqüência com que a

²⁴ Garcia-Roza, L.A., - "Introdução à Metapsicologia Freudiana I", Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991.

²⁵ Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie), A.E., Vol. I.

mesma impressão se repete"(p. 401) Freud²⁶ introduz, assim, a intensidade e a repetição como exigências feitas ao psiquismo.

É justamente a idéia freudiana de um sistema percepção-consciência que vale aqui ressaltar, diante do interesse desta tese por um campo de intensidades dentro da rede conceitual psicanalítica. O sistema percepção-consciência no discurso freudiano do "Projeto"²⁷ se diferencia dos traços de memória em relação ao fato de que nele não se inscreve qualquer traço durável das "excitações". A ligação da consciência com a percepção em 1895 é feita em um sistema único designado pelo nome de ômega (ω), pois só a partir dos trabalhos de 1915 (textos metapsicológicos) é que Freud chamará o sistema de percepção-consciência.

O problema levantado sobre a questão da percepção-consciência através do sistema ômega em 1895 diz respeito à qualidade. Nesta época esta problemática girava em torno de uma oposição da qualidade à quantidade e, também pelo fato de a qualidade se referir aos "aspectos sensíveis da percepção". Esta sensibilidade perceptiva se refere à idéia de impressão (*Eindruck*) como excitação produtora de "sensações conscientes". Neste sentido, haveria para Freud no seu modelo de aparelho psíquico de 1895 um sistema responsável pela percepção-consciência. Como ressalta Garcia-Roza²⁸ a letra grega ômega minúscula (ω) escolhida na designação deste sistema de neurônios é semelhante ao *W* de "*Warnehmung*" (percepção) e expressa a relação entre percepção e consciência. Como vimos, a diferença entre o sistema de memória e o de percepção quanto à permanência dos traços é devida ao fato de Freud colocar a memória como capaz de reter energia através dos "neurônios impermeáveis" e a percepção como permeável sem capacidade de armazenar

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

²⁸ Garcia-Roza, L.A., - "Introdução à Metapsicologia Freudiana I", Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991.

energia. Neste sentido, Freud nos permite a leitura sobre a importância na sua teoria, desde esta época, do caráter de plasticidade ou de mobilidade da tal energia.

Esta plasticidade aliada a idéia contida na *Carta 52*²⁹ a Fliess sobre a alteração na ordem psíquica a partir de “perturbações” na inscrição, e que levam à possibilidade de remanejamentos na estrutura, apresenta o esboço de um aparelho onde se opera uma série de substituições (um significante por outro como dirá Lacan mais tarde), ou seja, o processo da metáfora que será um dos mecanismos dos sonhos a ser apresentado por Freud em 1900. O que vale aqui ressaltar no que diz respeito aos sistemas evocados por Freud no “*Projeto*”³⁰ e na “*Interpretação dos Sonhos*”³¹ é que os sistemas que asseguram a inscrição dos traços de memória sob a forma de trama de trilhamentos estariam ameaçados pelo excesso de excitação caso não houvesse um sistema de regulação através de barreiras, desvios e descargas de “excitações”. Fica clara também, no pensamento freudiano desta época a idéia de impressões que o aparelho não é capaz de “assumir” plenamente, ou seja, de organizar as intensidades, o que faz com que o sistema a partir da função de defesa se volte contra o desejo, inibindo as “excitações”. Vale ainda ressaltar que é justamente a noção de um traço de memória deixado por uma experiência intensa e primordial que introduz no “*Projeto*”³² o conceito de um “neurônio perdido”, preso a “*Das Ding*” no complexo do “*Nebenmensch*” e que será designado como primeiro objeto que assegura a “potência de satisfazer” (vivência de satisfação). Quer dizer, desde o “*Projeto*”³³ lemos em Freud a fundamental importância da articulação da função

²⁹ Masson, J. M. - “A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess”, Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1986.

³⁰ Freud, S. - “Proyecto de Psicología” (1895) (“Entwurf einer Psychologie”), A.E., Vol. I

³¹ Freud, S. - “La Interpretación de los sueños”, (1900) (“Die Traumdeutung”), A.E., Vol. IV e V.

³² Freud, S. - “Proyecto de Psicología” (1895) (“Entwurf einer Psychologie”), A.E., Vol. I.

³³ Idem.

simbólica com o “desde sempre perdido”, que é potência asseguradora de satisfação e “prazer de repetição”.

É em 1900 no texto sobre a “*Interpretação dos Sonhos*”³⁴ que Freud apresenta o aparelho psíquico como aquele capaz de “inscrição” dos traços de memória e de falta de continuidade entre os dois sistemas em função do recalçamento. A noção de percepção fica aí colocada através de idéia de impressão como aquela que pressupõe a constituição dos próprios traços de memória.

Porém, quando Freud apresenta a memória, sempre em termos de diferenças, ele apresenta a impossibilidade da pré-existência de um aparelho sobre o qual se funda uma memória. Justo, Freud afirma que, em decorrência de uma ausência radical, há um aparelho que se constitui a partir de uma memória de traços - concebida como diferenças entre as *Bahnungen* no sistema *Psi* de neurônios - traços advindos de impressões (*Eindrücken*). A novidade de 1900³⁵ é que esta memória será constituída como um texto.

A noção de texto psíquico surge no estudo sobre sonhos, a partir da idéia de que o sonho é um emaranhado de imagens que se opõe à lógica da organização pré-consciente/consciente. Portanto, ao considerar uma outra lógica, a do inconsciente, Freud indica a divisão entre os sistemas psíquicos e a natureza do interdito do texto psíquico. O sonho é um texto, uma produção do inconsciente, cuja lógica própria é passível de deciframento através do código criado pelo sujeito do sonho, sujeito este descentrado da consciência. Assim, o sonho é um enigma, um texto cifrado que faz apelo à palavra, e portanto um texto produzido no campo simbólico e dirigido à ordem simbólica. Porém, muitas questões aí se colocam sobre o regredir do sonho no sentido de um retorno para a percepção.

³⁴ Freud, S. - “La Interpretación de los sueños”, (1900) (“Die Traumdeutung”), A.E., Vol. IV e V.

³⁵ Idem.

Assim vejamos: o objetivo de Freud é mostrar que os sonhos são passíveis de serem interpretados e que este "enigma em imagens" implica em subverter a idéia de imagem. O que quer dizer que se o sonho é expresso como se fosse um roteiro pictográfico as imagens não devem ser entendidas em seu valor de imagem portadoras em si mesmas de seu significado, mas sim em referência a outro valor. Há uma alteração de sentido que é imposta pela operação de dois mecanismos: a condensação e o deslocamento.

De acordo com Garcia-Roza³⁶:

"A questão que se coloca não é, portanto, se o trabalho do sonho é capaz de realizar adequadamente operações intelectuais, mas sim se é capaz de adequadamente expressar os pensamentos oníricos, estes sim responsáveis por atos de juízo". (p.104, o grifo é nosso)

E continua:

"O que está em jogo na consideração à figurabilidade é a seleção dos pensamentos capazes de serem expressos em imagens, o que tem como consequência um sacrifício das relações lógicas que são pura e simplesmente eliminadas ou que são substituídas por relações entre imagens que procuram traduzir, à sua maneira, essas relações lógicas". (p. 104)

Desse modo, entendemos que há um trabalho regressivo que, em um sentido formal, mostra diferenças de modos de expressão, transformando pensamentos em imagens, cuja "matéria-prima" são as impressões. Assim, a noção de impressão em Freud é considerada em uma anterioridade lógica à idéia de inscrição e tendo que ser mediatizada por algo que a represente e que a presentifique em um outro registro, o do símbolo mnêmico. Trata-se de valorizar a impressão, enquanto impressão da angústia, cuja repetição expressa uma sobrevivência de algo que animará uma forma, que está na origem do símbolo, ou seja, na imagem (forma do corpo prazer-dor), o que mostra a "vocação

³⁶ Garcia-Roza, L.A., - "Introdução à Metapsicologia Freudiana 2", Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992.

essencial" da imagem para se realizar como símbolo. Além disso, podemos questionar o "vazio de objeto" pois talvez não se trate de não ter o objeto mas de que estatuto de objetos estamos falando, assim como a que perda nos referimos. O que afirmamos em um primeiro plano, é que Freud coloca a questão de uma perda subjetiva como condição para a história do sujeito, perda que escapa ao conteúdo imagético que é impresso no psiquismo. Além disso, podemos dizer que Freud não dispõe aí da categoria lacaniana de imaginário que vai permitir esclarecer a confusão entre olhar e percepção. Voltaremos à questão do imaginário no capítulo sobre narcisismo.

A subversão freudiana do valor da imagem implica em destituí-la como imagem da Coisa. As imagens vão-se constituir como representação-coisa, ou seja, enquanto signos que apontam para a Coisa (*Das Ding*) sem manter com ela qualquer relação de semelhança. Isto é, Freud enfatiza fundamentalmente em relação ao trabalho do sonho os mecanismos de condensação e de deslocamento e a consideração à figurabilidade dos "pensamentos latentes do sonho". Esta consideração à figurabilidade quer dizer um entendimento do signo como "alguma coisa que está no lugar de outra".

Neste sentido, vamos buscar argumentos que sustentem nossa proposta nesta tese sobre a indizível angústia enquanto sinal da dor da ausência de objeto, ou ainda, sinal da dor da incompletude. A angústia adquire, assim, neste estudo o seu estatuto de mediadora entre a atividade simbólica e o real da Coisa, se oferecendo como efeito de verdade parcial do desejo. Ou seja, no lugar de um nada absoluto surge a angústia, como sinal do vazio, da ausência de objeto, e mobilizando uma busca de significação, o que representa o valor do afeto, que surgirá posteriormente no discurso freudiano para além do campo da representação e associado ao registro da pulsão. Assim, é pela ausência de objeto, evocada na angústia, ou seja, pelo seu lugar de sinal primário, que

podemos pensar na falha estrutural que indica a intrusão das imagens no real inacessível.

Vamos retomar então para nossa argumentação o texto de 1900³⁷ onde Freud apresenta no seu famoso capítulo VII um aparelho psíquico que se constitui, enquanto um aparelho de memória e de linguagem, a partir da idéia freudiana sobre o caminho que é invertido nos processos oníricos em relação aos processos psíquicos no estado de vigília. Neste sentido, diz que o sonho tem um caráter regressivo. Chama de regressão uma característica essencial do sonho quando uma idéia é transformada em imagem sensorial da qual se derivou inicialmente. Vale aqui ressaltar que a noção freudiana de regressão supõe três sentidos: o tópico, o temporal e o formal. A idéia de regressão tópica é utilizada em "*A Interpretação dos Sonhos*"³⁸ como a que opera na direção do que Freud nomeia como "extremidade perceptiva". Nossa intenção de sublinhar esta questão é no sentido de que Freud apresenta no texto de 1900 um aparelho de memória, de afeto e de linguagem, que tem estrutura e que faz função mas, também, destaca o sistema perceptivo, que se caracteriza pela permeabilidade em relação ao sistema de memória, responsável pelo registro das marcas mnêmicas deixadas pelas impressões. Desse modo, quando houver simultaneidade de impressões perceptivas haverá uma associação, uma conexão de traços ("e todo traço é traço de uma impressão"). Quer dizer, um primeiro sistema fixará a associação por simultaneidade. Apesar de recusarmos, no pensamento freudiano a idéia de uma gênese ou uma primeiridade, estamos pretendendo marcar a importância das impressões como diferenças no "puro" indiferenciado, sem, no entanto, constituírem linguagem, porém organizadas de acordo com a associação por simultaneidade.

³⁷ Freud, S. - "La Interpretación de los sueños", (1900) ("Die Traumdeutung"), A.E., Vol. IV e V.

³⁸ Idem.

As associações por similaridade estariam em função de um outro registro e são desempenhadas pela operação de condensação, onde se obtém a substituição das representações (*Vorstellungen*) na medida em que elas apresentam uma relação de semelhança, assim como a operação do deslocamento implica na substituição de representações que mantêm relações de contigüidade. Ou seja, os processos inconscientes são formados e sistematizados por determinadas leis e submetidos à ordem simbólica, e podemos afirmar que "*A Interpretação dos Sonhos*" está quase inteiramente voltada para a descoberta das regras que regem o inconsciente. Porém, o fato de Freud propor que os sistemas de memória e de percepção se separam e se diferenciam, indica questões e impasses entre estes dois eixos que merecem ser desdobrados.

2.3. Desdobramentos da primeira teoria da angústia.

O que Freud nos conduz a pensar é que o aparelho psíquico é um aparelho de memória, entendida como diferença, que se constitui na própria materialidade do psiquismo em termos de um campo de representações, e que a percepção permanece como uma "região fronteira". Porém, não há memória, que é diferença, sem percepção, que por sua vez se associa à noção de intensidade.

Como vimos, a noção de traço mnêmico (*Erinnerungsspur*) necessariamente está associada a uma diferença que se expressa pela seleção de um trilhamento em detrimento de outro. Mais uma vez, todo traço é traço de uma impressão (*Eindruck*). Isso significa dizer que a impressão é originária, no

sentido de uma "realidade originária" ligada ao objeto perdido de uma satisfação mítica, ou seja, impressão que se remete ao rastro de uma perda. De acordo com Freud em 1925³⁹, o que se procura reencontrar é "*Das Ding*", enquanto outro absoluto do sujeito, o objeto perdido de forma definitiva, porém sempre fracassamos, e o que é "achado" é sempre "outra satisfação". Voltaremos a esta questão no capítulo VI.

Vamos retomar a discussão freudiana sobre o estatuto da impressão ainda relativa à problemática da angústia da primeira tópica. Neste sentido, a impressão é aí entendida como o próprio fator intensivo, sem conteúdo imagético, ficando assim, esta noção como análoga à idéia de trauma psíquico, melhor dizendo, o que traumatiza é a impressão de uma intensidade de "energia". Desse modo, a impressão não é sensação, não constitui memória, não é representação, mas é em parte responsável, em linguagem do "*Projeto*", pelas resistências das barreiras de contato, ou seja, é em função da intensidade que a impressão será facilitadora da "facilitação" (trilhamento).

De acordo com Garcia-Roza⁴⁰ a impressão pode ser entendida em relação à angústia como percepção que testemunha a ausência de objeto, sem traço de memória, sem conteúdo imagético.

Portanto, a impressão é o fator intensivo facilitador da diferença entre trilhamento e a memória é a fundadora da diferença, pois ela é seletiva, bifurcadora e, desse modo, diferencial por excelência. A impressão imprime a intensidade e a memória repete. Esta repetição não é de um primeiro termo, pois a memória repete ela mesma, no sentido de que a memória é uma memória de diferença de percurso (preferência de caminho - *Wegbevorzugung*.)

A intensidade de impressão está em relação a esta diferença de percurso, de acordo, com a abordagem de Freud em 1925 em "*Uma Nota sobre o*

³⁹ Freud, S. - "La negación" (1925) ("Die Verneinung") A.E., Vol. XIX.

⁴⁰ Garcia-Roza, L.A., - "Introdução à Metapsicologia Freudiana I", Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991.

*Bloco Mágico*⁴¹, no sentido de uma pressão exercida sobre uma superfície que a toca e a marca, porém não de forma permanente. Há um outro registro que recebe as impressões marcantes como traços permanentes. Assim, o bloco é utilizado como uma representação concreta da idéia freudiana do funcionamento do aparelho psíquico. Há dois sistemas: o de percepção, que recebe as impressões mas não guarda traços permanentes destas, e o de memória, que fixa as impressões e se constitui na materialidade psíquica.

“Já em 1900, em “A Interpretação dos Sonhos” dei expressão a uma suspeita de que essa capacidade fora do comum deveria ser dividida entre dois sistemas (ou órgão do aparelho psíquico) diferentes. Segundo este ponto-de-vista, temos um sistema Perceptual, que recebe percepções mas não retém traço permanente delas, podendo assim reagir como uma folha em branco a toda nova percepção, ao passo que os traços permanentes das excitações recebidas são preservados em “sistemas mnêmicos” que jazem por trás do sistema perceptual. Posteriormente, em “Além do Princípio do Prazer”(1920) acrescentei uma observação no sentido de que o inexplicável fenômeno da consciência surge no sistema perceptual em lugar dos traços permanentes” (p. 286)

Esta citação freudiana permite a diferenciação entre o sistema percepção-consciência e a chamada “tomada de consciência”. A “tomada de consciência” é uma operação que contrasta com as características do inconsciente justo porque ela é definida por uma condição essencial da consciência que é a verbalização do psiquismo, tal como se apresenta na experiência psicanalítica.

Já a referência ao sistema percepção-consciência no texto sobre o “*Bloco Mágico*”⁴², portanto, em relação à segunda tópica, mostra que o modelo estrutural não se apresenta com separações radicais entre as estruturas e, sobretudo, Freud assinala a marca de descontinuidade do funcionamento deste

⁴¹ Freud, S. - “Nota sobre la pizarra mágica”(1924) (“Notiz über den Wunderblock”), A.E. Vol. XIX.

⁴² Idem.

sistema. Ou seja, este sistema é capaz de desestabilizar e de desconstruir, através da intensidade das moções pulsionais, a ordem estabelecida no psiquismo.

“Assim, o bloco fornece não apenas uma superfície receptiva, utilizável repetidas vezes como uma lousa, mas também traços permanentes do que foi escrito, como um bloco comum de papel: ele soluciona o problema de combinar as duas funções dividindo-as entre duas partes ou sistemas componentes separados mas interrelacionados. Essa é exatamente a maneira pela qual, segundo a hipótese que acabo de mencionar, nosso aparelho psíquico desempenha sua função perceptual. A camada que recebe os estímulos - o sistema **Pcpt-Cs** - não forma traços permanentes; os fundamentos da memória ocorrem em outros sistemas, contíguos... Não penso, porém, que seja demasiado exagerado comparar a cobertura de celulóide e papel encerado ao sistema **Pcpt-Cs**, e seu escudo protetor, a prancha de cera com o inconsciente por trás daqueles e o aparecimento e desaparecimento da escrita com o bruxuleio e a extinção da consciência no processo de percepção.

... Sobre o bloco mágico a escrita se desvanece sempre que se rompe o íntimo contato entre o papel que recebe o estímulo e a prancha de cêra que preserva a impressão. Isso concorda com uma noção que por muito tempo mantive acerca do método pelo qual o aparelho perceptual de nosso psiquismo funciona, a qual, porém, até agora conservei para mim. Minha teoria expunha que inervações de investimento são enviadas e retiradas em rápidos impulsos periódicos, de dentro, para o sistema **Pcpt-Cs**, completamente permeável..... Desse modo as interrupções, que no caso do bloco mágico têm origem externa, foram atribuídas por minha hipótese a descontinuidade na corrente de inervação, e a ruptura concreta de contato que ocorre no bloco mágico foi substituída, em minha teoria, pela não-excitabilidade periódica do sistema perceptual. Tive ainda a suspeita de que esse método descontínuo de funcionamento do sistema **Pcpt-Cs** jaz no fundo da origem do conceito de tempo (p.289 e 290).

A marca de descontinuidade do sistema perceptual remete a um além do princípio do prazer e ao registro econômico da metapsicologia freudiana e, portanto, introduz neste estudo a dimensão estética em psicanálise.

É a economia pulsional e a indizível angústia que respondem na práxis psicanalítica a questão da interrupção ou a ruptura dos processos

psíquicos ordenados, causando descontinuidades nestes processos. Além disso, a referência à questão do tempo será tomada neste estudo em relação ao instante de desvelamento do efeito do belo, cuja fugacidade imprime uma perturbação na dimensão desejante do sujeito. Construiremos esta questão ao longo do trabalho.

Vamos retomar a argumentação do sistema percepção-consciência em sua relação com a ordem do afeto referida a segunda tópica e a segunda teoria da angústia, na medida em que Freud demonstra que desde textos como o "Projeto"⁴³ e a "Interpretação dos Sonhos"⁴⁴ podemos pensar a irrupção de intensidades desordenadoras.

Assim, a indizível angústia imprime aquilo que escapa à Gestalt imaginária e torna-se efeito-sinal, clinicamente perceptível, daquilo que é passível de irromper: o real. Neste sentido há um perigo de que falte o valor da impressão da perda subjetiva, valor de mediação fundamental para a ligação do movimento - desejo com o aparelho de imagens.

Sobre isto retomemos alguns textos freudianos. No "Projeto"⁴⁵, a ligação (*Bindung*) tem como condição o estabelecimento de trilhamentos (*Bahnungen*) com um sistema já investido, ou seja, os dois termos se referem à intensidade e ao aparecimento de uma energia dispersa que tende a uma descarga radical. A articulação entre ligação e trilhamento implica o conceito de fixação. Através da ligação, a impressão de uma intensidade é fixada a um campo representacional.

Em 1920, com "Além do Princípio do Prazer"⁴⁶, Freud retoma a noção de ligação presente no "Projeto"⁴⁷, onde é um sistema já fortemente investido que é capaz de ligar um afluxo de energia. Neste trabalho, ele vai

⁴³ Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie), A.E., Vol. I.

⁴⁴ Freud, S. - "La Interpretación de los sueños", (1900) ("Die Traumdeutung"), A.E., Vol. IV e V.

⁴⁵ Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie), A.E., Vol. I.

⁴⁶ Freud, S. - "Mas allá del principio de placer" (1920) ("Jenseits des Lustprinzips"), A.E., Vol. XVIII.

⁴⁷ Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie), A.E., Vol. I.

perguntar sobre o mais além da dominância do princípio do prazer, no sentido de que a tarefa de dominar ou ligar a "excitação" não está em oposição ao princípio do prazer, mas independente dele. Neste sentido, na segunda teoria pulsional, a ligação torna-se a característica principal de Eros, em oposição às pulsões de morte, às forças disruptoras: que cortam e não fixam.

Voltando ao "*Projeto*"⁴⁸ e à articulação impressão, percepção e memória, concluímos que a memória é uma diferença de "valor" entre trilhamentos e repete diferencialmente "valor" ao acrescentar uma intensidade de energia que implica em um *quantum* a um sistema já investido.

Ainda em 1895⁴⁹, Freud vai denominar *Drang* ao impulso em direção à descarga, impulso este que, no texto metapsicológico de 1915⁵⁰ sobre as pulsões, vai ser apresentado como um dos elementos da pulsão. No entanto, esta descarga não alivia a tensão, pois se a tensão resulta do excesso acumulado de "*Qn*"⁵¹ e provém de estimulação endógena, o que precisa ser reduzido ou eliminado é o próprio estado de estimulação. A descarga em si é insuficiente e ineficaz, porém ela vai-se inserir em um código e vai aparecer como demanda, passando então a se constituir como meio de introdução do sujeito na ordem simbólica. Em linguagem do "*Projeto*", Freud conclui, então, que o alívio de tensão só será obtido através da ação específica, o que quer dizer, um ato capaz de agir sobre a fonte de estimulação. A vivência de satisfação é assim concebida por Freud: a eliminação de tensão decorrente dos estímulos internos.

A esta experiência corresponde o investimento em um grupo de neurônios que correspondem à percepção do objeto que proporcionou a satisfação, o que quer dizer que, quando a tensão novamente se acumular e surgir novo impulso - *Drang* - para a descarga, surgirá também um impulso psíquico

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Freud, S. - "Pulsiones y destinos de pulsión" (1915) ("Triebe und Tribschicksale"), A.E., Vol. XIV.

⁵¹ *Qn* é uma intensidade de energia que implica em um *quantum*, uma pressão.

que vai reinvestir a imagem mnêmica do objeto, com o objetivo de buscar o reencontro com a satisfação original. Assim, simultaneamente com o investimento do desejo da imagem mnêmica está presente também a percepção dela. O que se produz, desta vez, é uma demanda irreduzível a uma descarga motora, pois o estabelecimento de signos de uma demanda - como é o protótipo do grito ou choro da criança - não é dirigido a um outro especular ou semelhante, mas a um outro significativo, o Outro do simbólico, que tem o estatuto de estranhamente próximo.

Ao descrever a situação de um recém-nascido, onde um outro significativo é seu objeto de percepção, Freud diz que foi um objeto semelhante a este que se constituiu como primeiro objeto de satisfação ou primeiro objeto hostil para o infante e, portanto, passa a ser revestido como um complexo privilegiado. Nomeia de complexo do *Nebenmensch* e o apresenta separado em duas partes componentes: uma se mantém como coisa (*Ding*), objeto inapreensível, e outra parte que vai ser compreendida como um campo de representações e como uma atividade mnêmica. Assim, o *Nebenmensch* ou complexo do próximo introduz um campo de juízo primário, que, como veremos mais adiante, valoriza o juízo de atribuição em anterioridade lógica ao juízo de existência. A capacidade de julgar é considerada por Freud, em 1895⁵², como um processo *Psi* que só se torna possível por causa da inibição pelo eu e que é evocada pela falta de semelhança entre o investimento do desejo de uma memória e o investimento perceptual.

Vamos nos deter um pouco sobre a função do juízo e a importância do seu fundamento na idéia freudiana do complexo do *Nebenmensch*, que expande uma outra idéia: a de "vivência de satisfação". É através deste aprofundamento que poderemos valorizar o fundamento da função do juízo como

⁵² Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie), A.E., Vol. I.

aquele que apresenta um confronto entre dois campos: um de intensidades e o outro de representabilidade.

A *Befriedungserlebnis* (vivência de satisfação) está necessariamente ligada a um outro conceito: o de *Hilflosigkeit*, desamparo primordial. O estado de desamparo, na teoria freudiana, tem um sentido específico, que é o estado do bebê que depende inteiramente de outro para a satisfação de suas necessidades e se revela impotente para realizar a ação específica adequada para por fim a uma "tensão acumulada". Este estado de desamparo é o protótipo da situação do trauma, da experiência do horror. Do ponto de vista econômico há uma intensidade que o trabalho psíquico não pode dominar; é o que Freud chama de *Psychische Hilflosigkeit*. Quer dizer, é a partir deste estado de desamparo que lemos em Freud a estruturação do psiquismo se constituindo em uma relação de alteridade, no valor da vivência de satisfação e de sua reprodução alucinatória. Na raiz disso tudo nos remetemos à situação traumática, pois o apelo já pressupõe uma incompletude. O "ser" desamparado é marcado por um discurso e uma intensidade afetiva, que não é passível de ser dominada. Ou seja, é marcado sem conhecer as condições pelas quais é marcado e nem mesmo o fato de ser marcado.

Esta relação de alteridade é indicada por Freud a partir da "Coisa" materna, inacessível, que, devido à proibição do incesto, torna-se a referência que encarna a alteridade radical, o objeto radicalmente perdido.

Neste ponto, queremos introduzir a categoria do Outro, que se torna indispensável neste estudo, para situar psicanaliticamente o que aqui queremos afirmar sobre o fato de que é a partir do campo do Outro que o sujeito fala e que ele deseja. De acordo com Lacan⁵³: "o inconsciente é o discurso do Outro". Isto quer dizer que a categoria lacaniana chamada Outro é "o lugar onde a psicanálise

⁵³ Lacan, J. - "L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud", *Écrits*, Editions du Seuil, 1957.

situa, além do parceiro imaginário, aquilo que, anterior e exterior ao sujeito, não obstante, o determina (p.156)⁵⁴. Esta referência constitui na teoria lacaniana o lugar a partir do qual se ordena a vida psíquica do sujeito.

É no contexto do desamparo primordial, enquanto efeito de estrutura, que podemos assinalar uma desordenação psíquica que remete a uma ação impactante pulsional. Esta ação disruptora é que vai imprimir uma violência simbólica a partir do erotismo do Outro e que concerne na teoria freudiana à idéia de um trauma constitutivo, no sentido de que o sujeito sofreu um trauma, porque invadido pelo erotismo do Outro.

A experiência do trauma é a experiência de ausência de fronteira, cujo efeito é de desamparo. Daí o traumático ser irreduzível à organização do campo das representações, ou seja, o registro da impressão ser irreduzível ao registro da memória. O estado de desamparo corresponde, enquanto efeito, a uma incompletude original. Entendemos, assim, o desamparo como correlato da angústia, angústia como estado de falta de recursos. Há, então, uma exigência que é formada e se dirige a outrem, a um mundo simbólico, ficando a satisfação ligada à imagem do objeto que proporcionou a satisfação, assim como à imagem do movimento que permitiu a descarga. Neste ponto, voltamos à questão do juízo - pelo fato de ele ser um processo fundamentalmente qualificador. Processo peculiar, no que diz respeito ao tempo fundante do sujeito e a um campo de julgamento primário, por tratar-se de qualificar o inqualificável, quer dizer, trata-se de produzir respostas expressivas em torno de um próximo-estranho. Neste sentido, Freud coloca *Das Ding*, a Coisa, como parte do complexo do *Nebenmensch*, parte que é uma realidade isolada, algo constante, estranhamente próximo ao universo desejante e ficcional dos signos e que orienta todo o processo desejante do sujeito. A outra parte do complexo do *Nebenmensch*

⁵⁴ Chemana, R. (Org) - Dicionário de Psicanálise, Artes Médicas, 1995.

corresponde à realidade dos signos regida sob o princípio do prazer. Esta outra realidade corresponde a uma parte da "Coisa" que sofreu transformação, ou seja, constitui o chamado sistema *Psi*: quer dizer, a função fundamental do princípio do prazer é a de garantir a diferença entre o qualificável e o inqualificável pelo próprio princípio, marcando a diferença entre uma realidade de sons e imagens e uma realidade silenciosa e ausente. A ressalva a ser feita recai sobre a complexidade do *Nebenmensch* que inclui o fato de a realidade qualificável se sustentar sobre o inqualificável e, portanto, nos diz que se é próximo é, também, estranho.

Em resumo, o complexo do "*Nebenmensch*" permite a constituição de um campo primário de julgamento, uma negatividade primária que implica o campo do impacto pulsional, (como veremos no próximo capítulo) pois o sujeito é inserido traumáticamente em uma linguagem, onde ele precisa se engajar através da demanda, pois na medida em que o sujeito perde o acesso direto ao objeto de seu desejo, o que resta é fazer seu "gozo" passar pela linguagem.

Assim, o juízo de atribuição veste a "coisa", atribuindo-lhe prazer e desprazer e é aí que se constata (conforme Freud no texto de 1925 "*Die Verneinung*")⁵⁵, no plano do prazer-desprazer, a divisão do sujeito e a operação da alienação. Algo se revela neste momento mítico e o que testemunha o próximo-estranho é a indizível angústia.

Então, a concepção de linguagem como fundamento implica a concepção de supressão, de uma eliminação, cujo som restante chama-se angústia. O grito angustiado, que é ruidoso e doloroso, vem cumprir a função de descarga e a função de ponte. Ou seja, o grito é, exemplarmente, aquilo através do que o sujeito aponta para o objeto. É a própria analogia de uma "exterioridade íntima" e o que surge como exterior é a enunciação que, de acordo com o texto

⁵⁵ Freud, S. - "La Negación" (1925) ("*Die Verneinung*"), A.E., Vol. XIX.

de 1925⁵⁶ acima citado, podemos aproximar da expulsão, que vai permitir a relação eu-prazer-coisa através de uma negação radical. Esta é a operação de exclusão que coloca para o sujeito o limite onde o real inacessível se engendra como um lugar no psiquismo. Desse modo, entendemos que a angústia é o efeito indizível de "barrar" a meta radical da pulsão.

Retomando o texto do "*Projeto*"⁵⁷, vamos analisar outro desdobramento com conseqüências interessantes: o fato de o primeiro objeto de satisfação ser também o primeiro objeto hostil e os efeitos disto na experiência da dor e na sua relação com o prazer e, ainda, naquilo que insiste no psiquismo enquanto potência de satisfazer.

Vimos que as *Bahnungen* são trilhamentos que facilitam as vias de escoamento da energia, tornando-se assim o próprio modo de articulação que permite a circulação de energia em relação a um grupo de neurônios e que justo por isso dificultam outros caminhos. Assim, os trilhamentos ocorrem pela intensidade da experiência de satisfação ou de dor e também pela sua repetição. Freud vai dizer que "a dor consiste na irrupção de grandes quantidades de energia em *psi*". A partir da invasão de um excesso de energia, tanto o sistema *Fi* como o sistema *Psi* são colocados em movimento, porém nenhum deles é capaz de impedir a condução da excitação. É a situação onde os neurônios *Psi* tornam-se tão permeáveis quanto os neurônios *Fi* e, portanto, as barreiras de contato fracassam, não sendo suficientemente resistentes para impedir a passagem de energia.

Freud afirma que a dor produz:

1) um grande aumento de tensão, que é sentido como desprazer por *Ômega*, o sistema de neurônios perceptíveis;

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie), A.E., Vol. I.

2) uma tendência à descarga que pode estar transformada em determinados sentidos;

3) um trilhamento entre a tendência à descarga e uma imagem-lembrança do objeto, que provoca e acentua a dor.

Freud assinala também que a dor possui uma qualidade especial. Então vejamos: o estado de desprazer acompanhado de uma tendência à descarga não é propriamente a dor, mas se assemelha a ela, e Freud vai chamar este estado de afeto. O afeto seria a reprodução de uma vivência de dor, quando a imagem do objeto hostil fosse reinvestida. Podemos inferir que o objeto hostil é igual à ausência do objeto de satisfação, a não-satisfação.

Freud quer marcar uma diferença entre desprazer e dor e traz a noção de *Schlüsselneuronen*, neurônios-chave, idéia que vem sustentar um tipo especial de descarga que se produz no sistema *Psi* e que se situa contrariamente à relação descarga-redução de tensão. Os neurônios-chave provocam excitações que aumentam ainda mais a tensão e esta excitação específica destes neurônios-chave é a responsável pela vivência de dor e indicam uma questão sobre este aumento no que diz respeito à relação dor-prazer.

Neste momento a dor não se coloca em oposição ao prazer, ela se coloca em relação a algo constante que insiste e persiste - ausência de satisfação - e cujo excesso é suficientemente forte para desencadear uma desordem, desordem inferida por Freud na idéia de dissolução das barreiras de contato e na idéia de que contra esta irrupção não há defesa possível. A experiência da dor explicita a noção de um aparelho falho, de uma estrutura que tropeça em uma fonte permanente de Mal-Estar. Em princípio, vamos colocar a dor enquanto a forma de expressão de um manchamento, de uma fluidificação das diferenças, no sentido de a dor tangenciar o mal que, ao estar próximo, é tão estranhamente

próximo que traz uma experiência de confusãoamento. Algo da ordem do erotismo fica aqui velado, podendo no entanto ser re-velado na relação prazer-dor. Alguma coisa que se presentifica, neste momento, é do registro da destrutividade e entendemos a dor como a experiência reveladora de um impacto, que inclui o erotismo e que, desse modo, torna possível o sentido trágico da estruturação do aparelho psíquico. Mais adiante, através da experiência da estranheza inquietante -*Das Unheimliche* -, pretendemos aprofundar a questão da dor e situá-la no âmbito da estética, fundamentalmente em relação à posição subjetiva do masoquismo, que marca os jogos de prazer e dor.

Mas, ainda em relação ao "*Projeto*"⁵⁸, Freud indica, como vimos, que a dor é contínua e impossível de ser evitada, mas que, por outro lado, a dor é capaz de mobilizar um trabalho psíquico de circunscrição e de bloqueio do objeto doloroso. A dor traduz a brecha que articula duas noções em Freud: susto (*Schreck*) e angústia (*Angst*).

Pressupomos que: o susto seria a face da dor voltada para o "momento" quando o aparelho é inesperadamente invadido e há o manchamento, um confusãoamento onde o princípio de prazer é posto imediatamente fora de ação. Há um transbordamento e estruturalmente o eu é subjugado, manchado pelo excesso pulsional. Prazer e dor são, neste ponto, uma única e mesma coisa. No susto não há mediação do sentido. É a não antecipação do sentido, é o "momento" de choque, ou ainda, do impacto pulsional tal qual Freud apresenta em 1915⁵⁹ através do eu-realidade originário.

A angústia seria a face da dor que pretende mediatizar a imobilização, ou seja, mobilizar a estrutura, porém mantendo uma ação não-específica, ou ainda mantendo a possibilidade de ser surpreendido.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Freud, S. - "Pulsiones y destinos de pulsión" (1915) ("Triebe und Tribschicksale"), A.E., Vol. XIV.

A angústia fica aqui entendida como um desdobramento da "vivência de dor", tal qual Freud concebe esta experiência em 1895. Vamos, ainda neste ponto, voltar a falar da noção de: impressão (*Eindruck*).

Vimos que a "vivência de dor" produz um trilhamento entre a tendência à descarga e uma imagem-lembrança do objeto, e, mais ainda, que Freud afirma que "a dor deixa atrás de si facilitações (*Bahnungen*) especialmente abundantes".

A noção de (*Bahnungen*) deverá ser tomada aqui de forma bastante complexa pois se, por um lado, são elas que marcam as diferenças de percurso e são abundantes na "vivência de dor", por outro lado Freud afirma que, no caso da dor, as barreiras de contato não são suficientemente resistentes para impedir a passagem de grandes "quantidades" de energia, tornando os neurônios *Psi* tão permeáveis quanto os *Pi*.

Como tomar aqui, em relação à vivência de dor, a idéia de trilhamento como constitutiva de vias privilegiadas que se entrecruzam em uma rede? Além do que, como valorizar, também na questão da dor, a idéia de memória constituída pela diferença de caminhos? Como manter a idéia de uma memória de diferença, se a "vivência de dor" tende à indiferenciação da diferença? Não é ela uma espécie de drenagem, de liquefação da diferença?

Isto é no nosso entender tomado no texto das pulsões⁶⁰ no plano do sujeito como remetendo ao impacto pulsional onde, segundo Freud, "o mundo é indiferente". Há uma experiência "originária" de desordem sem ancoragem em um campo de objetividade.

Em um texto de 1893, "*Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar*"⁶¹, Freud traz a noção de impressão ligada à

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Freud, S. - "Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos: comunicación preliminar (1893) ("Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene: Vorläufige Mitteilung"), A.E., Vol. II.

noção de trauma psíquico. Freud neste artigo diz o seguinte: "em neuroses traumáticas a causa atuante da doença não é o dano físico insignificante mas a emoção do susto - o trauma psíquico" (pág. 46). Aqui ele introduz o afeto, enquanto traumatismo psíquico, consistindo em uma penetração no sujeito de algo insustentável. É neste ponto que Freud nos permite uma brecha para pensarmos o signo de uma exterioridade que se perpetua enquanto violência no sujeito. E continua dizendo:

"Devemos antes presumir que o trauma psíquico - ou mais precisamente a lembrança do trauma - atua como um corpo estranho que muito depois de sua entrada deve continuar a ser considerado como um agente que ainda se acha em ação..." (p. 46).

Apesar de, neste momento, a preocupação freudiana girar em torno da explicação entre o traumatismo e a ab-reação, o que importa é que Freud nos deixa uma indicação preciosa para pensarmos que há um "mal" inassimilável advindo de uma exterioridade estranha, que provoca uma irrupção desorganizadora no sujeito, uma dor.

Embora Freud traga a impressão, referida à violência traumática e, portanto, como algo passivo, ela pode-se tornar ativa caso um acontecimento "a posteriori" a rearticule e a reatualize. Introduzimos, aqui o par impressão - expressão. Ou seja, a impressão não se constitui como lembrança pelo fato de não se inscrever no psiquismo, de não fazer parte de uma organização da experiência. Podemos inferir então que a impressão é aquilo que não encontra correspondência no representante-representação porém encontra ressonância no representante-afetivo, enquanto um som estranho aos traços mnêmicos, porém, também, com um valor de referência à experiência da verdade parcial do desejo. Aqui afirmamos o valor lógico primário da impressão que encontramos no

pensamento freudiano, formulado de maneira mais clara em 1926⁶², através do conceito de angústia do real (*Real Angst*). A angústia do real é a impressão que se associa na organização do psiquismo ao valor da expressão da linguagem do desejo orientada pela inacessibilidade do objeto. Quer dizer, o valor expressivo da “organização pulsiva”, que é o desejo, é a forma ativa de a impressão marcar a linguagem do desejo e engajá-la na demanda, que é a forma comum de expressão de um desejo.

O termo demanda assumiu um sentido específico na teoria lacaniana ao se opor ao termo necessidade. A demanda é endereçada ao campo do Outro e é o que vai referendar o poder alteritário do Outro sobre o sujeito. Assim, o mundo simbólico impõe ao sujeito demandar. Já a necessidade é, para Lacan⁶³, aquilo que irá ressurgir além da demanda, no desejo, sob a forma da “condição absoluta”, pois o desejo encontra sua causa em um objeto específico, sempre a ser reencontrado, o que marca o valor da insistência de uma repetição que emerge como “eterno retorno” da estrutura trágica do desejo.

Sobre o par impressão-expressão no plano da constituição do psiquismo podemos colocar que através da expulsão há um retorno sobre o eu, um movimento de violência, de interiorização de um “mal”, que se constitui em um traço masoquista associado à impressão da angústia, impressão aqui no sentido de ato de imprimir a presentificação da pulsão de morte e dos circuitos originários da pulsão em torno do furo pulsional: impressão da “potência de satisfazer”.

Se aceitamos isto, não seria o caso de pensarmos a angústia como a representante-testemunha deste momento constitutivo?

No plano do funcionamento do aparelho psíquico não seria também a angústia, enquanto o indizível ou “memória de impressão” que diante da ação

⁶² Freud, S. - “Inhibición, síntoma y angustia” (1926) (“Hemmung, Symptom und Angst”), A.E., Vol. XX.

⁶³ Lacan, J. - “Le désir et ses interprétations”, Vol. 1,2 e 3, Paris, mimeo.

da destrutiva pulsão de morte ou diante do rompimento dos liames, não seria ela, angústia, que sustentaria, enquanto movimento que bloqueia a descarga, o perigo de uma fragmentação e que levaria, associada a ligações com a palavra, a novas inscrições e construções?

Vamos aqui construir o lugar da impressão referida “a indizível angústia” enquanto testemunha da verdade parcial do desejo, verdade referida à incompletude e à falha estrutural.

Assim, estamos propondo dois planos de diferença e de repetição. O primeiro plano é o da diferença-repetição indeterminada, que repete e sinaliza a impressão de uma ausência que, de ausência radical inqualificável, pela angústia compulsiva da repetição, se complexifica e se torna qualificável, enquanto ausência dolorosa e angustiante, porém permanece indeterminada e inespecífica quanto ao seu objeto e ao seu alvo. O segundo plano é o da diferença-repetição determinada pelo jogo da linguagem. É uma memória em torno da noção de traço (*Spur*). Essa memória é determinada pela permanência dos efeitos da impressão. Essa permanência supõe uma inscrição cujo conjunto forma um sistema de signos. Trata-se aqui da diferença-repetição determinada pela noção de cadeia de signos, que se tornam a própria materialidade de um campo de representações, como já mencionado.

Vamos, então ressaltar a diferença entre traço e impressão e também o que se articula sobre estas duas noções a fim de que os desdobramentos acima mencionados se tornem mais claros.

Erinnerungsspur (traço mnêmico) é a expressão utilizada por Freud ao longo de toda a sua obra para designar a forma como os acontecimentos se inscrevem na memória. Embora eles subsistam de forma permanente, segundo Freud, eles só são reativados depois de investidos.

A idéia de reativação do traço implica em entender a materialidade do campo permanente das representações como inscrições permanentes em uma estrutura aberta a novas inscrições, conforme o esquema apresentado por Freud em 1923, na sua segunda tópica.

A saturação do traço só pode corresponder ao traço fixado imaginariamente, o que quer dizer que o deslocamento do desejo é aí interrompido. Portanto, pedimos emprestado a Derrida⁶⁴ a expressão traço não saturado para enfatizar a aliança do traço ao excesso pulsional, que reativa a estrutura aberta do inconsciente, justo porque a desordem causada pelo excesso pulsional que invade o psiquismo vai exigir um trabalho de reorganização. Neste sentido, o que ocorre é que os investimentos nos traços transformam-se em complexidade e novas inscrições podem ser feitas. Este processo de novas inscrições se refere a uma organização que embora permanente jamais pára, a não ser passionalmente, através das fixações imaginárias.

Assim é que o desejo, enquanto “organização pulsiva das memórias” e em deslocamento permanente, se refere ao traço mnêmico não saturado. Podemos dizer de outra maneira que o traço só se torna saturado pelo mecanismo da fixação e neste sentido o que vale ressaltar neste capítulo é o valor da impressão-angústia que, ao presentificar a pulsão de morte, desconstrói as fixações e marca o violento movimento referido ao traumático, que se tornará marca expressiva na linguagem do desejo e que animará o traço-forma permanente.

Desse modo, é a articulação da impressão-angústia com o traço que diz sobre o momento em que o ato vai-se inscrever na ordem do simbólico e em que vai ocorrer a expressão deste ato enquanto formas de apresentação diante do vazio de objeto, produtos do desejo. Retomaremos esta problemática mais

⁶⁴ Derrida, J. “L’écriture et la différence”, Editions du Seuil, Paris, 1967.

adiante, na segunda parte deste estudo, quando nos referirmos ao destino da sublimação e, à dimensão estética e ética do desejo neste estudo psicanalítico.

2.4. Angústia e recalque: a segunda teoria da angústia.

É em 1926 que Freud estabelece uma inversão em relação à angústia e ao recalque que marca a diferença entre a segunda e a primeira teoria.

Em "*Inibição, Sintoma e Angústia*"⁶⁵, a angústia passa a ser o motor para o eu exercer o recalque, deixando de ser a angústia uma decorrência do recalque. Freud fez sua demonstração a partir da angústia enquanto sinal de perigo, perigo de determinado gozo vir a se realizar. É esta angústia suscitada como sinal, que determina o recalque, pois ela é o anúncio da proximidade do recalcado, porém este anúncio é a reprodução de uma angústia "primordial" originária, que terá como metáfora, no texto de 1926⁶⁶, a angústia do nascimento.

Trata-se de uma operação de impedimento da satisfação da pulsão quando se fala de recalque e a angústia o determina porque anuncia que ele está prestes a se desfazer e que a realização de um *Wunsch* imperioso está próximo a acontecer.

É justo sobre a angústia enquanto efeito da impressão (*Eindruck*) do desejo do Outro (a ordem simbólica) que coloca seu estatuto como aquela que preside a constituição da *Wunschvorstellung*, tornando-se a "testemunha" da verdade do desejo enquanto parcial. Ela testemunha de forma indizível a impossibilidade relativa de, na emergência de um momento traumático, tanto a

⁶⁵ Freud, S. - "Inhibición, síntoma y angustia" (1926) ("Hemmung, Symptom und Angst"), A.E., Vol. XX.

⁶⁶ Idem.

palavra quanto a dominância do princípio do prazer darem conta deste "excesso pulsional". Torna-se clara a função da angústia, enquanto inquietação e e-moção, enquanto aquilo que se refere a uma espécie de motor no psiquismo.

Enquanto "e-moção" ela representa a pulsão transformada em afeto e que tende a se realizar e a se transformar em ato. Este ato pode ser um ato de significação caso a pulsão se fixe a uma representação, constituindo o que Freud chamou de recalque primordial. Assim, a noção de recalque é uma operação sempre suscetível de ser posta em suspensão (*Aufhebung*) pela força do desejo inconsciente e pelo transbordamento pulsional. Quer dizer, a indestrutibilidade do campo das representações faz com que os conteúdos ideativos, ou seja, as representações, enquanto aquilo que suporta a pulsão, tendam incessantemente a retornar através de formações de compromissos entre o recalcado e o recalcante. É neste sentido que tudo se passa como se o perigo, que permanecesse, ameaçasse constantemente de retornar e de nos colocar diante de nosso desamparo, de nosso estado primordial de falta de recursos.

Neste ponto a angústia adquire seu estatuto de resposta - resposta imprecisa e indeterminada a um perigo sempre próximo: o de separação. Há um ato de corte sempre a se anunciar - corte que remete à ação da pulsão de morte, enquanto o movimento compulsivo e repetitivo da ação do Isso. Esta ação coloca o Eu mobilizado em inibir o investimento dos desejos ameaçadores do Isso. A exigência pulsional só é percebida como perigosa na medida em que pode provocar um ato de corte, e assim escapar ao controle do Eu. Segundo Freud, o fato de ser o Eu uma diferenciação do Isso implica uma subordinação, de modo que o Eu só pode afastar o perigo pulsional através de alterações na sua estrutura e da aceitação de limitações à sua eficácia, limitações impostas pelo Isso mediante a formação dos sintomas. Assim, o Isso, enquanto fonte de desejos e de imposições que assustam o Eu, permanece, para o Eu, como um domínio

estranho. A angústia é o som proveniente deste domínio estranho, música sem letra que anuncia o investimento da percepção ameaçadora e do desejo imperioso em busca de realização.

Porém, antes de tudo, é um som resposta de algo que se origina no Isso e que surge no Eu, quer dizer, resposta a uma oposição fundamental entre Eu e Pulsão. Assim, no plano constitutivo do psiquismo, a angústia se situa como motor em relação à barreira do recalque, pois ela coloca em movimento uma diferença a ser organizada, pois a angústia supõe que se estabeleça a presença ou ausência de algo. O estabelecimento desse saber inclui o efeito de ameaça inquietante e permanente que indica os limites da realidade psíquica, onde em um certo "vivido" nenhuma subjetivação é possível. É aí que a angústia, como resposta, adquire sua dimensão fundante, a dimensão de efeito-lembrança de uma impressão. O conceito de lembrança aqui precisa ser subvertido. Lembrar uma impressão representa que um sinal percebido adquiriu a importância afetiva de um trauma, sinal resposta que se deixa tocar, emocionar, mas não dizer. A angústia é som em silêncio de palavra, é umbral de um lugar impenetrável, constituindo-se no próprio contexto da estranheza inquietante.

Este complexo angustiante engendra o que há de mais familiar, que é a representação do desejo inconsciente do Outro que nos lança no abismo da falta de "ser". Este espaço arcaico remete a um gozo de sentido que não é reconhecido, nem referenciado, é apenas uma indizível inquietação, uma manifestação de uma evidência da qual nada se pode dizer, tal qual um face a face sensorial, e inabordável porque uma revelação sem palavras.

Esta marcagem impressiva se refere, assim, não a conteúdo mas a afeto destituído de significação: a angústia é um afeto assignificado e justo por isso o afeto por excelência.

Vale lembrar que a partir da 2a. tópica é o Isso, enquanto polo pulsional, que vai trazer a idéia de uma exuberância pulsional que ultrapassa o registro do inconsciente. É desse modo que o aparelho psíquico freudiano, a partir de 1920, é ampliado pela problemática de uma pulsionalidade dispersa que não se faz representar .

A angústia em seu lugar indizível e “originário” revela a falta de um simbólico, de um dizer apaziguante diante da incompletude e, justo por isso, a angústia se constitui em um motor para o recalque, um esforço em busca de significação.

Desse modo, podemos entender a angústia como efeito de verdade que se torna a condição fundadora do sujeito enquanto forma expressiva e privilegiada de entrada no discurso, pois ela é a imprecisão que sinaliza a ameaça de exclusão do sujeito do cenário discursivo porque é testemunha do real traumático na constituição do sujeito.

Em resumo, na sua segunda teoria da angústia, Freud se apoia na segunda tópica elaborada em "o Eu e o Isso"⁶⁷ e pretende esclarecer o processo metapsicológico relacionado à angústia. Em oposição à sua primeira teoria, onde a angústia é produto do recalque da sexualidade, está a idéia, na segunda teoria, *de que a angústia é produtora de recalque*. Ou seja, há uma angústia do real, angústia do real do trauma que se torna condição de possibilidade do recalque e que alimenta a angústia de desejo. Portanto, vamos buscar argumentar o fato de ser a angústia que coloca a oposição permanente da dimensão trágica da “finitude” em relação à “infinitude” da pulsão.

Assim vejamos: a dimensão trágica da estrutura do desejo vai-se relacionar à problemática da angústia só a partir de 1926, porque Freud a distingue em dois planos. No primeiro, ele a qualifica de “originária” pois ela é,

⁶⁷ “El yo y el ello” (1923) (“Das Ich und das Es”), A.E. Vol. XIX.

segundo Freud, “um afeto entre sensação e sentimento, uma reação à perda, à separação”. Desta forma, o discurso freudiano marca a articulação da angústia com o estado de desamparo psíquico diante da perda do objeto experimentada como “pura perda”. O outro plano da angústia é qualificado de sinal, por ser um afeto que sinaliza o perigo da castração.

É a qualidade de “originária” que nos permite colocar a angústia como lugar testemunha da dimensão trágica da constituição do sujeito. Neste sentido, tomaremos a leitura de Lacan sobre a angústia como fundamental, pois se refere à posição estrutural que remete à relação entre o sujeito e o objeto perdido.

No *Seminário 10*⁶⁸ sobre “A Angústia”, Lacan vai afirmar que ela é a única tradução subjetiva daquilo que é a busca desse objeto perdido e ela sobrevém no sujeito quando esse objeto, estruturalmente ausente, torna-se um objeto de troca. É neste sentido que ele afirma que a angústia “não é sem objeto”, pois ela expressa uma estreita relação ao falo e aos seus equivalentes.

Porém, aqui queremos enfatizar a articulação da angústia com o objeto ausente, que é “pura perda”, pois não existe imagem possível da falta. Este é o ponto fundamental neste estudo para demonstrar este conceito como um dos quatro conceitos indispensáveis para a dimensão estética e ética da psicanálise. Deixamos claro, até aqui, que, para que o sujeito possa ser desejante, é preciso que o objeto causa de seu desejo, objeto que Lacan chamará de “objeto a”, venha a faltar. Este “objeto a”, diz Lacan⁶⁹, é o objeto sem o qual não há angústia. Neste sentido, há um campo angustiante onde vai-se imprimir o horrível, o inimaginável, enfim, o que há de mais inquietante e estranho. Assim, já estamos neste ponto falando de dimensão estética, pois na queda da imagem

⁶⁸ Lacan, J. - “O Seminário, Livro 10, A Angústia”, Inédito, Escuela Freudiana de Buenos Aires, 1976.

⁶⁹ Lacan, J. - “O Seminário, Livro 9, A Identificação” (Vol. 1 e 2), Inédito, Biblioteca da Seção Rio do Campo Freudiano.

especular, destaca-se uma fonte de horror, onde a angústia não é sinal de uma falta, ela é uma manifestação extraordinariamente inquietante "daquilo que não engana" o sujeito e o deixa sem palavra, como uma falha nesse apoio indispensável que é a falta.

Vamos prosseguir retomando o discurso freudiano e afirmando que, de fato, o afeto angústia associado à segunda tópica freudiana vem enfatizar toda a problemática das pulsões. E, além de colocada lado a lado com a pulsão, como uma face sua, ela é, também, associada no pensamento freudiano às instâncias Isso, Eu e Supereu.

De acordo com Birman⁷⁰, a idéia de estrutura, da qual se valerá este estudo, diz respeito à não-substancialidade das partes, quer dizer que as partes vão-se inserir na totalidade "de acordo com critérios de ordem e de valor, definidos esses pela lei que constitui a totalidade como um conjunto".

Nesse sentido se rompe a concepção de estrutura enquanto uma organização inserida no registro consciente e se privilegia a idéia de estrutura inscrita no registro inconsciente, e a psicanálise definida como um saber do inconsciente. O campo psicanalítico é, assim, constituído como um campo de interpretação porque fundado na fala e na linguagem, porém um campo interpretativo que, justo porque mantém o incognoscível em seu horizonte, vai ser especificado pelos efeitos de intervalo que tocam na questão do indizível e do irrepresentável, ou, em outras palavras, na questão da angústia e da pulsão de morte.

Ao inserir as categorias do indizível e do irrepresentável introduzimos os conceitos de angústia do real e de pulsão de morte como aqueles que impõem um limite à dominância do registro da representação no campo psicanalítico. Torna-se nítida a queda da pretensão do discurso freudiano da

⁷⁰ Birman, J. - "Ensaio de Teoria Psicanalítica", parte 1, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.

primeira tópica no sentido de estabelecer a hegemonia do conjunto de representantes-representações da pulsão na experiência psicanalítica. Apesar de, desde 1914, com o texto do Narcisismo e, depois, com os escritos metapsicológicos de 1915 a 1917, Freud não evitar os impasses de sua teoria, é só a partir do estabelecimento da segunda tópica e da segunda teoria pulsional que ele vai fazer uma releitura dos textos metapsicológicos, dando amplitude ao registro econômico da metapsicologia e à articulação deste aos registros tópico e dinâmico. É justo trazendo o Isso (enquanto lugar psíquico e polo pulsional no psiquismo), o conceito de pulsão de morte (enquanto aquele que confere a dimensão da irrepresentabilidade) e a angústia da segunda teoria, que Freud enuncia o contexto da experiência analítica como aquele que em sua complexidade enfatiza o registro econômico das pulsões e da angústia.

O efeito desta rearticulação do pensamento freudiano tem seu lugar mais radical no texto o *"Mal-Estar na Civilização"*⁷¹, onde a palavra de Freud sobre a felicidade se desdobra em um problema da economia pulsional.

É a questão da angústia que desarma qualquer projeto possível de felicidade humana, na medida em que, por ser a angústia efeito que se torna a margem do indizível e do inomeável da experiência traumática de uma violência originária, ela traz à tona a marca trágica do desejo e do erotismo. O ato analítico é o poder tocar e dizer sobre esta experiência de morte e de desamparo, isto é, fazê-la representar ao mesmo tempo que aponta para o além da representação. Este momento-ato, de onde por meio da palavra o sujeito retira seus significantes é também momento-fronteira entre emoção e dizer, onde a angústia se mostra como uma margem de dupla referência: margem que demarca o real incognoscível e margem que, enquanto espaço, justifica a constituição fantasmática, constituinte do desejo. Isto implica dizer, sobre a operação de

⁷¹ Freud, S. - "El malestar en la cultura" (1929) ("Das Unbehagen in der Kultur"), A.E. Vol. XXI.

busca da Coisa, que o sujeito quer atingir, dar-se tanto no registro da representação quanto no registro da angústia e assim a indizível angústia, enquanto manifestação da verdade parcial do desejo, seria efeito ruidoso de como o real inapreensível e impossível tangenciaria sujeito e objeto.

2.5. Argumentos e considerações sobre a angústia.

Afirmamos que a angústia é o indizível efeito do "barrar" a meta radical do desejo. Vamos ampliar esta afirmação relacionando-a ao texto de 1925 *Die Verneinung*⁷². O não da *Verneinung* é, como diz Freud, "um certificado de origem", pois há uma suspensão do recalçamento através do julgamento de atribuição, que seria então o substituto intelectual do recalçamento. A *Verneinung* é um operador estrutural, pois traz a presença do inverso da coisa designada. É a suspensão - *Aufhebung* - que age conservando o trabalho do recalque, que torna possível a operacionalização do inconsciente com a manutenção do recalçado, ou seja, o recalque subsiste, apesar de haver a liberação parcial dos seus efeitos.

É neste texto de 1925 que Freud apresenta o processo de estruturação do sujeito, destacando a função do juízo (*Urteil*) em dois tipos: o juízo de atribuição e o juízo de existência, que dariam conta da constituição do sujeito e do objeto. Ou seja, no caminho para a estruturação discursiva, cabe ao sujeito negar ou reafirmar um atributo e, ainda negar ou reafirmar que algo do objeto seja reencontrável na cena de realidade. Conforme comentário de Jean

⁷² Freud, S. - "La negación" (1925) ("Die Verneinung"), A.E., Vol. XIX.

Hyppolite⁷³, o que importa é que a atitude da negação é um procedimento imperativo e necessário para a constituição do sujeito e para a própria gênese do pensamento e da inteligência.

Além disso, Freud vai-nos colocar, neste seu texto genial, que duas operações primárias devem ser colocadas em uma anterioridade lógica: *Bejahung* (afirmação) e *Austossung aus dem Ich* (expulsão).

A primeira, a afirmação, é a operação de inclusão no eu, inclusão regida pelo princípio do prazer e que se refere a Eros. É uma experiência primitiva referida ao originário onde o juízo de atribuição tem sua raiz, a qual neste estudo nos referimos como o campo primário de julgamento, campo do impacto pulsional. É uma afirmação inaugural (*Bejahung*) que se constitui como a condição primordial para que algo venha a se oferecer como revelação do "ser".

Freud nos diz que toda experiência no mundo exterior se refere implicitamente a algo que já foi percebido e impresso em um passado mítico. Isso toca na questão do "infinito": toda percepção se remete a uma outra percepção em anterioridade lógica, e, portanto, ao mítico de *Das Ding* - a coisa perdida que nunca foi tida.

Já a segunda operação, a expulsão primária do eu, pertence a Thanatos e a negação é consequência (*Nachfolge*) dessa *Austossung*. É uma expulsão que vai permitir constituir o real, enquanto domínio do que subsiste fora da simbolização. Freud diz: "trata-se de uma questão do fora e do dentro", pois há uma expulsão primária do real como exterior ao sujeito. Logo, o interior é constituído por uma reprodução imaginária da percepção "primeira", uma discriminação de realidade - realidade psíquica - sendo que esta realidade será composta pelo sujeito através de sua gama de representações de objeto.

⁷³ Hyppolite, J. - "Ensaio de Psicanálise e Filosofia", Rio de Janeiro, Editora Taurus-Timbre Ltda, 1989.

Neste ponto, faremos algumas inferências que julgamos importantes em relação à angústia, enquanto conceito fundamental para a dimensão estética ética articulando o texto de 1925 - "*Die Verneinung*"⁷⁴ - com o texto de 1895 - "*Entwurf einer Psychologie*"⁷⁵: levando em conta tudo o que foi apresentado até agora no nosso estudo.

1) através da *Austossung aus dem Ich* emerge uma angústia "originária" pois é a impressão de uma ausência-presença de objeto que estabelece um limite no acesso à Coisa.

Ao fundar a referência ao excluído Freud nos permite supor o domínio primordial do "nada", enquanto fundamento do discurso. Mas, permite também supor o domínio da impressão do "vazio de objeto" como aquele produtor da angústia mediadora entre o "nada-nadeante" e a "falta-desejante"; pois ela é, enquanto "originária", o afeto indeterminado que nos deixa sem palavras e remetidos ao "fora da simbolização";

2) Assim constitui-se um campo primário de julgamento que diz respeito ao campo da angústia, de uma impressão (*Eindruck*) sem imagem, que se marcou como um vazio angustiante. Este campo marca a impossibilidade do discurso para apreender a Coisa, é a negação do nada, tornando-se o vazio, a diferença entre não e nada;

3) A angústia também, diz respeito ao juízo de atribuição enquanto é efeito da verdade parcial do desejo, pois ela é, também, sinal- impressão da falha constitutiva, de nosso desamparo fundamental diante da incompletude, evidenciando a total falta de recursos diante de um excesso inabordável. Em oposição ao termo recalcar, a apreensão deste desamparo fundamental é de outra ordem, é de um sinal-impressão, necessariamente estranho, pois é sinal de uma "exterioridade familiar", não dizível mas que

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("*Entwurf einer Psychologie*"), A.E., Vol. I.

insistentemente ecoa a presença de uma ausência. Isto constitui um espaço vazio de palavra e pleno de afeto-angústia, um plano aquém da palavra. A angústia assim qualifica o que é irreduzível ao princípio do prazer, constituindo o não-eu o estranho que o eu-prazer tenta suprimir. Freud vai mostrar no "Projeto"⁷⁶ a relação do grito com o objeto que provoca a dor, pois o que o sujeito não pode falar, ele grita "por todos os poros". A angústia é *Unheimliche* porque indica o que resta do inassimilável;

4) É a partir da angústia que vai-se constituir um princípio estético, o "*Unheimliche*", como eco do eu-prazer, repetindo que o funcionamento do aparelho psíquico está para além do princípio do prazer, marcando assim a diferença entre sujeito e eu;

5) O juízo de existência é o segundo juízo, pois vai tentar recuperar a Coisa enigmática, que foi suprimida pelo juízo de atribuição. Mas é o vazio lacunar entre as palavras que fará o sujeito ser chamado a "ser" e portanto o juízo de existência, logicamente posterior ao de atribuição, é conclusivo na sua função de reencontrar o objeto, marcando necessariamente todo e qualquer encontro como faltoso. Esta operação de busca se dá no registro da representação e da angústia sinal de desejo e diz sobre o sujeito do desejo. Nenhum objeto é a Coisa e todo e qualquer objeto suprirá a-penas uma satisfação parcial. Não há objeto existente, há movimento de busca, há desejo de desejar. A angústia coloca-se, assim, para o discurso psicanalítico referido a Freud e a Lacan, como o lugar testemunha de dimensão estética e ética do plano constitutivo do sujeito desejante porque associa estes registros à função de julgamento.

Estas inferências sobre a angústia e a questão dos juízos nos remetem a uma outra discussão: a oposição entre realidade psíquica e realidade

⁷⁶ Idem.

material no pensamento freudiano e àquilo em que esta oposição permite elaborar sobre o que temos mencionado sobre a angústia enquanto testemunha da verdade parcial do desejo.

Desde 1895, em seu artigo sobre "*Obsessões e Fobias*"⁷⁷, Freud apresenta suas preocupações com a dimensão da verdade que a experiência clínica evidenciava. Em um primeiro momento o discurso do paciente se revestia de uma aparência absurda porém depois o valor do afeto apontava de forma imperiosa para uma verdade distanciada da realidade objetiva revelando um outro contexto de referência.

"Assim, uma cuidadosa análise psicológica desses casos mostra que o estado emocional, como tal, é sempre justificado". (p.90)

Ou seja, o pressuposto freudiano se coloca sobre uma realidade que se constitui para o paciente, subsidiada pela verdade realizada sobre seus sofrimentos. Desse modo, Freud marca a verdade da subjetividade se impondo sobre qualquer outra referência de verdade.

Em resumo, há uma realidade constituída pela presença do estado afetivo doloroso e angustiante que persiste e se torna o valor de indicação de uma verdade subjetiva.

Este novo contexto de referência abre para Freud a perspectiva de uma realidade psíquica, para além da consciência do sujeito, e que se faz presente através dos afetos que escapam ao controle defensivo.

Assim é que a partir da consideração dos sons estranhos advindos da experiência clínica e seu valor implícito sobre uma verdade desconhecida para a consciência do sujeito, Freud apresenta a oposição entre a realidade psíquica e a realidade material.

⁷⁷ Freud, S. - "Obsesiones y fobias. Su mecanismo psíquico y su etiología" (1895). A.E., Vol. III.

De acordo com Birman⁷⁸, Freud inaugura outra ordem de razão, onde o sentido que estava sendo considerado não se regula por uma concepção de verdade em contraponto ao falso, pois é uma outra realidade, a realidade psíquica, que passa a ser o suporte e a referência da verdade singular da subjetividade. Isto quer dizer sobre o valor de convicção subjetiva que Freud escuta em sua clínica revelado através da intensidade afetiva e sua capacidade expressiva de desordem, manifestada sob a forma de angústia.

Ao indicar a verdade do afeto enquanto testemunha de uma verdade fundante do sujeito, Freud ultrapassa o valor do discurso normalizador colocado na experiência social imediata, contrapondo a verdade das imagens unificantes de um eu, que pretende a identidade de si a si ao manter a mesmidade absoluta, a uma outra verdade que tem o desconhecimento em sua origem e se apresenta sintomaticamente.

É neste sentido que o discurso freudiano vai representar uma subversão na história da doença mental, pois a afirma como um discurso portador de sentido, que indica a ordem de verdade da subjetividade através da realidade psíquica.

Esta problemática que explicita a verdade parcial do desejo será retomada mais adiante, ao falarmos de estética e ética em psicanálise, na medida em que a veracidade do sintoma se associa ao processo criativo, enquanto produção metafórica. Pretendemos afirmar a estética e a ética associadas ao ato criativo e ao valor da polissemia da palavra e sua conseqüente dimensão poética, pois a impressão-angústia marca a ordem da subjetividade enquanto uma estranha verdade que está impressa e que se expressa na linguagem do desejo.

Na complexidade deste percurso precisamos trabalhar outros conceitos fundamentais à estruturação do pensamento estético e ético em

⁷⁸ Birman, J. - "Ensaio de Teoria Psicanalítica", parte 1, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.

psicanálise. A pulsão como lugar-fronteira para Freud permite o aprofundamento da discussão daquilo que se coloca enquanto pura atividade, e que releva a problemática de um desconhecimento originário como condição do símbolo. Dessa forma, continuamos nossa construção sobre a estética e a ética naquilo em que a prática-teórica psicanalítica nos remete ao sujeito do desejo que emerge dos limites entre representável e irrepresentável, entre dizível e indizível.

3 - PULSÃO: A FRONTEIRA DO PENSAMENTO PSICANALÍTICO

3.1. Introdução

O pensamento de Freud contrasta com a maioria dos pensadores de sua época por se colocar apoiado em noções diferentes daquelas apresentadas pelo modelo científico típico do século XIX. No lugar do domínio da exatidão e da busca de verdades perfeitas surge uma outra proposta que é a de operar no domínio da argumentação e da interpretação.

A psicanálise introduz, então, um pensamento diferencial e sua rede de conceitos tem, como um de seus pilares, o conceito de pulsão.

A pulsão é a forma conceitual do pensamento freudiano colocar a articulação corpo/psiquê. Podemos dizer que a problemática da pulsão é a problemática de Freud por excelência no sentido da tentativa freudiana de unificar a ordem do somático com a ordem da representação para falar de psiquismo.

Em um primeiro momento, Freud apresenta suas questões em relação à articulação corpo e representação, tentando estabelecer esta problemática em uma dimensão histórica no discurso da histórica. Em 1895⁷⁹, no

⁷⁹ Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie), A.E., Vol. I.

"Projeto", o modelo de aparelho psíquico é rico em intuições e indicações preciosas sobre a relevância econômica no discurso freudiano, relevância que só reaparecerá em 1915⁸⁰, com o trabalho metapsicológico sobre as pulsões. Portanto no capítulo VII da "*Interpretação dos Sonhos*"⁸¹, onde o conceito de inconsciente se localiza como fundamental, Freud, através da preocupação principal que o norteava - a de estabelecer o estatuto científico do conceito de inconsciente - passa a constituir numa forma de pensar a questão da pulsão/representação sem considerar a dimensão da força pulsional ou o campo das intensidades. A relativização do conceito de inconsciente só ocorre através da introdução do conceito de pulsão de morte, ou seja, de um para além da representação. É a partir daí que o pensamento freudiano não gira mais em torno da necessidade de a representação inconsciente tornar-se consciente e passa a privilegiar a indagação sobre como se produz o inconsciente, na medida em que a idéia de pulsão de morte implica na impossibilidade de a totalidade da intensidade pulsional ser incluída no campo das representações.

Freud, na época dos "*Estudos da Histeria*"⁸², pensava que tirando as perturbações da civilização sobre o sexual surgiria um prazer maior, o que quer dizer que o problema foi dimensionado em relação a um prazer censurado que precisava ser libertado.

Neste sentido, o caso Dora, escrito em 1901⁸³, logo após o tratamento que ocorreu de outubro a dezembro de 1900, tem uma significação particular no que diz respeito ao pensamento de Freud sobre a sexualidade. É bom lembrar que antes de o termo *Trieb* surgir, Freud operava com a expressão

⁸⁰ Freud, S. - "Pulsiones y destinos de pulsión" (1915) ("Triebe und Triebchicksale"), A.E., Vol. XIV.

⁸¹ Freud, S. - "La interpretación de los sueños" (1900) ("Die Traumdeutung"), A.E., Vol IV e V.

⁸² Freud, S. - "Estudios sobre la histeria" (1895) (Studien über Hysterie") A.E., Vol. II.

⁸³ Freud, S. - "Fragmentos de análisis de un caso de histeria" (1905) ("Bruchstück einer Hysterie-Analyse"), A.E., Vol. VII.

"estímulos endógenos", utilizada no capítulo anterior todas as vezes que tratamos de textos anteriores ao surgimento da problemática das pulsões.

A pulsão para Freud é, em um primeiro momento, aquilo que caracteriza a sexualidade, pois a questão do irrepresentável só vai surgir em 1920, e desse modo, neste primeiro tempo, o propósito de Freud é reverter a noção de corpo/biológico para corpo/prazer. Nesta perspectiva é Freud que vem denunciar a apropriação da noção de corpo pela medicina e é ele quem faz o deslocamento da questão sexo/reprodução para sexo/prazer, ampliando o campo da sexualidade e trazendo uma nova concepção do sexual. Assim, é através da sexualidade enquanto tema psicanalítico e enquanto objeto de investigação de Freud que o conceito de pulsão é introduzido.

Além disso, desde Dora, Freud já mostra que, para a formação do sintoma histérico, além de uma eroginização das zonas corporais e de um processo de ativação dessas zonas, há um processo onde a condição somática e o psíquico se conjugam, que é o investimento que fixa a excitação e converte o sintoma em sintoma histérico, constituindo-se em um sintoma com sentido. Freud fala da erogeneidade de órgão, apresenta o psiquismo como condição para a fixação e afirma a atividade de satisfação sexual infantil como uma ação determinante somática e psíquica. A sexualidade em Dora adquire a função de "meio" entre o somático e o psíquico.

É em "*Três Ensaios*"⁸⁴ sobre a sexualidade que é apresentado o pensamento freudiano sobre a concepção de um desvio em relação a um padrão na transformação da sexualidade e sobre os destinos da sexualidade. No ponto inicial deste texto - "*Aberrações sexuais*" - é abordada a questão da perversão e Freud fala a partir do lugar estratégico da homossexualidade.

⁸⁴ Freud, S. - "Tres ensayos de teoria sexual" (1905) ("Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie"), A.E., Vol. VII.

No século XIX, a homossexualidade é uma transgressão já que a concepção do sexual tem como finalidade a reprodução sexual. O prazer é pecaminoso e a homossexualidade é uma prática anti-natural. O pensamento freudiano discute uma concepção do sexual, pois se o sexo é reprodução e o prazer é excluído do campo sexual, qualquer exercício sexual prazeroso seria uma "aberração sexual".

Desse modo, a homossexualidade é tema que coloca a questão do prazer em oposição à reprodução. A partir desta argumentação freudiana o campo sexual é ampliado pela psicanálise e a questão da reprodução torna-se secundária em relação ao prazer, pois Freud faz um deslocamento desbiologizando a discussão, mantendo-a, porém não em um corpo biológico, mas sim em um corpo/prazer, um corpo erógeno.

Neste sentido a oposição instinto/pulsão fica clara, na medida em que o instinto é uma montagem pré-formada com objeto pré-estabelecido e a pulsão é apresentada a partir da multiplicidade de objetos e de alvos para a satisfação. A pulsão tem uma autonomia em relação à diversidade de objetos que são uma espécie de apêndice, o que existe de mais variável na pulsão. Assim, teoricamente, a forma de o "homem" obter prazer é infinita, mas o ponto paradoxal é que apesar disso a satisfação se fixa. Além disso, a estruturação da sexualidade não é uma questão da natureza, mas da história de cada sujeito, o que introduz um longo caminho entre a pulsão e seu alvo de satisfação.

Freud afirma nos "*Três Ensaios*"⁸⁵ a pulsão como parcial na medida em que o objeto é variável, e a satisfação é parcelar, múltipla e dependente das fontes somáticas que, por sua vez, são também diversas. Em resumo, o conceito de pulsão parcial implica a idéia do estado polimorfo da pulsão sexual e a ligação da pulsão a representantes que especificam o objeto e o modo de satisfação em

⁸⁵ Idem.

uma história singular. A multiplicidade de fontes somáticas, de zonas erógenas, fala sobre uma diversidade de zonas de abertura que remetem à ausência do objeto de satisfação. Estas zonas erógenas constituem um campo, o campo do erotismo. Este campo é regulado pelo eixo prazer-desprazer que permite um sistema de equivalências, porém, ele inclui um campo de intensidades indeterminado, pois, como pretendemos apresentar, o corpo erótico se constitui para além do corpo narcísico, diferença fundamental nesta tese.

No início de suas investigações sobre a sexualidade e a pulsão, Freud ainda se encontra sob a influência da razão iluminista. A problemática da morte como constituidora do erotismo só surge mais tarde pois, o fato morte, enquanto mal radical, irrepresentável e inevitável, só começa a ser problematizado no artigo "*Reflexões sobre a guerra e a Morte*"⁸⁶, assim como o primado da morte sobre o sexual no pensamento freudiano só surgirá com a segunda teoria pulsional. A partir deste momento Freud caminha cada vez mais na direção de questionamentos subsidiados pela concepção de pulsão de morte e pelo princípio da compulsão à repetição na experiência analítica, daquilo que não tem representação possível e para o que não há defesa.

Assim, em um primeiro tempo, é através da idéia de sexualidade enquanto "estranha" à civilização e ao eu, que Freud coloca suas primeiras oposições, no sentido de direcionar seu pensamento para um acordo possível entre pulsão e civilização. Em seguida, é através da introdução da pulsão de morte e da questão da angústia do real do trauma, da angústia enquanto central no complexo de castração e do conflito como permanente, que Freud radicalmente toma outro posicionamento: não há acordo possível entre pulsão e civilização. Ou seja, até os últimos vinte anos de sua obra - 1919 a 1939 - Freud esteve preso a uma idéia da possibilidade de abolir o mal-estar na civilização. O

⁸⁶ Freud, S. - "De guerra y muerte - Temas de actualidad" (1915) ("Zeitgemässes über Krieg und Tod"), A.E., Vol. XIV.

paradigma iluminista - o poder advindo da iluminação da ciência, cujo fim é criar um mundo melhor - teve seu peso na obra freudiana até a problemática da pulsão de morte e o mal-estar estrutural decorrente dela, efetivamente se tornar em o lugar primeiro sobre o qual vai-se desdobrar toda a reconstrução de sua rede conceitual.

3.2. O parcial e o plural da pulsão.

A pulsão para Freud tem o caráter de parcialidade, o que mostra sua concepção não sintética e o campo sexual, por sua vez, é um campo com estatuto de parcialidade, mesmo quando se organiza em um sistema de equivalências. Assim é que o corpo em Freud é erógeno, é corpo/prazer e tem seu primeiro registro como auto-erótico. O corpo auto-erótico é um corpo fragmentado, sem unidade, onde cada zona/prazer é chamada de erógena e responsável pela pulsão parcial. Aquilo que regula o campo do sexual é o prazer, onde a sexualidade é um conjunto de possibilidades de investimentos de prazer na superfície do corpo. Com efeito, a pulsão é parcial e plural, com diferentes fontes e diferentes objetos de satisfação.

Como contraponto do corpo auto-erótico está o corpo narcísico, um corpo unificado, contemporâneo à formação do eu. O narcisismo só surge a partir do momento onde o conjunto de fragmentos se constitui como um todo e torna-se, então, possível o estabelecimento de uma equivalência prazerosa/desprazerosa entre as zonas erógenas. O que está em jogo é a unificação do corpo.

Ainda em "*Três Ensaio*s"⁸⁷ Freud mostra como as perversões marcam com sua positividade a constituição de qualquer sexualidade. O caráter perverso-polimorfo da pulsão é a matéria prima fundamental da organização sexual. A perversão é a positivação deste fato e a neurose é o recalque da perversidade polimorfa. Com efeito, a afirmação "as neuroses são o negativo das perversões" remete à metáfora fotográfica e ao modelo ótico freudiano.

A construção desta metáfora fotográfica só é possível a partir de narcisismo, pois o instrumento capaz da criação de imagens é o corpo narcísico, o eu-ideal. O sistema de registro das imagens/prazer é o sistema de representações dado pelo eu-ideal. Portanto, há um sistema de registro de prazer no plano do corpo, que é narcísico, pois qualquer prazer se situa na reafirmação da integridade da imagem deste corpo. A unificação é feita a partir do olhar de um outro, que diz sobre uma fronteira narcísica: o outro no eu, que forma uma imagem e que a integra. Assim é que o eu demanda permanentemente a reiteração de sua imagem. Desse modo a codificação do corpo é feita a partir do campo do Outro, que investe com o desejo e com o sistema de nomeação.

Para demonstrar este sistema de registro de imagens vamos nos remeter ao discurso lacaniano. No "*Seminário 11*", Lacan⁸⁸ mostra como determinante do conceito de pulsão parcial o vínculo indissociável entre sexual e morte, insistindo no fato de que o alvo pulsional torna-se impossível de ser realizado de maneira direta por questões estruturais e não contingentes. Assim, a razão do estatuto de parcialidade da pulsão reside na incompletude da estrutura, que acaba por definir o trajeto da pulsão, pois, ao não atingir seu objeto, a pulsão descreve uma borda ao redor deste último, que a devolve a seu ponto de origem, reativando sua fonte e reiniciando um novo trajeto. Desse modo, Lacan enfatiza

⁸⁷ Freud, S. - "Três ensaios de teoria sexual" (1905) ("Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie"), A.E., Vol. VII.

⁸⁸ Lacan, J. - "O Seminário, Livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise", Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

dois outros objetos pulsionais, além dos estabelecidos por Freud, que são o olhar e a voz.

Sobre a temática do olhar/olho, Lacan apresenta a estrutura do sujeito e o processo analítico através de um esquema ótico. Sua primeira representação aparece no *Seminário I*⁸⁹, ao mostrar a distinção entre o eu ideal e o ideal do eu, e, depois, ela é novamente utilizada no "*Seminário da Angústia*"⁹⁰ para tratar do "objeto a", marco do seu ensino, apresentado no Seminário anterior sobre "*A Identificação*"⁹¹. O esquema ótico de Lacan do *Seminário I*⁹² remete a um modelo físico onde são utilizadas determinadas propriedades da ótica, para demonstrar que em determinadas condições pode-se ver surgir um ramalhete de flores em um vaso real que de fato não o contém, o que pode ser confirmado ao se sair do campo em que é produzida a ilusão. Esta experiência demonstra, através de um dispositivo da ótica geométrica, que o espaço real é duplicado por um espaço imaginário e, portanto, o dispositivo é capaz de metaforizar o eu primitivo, constituído pela clivagem, que distingue exterior e interior. A ênfase aqui recai no plano do juízo de existência: imaginário e real alternam-se e estão imbricados em termos de presença e ausência. Para que se produza a ilusão do vaso invertido, quer dizer, para que o sujeito tenha acesso ao imaginário, é necessário que o olho que o simboliza esteja situado no cone (onde o olho vê a imagem real do ramalhete), quer dizer, o acesso depende de sua situação no mundo simbólico, situação que determina o sujeito no mundo da palavra, marcando se ele está fora ou dentro da simbolização.

No texto dos "*Escritos*"⁹³, o dispositivo ótico é completado pelo espelho plano A, comandado pelo grande Outro, que introduz atrás do espelho

⁸⁹ Lacan, J. - "O Seminário, Livro 1, Os escritos técnicos de Freud", Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1979.

⁹⁰ Lacan, J. - "O Seminário, Livro 10, A Angústia", Paris, mimeo.

⁹¹ Lacan, J. - "O Seminário, Livro 9, A Identificação" (Vol. 1 e 2), Paris, mimeo.

⁹² Lacan, J. - "O Seminário, Livro 1, Os escritos técnicos de Freud", Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1979.

⁹³ Lacan, J. - "Remarque sur le rapport de Daniel Lagache: Psychanalyse et Structure de la Personnalité", in: *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966.

um espaço imaginário. Isto significa que o sujeito só tem acesso à ilusão passando pela imagem virtual do espelho A, desde que a acomode sobre a', imagem virtual, reflexo de a, objeto real. A imagem real do vaso escondido não é visível, neste esquema, porque o olho não pode vê-la diretamente, o que significa a apresentação através deste modelo da relação especular e seu enlace com a relação simbólica. Trata-se da operação de alienação, onde se situa a captura narcísica do eu-ideal. Lacan demonstra que ao espaço imaginário superpõe-se o lugar simbólico do Outro, como "primeira potência" ou o "suporte da Coisa". Lacan vai afirmar, assim, que a relação em espelho com o outro e a organização ideal do eu servem no trabalho analítico como regulagem para a passagem do "desfalecimento" da ilusão. Finalmente, é no *Seminário da Angústia*⁹⁴ que Lacan vai mais uma vez utilizar seu modelo ótico para falar do "objeto a", demonstrando que esse esquema exprime que "todo investimento libidinal não passa pela imagem especular", pois há um resto que o falo caracteriza e representa sob a forma de uma falta. A topologia do "objeto a", que veremos com maior detalhe no próximo capítulo, é a de um objeto não especular.

Vamos prosseguir retornando a Freud e afirmando que é a organização deste aparelho de imagens, o aparelho ótico, que é narcísico, que vai indicar o recalque originário como correlato da máquina fotográfica.

O que cabe ressaltar, em relação à teoria pulsional, é que neste sentido a pulsão-força constante é organizada em um sistema de representações. Freud fala em dois níveis: o nível pulsão força/intensidade, que é irreduzível ao nível pulsão-representação ancorada em um campo de representabilidade. Esta pulsão força/intensidade é matéria prima, condição de representabilidade na medida em que diz respeito ao estatuto de passagem, de atividade e de movimento próprio da pulsão. Esta dimensão corresponde à idéia básica para se

⁹⁴ Lacan, J. - "O Seminário, Livro 10, A Angústia", Paris, mimeo.

pensar a estética em um campo de intensidades, pois é o contexto que se abre para o lugar da e-moção como fundamento da linguagem.

A outra dimensão freudiana sobre a pulsão é a representação/qualidade que vai permitir a organização de um código, quer dizer o domínio da desordem do trauma e, portanto, esta dimensão remete à questão da simbolização.

Esta dupla dimensão da pulsão marca o conceito como conceito fronteira entre o somático e o psíquico, conforme Freud no capítulo dos *"Três Ensaios"*⁹⁵.

"Por pulsão deve-se entender provisoriamente o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um "estímulo", que é estabelecido por excitações simples vindas de fora. O conceito de pulsão é assim um dos que se situam na fronteira entre o psíquico e o somático". (p.171)

Assim, o que entendemos é que Freud desde este momento embora não possa indicar o irrepresentável pretende apresentar o valor de dois tempos na organização da pulsão: a pulsão/força como uma intensidade, como uma infraestrutura, e a pulsão/representação como qualidade e montagem organizada, como campo da representabilidade ou campo de analisabilidade. Estes dois tempos também serão vistos neste trabalho a partir de dois planos: o primeiro traumático, como uma violência imposta ao sujeito e o segundo onde vai ser possível uma organização representacional do primeiro. O pensamento freudiano, na medida em que apresenta o estatuto da pulsão como parcial, já que não há possibilidade de preenchimento de uma perda primordial, traz o pressuposto de que a linguagem se interpõe no caminho do corpo que sofre a falta real do objeto simbólico. É a privação de sentido e o desamparo primordial que sustentam na obra freudiana uma série de interrogações sobre a inacessibilidade de um real substantivo do corpo.

⁹⁵ Freud, S. - "Tres ensayos de teoria sexual" (1905) ("Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie"), A.E., Vol. VII.

Desse modo, Freud definiu as pulsões como conceito fronteira, interface do somático e do psíquico, destacando seu caráter parcial e sua pluralidade de fontes, objetos e alvos e, postulando, em um breve artigo de 1910 sobre “*A concepção psicanalítica das perturbações psicogênicas da visão*”⁹⁶, um primeiro dualismo entre pulsões do eu e pulsões sexuais. A oposição se coloca em função de as pulsões sexuais representarem aquilo que lança o eu para além dele mesmo. Vale ressaltar no pensamento freudiano a subjacente idéia de abertura em relação à sexualidade perverso-polímorfa, e que se associa ao desamparo diante do corpo auto-erótico, disperso e despedaçado pelas pulsões, corpo sem unidade. O polo oposto, pulsões do eu, designaria a auto conservação, operando a função do eu como defesa contra a sexualidade.

É só em 1914⁹⁷, que Freud introduz um fator complicador, no que diz respeito à primeira teoria pulsional, que é a idéia de uma “energia” sexual, a libido, que investe o eu e também os objetos. A diferença se dilui no que diz respeito ao sexual e permanece, apenas, como direção em relação ao eu e ao objeto.

O contexto referencial freudiano se depara com um impasse para que a classificação dualista perdure. Fica claro que o conflito psíquico não pode se submeter apenas ao modelo da sexualidade. É a partir dos artigos metapsicológicos, notadamente o artigo de 1915⁹⁸ sobre as pulsões, que se acentua a diferença entre pulsão e representante psíquico, o que vai indicar, de acordo com o conceito de eu-realidade originário, o real freudiano em termos de um campo de impacto pulsional. Assim, o conceito de pulsão vai-se remeter à produtividade de um desamparo primordial, lugar que aponta para o objeto ausente - *Das Ding* - que se presentifica como efeito surpresa diante da

⁹⁶ Freud, S. - “La perturbación psicógena de la visión según la psicoanálisis” (1910) (“Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung”), A.E., Vol. XI.

⁹⁷ Freud, S. - “Introducción del narcisismo”(1914) (“Zur Einführung des Narzissmus”), A.E., Vol. XIV.

⁹⁸ Freud, S. - “Pulsiones y destinos de pulsión” (1915) (“Triebe und Tribschicksale”), A.E., Vol. XIV.

impressão de um vazio, pois só se configura um objeto para a pulsão quando ele é recortado pelo desejo, que opera no domínio do símbolo e da imagem. Porém, esta montagem simbólica e imaginária para suprir a falta do objeto da pulsão se sustenta, por mais paradoxal que seja, no insustentável lugar da dispersão. O enigma colocado por Freud em 1915⁹⁹ se situa no plano do *Real-Ich*, na medida em que é concebido como determinado por um “sólido critério objetivo”. O “mundo” é aí indiferente. O que se põe, então, em questão em relação à pulsão é o seguinte: do que se trata sua satisfação?

O paradoxo da satisfação encontra no “sujeito objetivado” do *Real-Ich* uma satisfação impossível que se opõe à possibilidade de atribuir prazer e desprazer. De acordo com Lacan, no *Seminário 11*¹⁰⁰, Freud aí apresenta uma concepção radical, pois entra em jogo a categoria do impossível, que remete à questão sobre o possível.

E Lacan vai afirmar que o oposto do possível é seguramente o real.

“... seremos levados a definir o real como o impossível... O real se distingue, como eu disse da última vez, por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia em seguida, admite algo de novo, que é justamente o impossível

...A pulsão prendendo seu objeto, apreende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz. Pois se distingue, no começo da dialética da pulsão, o *Not* e o *Bedürfnis*, a necessidade e a exigência pulsional - é justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer à pulsão”. (p. 159)

E Lacan¹⁰¹ vai comentar em relação ao texto de 1915:

“É isto que nos diz Freud. Peguem o texto - Para o que é do objeto da pulsão, que bem se saiba que ele não tem, falando propriamente, nenhuma importância. Ele é totalmente indiferente”. (p. 159)

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ Lacan, J. - “O Seminário, Livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

¹⁰¹ Idem.

É a partir do discurso freudiano sobre a nenhuma importância dada ao objeto da pulsão, que Lacan apresenta a função de “objeto a”, causa de desejo, como função que indica o lugar do objeto na satisfação da pulsão: “a pulsão o contorna”. Contornar, devendo ser tomado aqui, de acordo com a ressalva lacaniana, com a ambigüidade que lhe dá a língua portuguesa: ao mesmo tempo *turn*, borda em torno do qual se dá a volta, e *trick*, volta de uma escamoteação. (p. 160)

A abordagem lacaniana vai recortar no pensamento freudiano de 1915 a estrutura de borda, na medida em que a fonte é que a inscreve na economia da pulsão. Estas bordas traduzem a função do erotismo articulada à função da realidade, pois é no erotismo que, de acordo com Lacan, “o objeto sexual desliza pela encosta da realidade”.

O que fica ressaltado, assim, no texto de 1915¹⁰², após tudo haver sido englobado em 1914 na discussão da energia sexual, é que a pulsão apenas representa de forma parcial a sexualidade dos sujeitos. A preocupação freudiana sobre as ancoragens possíveis da pulsão, ou seja, seus destinos errantes, é que eles implicam o plano do vai-e-vem em que a pulsão se estrutura, quer dizer, a circularidade de seu percurso conforme o exibicionismo-voyeurismo e o sadomasoquismo. Há um retorno em circuito, que, segundo Lacan¹⁰³, é um trajeto que contorna o inapreensível objeto faltante, causa de desejo. Freud assinala justo o fato de ela ser parcial, porque seu alvo é este retorno em circuito.

Esta ambigüidade do “dar a volta” tem na pulsão escópica uma referência na função do olhar.

“O que se olha é aquilo que não se pode ver. Se graças à introdução do outro, a estrutura da pulsão aparece, ela só se completa verdadeiramente em sua forma invertida, em sua forma

¹⁰² Freud, S. - “Pulsiones y destinos de pulsión” (1915) (“Triebe und Tribschicksale”), A.E., Vol. XIV.

¹⁰³ Lacan, J. - “O Seminário, Livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

de retorno, que é a verdadeira pulsão ativa. No exibicionismo, o que é visado pelo sujeito é o que se realiza no outro. A visada verdadeira do desejo, é o outro, enquanto que forçado, para além de sua implicação em cena. Não é apenas a vítima que está envolvida no exibicionismo, é a vítima enquanto referida a algum outro que a olha”(p. 173)

Lacan sublinha que a violência aí implicada designa o retorno, a inserção no próprio corpo, do começo e do fim da pulsão. Enfim, a dor entra em jogo no sujeito através do outro; o que entra efetivamente neste jogo é a ação do outro.

Inferimos, assim, sobre o texto freudiano de 1915, sobre as pulsões, que o choque pulsional indica que o campo do impacto concebe as pulsões amalgamadas, parciais e ambíguas, instaladas no limite do que Lacan sublinha como “a captura pelo rosto velado que é o da sexualidade”. O *Real-Ich* é o plano do sujeito onde uma outra realidade, além do princípio do prazer, vai intervir, pois o objeto é aí sem rosto e sem imagem.

Este horror é o trauma propriamente dito, enquanto desordem, ausência de forma, experiência originária referida à idéia de corpo fragmentado, pois o indomável fluxo contínuo pulsional não tem ancoragem em um campo de objetividade ou em um campo representacional. O *Real Ich* tem aí sua articulação com a *Real Angst* como intensidade cujo efeito é de desamparo e de ausência de recursos. É justo a articulação do *Ich* com o real que nos refere a uma duplicidade própria de uma fronteira, que indica um *Real Ich* próprio de um campo de intensidades, sem imagem e sem objeto e um *Real Ich* que se pode representar do outro lado da fronteira metamorfoseado em eu-prazer. Esta bifurcação do *Real Ich* afirma o descompasso entre aquilo que não se inscreve e o que pode ser inscrito.

Além disso, a pulsão é atividade que imprime um impacto constante e que se faz representar psiquicamente como idéia e como afeto. Estes

representantes pulsionais (*Vorstellung e Affekt*) apresentam vicissitudes diferentes, pois o representante ideativo é entendido por Freud como relativo às imagens, enquanto que o representante afetivo se refere às intensidades, e mantém, como vimos, seu lugar paradoxal no pensamento freudiano.

Em resumo, Freud, em relação aos quatro destinos apontados em 1915, vai-se debruçar especialmente sobre os dois primeiros, reversão ao seu oposto e retorno em direção ao próprio eu, deixando o recalçamento e a sublimação apenas indicados.

Diante do primeiro destino, o que vale ressaltar é a idéia de *circularidade pulsional* que vai permitir a inversão do sentido no seu oposto. Freud enfatiza que esta inversão pode-se dar em relação ao objetivo e ao conteúdo.

Sobre o objetivo ele apresenta a expressão da *circularidade pulsional* em termos de atividade e passividade e traz, como já mencionamos, os pares de opostos sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo como exemplares. A ênfase na circularidade ativo-passivo vai corresponder também ao segundo destino no sentido de uma mudança de objeto, pois a alternância nas polaridades implica em dizer um retorno em direção ao eu, ou ainda, o eu no lugar do outro.

Desse modo, vamos enfatizar mais uma vez que a circularidade impõe a idéia de não esgotamento da satisfação em nenhum dos pólos e, portanto, esta coexistência na diferença ativo-passiva torna relevante a idéia de ambivalência pulsional, além do que indica a impossibilidade de a pulsão ser satisfeita plenamente. O impossível da plenitude afirma o estatuto de parcialidade da pulsão, assim como seu eterno retorno em circuito aliado ao fato de a pulsão ser um impacto constante.

Neste sentido, a idéia de um impacto contínuo não dominável leva o pensamento freudiano a construir a pulsão como exigência de trabalho ao

psiquismo, ou seja, exigência de segmentar, criar descontinuidades que permitam certas organizações a este “fluxo” imperturbável. Esta criação de descontinuidades diz respeito à ação do campo simbólico que impõe uma violência simbólica e erótica, para que haja transformação do contínuo em descontínuo. Assim, esta violência implica uma sujeição a uma lei simbólica que define a separação dos corpos: nenhum corpo completa o outro, revelação experimentada traumáticamente.

Esta referência ao traumático surge através dos efeitos das diversas formas de apresentação de desamparo e nestes efeitos a potência da pulsão vai constituir novos alvos de satisfação e encontrar esquemas de estabilização. O que sempre entra em jogo no desamparo é a experiência angustiante de falta de recursos que se torna motor para a transformação da força contínua em descontínua, pois exige um trabalho ao psiquismo, o que permite a entrada da pulsão na ordem do tempo e a constituição de uma história estratificada e descontínua para o sujeito.

Desse modo, a experiência angustiante de falta de recursos diz respeito, no encaminhamento que estamos dando a este estudo, à prioridade teórica concedida por Freud à parcialidade da pulsão e à angústia do real, na medida em que ela testemunha uma privação originária. Esta privação, entendida como metáfora da falta que engendra as origens do sujeito, remete para a experiência de perda da plenitude da satisfação pulsional, o que constitui o sujeito e o desejo. É esta experiência de privação que rearticula a marcagem, a impressão da falta de plenitude em sua radicalidade, pois se refere à ausência de elaboração possível desta perda, indicando um vazio de sentido. A angústia, enquanto afeto-testemunha de uma privação originária, não se liga a nenhuma representação de objeto e expressa uma tensão permanente associada à exigência pulsional.

Vamos prosseguir, então, associando nosso argumento sobre a indizível angústia, enquanto representante de um sofrimento psíquico que não se pode expulsar e cujo efeito é o desamparo diante da privação (que é a falta real de um objeto simbólico), à pulsão escópica, pelo fato de esta associação permitir desdobramentos importantes sobre a fenda que esvazia toda e qualquer plenitude, fenda constitutiva da subjetividade. Vejamos, assim, a esquizo do olho e do olhar.

Freud, em 1915¹⁰⁴, apresenta uma seqüência sobre o par olhar-ser olhado, colocando inicialmente a função do olhar como uma atividade dirigida a um outro estranho; num segundo momento, o objeto é abandonado e há um retorno da pulsão escópica para o próprio corpo do sujeito, o que implica na tomada da direção de “ser olhado” e, portanto, a transformação em passividade; e, finalmente, um terceiro momento que introduz um novo agente que implica o fato de “ser olhado” por outro, o exibicionismo.

Desta seqüência, Freud vai ressaltar, em relação à pulsão escópica, o fato de sua atividade introduzir inicialmente o auto-erotismo, ou seja, o objeto é parte do próprio “corpo” do sujeito. Freud comenta o seguinte:

“Essa fase preliminar é interessante porque constitui a fonte de ambas as situações representadas no par de opostos resultante, uma ou outra dependendo do elemento modificado na situação original”(p. 151)

Vale ressaltar o ponto de vista freudiano sobre um tempo preliminar da pulsão escópica que se torna pano-de-fundo para a ambivalência pulsional “olhar-ser olhado”, e que, em 1915, não tem correspondência com o outro par de opostos: sadismo-masoquismo. Só em 1924¹⁰⁵ Freud apresentará o masoquismo originário como “pano-de-fundo” para uma erótica do seu pensamento. Em 1915,

¹⁰⁴ Freud, S. - “Pulsiones y destinos de pulsión” (1915) (“Triebe und Tribschicksale”), A.E., Vol. XIV.

¹⁰⁵ Freud, S. - “El problema económico del masoquismo” (1924) (“Das ökonomische Problem des Masochismus”), A.E., Vol. XIX.

é sobre a pulsão escópica que o discurso freudiano afirma uma fase preliminar auto-erótica coexistindo lado a lado com a forma ambivalente ativa e passiva.

Vamos neste ponto nos remeter mais uma vez, ao *Seminário 11*¹⁰⁶, onde Lacan permite uma abordagem ampliada da leitura freudiana sobre a pulsão escópica e que trará subsídios ao nosso estudo para a discussão sobre o registro da percepção de uma “realidade” que garante, de acordo com Freud em 1925¹⁰⁷, “a realidade do representado”.

Lacan parte do despertar do sonho de angústia para indicar um “núcleo” da ordem do real, onde ele vai afirmar que a identidade de percepção é a sua regra. Freud havia apontado para a indizível angústia do real, desde 1900¹⁰⁸, no sonho do pai onde o filho morto diz: “pai não vês que estou queimando”. Há nesta chamada o encontro com um lugar fronteira, onde o que é falhado é experimentado em termos de desamparo. Fica indicado o despertar como expressão angustiante de o efeito-surpresa, de uma moção sem sentido, trazer a impressão da dor de uma ausência e de uma impossibilidade.

Nesta passagem, a pulsão associada a *Real Angst* indica o valor da experiência-fronteira, que assinala os limites da realidade psíquica. Este lugar fronteira é por onde a pulsão é apresentada como conceito-fronteira de dupla dimensão: de irrepresentabilidade e de representabilidade. Além disso, os sons deste lugar-fronteira advêm da indizível angústia e são sempre convocados quando a ordem da experiência psíquica é impactada pela desordem dos efeitos-surpresa do susto (*Schreck*) diante da impossibilidade de antecipação de sentido. Assim, a desordem decorrente do transbordamento de um excesso pulsional produz uma experiência de ameaça de morte. Estes efeitos-surpresa introduzem um dos nossos argumentos a favor do registro estético em psicanálise, pois

¹⁰⁶ Lacan, J. - “O Seminário, Livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

¹⁰⁷ Freud, S. - “La negación” (1925) (“Die Verneinung”), A.E., Vol. XIX.

¹⁰⁸ Freud, S. - “La interpretación de los sueños” (1900) (“Die Traumdeutung”), A.E., Vol IV e V.

trazem, como já afirmamos, um campo de choque pulsional como campo de intensidades que faz emergir a dimensão de verdade da angústia do real como testemunha de uma perda radical originária. O despertar do sonho exemplar, acima citado, apresenta esta experiência limite, que se repete.

É Freud¹⁰⁹ que vai sublinhar esta repetição que insiste no sujeito em relação ao eterno retorno do traumático, e que sublinhamos nesta tese como princípio da estética: a estranheza inquietante. É neste ponto que o campo da percepção e a função do olhar, conforme Lacan no Seminário 11 vão apresentar o fundamentalmente estético da experiência analítica: o entre visível e invisível no para além da fenomenologia do visual.

Sobre isto comenta Lacan¹¹⁰:

“Esses Visível e o Invisível podem nos indicar o momento de chegada da tradição filosófica - essa tradição que começa em Platão com a promoção da idéia, da qual podemos dizer que, por um ponto de partida tomado num mundo estético, ela se determina por um fim dado ao ser como soberano, bem atingido assim uma beleza que é também seu limite”(p.73)

Sobre este comentário Lacan ressalta o passo seguinte, que é para além da fenomenologia do visual, e o que se trata de discernir é a pré-existência de um olhar.

“... eu só vejo de um ponto, mas em minha existência sou olhado de toda parte”(p. 73)

Mais adiante diz:

“O olho e o olhar, esta é para nós a esquizo na qual se manifesta a pulsão ao nível do campo escópico”(p. 74)

Trata-se, assim, de interrogar a função deste olhar que designa aquilo de que o sujeito tem que tomar posse: dar corpo simbólico ao impacto

¹⁰⁹ Freud, S. - “Lo ominoso” (1919) (“Das Unheimliche”), A.E., Vol. XVII.

¹¹⁰ Lacan, J. - “O Seminário, Livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

pulsional, o que implica dizer não recobrir o real, pois o simbólico é insuficiente e o que resta é do registro da pulsão de morte.

Vamos aqui retomar à função do olhar, que, como vimos em Freud no texto das pulsões, é aquela situada ao lado do sado-masiquismo porque supõe o desejo do Outro, e a experiência do inconsciente e da repetição. Ou seja, no “Isso olha” nos remetemos ao “Isso mostra” o deslizamento do sujeito face ao reencontro e ao encontro sempre faltoso, e que nos indica o traumático. Ao desvelar o que não se pode ver, o olhar expressa, em relação à castração, a falta fundante do sujeito, expressão evanescente que revela e oculta a um só tempo o plano não especular, o para além da aparência.

Este encontro de um simbólico-imaginário com um real dilacerante está implicado no pensamento freudiano a partir da parcialidade da pulsão e da fragmentação presente na realidade do auto-erotismo. Como veremos no próximo capítulo, algo precisa operar entre auto-erotismo e narcisismo para que o corpo se eroginize e faça UM.

Assim, é que, a partir do discurso freudiano, Lacan enfatiza o mascaramento da função da falta, que é invisível, que está na imagem afetada pela perda do olhar, e que é apreendida na função do olhar, na medida em que “o olhar olha o olhar perdido”. É nessa esquizo do olho e do olhar que demonstra o fundamento do sujeito em um jogo de brilho e de negritude, de presença e de ausência e que, mais adiante no nosso estudo, referiremos ao estatuto do “objeto a”.

Vale aqui ressaltar a pulsão escópica e a distinção entre olho e olhar como ponto articulador da falta na imagem, que possibilitará afirmar o princípio *Unheimliche* do registro estético, no sentido de o olhar se apresentar na forma de “uma estranha contingência”, melhor dizendo, na forma do estranhamento diante

da falta constitutiva do sujeito e que Lacan coloca como a pre-existência do olhar ao visto, opondo desta forma o sujeito da consciência ao sujeito da psicanálise.

O sujeito da psicanálise é colocado, desde Freud, diante da função do desconhecimento daquilo que está no mais além da aparência, daquilo que o "ser" não vê e que o cega. A pulsão escópica, com sua função do olhar, torna explícito o olhar imaginado no campo do Outro, colocando o "ser" como desejante que, ao invocar o olhar do outro semelhante, introduz o jogo com o Outro.

Vamos prosseguir, então, valorizando o argumento lacaniano de que a aparência é absolutamente solidária da verdade, no sentido de que todo discurso se dá na aparência, além do que ressaltamos que é na queda da imagem que o sujeito emerge colocando em jogo o não realizado, o tropeço que remete ao real traumático e que repete o encontro falhado no para além da aparência.

Neste sentido, o que estamos colocando em questão é a constituição do sujeito e a correlativa formação do eu a partir do contexto da pulsão e da indizível angústia. Assim é que, em relação ao texto de 1915¹¹¹, Freud enfatiza os dois primeiros destinos da pulsão referidos há um movimento violento, onde uma alteridade radical se faz presente desde o plano originário, assim como uma ambivalência referida à atividade e à passividade, e referida também, aos jogos de dor e prazer. É pelo princípio de alteridade que há um arbitrário de violência, onde um corpo advém como corpo erótico pelo assujeitamento a uma experiência prazerosa e dolorosa. Este corpo erótico indica uma erótica no pensamento freudiano, no sentido da fecundidade de um erotismo sempre a renascer de uma dialética com o dilaceramento real, na medida em que a pulsão não apreende o objeto, apenas o circunscreve e, portanto, a não satisfação e o estatuto de parcialidade da pulsão mostram que este corpo-fonte de prazer e de dor se

¹¹¹ Freud, S. - "Pulsiones y destinos de pulsión" (1915) ("Triebe und Tribschicksale"), A.E., Vol. XIV.

percebe sempre frágil, mal sustentado e submetido à ação da alteridade, porém à qual pode responder, pelo destino da sublimação, de forma expressiva em uma pluralidade de objetos que se “dão a ver”.

Neste sentido, enfatizamos o eterno retorno do traumático que permanece no psiquismo e se faz presente como o lugar da emoção, lugar fronteira, de uma indizível impressão, sempre em busca de expressão.

Em resumo, a partir do campo do Outro, locus do inconsciente, e do recalque originário, é que o corpo se erogeiniza e através desta erogeinização, as marcas são fixadas. A fixação das marcas depende das imagens perceptivas da forma e da transmissão de um código de relação entre estas marcas. A pulsão, então, se transforma parcialmente em marcas que são investidas. A fixação da força pulsional é o tecido dos traços mnêmicos, que são os precipitados deste trajeto pelo Outro do simbólico.

Desse modo, nos referimos ao recalque originário (*Urverdrängung*) que, como designa Freud, é o momento da fixação da pulsão no campo da representação e a inscrição (*Niederschrift*) da representação no inconsciente. A partir do recalque forma-se o eu, como efeito de imagem de totalidade e constituído por uma colagem identificatória. Quando Freud afirma em 1914¹¹² que “o eu é antes de tudo corporal”, ele quer-se referir ao trajeto da pulsão no plano do eu, no sentido de que quando ela se fixa, ela se transforma em uma organização, em um sistema de equivalência simbólica que se superpõe ao plano do auto-erotismo.

Em resumo, para Freud, o conceito de pulsão e seus destinos é que tornam consistente no plano constitutivo do sujeito os impasses da dimensão desejante do sujeito, cuja verdade é sempre parcial porque vestida pela dimensão imaginária e ilusória e que, quando despida, sempre em um instante evanescente,

¹¹² Freud, S. - “Introducción del narcisismo” (1914) (“Zur Einführung des Narzissmus”), A.E., Vol. XIV.

faz surgir uma outra dimensão, a do campo das intensidades, que se apresenta sob a forma de intensa angústia.

O movimento psíquico implicado na experiência da angústia apresenta uma vacilação do sujeito e demanda um passo além da angústia. Sobre isto Freud apresenta ainda no texto de *Pulsões e seus destinos*¹¹³, três polaridades que, segundo ele, regem a vida psíquica:

“Sujeito (eu) - objeto (mundo externo),

Prazer - Desprazer, e

Ativo - Passivo” (p.155)

A primeira polaridade se caracteriza por uma satisfação auto-erótica, sendo o mundo externo indiferente à finalidade de satisfação. É neste ponto que Freud apresenta a noção de eu-realidade originário, um *Real-Ich* originário, em anterioridade lógica ao *Lust-Ich*, para só depois falar do eu-realidade definitivo.

Isto quer dizer que o eu-realidade originário faz fronteira com o eu unificado da unidade narcísica, pois ele se refere ao campo do impacto pulsional, que Lacan no Seminário 7 vai apresentar como o “real derradeiro da organização psíquica”(p.128), no sentido de uma suposição indispensável ao *Lust-Ich*.

Freud sublinha a oposição “eu/mundo externo” definindo-a como satisfação auto-erótica versus indiferença pelo mundo. Este primeiro plano, chamado de real por Freud, situa-se na economia de choque das pulsões, que, posteriormente, em relação à segunda teoria pulsional, será situada na obra freudiana em termos do amálgama pulsional entre Eros e Thanatos. Neste sentido, o plano constitutivo do sujeito se desdobra a partir da dimensão da intensidade pulsional, que advém de um registro econômico do impacto originário das pulsões. Justo por isto, o eu-realidade originário se situa em um além do princípio do prazer, ou seja, em uma indiferença sobre o eixo prazer-

¹¹³ Freud, S. - “Pulsiones y destinos de pulsión” (1915) (“Triebe und Tribschicksale”), A.E., Vol. XIV.

desprazer. O eu-realidade originário é, assim, de acordo com nossa leitura do discurso freudiano, o representante de um campo perceptual, de um real para além do princípio prazer-desprazer, e se constitui como registro fundamental das impressões, como “fiança” (*Bürgschaft*) que garantirá, de acordo com o texto *A Negativa*¹¹⁴, a realidade do representado.

É justo o eu-realidade originário que, no plano do sujeito, imprime o estatuto do objeto enquanto o de vazio determinante, pois aí ainda não houve resposta prazerosa ou dolorosa que é a própria resposta fantasmática que o sujeito dá à questão sobre o desejo do Outro. É esta dimensão do circuito pulsional, no que diz respeito ao eu-realidade originário, que traz à tona o registro da estética referido ao choque pulsional, no para além do especular. O eu-realidade originário representa, assim, no plano econômico freudiano um “sólido critério objetivo” para a distinção do dentro e do fora, e torna-se, neste estudo, um conceito importante para a problematização da estética e da ética, porque vai subsidiar de forma consistente a idéia lacaniana de uma exterioridade - íntima, perfeitamente estranha ao eu.

Assim, a segunda polaridade prazer-desprazer corresponde ao fato de o *Lust-Ich*, o eu-prazer purificado, introjetar o “bom” e expulsar o “mau” e o estranho, por imposição do princípio do prazer. Sómente a terceira polaridade implica na transformação de objetivo com o par de opostos atividade-passividade e na transformação do amar-ser-amado, acentuando assim, a questão da ambivalência pulsional.

Vale ainda ressaltar que o eu do prazer purificado e o eu-realidade definitivo de 1915 já haviam sido apresentados por Freud em seu artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico em 1911*¹¹⁵

¹¹⁴ Freud, S. - “La negación” (1925) (“Die Verneinung”), A.E., Vol. XIX.

¹¹⁵ Freud, S. - “Formulación sobre los dos principios del acaecer psíquico” (1911) (“Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens”), A.E., Vol. XII.

como *Lust-Ich*, eu-prazer regido pelo princípio do prazer e *Real-Ich* eu-realidade regido pelo princípio de realidade.

Em resumo, o trajeto da pulsão no plano constitutivo do sujeito implica em dizer sobre um campo perceptual onde as impressões angustiantes mobilizam o psiquismo e é o campo simbólico aquele que vai funcionar como um sistema de interpretações. O trabalho psíquico é incessante na medida em que a satisfação é parcial e que há um movimento permanente de construção e desconstrução dos significados. É o quarto destino pulsional, a sublimação, que vai sustentar no pensamento freudiano a plasticidade das pulsões em relação àquilo que trata da transformação do alvo e do objeto. Ou seja, uma determinada satisfação pulsional pode ser substituída por uma "outra satisfação".

A sublimação, ao longo da obra freudiana, vai-se constituir no destino pulsional cuja especificidade é a de, através dos seus efeitos, criar formas consistentes de apresentação do vazio de objeto as quais, enquanto produtos da cultura, permitem a entrada da pulsão na história.

Lacan¹¹⁶ amplia a concepção freudiana da sublimação ao apresentar a formulação de que, através deste destino, "o objeto é elevado à dignidade da Coisa". Isto quer dizer que o conceito de sublimação se articula em torno de *Das Ding*, enquanto objeto indeterminado e inatingível, irreduzível ao objeto do desejo e, portanto, o efeito sublimatório traz a possibilidade de enlaçar os sujeitos desejantes na medida em que abre a dimensão de um desejo em suspensão, sem nenhum objeto designado. Ou seja, os objetos produzidos são capazes de produzir nos outros o mesmo estado de desejo experimentado pelo criador, porque algo referido a *Das Ding* subsiste na obra criada. Retornaremos à questão da sublimação ao longo da produção deste trabalho.

¹¹⁶ Lacan, J. - "Le Séminaire, Livre VII, L'éthique de la psychanalyse", Éditions du Seuil, Paris, 1986.

3.3. Para além do prazer: o irrepresentável

Em 1920, Freud escreve "*Além do Princípio do Prazer*"¹¹⁷ e torna o conceito de *Trieb* bem mais complexo.

Em "*Pulsões e seu destinos*"¹¹⁸ vimos que a característica da pulsão é ser força constante (*Konstantkraft*). Esta força constante que insiste e persiste em busca da satisfação levou Freud já em 1919, no texto "*O Estranho*"¹¹⁹ (*Das Unheimliche*), a formular o conceito da compulsão à repetição. A repetição compulsiva do doloroso é reconhecida por Freud como um dado irrecusável da experiência analítica. Neste sentido a compulsão à repetição colocou em questão a predominância do princípio do prazer. Neste caminho da reflexão freudiana o princípio de constância, apresentado como fundamento econômico do princípio do prazer, passa a ser relativizado e torna-se apenas uma modificação do princípio de Nirvana, considerado fundamental para Freud.

O princípio de Nirvana é enunciado por Freud em 1920 como uma tendência radical para levar a excitação ao nível zero, lembrando o princípio de inércia apresentado no "*Projeto de uma Psicologia*"¹²⁰, 1895. Freud jamais retomará esta expressão em textos metapsicológicos posteriores. No entanto, o interesse de Freud na noção de princípio de inércia é o de relevar o sentido dos princípios econômicos fundamentais que regulam o funcionamento do aparelho psíquico. Vale ressaltar também a idéia de uma tendência para evitar qualquer fonte de excitação, idéia que reaparece nos anos 20 na sugestão de uma profunda ligação entre o prazer e o aniquilamento que o termo "Nirvana" indica. Esta ligação prazer-aniquilamento sugere, no pensamento freudiano, a expressão da ação da pulsão de morte através de uma erótica fundante, como eco do

¹¹⁷ Freud, S. - "Mas allá del principio de placer" (1920) ("Jenseits des Lustprinzips"), A.E., Vol. XVIII.

¹¹⁸ Freud, S. - "Pulsiones y destinos de pulsión" (1915) ("Triebe und Tribschicksale"), A.E., Vol. XIV.

¹¹⁹ Freud, S. - "Lo ominoso" (1919) ("Das Unheimliche"), A.E., Vol. XVII.

¹²⁰ Freud, S. - "Proyecto de Psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie"), A.E., Vol. I.

originário, retorno eterno do plano traumático e tormentoso da constituição do sujeito. É a experiência do transbordamento pulsional, experiência traumática de um excesso insistente e contínuo que diz sobre a contínua insistência da pulsão e sobre a problemática do não domínio da força pulsional. O psiquismo tenta proporcionar diferentes destinos para a pulsão na busca de domínio desta força contínua já que para a pulsão, originalmente, o único destino possível é a descarga total. É nesta medida que Freud encontra uma correspondência no termo "Nirvana" com a pulsão de morte.

Desse modo se coloca a questão da segunda tópica freudiana interpretada no sentido de o inconsciente ser uma estrutura aberta, uma ordem simbólica que não recobre o real traumático e que descentraliza radicalmente o eu. Acentua-se, neste momento do pensamento freudiano, com a segunda teoria pulsional, a pulsão como irreduzível ao campo das representações, ficando a pulsão de morte como reduto indomável da pulsão.

A pulsão de morte é então apresentada por Freud como aquela que representa "a tendência fundamental de todo o ser vivo para retornar ao estado inorgânico". Freud é radical na conceitualização da pulsão de morte, pois ele revê a partir desta formulação toda a rede conceitual da psicanálise. Para começar, o princípio do prazer é destronado enquanto único princípio regulador do inconsciente. A partir de 1920 surge um outro princípio, o da compulsão à repetição, ao lado do princípio do prazer. Este princípio associa repetição ao inconsciente como forma de ação.

O ato de por e repor o movimento é apresentado por Freud no jogo do *fort/da*, como exemplar da lógica da exclusão. Este jogo da criança mostra o passar da não-mediação e o ingressar na mediação, o que quer dizer o acesso à palavra e à constituição simbólica. A partir do jogo de ausência-presença surge o movimento que permite situar a experiência e significá-la como uma ação

criadora que nega a natureza e constitui o mundo humano. A negatividade implicada no campo das representações é o modo pelo qual a pulsão de morte se presentifica . Por não poder escapar à angústia do real o jogo se vincula à pulsão de morte e é pela repetição do jogo simbólico que a criança significa o mundo e a si mesma.

No artigo "*O Estranho*"¹²¹ Freud trata da repetição em relação ao não-familiar. O fenômeno de estranheza indica o percurso de uma subjetividade onde ocorre a vivência angustiante da impressão da ausência-presença do objeto. Isto indica que na nascente do sujeito está a alteridade e assim o familiar (*Heimliche*) é o estranho (*Unheimliche*), o não familiar. Este ponto toca na questão da formação do eu e da constituição do sujeito que retomaremos no capítulo sobre narcisismo.

Em "*Para Além do Princípio do Prazer*"¹²² a compulsão à repetição implica o funcionamento pulsional em "um eterno retorno", como algo mais primitivo que o princípio do prazer. Há um retorno a um ponto de partida. Ou seja, sempre há algo referido à perda primordial que diz respeito a um ponto de origem, que faz repetir. É neste sentido que "o retorno ao inorgânico" em Freud não tem fundamento natural, já que a pulsão não é natural. O retorno fala de uma intensidade que força a descarga radical da pulsão e cria rupturas. Estas rupturas são produzidas pela ação da pulsão de morte. É a repetição de um silêncio, de uma ausência, de um universo vazio que está na origem do sujeito. O que se rompe é a ilusão de unidade.

A formulação da segunda teoria pulsional - pulsão de morte e pulsão de vida - implica a introdução do caráter radical da pulsão e a apresentação, através do conceito de repetição do que resta de inassimilável ao campo das representações. Na tentativa de reencontro do perdido está imbricado o desejo

¹²¹ Freud, S. - "Lo ominoso" (1919) ("Das Unheimliche"), A.E., Vol. XVII.

¹²² Freud, S. - "Mas allá del principio de placer" (1920) ("Jenseits des Lustprinzips"), A.E., Vol. XVIII.

como expressão de Eros e Thanatos. Nesta idéia está a noção de amálgama pulsional. Esta fusão coloca em jogo o movimento disruptor da pulsão de morte e o movimento unificador da pulsão de vida, de forma amalgamada. Ou seja, o erotismo relacionado à pulsão de vida está fusionado com a ação da pulsão de morte, o que quer dizer que o movimento pulsional que caracteriza a sexualidade humana traz a força da destrutiva pulsão de morte.

A qualidade morte escolhida por Freud em oposição à qualidade vida vai remeter à idéia de uma alteridade radical. Esta ausência de sentido, irrepresentável, é que vai qualificar "de morte" um dos pólos da pulsão.

Assim, a pulsão de morte pode ser traduzida como força constante disruptora, moção sem sentido, cujo correlato, o desamparo, tem como efeito-afeto a angústia, angústia como ruído do real, como manifestação de uma verdade indizível. Este ruído remete ao objeto como "pura perda" que é também potência de satisfazer.

Vamos fundamentar nosso argumento em *Além do Princípio do Prazer*¹²³ através da brincadeira da criança com o carretel. É o jogo do *fort/da*, enquanto oposição de fonemas com ritmo ('o' / 'a'), que simboliza, no texto de 1920, o aparecimento e desaparecimento da mãe. Freud, através do vínculo destas duas sílabas (*fort/da*), apresenta a repetição da perda e do surgimento do objeto de desejo como aquilo que engendra o tecido do gozo. Este tecido é feito de dor e prazer, pois se refere ao evento traumático, o que implica na compulsão de um eterno retorno ao além do princípio do prazer. Neste sentido, o gozo é paradoxal e contraditório, pois ele satisfaz os dois princípios, o do prazer e o da repetição dolorosa, ao mesmo tempo que liga o erotismo da pulsão de vida à destrutividade da pulsão de morte.

¹²³ Idem.

É a teoria lacaniana que, de acordo com Freud, vai apresentar o gozo sexual submetido às leis dos sistemas simbólicos, demonstrando que o símbolo do gozo sexual, o falo, deixa entrar uma rede de sentido, onde a relação com o objeto de desejo está marcada por uma falta constitutiva, estrutural. O gozo é, portanto, para a psicanálise, uma noção complexa, que encontra um rigor conceitual quando se estabelece a junção da linguagem com o desejo. Este vínculo funda um hiato, irredutivelmente marcado pela falta e o significante desse hiato é o falo. Sobre isto, Lacan¹²⁴ vai marcar uma diferença entre o referencial fálico e um gozo do Outro, que faz "ex-sistir" o lugar central, em sua função de referência. Esta hiância referida ao gozo está no cerne do pensamento freudiano, situado como o recalçamento originário, núcleo do que chamamos de *simbolização primordial*. A partir do recalçamento originário e da idéia do inconsciente como processo constantemente ativo é que podemos valorizar a associação da repetição ao inconsciente, no texto de 1920, pois ele apresenta o movimento que assegura o saber da repetição, que significa um "outro saber", que faz retornar elementos que podem ocupar o lugar de novas inscrições no psiquismo.

Assim a segunda teoria pulsional apresenta a pulsão de morte como parcela de atividade implicada na busca de um gozo excluído, como busca repetitiva de um lugar de silêncio, expressa na suposição freudiana do "estado de repouso absoluto", como ponto de encontro do prazer e do aniquilamento.

É em oposição à pulsão de morte que Freud introduz a pulsão de vida, Eros, como princípio de ligação, cujo alvo é instituir unidades cada vez maiores. Eros é a pulsão sexual por excelência enquanto Thanatos é a força "primária demoníaca" e pulsional por excelência.

¹²⁴ Lacan, J. - "Subversion du Sujet et Dialectique du Désir", In: *Écrits*, Paris, Éditions du Seuil, 1957.

A pulsão de morte é o irrepresentável no pensamento freudiano, o indomável que insiste em apresentar a dimensão da pulsão como não - simbolizável, indicando a ausência absoluta de sentido. Diante de sua presentificação pelos efeitos de ruptura no campo representacional, Eros, o outro polo pulsional, em sua função de ligar, se apresenta como condição de possibilidade de transformar ruptura em movimento erótico criativo, através do trabalho de simbolização.

3.4. Por uma erótica no pensamento psicanalítico.

No quarto capítulo do trabalho "*O Ego e o Id*"¹²⁵ Freud apresenta sua idéia de vida como determinada pelo conflito e pela conciliação de duas tendências pulsionais do sujeito: as pulsões de vida e as pulsões de morte.

Freud se preocupa em afirmar que a fusão pulsional se realiza de forma extensiva e que para fim de descarga (alvo pulsional) a pulsão de destruição ou de morte é habitualmente colocada a serviço de Eros. Podemos inicialmente inferir uma intensificação do erotismo como efeito desta "descarga".

Freud vai, então, indagar as vinculações que podem ser traçadas entre as estruturas - Id, Ego e Superego¹²⁶ - e as duas classes pulsionais e pergunta ainda sobre a relação do prazer com tudo isto. Assim é que a partir de um debate sobre a polaridade amor-ódio Freud afirma o seguinte:

"No caso da origem da homossexualidade, e também dos sentimentos sociais dessexualizados, a investigação analítica apenas recentemente nos ensinou a reconhecer que estão presentes sentimentos violentos de rivalidade que levam a

¹²⁵ Freud, S. - "El yo y el ello" (1923) ("Das Ich und das Es"), A.E., Vol. XIX.

¹²⁶ Adotamos em português: Isso, Eu e Supereu

inclinações agressivas, sendo que, apenas após estes terem sido superados, o objeto anteriormente odiado se torna amado ou dá origem a uma identificação" (p. 59)

Freud vai completar dizendo que por razões econômicas a atitude hostil é substituída por outra erótica, onde há possibilidades de descarga. Ou seja, não há transformação de ódio em amor, há uma solução econômica, que mantém a razão qualitativamente distinta entre as duas classes de pulsão e que na nossa leitura introduz uma erótica no pensamento freudiano.

Apresenta a energia deslocável como uma suposição energética que dá conta logicamente de algo pulsional capaz de ser adicionado tanto a um impulso erótico quanto destrutivo, que são qualitativamente diferentes, e que aumentaria a energia pulsional total. Além de deslocável é energia sem qualidade de morte ou de vida e, portanto, o que vale sublinhar é a deslocabilidade da energia pulsional, ou seja, Freud assinala o caráter de movimentação não importando a qualidade morte ou vida e sim a capacidade plástica da pulsão.

Continuamos seguindo Freud:

"Sem presumir a existência de uma energia deslocável deste tipo, não podemos prosseguir. A única questão é saber de onde ela provem, a que pertence e o que significa". (p.60)

E Freud continua:

"Parece ser uma concepção plausível que essa energia deslocável e neutra, que é, sem dúvida, ativa tanto no ego quanto no id, proceda do estoque narcísico de libido que ela seja Eros dessexualizado. As pulsões eróticas parecem ser em geral mais plásticas, mais facilmente desviadas e deslocadas que as pulsões destrutivas. Disso podemos facilmente passar a presumir que essa energia deslocável é empregada a serviço do princípio do prazer, para neutralizar bloqueios e facilitar a descarga. Com relação a isso, é fácil observar uma certa indiferença quanto ao caminho ao longo do qual a descarga se efetua desde que se realize de algum modo. Conhecemos este traço; é característico dos processos de catexia no id. Ele é encontrado nas catexias eróticas, onde se manifesta uma indiferença peculiar com relação aos objetos, sendo especialmente evidente nas transferências que

surgem na análise, as quais se desenvolvem de modo inevitável, independentemente das pessoas que são seu objeto." (p. 60, o grifo é nosso).

Freud nesta passagem fala de neutralização de bloqueios, de facilitação de descarga e de indiferença quanto ao caminho ao longo do qual a descarga se efetua e, também, de independência em relação ao objeto. Freud enfatiza o "paraíso do movimento", a característica fundamental do "ser" da pulsão que é a atividade, ou seja, por em movimento seus representantes.

Ao enfatizar Eros dessexualizado e a indiferença em relação aos objetos, o que Freud aponta é o abandono de um aprisionamento imaginário aos objetos substitutos, ou seja, há o abandono de uma finalidade imaginária, há a destituição de uma paixão narcísica do eu enquanto objeto da pulsão por conta dos "tropeços" no real. Portanto, um "não" é colocado enquanto limite *Unheimliche* na meta de um eu fascinado pelo seu lugar de objeto. O eu é baseado em sua busca identificatória com a imagem ideal, o que representa que este "não" é igual a uma injúria narcísica convocada com tal intensidade que se torna igual à ameaça de morte psíquica trazendo o estranhamento radical de um eu o que implica na presentificação da pulsão de morte. Isto remete ainda a uma passagem pelas fronteiras da realidade psíquica, onde a angústia do real se associa ao *Real Ich*, convocando emoção e movimento, que causam exigência ao psiquismo na produção do campo do simbólico.

O destino pulsional da sublimação é exemplar em relação à questão do movimento: na sublimação, em oposição à paralisação e à fixação pulsional, temos a movimentação e a plasticidade da pulsão que segundo Freud são efeitos de uma dessexualização que é mediada pelo eu e que é específica do destino sublimatório. Esta idéia de dessexualização é acompanhada de uma outra que como já mencionamos, é a de destituição narcísica. Logo o Eu não assume as características do objeto para tentar compensar a perda do Isso, se dizendo

semelhante ao objeto e se oferecendo como objeto de paixão ao Isso. Ocorre um outro processo na sublimação, um outro destino, que entendemos implica em uma alteração na leitura freudiana da sua segunda tópica, no sentido de ampliar a importância do conceito de sublimação enquanto uma categoria erótica, no sentido de ela proporcionar uma “outra satisfação”, fruto da articulação deste destino pulsional com a pulsão de morte.

Há um trajeto para além do princípio do prazer que está em questão, na medida em que o tal “prazer dessexualizado” na sublimação inclui a coincidência de objetivos eróticos - que não são um fim em si, mas efeitos que se desprendem de qualquer aprisionamento narcísico e, portanto, objetivos eróticos que emergem no “a posteriori” das rupturas produzidas pela ação da pulsão de morte. Esta ação rompe a fixação do eu com seus objetivos narcísicos apresentando o campo do erotismo para além do narcisismo, porque campo - efeito da possibilidade disruptora da pulsão de morte, que vai implicar a reordenação do campo psíquico. Justo por isto, os efeitos sublimatórios explicitam a criação de novos laços sociais a partir de uma categoria erótica.

Vale ressaltar o que entendemos, então, a partir da sublimação articulada à pulsão de morte, sobre a afirmativa freudiana no texto de 1923¹²⁷, que por razões econômicas a atitude hostil é substituída por outra erótica. Como vimos, a idéia de uma erótica se associa à mobilidade pulsional e à capacidade plástica da pulsão no destino da sublimação.

Há, na concepção de sublimação, como diz Rajchman¹²⁸, “a promessa de uma nova erótica”, na medida em que nela está implicada o desejo imperioso, que vamos valorizar no nosso estudo como um imperativo erótico, que adquire neste destino pulsional uma aceitação “pública” a partir de uma transformação do alvo e do objeto da pulsão e da articulação com outro

¹²⁷ Freud, S. - “El yo y el ello” (1923) (“Das Ich und das Es”), A.E., Vol. XIX.

¹²⁸ Rajchman, J. - “Erotique de la vérité - Foucault, Lacan, et la question de l'éthique”, PUF, Paris, 1994.

imperativo: simbólico. Isso significa, de acordo com Rajchman, que o público da sublimação não se coloca em relação ao público do caráter comunitário, pois a sublimação não elimina o destino de uma história singular, ela não vai reunir os sujeitos em torno de um ideal comum. Ela é justamente o espaço público que inclui o singular através da pluralidade de efeitos criativos produzidos a partir deste destino pulsional.

Lacan¹²⁹ vai enfatizar, no *Seminário 7*, que a criação através dos efeitos sublimatórios é “reencontrar essa Coisa que não se estava procurando”. Somos surpreendidos por reencontrar algo referido ao perdido, ao que há de mais *Unheimliche* em nosso desejo. É aquilo, que, como vimos na função do olhar apresentada no *Seminário 11*¹³⁰ supõe a falta, pois é o olhar como “objeto a”, que põe em cena os significantes e que, portanto, constitui o campo escópico.

Se, por um lado, o “objeto a” não tem imagem especular, por outro lado sua função no fantasma do campo escópico é sustentar o desejo. O que se “dá-a-ver” é um efeito de sentido, que, como já mencionamos, põe em jogo o inconsciente naquilo que ele é da ordem do não-realizado, do traumático e que remete à indizível angústia e à presentificação da pulsão de morte.

Assim, a sublimação funda uma erótica que se articula com a estrutura trágica do desejo, como nos é revelado nos efeitos sublimatórios. Esta revelação ocorre quando Eros preside à ordenação das intensidades e permite a ultrapassagem dos limites já estabelecidos, porque sua ação plástica decorre do amálgama com a ação da pulsão de morte, potência criadora de rupturas. De acordo com Freud¹³¹, sabemos que a silenciosa pulsão de morte só se expressa ruidosamente através de Eros, expressão que, no destino da sublimação, se apresenta pela mobilização psíquica, que rompe fixações desordenando o já

¹²⁹ Lacan, J. - “Le Séminaire, Livre VII, L’Étiologie de la psychanalyse” Éditions du Seuil, Paris, 1986.

¹³⁰ Lacan, J. - “O Seminário, Livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

¹³¹ Freud, S. - “Mas allá del principio de placer” (1920) (“Jenseits des Lustprinzips”), A.E., Vol. XVIII.

ordenado, e reordenando o psiquismo através de novas formas de apresentação que ocupam o lugar da Coisa, produzindo estados de desejos que “elevam os objetos à dignidade da Coisa”.

Para ilustrar nossa apresentação da categoria erótica, buscamos subsídios na terminologia grega sobre Eros e Psiquê. De acordo com Brandão¹³², Eros é o amor personificado, que em grego significa “o desejo dos sentidos”, e Psiquê é, por sua vez, a alma personificada, que significa na língua grega tanto “sopro” quanto “princípio vital”. Do enlace “Eros-Psiquê” nasce uma menina chamada “Volúpia”. Sobre a extensão desse “amor-consumação”, em que Eros, buscando Psiquê, descobre que é a própria Psiquê transfigurada em Amor, Brandão¹³³ lembra o poema de Fernando Pessoa¹³⁴ “Eros e Psiquê”. Aqui, no nosso estudo, vale a pena transcrever o poema, como ilustração daquilo que começamos a apresentar como uma erótica-estética, a partir da sublimação, e que indica o desvelamento e o ocultamento a um só tempo da morte transfigurada em vida.

*“Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um infante, que viria
De além do muro da estrada.*

*Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.*

*A Princesa adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.*

¹³² Brandão, J. - “Mitologia Grega”, Editora Vozes, Rio de Janeiro 1987, Vol. II.

¹³³ Idem.

¹³⁴ Pessoa, F. - “Poesias”, Editora Ática, Lisboa, 1958.

*Longe o infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.*

*Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.*

*E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.*

*E, ainda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A princesa que dormia”.*

3.5. Mal-estar e pulsão

Vamos prosseguir, então, com o discurso freudiano de 1929¹³⁵ com considerações sobre o "sentimento oceânico" no sentido de "designar como uma sensação de "eternidade" um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras: oceânico, por assim dizer" (p. 81). Diz que: "isso equivale a dizer que se trata do sentimento de um vínculo indissolúvel, de ser uno com o mundo externo como um todo". E ainda comenta Grabbe¹³⁶: "Sim, não podemos pular fora deste mundo. Estamos nele de uma vez por todas" (p. 82) ("*Ja, aus der Welt werden wir nicht fallen. Wir sind einmal darin*").

¹³⁵ Freud, S. - "El malestar en la cultura" (1929) ("Das Unbehagen in der Kultur"), A.E., Vol. XXI.

¹³⁶ Christian Dietrich Grabbe - poeta.

Em busca de uma explicação psicanalítica para este sentimento Freud chega a discutir a dialética entre as estruturas Eu e Isso. Embora o Eu se apresente unitariamente distinto de tudo o mais, trata-se apenas de uma aparência enganadora, pois o Eu serve de fachada ao Isso, o que se torna particularmente óbvio, por exemplo, no auge do sentimento de enamoramento, onde a linha de fronteira do Eu torna-se completamente incerta, pois a pretensão é de que "eu e tu" sejam um só.

Birman¹³⁷ afirma que "a paixão é a condensação dramática de um conjunto de posições identificatórias do sujeito que cabe decifrar em sua multiplicidade". De acordo com este pensamento entendemos a experiência passional como aquela marcada pelo narcisismo que tende a suturar qualquer quebra de unidade e a mascarar o eu diante de seu destino frágil: efeito de uma imagem.

A dinâmica da paixão remete à experiência fundante do eu, enquanto eu-ideal, que adquire sua imagem de totalização confirmada e realizada através do olhar de reconhecimento do outro. Esta alienação do eu em referência ao outro marca sua eterna pretensão de imortalidade, seu fascínio diante de uma posição de domínio e de uma sensação de eternidade.

Este sentimento de vínculo indissolúvel do qual nos fala Freud¹³⁸ remete então a este fenômeno sobre à origem de formação do eu e à preservação de um estado mental primitivo, onde eu e o mundo permanecem indiferenciados.

"Originalmente o eu inclui tudo, posteriormente separa de si mesmo um mundo externo. Nosso presente sentimento do eu não passa, portanto, de apenas um mirrado resíduo de um sentimento muito mais inclusivo - na verdade totalmente abrangente - que corresponde a um vínculo mais íntimo entre o eu e mundo que o cerca. Supondo que há muitas pessoas em cuja vida mental esse sentimento primário do eu persistiu em maior ou menor grau, ele

¹³⁷ Birman, J. - "Ensaio de teoria psicanalítica", Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.

¹³⁸ Freud, S. - "El malestar en la cultura" (1929) ("Das Unbehagen in der Kultur"), A.E., Vol. XXI.

existiria nelas ao lado do sentimento do eu mais estrito e mais nitidamente demarcado da maturidade, como uma espécie de correspondente seu. Nesse caso, o conteúdo ideacional a ele apropriado seria exatamente o de ilimitabilidade e o de um vínculo com o universo - as mesmas idéias com que meu amigo elucidou o sentimento oceânico" (p.86).

Neste ponto importa para este estudo falar do caminho obrigatório da pulsão no plano do eu. O eu é antes de mais nada corporal, no sentido da transformação da pulsão, o que para Freud é feito por uma nova ação psíquica. Narcisismo primário é este narcisismo substantivo que implica no momento de investimento da constituição do eu e da unificação do corpo.

Desse modo, esta nova ação psíquica introduz, na dispersão anárquica do auto-erotismo, a assunção de uma imagem unificada. Justo o estatuto da imagem é apaixonante porque designa uma existência que se desconhece enquanto imagem. É assim que a imagem se oferece como pacificadora, querendo ignorar a falta de ser.

No pensamento freudiano a paixão vai-se inserir no plano do eu em uma tentativa de colocar o outro no lugar da certeza da realização de sua imagem ideal para, então, incorporá-la, ou ainda, devorá-la. Com isso, o fascínio passional implica em uma outra face que é a do aniquilamento do outro pelos limites insuportáveis impostos pela alteridade ao narcisismo originário. É a identificação simbólica que faz função através da instauração do narcisismo secundário e da instância do ideal do eu, pois é o simbólico que inscreve a função da falta.

Vimos que Freud, em 1915¹³⁹, fala de um eu-realidade originário como um conceito colocado no plano da estrutura que ressalta a articulação trauma, pulsão e linguagem, na medida em que remete ao campo do impacto pulsional como um princípio de diferença.

¹³⁹ Freud, S. - "Pulsiones y destinos de pulsión" (1915) ("Triebe und Tribschicksale"), A.E., Vol. XIV.

Ainda neste artigo, o segundo momento do eu é o eu do prazer/desprazer, onde o eu é identificado como o agradável em oposição ao desagradável. Na "*Denegação*"¹⁴⁰, em 1925, Freud utiliza a diferença entre eu-prazer e eu-realidade ainda na perspectiva da constituição da oposição eu-mundo. Embora a expressão eu-realidade originário não seja retomada, Freud mantém a idéia:

"Na origem, a existência da representação é uma garantia da realidade do representado". (p. 298).

Vamos neste ponto discutir o conceito de *Real Ich* conforme apresentado em 1915, no texto sobre as pulsões, e rearticulado em 1925, no texto *Die Verneinung*¹⁴¹.

No ato da fundação do sujeito há uma divisão primordial. O sujeito se constitui na sua afirmação *Bejahung* por uma exclusão radical *Ausstossung aus dem Ich*, uma expulsão do eu que vai constituir o excluído da ordem do simbólico. Nesta primeira divisão o percurso da pulsão no plano da estrutura vai determinar o eu-realidade originário, que testemunha a constituição do dentro/fora em termos de movimento: a expulsão e a introjeção. Ou seja, este duplo movimento implica em lançar fora o não assimilável da primeira inserção. É a pré-condição de uma topologia subjetiva que antecede a estrutura da fantasia, mas que sinaliza e imprime o movimento da fundação do traço a partir do campo do Outro do simbólico. Precipita-se uma marca de inscrição onde o eu-realidade originário garante uma diferença originária em um campo de julgamento primário: "em mim / fora de mim", que se desdobra em atribuição de prazer/desprazer.

¹⁴⁰ Freud, S. - "La negación" (1925) ("Die Verneinung"), A.E., Vol. XIX.

¹⁴¹ Idem.

Sobre esta estrutura fundante se opera o mecanismo do juízo que vai inaugurar toda a articulação possível ao real excluído, pois a ausência desta "Coisa" excluída é marcada pela estranheza inquietante. O que é fundamental nesta tese que pretende apresentar a estética em psicanálise é justo o contexto deste *Unheimliche*, enquanto um resto que insiste em não se inscrever, mas que é impressão que se expressa audível no discurso do sujeito, porque se refere à realidade originária da constituição do desejo.

Há um resto da operação de inscrição que é opaco ao mundo das representações mas que, como efeito-surpresa, se deixa ver e se reveste de qualidade.

Sobre o eu-prazer originário Freud¹⁴² comenta:

"O eu-prazer originário... deseja introjetar em si tudo o que é bom e rejeitar para fora de si tudo o que é mau. Para ele, o mau, o estranho ao eu, o que se acha fora, são antes de mais nada idênticos". (p. 297)

O critério aqui é o do prazer/desprazer.

O *Lust - Ich* torna efetiva a atribuição de qualidade: bom e mau, o que quer dizer que há uma operação lógica que organiza o recobrimento da fenda através do recurso imaginário de suturar a divisão fundada pela operação de inscrição. Dessa forma, tudo o que é bom faz parte do *Lust - Ich* e o que mau é rejeitado como estranho ao eu¹⁴³.

Sob a égide do prazer, o juízo é limitado, pois admite no eu uma coisa apenas em função de sua qualidade.

O *Real Ich* na sua última versão como eu - realidade definitivo opera um segundo juízo, o de existência. Este eu - realidade definitivo barra a confusão

¹⁴² Idem.

¹⁴³ Veremos no capítulo sobre a "Estética" como o Belo, entendido como aquilo que se recorta "fora de mim", e, portanto, próximo e estranho ao *Lust - Ich*, vai selar a impossibilidade do discurso para apreender a Coisa. Em um "instante de resplandecência" o belo imprime a relação do sujeito com a morte. Neste sentido, o belo se associa à produção de um efeito-surpresa, onde não há formação imaginária que dê conta da irrupção do real.

entre objeto investido e objeto ausente pois o juízo como existência não encontra o objeto - "*finden*" - mas busca reencontrá-lo - *Wiederzufinden*. Funda-se aí o lugar do inconsciente como inscrição da diferença e estrutura aberta. Ou seja, é a inclusão da ausência que provê a garantia do representado, a materialidade do campo das representações, como lugar do funcionamento psíquico.

Porém, como estamos afirmando insistentemente nesta tese, toda operação simbólica deixa um resto. Só a segunda teoria pulsional é que vai permitir pensarmos a articulação do campo das representações, do *Real Ich* com a teoria da angústia.

É a descoberta da pulsão de morte, em 1920, associada à segunda teoria da angústia, através do conceito de *Real Angst*, angústia do real, que vai permitir que um resto não inscrito, uma exterioridade, seja sempre indicado de forma *Unheimliche*, trazendo os ruídos de um lugar perdido.

É através do destino da sublimação que vamos articular o caminho da pulsão no plano da estrutura, que vai do eu-realidade originário, passa pelo eu-prazer e se desdobra no eu-realidade definitivo, como aquele que constitui a possibilidade de estabelecer uma mediação entre a experiência do trauma, a formação do eu e seu correlato, a constituição do sujeito.

No texto de 1929¹⁴⁴ o trajeto pulsional da sublimação é retomado quando Freud aborda o tema central deste artigo, que é o conflito entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização.

Neste sentido Freud coloca o problema do mal-estar ligado ao fato de ser a entrada na ordem do simbólico, a qual impõe renúncias e obriga o desejo insaciável e imperioso, que pulsa constantemente, a saber esperar e a romper seu apego pulsional a certos objetos, chegando a transformar o alvo pulsional, colocando em jogo o circuito sublimatório. Há um trânsito de um mundo

¹⁴⁴ Freud, S. - "El malestar en la cultura" (1929) ("Das Unbehagen in der Kultur"), A.E., Vol. XXI.

primitivo envolto em um desejo imperioso, regido por um prazer radical, para um mundo legalizado, dirigido por um prazer/realidade.

Assim é que em 1929 Freud está preocupado na inclusão do trabalho psíquico pelo simbólico e preocupado com o motor deste trabalho psíquico que está na dimensão da força pulsional, associada à *Real Angst* e ao *Real Ich* o que retoma a questão da origem, da simbolização "primordial".

Se o sentimento oceânico faz remontar a uma fase primitiva do eu, Freud quer dizer que se trata da questão do desamparo. Desamparo como correlato da pulsão, pulsão como moção sem sentido

É no "*Mal-Estar*"¹⁴⁵ que Freud associa a prematuração do ser humano com a formação do eu. A formação do eu, como foi visto, inclui na sua origem um forte sentimento de desamparo de natureza inconsciente, que é o tal "momento" onde o sujeito se valeu do Outro do simbólico como suporte, marca permanente, de sua falta de recursos. É a teoria freudiana que vai dizer que o eu-ideal, onde nos imaginamos onipotentes e auto-suficientes, é apenas uma formação necessária.

Sobre a nossa insuficiência diante do domínio da experiência traumática e sobre o estado de desamparo Freud comenta no capítulo III:

"Quando consideramos o quanto fomos mal sucedidos exatamente no campo da prevenção do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também aqui é possível fazer, por trás deste fato, uma parcela de natureza inconquistável - desta vez uma parcela de nossa própria constituição psíquica".

E continua:

"Quando começamos a considerar essa possibilidade, deparamo-nos com um argumento tão espantoso, que temos de nos deturpar nele: esse argumento sustenta que o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se o abandonássemos e retornássemos às condições primitivas". (p. 105)

¹⁴⁵ Idem.

Freud parte para essa discussão econômica sobre a felicidade, na medida em que para ele "a felicidade é algo essencialmente subjetivo" (p. 108). Freud se diz impressionado pela semelhança existente entre o processo cultural e o processo libidinal do indivíduo. Aponta para o deslocamento das condições da satisfação pulsional - o destino pulsional que visa outros caminhos para a satisfação, que não é o caminho da satisfação sexual, é o destino pulsional da sublimação, que, como apresentamos, funda uma erótica.

"A sublimação da pulsão constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores: científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada... é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia à pulsão, o quanto ela pressupõe exatamente a não satisfação de pulsões poderosas... Não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação uma pulsão. Não se faz isso impunemente. Se a perda não for economicamente compensada, pode-se ficar certo de que sérios distúrbios decorrerão disso". (p. 118)

Falando sobre a função do amor no capítulo IV Freud associa o erotismo a alterações de grande alcance na vida psíquica como o desvio dos objetivos sexuais e a transformação da pulsão em um impulso com finalidade inibida. Nesta função do amor destaca-se a idéia de uma troca de objeto; o amor não se destina a um objetivo específico e à satisfação na completude, mas sim, destina-se à humanidade. O amor à humanidade implica na não especificação do objeto, ele simplesmente não importa enquanto objeto de satisfação; o que está em jogo é uma destituição de qualquer retorno narcísico que mantenha a promessa de completude. Esta função do amor não encontra subsídios no amor narcísico, é sim uma outra coisa. No entanto, originalmente esta função acima descrita do amor mantém sua fonte sensual.

"O amor com uma finalidade inibida foi de fato, originalmente, amor plenamente sensual, e ainda o é no inconsciente do homem. Ambos - o amor plenamente sensual e o amor inibido em sua finalidade - estendem-se exteriormente à família e criam vínculos com pessoas anteriormente estranhas". (p. 123)

No capítulo V Freud apresenta Eros revelando o "âmago do seu ser" no intuito de, mais de um, fazer um único. Tarefa impossível e impossibilidade esta facilmente observável, como já mencionamos, através da idéia de um casal de amantes se bastando a si mesmo. No clímax de um relacionamento amoroso, onde se impõe um desinteresse por qualquer outra questão, a finalidade erótica aparece mais como uma paralisação, uma inércia, do que como uma movimentação em busca de aquisições cada vez mais amplas. O que ocorre neste ponto em que Eros "recusa-se a ir além"?

O que parece estar em jogo nesta paralisação erótica é a função da idealização - o apego a objetos imaginários - que é narcísica como processo psíquico que promove o enriquecimento da instância ideal: o eu ideal. Além disso é a idéia de uma pulsão de morte com o objetivo de dissolver a unidade erótica que mostra no pensamento freudiano uma função disruptora não erótica, porém, que paradoxalmente, só se expressa amalgamada a Eros.

Vamos buscar argumentos com o texto de 1925, *Die Verneinung*¹⁴⁶ onde a negação na linguagem se coloca no plano do eu porque o inconsciente tem uma lógica que carece de "não", exclui a contradição. Isto coloca o problema do Eu estar referido à estrutura do inconsciente. Toda negação, na ordem do discurso intelectual ou do discurso afetivo, seja o *Nein* da *Verneinung* ou o *Un* do *Unheimliche*, vai-se expressar portanto no Eu. É neste sentido que, de acordo com Lacan, toda linguagem máscara a morte e o que estamos problematizando através da categoria erótica-estética é a queda da máscara através da idéia que será apresentada, de "lapso de imagem", queda no plano do

¹⁴⁶ Freud, S. - "La negación" (1925) ("Die Verneinung"), A.E., Vol. XIX.

Real Ich associado ao violento movimento da *Real Angst*, que introduz o não-familiar, o "*Unheimliche*".

Neste sentido, diante do pressuposto da pulsão de morte, a constituição do sujeito e a formação do eu são uma conquista e uma produção, porque trazem a ação concorrente das duas pulsões, sendo o mal-estar a ligação erótica da pulsão pela ordem simbólica, ligação com estatuto de parcialidade porque o conflito é constitutivo e permanente e com som inquietante.

Assim, o mal-estar é constitutivo do sujeito já que o exercício da liberdade subjetiva leva a um exercício de tensões e de conflitos, além do que a questão da felicidade deixa de ser um ideal para Freud e torna-se um problema da economia pulsional. Desse modo não há felicidade na cultura, há sim cultura que impõe um mal-estar permanente. E já que não há sujeito do desejo sem cultura é a teoria das pulsões em Freud que vem marcar um sujeito que não é redutível a nenhuma concepção de indivíduo representado pelo eu, pois é um sujeito necessariamente construído por marcas pulsionais mediatizadas pela ordem simbólica.

Além disso, é a segunda tópica e a segunda teoria pulsional com os conceitos de Isso e de pulsão de morte que evidenciam o valor da dimensão estrutural aliada à dimensão econômica da metapsicologia freudiana colocando limites, aliás impostos a partir da própria experiência da clínica psicanalítica, limites a qualquer leitura do discurso freudiano que se pretenda hegemônica.

3.6. Pulsão e linguagem

É através do percurso pulsional, onde os elementos da pulsão estão implicados, que podemos explicitar a articulação pulsão e linguagem.

A atividade pulsional impossibilitada de atingir a plena satisfação, abre uma fenda na relação com o objeto, porque apenas o contorna, e nesta volta em torno do objeto transforma-se num traço - representante da ordem da linguagem. A força pulsional parte de uma fonte somática e tem como destino diversas ancoragens e transformações, sem, no entanto, esgotar-se.

Apresentamos anteriormente os destinos da pulsão em uma ordem lógica, onde os dois primeiros - reversão da pulsão a seu oposto e retorno da pulsão em direção ao eu - dizem respeito à pré-história de uma subjetividade - o recalque ao momento constitutivo da subjetividade e a sublimação à inserção da pulsão na história e no tempo.

Freud vai mostrar, em 1915¹⁴⁷, que os dois primeiros destinos expressam a “ambivalência” porque a transformação, por reversão da atividade para a passividade, e, por um retorno em direção ao eu, nunca implica a suposição de uma única direção. As direções das transformações circulam em mão dupla, o que quer dizer que coexistem lado a lado. Isto é, falam sobre uma estrutura binária, onde um termo pressupõe o outro sem eliminá-lo.

Estes dois primeiros destinos apresentam o caráter de reversão e de retorno, como aqueles que fundam a ordem da linguagem. Em resumo, essas reversões implicam em o Eu se tornar objeto para o Isso e em o sujeito se fundar como clivado. O eu, enquanto objeto, tem este estatuto como o de qualquer outro objeto, pois neste momento fundante de constituição do campo do simbólico estabelece-se a cisão primária (*Ichspaltung*), que equivale a uma injúria narcísica

¹⁴⁷ Freud, S. - “Pulsiones y destinos de pulsión” (1915) (“Triebe und Tribschicksale”), A.E., Vol. XIV.

de tal intensidade que é semelhante a uma ameaça de morte psíquica, experiência radical que convoca a pulsão de morte. Aí constitui-se a dialética primária entre Eros e Thanatos, onde a angústia é testemunha da dimensão de verdade deste ato simbólico inaugural da realidade psíquica.

Neste sentido, a circularidade ativo e passivo faz com que surja uma pulsionalidade reflexiva onde o sujeito clivado é sujeito e objeto de reflexão dele próprio. Ou seja, esta ação que retorna transforma-se em corpo erógeno onde a dor é impressa, demonstrando que a estrutura básica de qualquer produção da subjetividade é masoquista, porque pressupõe a sustentação de uma tensão, experimentada como dor angustiante. Este retorno pulsional marca no psiquismo a impressão angustiante - posição masoquista - ao mesmo tempo que liga a pulsão à ordem da representação mediante a reversão de atividade em passividade, o que representa a operação de sujeição à ordem simbólica. Uma sujeição que se expressa ativamente mediante o mecanismo de identificação simbólica, onde a desordem pulsional é parcialmente dominada e organizada em um código de representação. Esta organização vai permitir que o "corpo" desamparado primordialmente, esteja ancorado em um "corpo" representacional. Porém, vale lembrar que este desamparo jamais é superado.

Desse modo, o excesso pulsional, o resto transbordante, vai-se impor sobre a capacidade de simbolização do aparelho psíquico através do fator de repetição, que Freud apresenta como fonte de estranheza e como aquilo que evoca o efeito de desamparo.

O transbordamento pulsional é uma forma de ultrapassagem do registro da representabilidade e é irreduzível ao campo da simbolização. Dessa forma, o excesso implicado na compulsão à repetição indica fenômenos que nunca foram inscritos e é precisamente a "não - inscrição" a responsável pelo caráter repetitivo.

A estrutura psíquica passa então a conceber, além da ordem da inscrição, impressões sem sentido que não se encontram inseridas no espaço psíquico da circulação de significados. São impressões que não passaram por uma codificação da linguagem. É dessa forma que o Isso, enquanto polo pulsional e lugar psíquico, ultrapassa o registro ordenado do inconsciente, permitindo a inclusão na realidade psíquica das impressões angustiantes dos “vazios de inscrição”, ou seja daquilo que se encontra marcado como trauma e ainda não foi inscrito. E o que não é inscrito na ordem do simbólico permite o confusãoamento do imaginário com o real, tal qual Freud vai-nos falar na experiência da estranheza inquietante.

Em resumo, Freud apresenta na sua obra notadamente como vimos no texto da *Verneinung*¹⁴⁸ uma concepção do aparelho psíquico fundado na linguagem, porém ressaltamos que a linguagem, como demonstram a posição masoquista da subjetividade e o afeto angústia, não tem seu papel reduzido à função da palavra no pensamento freudiano. Ou seja, entre a perturbação de um campo de intensidades e a formalização verbal intercala-se uma série de mensagens endereçadas a um destinatário, conforme Freud desde o “Projeto”. É neste ponto que a expressão estética vai conferir, como veremos mais adiante, um sentido “no estado nascente” e que representa a ancoragem da significação na emoção. Não se trata de falar de fenômenos de sensibilidade mas sim do lugar-fronteira da emoção, do campo do impacto pulsional e de seu valor afetivo. Vamos assim apresentar o contexto da estranheza inquietante como algo que é “garantia”, tal qual Freud apresenta o eu-realidade originário, de uma verdade suportada pela estrutura trágica do desejo, contexto que privilegia a dimensão estética e erótica do amálgama pulsional.

¹⁴⁸ Freud, S. - “La negación” (1925) (“Die Verneinung”), A.E., Vol. XIX.

De acordo com Rudge¹⁴⁹, a linguagem na construção teórica freudiana, assume desde o início o lugar de condição das representações.

Vimos no trajeto da pulsão no eu, enfocando o plano constitutivo do psiquismo no artigo da *Verneinung*¹⁵⁰, como é através da linguagem articulada nas funções dos dois juízos que o pulsional, estruturalmente o Isso, é incluído na esfera do eu. Naquele desdobramento constitutivo do sujeito fica claro como a linguagem é condição da ligação e do funcionamento em processo secundário através do valor do esquema de alteridade apresentado por Freud, especialmente na segunda tópica.

Em relação ao processo secundário, é no destino da sublimação que a linguagem vai funcionar enquanto um produto social no seio da coletividade. Isso supõe a sublimação para além do destino do recalque, no sentido de efeitos de enlaçamento social advindos de um “sucesso” da inscrição pulsional, “sucesso” representado pelos efeitos da inserção da pulsão na história e no tempo através de sua capacidade plástica e através de uma processo criativo entendido como a produção de novas inscrições, que no trajeto da pulsão no eu significa criar formas de apresentação estéticas, como produtos do trabalho psíquico.

Estas “apresentações” (*Darstellungen*) remetem a um processo resultante de organizações de signos mais primitivas, algo que se dá diretamente à percepção como uma experiência atual, processo semelhante aos sonhos. Ou seja, pretendemos demonstrar que os efeitos estéticos produzidos na sublimação da pulsão incluem uma linguagem primeira e fronteira com a indizível angústia, que associada ao *Real Ich* vai permitir a decifração do pensamento freudiano sobre a sublimação enquanto destino que traz todo um remanejamento da economia psíquica, que inclui uma erótica.

¹⁴⁹ Rudge, A. M. - “Pulsão: Linguagem e Ato”, Tese de Doutorado, PUC/RJ, 1994.

¹⁵⁰ Freud, S. - “La negación” (1925) (“Die Verneinung”), A.E., Vol. XIX.

Além disso, vale ressaltar que é em o “Eu e o Isso”¹⁵¹ que Freud vai ainda marcar uma indagação sobre o registro da sublimação no sentido de que o caminho universal à sublimação se efetuará através da mediação do eu.

Passaremos a abordar esta consideração freudiana sobre a sublimação no traço de negatividade que este destino revela e que só pode se colocar no plano do eu.

É o “não” que lança o sujeito na ordem da diferença da linguagem. Quando o paciente de Freud¹⁵² diz: “Não é minha mãe”, entendemos que esta frase conjuga a lei e o desejo. Enquanto o desejo incestuoso afirma “é minha mãe”, a lei que interdita diz um “não”, radical que instaura a ordem da linguagem. O segundo “não” da *Verneinung* aponta a dupla negação que afirma o desejo recalçado que só será apontado de forma denegada. Dessa maneira, surge o papel concedido à negação como suspensão do recalque *Aufhebung*, pois o recalque vem proibir um dos lados do par opositivo “SIM e NÃO” e obrigar a escolha. Por outro lado, a dupla negação característica da *Verneinung* mantém o recalque e o suspende, pois a dupla negação corresponde a uma afirmação, o que quer dizer que os dois lados “SIM e NÃO” coexistem.

Esta dupla negação também encontramos no *Un* do *Unheimliche* onde a experiência da estranheza inquietante inclui a denegação do outro (eu igual a não não eu) que leva a uma vivência de manchamento e de con-fusão eu/outro. Esta experiência se refere a um campo primário de julgamento, campo operativo que funda o julgamento de atribuição, onde o mau e o estranho são expulsos do eu.

O texto de 1919¹⁵³, “*Das Unheimliche*”, remete ao interesse pelo arcaico e pelo fundamento da linguagem porque marca no valor da negatividade

¹⁵¹ Freud, S. - “El yo y el ello” (1923) (“Das Ich und Das Es”), A.E., Vol. XIX.

¹⁵² Freud, S. - “La negación” (1925) (“Die Verneinung”), A.E., Vol. XIX.

¹⁵³ Freud, S. - “Lo ominoso” (1919) (“Das Unheimliche”), A.E., Vol. XVII.

da partícula *Un* uma diferença de nível no sujeito, diferença esta que tem estatuto lógico e que se impõe por uma necessidade estrutural da linguagem.

Desse modo, vamos traçar um paralelo entre o operador estrutural da denegação e o que vamos chamar de partícula de negação lingüística contida no *Un - Heimliche*, que também se refere à negação como suspensão do recalque e nos remete à oposição inclusiva e à lógica da exclusão, lógica do tudo ou nada.

O “não” da *Verneinung* é, como diz Freud, um “certificado de origem” pois há uma suspensão do recalque através do julgamento de atribuição, que seria então o substituto intelectual do recalque. O *Un* da negação lingüística se aproxima deste operador estrutural porque também traz a presença do inverso da coisa designada, quer dizer traz a presentificação da ambigüidade, revelando um plano afetivo angustiante, onde há ausência de palavra. A experiência da estranheza inquietante indica algo de uma subjetivação primordial, de uma linguagem arcaica, linguagem pulsional referida ao Outro do simbólico e que traz a proximidade de um vazio não preenchível que se revela com a marca de uma radical estranheza.

Esta marca porta uma negatividade pois ela coloca a contradição daquilo que é a afirmação: *Heimliche*. Neste sentido é linguagem-ato afetivo, pois designa a coisa não-dizível, tão familiar quanto estranha e que experimentamos como impressão fundante.

O campo primário de julgamento, ao qual nos referimos, é o campo que tem uma anterioridade lógica em relação ao juízo de atribuição, porque nos remete ao movimento da fundação do traço a partir do campo do simbólico, onde se precipita uma marca de inscrição, a do corpo pulsional afetado pela alteridade radical. Assim, a indizível angústia que acompanha a estranheza inquietante evoca o mais familiar dos lugares - o corpo materno - que se torna estranho, pois suscita a proximidade da realização de um desejo imperioso. Esta proximidade

familiar e estranha faz, ao mesmo tempo, coexistir a sedução de uma onipotência imaginária e o horror de uma alteridade tão terrível que é necessário mascará-la e não olhá-la de modo algum.

Ao retomar o problema da origem, valorizamos uma violência pulsional, a experiência traumática que coloca o sujeito “à deriva” sem referência e sem imagem, marcado pela alteridade mais radical.

Sobre isto nos fala Vernant¹⁵⁴ em seu trabalho intitulado “*A morte nos olhos*” onde ele coloca a estranha figura de Baubó para esclarecer o jogo de interferência entre a face de Medusa e a imagem do sexo feminino. Baubó remete a uma imagem arcaica de mulher fálica. Ao exhibir seu sexo, Baubó faz surgir nele um rosto, é um sexo disfarçado de rosto ou um rosto em forma de sexo, que Vernant conclui como sendo “o sexo feito máscara”. Isso se liga ao poder da Medusa, cujas características são a facialidade e a monstruosidade. O que se opera em sua face é o desdobramento: aquele que olha é destituído de seu próprio olhar, invadido pelo olho que olha, por aquilo que esse olhar mobiliza e que se apodera dele. O que esse olhar espelha e reflete pressupõe a alienação diante daquilo que nos constitui: “somos o que se apossou de nós”. Nessa proximidade, se revela a linguagem pulsional, a pulsão referida ao campo do Outro do simbólico, onde se instaura um apartar-se acompanhado de um estranhamento daquilo que nos é mais familiar. Nesse sentido a face da Medusa é o estranho que representa o para além da aparência e que presentifica o irrepresentável. A insuportável representação da castração, a força irrepresentável da morte e a presença de desejos incestuosos são assim representados no mito da Medusa, no seu valor estético, tanto através de Pégaso, que sai de seu pescoço sangrento, quanto de sua língua que salta para fora da boca como um sexo masculino.

¹⁵⁴ Vernant, J. - “A morte nos olhos”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

Voltamos, assim, a partir da interpretação do mítico, a enfatizar o fundamento da dimensão do simbólico, porque, se estranhamos, é ao corpo do simbólico que nos referimos, a uma diferença marcada como negatividade e a uma ruptura que se inscreveu.

Desse modo, entendemos que a *Verneinung* e suas conseqüências, entre elas o *Unheimliche*, são a presentificação no discurso da estrutura inconsciente: estrutura que afirma e nega a um só tempo e neste sentido traz com sua operação sobre o discurso intelectual e afetivo o valor de uma linguagem semelhante à produzida nos sonhos. Porém, esta presentificação no discurso de uma lógica primária está marcada pelo signo do recalque. O *Unheimliche* explicita a clivagem pela presença do *Un* “certificado de origem” ambivalente. O encontro com a marca significante da ambigüidade do *Heimliche* é próprio de uma suspensão do recalque. O familiar que está na origem se revela no momento de unidade narcísica e se esconde, se torna invisível por trás do *Un*. Queremos dizer que a “radical ambigüidade significante” é a de que a dimensão de vida faz entrar a da morte e a única possibilidade que resta é a de comportar as duas: vida e morte. O familiar não é a angústia, mas o angustiante que gera o efeito de perigo próximo e intenso diante do horror da possibilidade de uma realização impossível, que nos permitiria pressentir que vamos conhecer o incognoscível e gozar neste lugar. A angústia é o contexto do efeito-surpresa, daquilo que não se faz anunciar, que coloca a presença do indefensável e que marcamos através do insólito efeito da estranheza inquietante. É sobre este momento paralisante em um lugar familiar onde simultaneamente coexiste o estranho, que ocorre o lançamento para além da imagem, onde as referências a um campo de imagens ficam abolidas momentaneamente. Este instante de confusão é o efeito-surpresa que nomeamos de “lapso de imagem”, onde o sujeito vive um estado de co-existência de tendências ambivalentes, que o

coloca em uma via de expressão direta para a linguagem pulsional. A isso articularemos, mais adiante, as formas de apresentação (*Darstellung*) estéticas como efeitos criativos no destino da sublimação.

Em resumo, pela *Verneinung* e pelo *Unheimliche*, à revelia de qualquer consentimento, há efeito de sujeito, produção densa de um encadeamento significante. Neste sentido, vale ressaltar que o inconsciente do lado do eu é sempre desconhecimento e é o eu que transforma em estranhos os elementos que antes foram vividos como semelhantes a ele.

Assim é que o *Unheimliche* revela o inconsciente como campo estruturado pelo desejo do Outro através do contexto da angústia - testemunha desse plano constitutivo. No “lapso de imagem” emerge o som estranhamente familiar de um real além do sujeito. Justo por isto este momento de estranheza no “lapso de imagem” está referido ao próprio fim da experiência clínica psicanalítica, na medida em que coloca em jogo a subjetivação da morte e a destituição narcísica. Há um estranho impossível de suprimir ou de expulsar e que remete ao ponto de falha na imagem a que o *Unheimliche* se presta, indicando uma estrutura aberta, “lapsada de imagem”, que vai ecoar no processo criativo, permitindo a intensificação da dinâmica pulsional e a produção de novas inscrições, novos efeitos de linguagem que levam à compreensão da importância da erótica, da estética e da ética em psicanálise.

4 - NARCISISMO: UM CONTRAPONTO

4.1. Introdução

Narcisismo introduz nesta tese a questão da estrutura e a questão da imagem. Enquanto uma estrutura, narcisismo implica em um sistema com leis próprias e uma organização. Enquanto imagem, narcisismo apresenta o Eu como efeito de imagem, ou seja, efeito de uma assunção imaginária, cuja matriz é a imagem corporal. A lei que organiza a estrutura narcísica e sobre a qual o sistema narcísico se funda é a lei da união/fusão.

De acordo com Barros¹⁵⁵, o narcisismo é uma estrutura estruturada, fechada, que dialetiza com a estrutura edípica, estrutura estruturante. Estruturante porque Édipo atribui significações à perda, pois a lei à qual a estrutura edipiana se refere é a lei da interdição, da separação.

Desse modo as possibilidades de estruturação se abrem com o interdito, ficando a estrutura narcísica como pano de fundo. Em resumo, Narciso e Édipo são duas estruturas, sendo que a estrutura narcísica tem anterioridade lógica em relação à edipiana, pois esta última carrega o desejo de recuperar o narcisismo primário. De acordo com Freud¹⁵⁶ narcisismo primário é uma posição preparada pelo desejo dos pais; é o lugar do seu narcisismo, ou ainda, é o lugar

¹⁵⁵ Barros, E. B. - "Eu Narciso, Outro Édipo", Relume - Dumará, Rio de Janeiro, 1991.

¹⁵⁶ Freud, S. - "Introducción al narcisismo" (1914) ("Zur Einführung des Narzissmus"), A.E., Vol. XIV.

do ideal dos pais, sendo, portanto, a marca de um investimento que o sujeito irá sempre carregar. Esta herança do desejo parental é constitutiva do sujeito e formadora de um eu, porque introduz a questão da alienação na origem do sujeito e o eu como "antes de tudo um eu corporal". Além disso, a imagem percebida responde às leis do Outro, o que também introduz o princípio de alteridade. Então, vemos que narcisismo se define pelo investimento do desejo do Outro e o eu é o efeito imagético deste desejo.

Quando Freud¹⁵⁷ nos diz que:

"as pulsões auto-eróticas ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo"(p. 93)

ele está justo definindo o narcisismo primário como o modo de investimento na relação com o outro que introduz a imagem de unidade. A estrutura narcísica primária é a identificação de uma unidade corporal, é uma estrutura permanente que mantém viva a aspiração de todo sujeito: a unidade, a não-separação.

Esta unidade tem o estatuto de engano e de aparência e designa a relação do sujeito com a imagem, cuja condição de miragem exige um constante reconhecimento. É esta alienação que marca o início da história de uma subjetividade a partir do campo do Outro e, portanto, marca o princípio da alteridade. Assim, o narcisismo apresenta inicialmente, uma relação dual, ou seja, uma unidade onde 2 são 1.

Em resumo, no percurso da origem mítica de uma subjetividade partimos do não-idêntico para o idêntico onde a diferenciação é zero, conceito do que não é idêntico a si mesmo e que sustenta a idéia de uma presença ausente. É um lugar vazio preenchido pela alteridade, que assim se representa como UM, o UM do corpo narcísico. Ou seja, o eu é efeito de uma imagem, sendo

¹⁵⁷ Idem.

primordialmente uma estrutura que é a imagem e a semelhança do desejo do Outro.

Esta indiferenciação primária que leva o dois a subsumir o Um implica a referência à alteridade e a busca de totalização no outro semelhante. Neste momento, a estrutura narcísica se refere a uma relação dual, que afirma o eu pretendendo ser esse outro semelhante. Eu sou o outro, logo, o outro sou Eu. Como vimos, a estranheza inquietante remete à dupla negação do outro, que afirma que o outro sou eu, portanto, marca a simultaneidade de uma afirmação e de uma negação sobre este próximo estranho.

4.2. Narcisismo e a estranheza

É na qualidade de estranheza que se inclui a idéia de um corpo desdobrado em um duplo. A questão do duplo em Freud indica um fenômeno onde uma consistência imaginária se apresenta como "o estranho anunciador da morte". Isto porque é uma experiência sensível de um domínio de uma dimensão exterior ao eu e um fenômeno sobre o funcionamento soberano de um outro.

A dimensão estranha mostra o caráter duplo do eu, pois a angústia do duplo é própria de uma identificação maciça do eu com o outro e de uma ameaça terrível de fusão do eu no outro, o que afirma o eu como formação reativa necessária.

Em relação ao duplo, no seu artigo de 1919¹⁵⁸, Freud apresenta o lugar mais familiar - a representação do desejo de um outro significativo - se

¹⁵⁸ Freud, S. - "Lo ominoso" (1919) ("Das Unheimliche"), .E., Vol. XVII.

tornando o lugar estranho. O fenômeno do duplo se liga a um lugar primitivo, coloca em jogo o mecanismo de um eu inconformado com o prenúncio de sua mortalidade, o que funciona colocando como não-idêntico o que lhe causa desprazer.

No fenômeno de estranheza, o sujeito está sob a compulsão de atribuir a seus atos psíquicos um valor absoluto e ao mesmo tempo ele se coloca diante de um desejo perdido: a condição de todo-poderoso. O fenômeno do duplo importa neste estudo pois ele apresenta a divisão estrutural e a marca significativa de duplicidade e alteridade que determina o sujeito, como marca permanente.

O que fascina na estranheza é o reconhecimento da representação estranhamente familiar daquilo de que somos feitos; é reconhecer no primado da morte sobre o sexual a representação narcísica primária. Eis a duplicidade: a força de anulação igual à força de ressurreição - a dimensão da exterioridade, o lugar perdido de onde se renasce: o eu identificado com sua imagem especular, com sua imagem perfeita, negando, na sua paixão narcísica, a divisão constituinte. E é essa a representação do desejo do Outro que nos lança no abismo da falta de "ser".

Como vimos, o contexto da estranheza nos remete ao fundamento da subjetivação e neste capítulo enfocaremos o *Unheimliche*, no que diz respeito ao plano constitutivo, à estrutura narcísica. Desse modo, a estranheza suscita o ressurgimento de um espaço primitivo, análogo à projeção do próprio corpo como é a representação do duplo que, nos diz Freud¹⁵⁹, "brota do solo do narcisismo primário", lugar duplo de paixão e terror, fascinação e repulsa.

O prenúncio da morte, próprio do fenômeno do duplo, é efeito da constituição do eu-ideal, porque é na sua formação que percebemos a dialética vida e morte, pois a afirmação de si mesmo é correlativa da negação do outro.

¹⁵⁹ Idem.

Esta cisão primária impede a fusão na relação primária com o Outro, e o que toma forma no imaginário é o eu. Ou seja, ele se constitui pela identificação com o outro, porém, permanece eternamente ameaçado pela própria alteridade. Esta imagem ambígua, além de refletir a forma humana e seu valor afetivo, mostra o duplo como a repetição do idêntico e como o que provoca o inquietante anúncio da morte.

É na estrutura narcísica que podemos interrogar sobre a função do olhar e o que ela determina. O olhar, que marca eroticamente, assim o faz porque aí, também, está o “envesgamento”, a privação: a imagem não refletida.

Como vimos, este momento de privação é condição prévia para a simbolização da lei, onde é a falta que é real. Então, o “envesgamento” do olhar não traz a lógica ternária, que é a edípica, lógica da separação, mas também não afirma a relação dual, onde o desejo materno é agente da sedução primária. O que fica indicado no “envesgamento” é a coexistência lado a lado do estranho e do familiar. Ou seja, no “envesgamento” do olhar da estrutura narcísica está indicada a ambigüidade do *Heimliche*, tal qual Freud¹⁶⁰ nos apresenta em 1919:

...”o que mais nos interessa nesse longo excerto é descobrir que entre os seus diferentes matizes de significado a palavra *Heimliche* exhibe um que é idêntico ao seu oposto, *Unheimliche*.”
(p.282)

Sobre isso, a dialética de Narciso e Eco permite uma interpretação sobre a estranheza da estrutura narcísica que se revela na repetição do duplo como eco do real inatingível, conforme apresentamos o lugar fronteira do eu-realidade originário.

A dialética de Narciso e Eco é a da morte significada pela condenação de Narciso, e da morte não significada, que transforma Eco em um

¹⁶⁰ Idem.

rochedo, inacessível, apenas repetindo os sons. Interpretaremos à interrupção desta dialética no mito de Narciso.

Eco é esta referência fundamental ao mito de Narciso¹⁶¹, essa sombra estranha que ecoa sons fragmentados porém familiares ao discurso de Narciso. Sons incompletos, que escapam e que denunciam a alteridade radical. Narciso estranha os sons, mas não se detém diante da paixão pela própria imagem. No entanto, a imagem é miragem, efeito de duplicação. Sob este efeito e tomado de paixão, Narciso imaginou dirigir-se a um outro. Narciso morre na ilusão de ter encontrado a plenitude. O engano é vivido da forma mais radical, pois o herói permanece aprisionado ao seu esplendor constituído como um duplo.

Essa busca de uma satisfação impossível fez com que Narciso não escutasse Eco: os sons partidos, os sons que repetem. Eco é som de uma fronteira não dizível no plano da palavra que representa uma linguagem balbuciada, repetida e que aponta para a estranha alteridade.

A morte de Narciso se liga a Eco, a algo para além dele, que o repete, trazendo a ambigüidade do idêntico. E é essa a natureza do amor de Narciso, indissociável da morte e da repetição e é o que caracteriza o herói trágico e a força de seu mito.

A ambigüidade do idêntico em Eco remete a algo fragmentado, repetitivo e estranho que insiste e é repellido pelo eu-ideal. Porém, é este rochedo sem som próprio que causa a condenação de Narciso de "amar um amor impossível". Este destino traz a marca de uma discórdia e de uma tragédia. Eco é o eterno retorno de um ruído fragmentado, que regressa para insistir sobre um erotismo mesclado à dor e à passividade. Eco é sombra, lugar ambivalente entre luz e trevas, pois reflete aquilo que é indissociável da imagem, e que a contorna.

¹⁶¹ Brandão, J. - "Mitologia Grega", Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1987, Vol. II.

Esta dimensão paradoxal é própria da experiência *Unheimliche*, conforme Freud¹⁶² em 1919, pois ela se caracteriza pela ausência de representação, além do que é também uma manifestação, tornando esta experiência própria do campo perceptual. É algo que se manifesta como evidência, porém da qual nada se pode dizer.

O que se revela é irredutível à imagem e se dá em um efeito relâmpago como uma ligação direta sem mediação (nem palavra, nem pensamento), onde o sujeito é lançado inadvertidamente em um lugar inesperado. Há então uma primazia das percepções e das intensidades, tornando-se a experiência *Unheimliche* um sinal de uma exterioridade fundante, pois mais uma vez nos é apresentada uma dupla polaridade, o *Heimliche*, o lugar mais desejado e familiar (a luz) se acha associado à morte (às trevas) em uma forma de entendimento secreto. Freud no seu texto mostra ressonâncias sobre esta questão ao interpretar o fantasma de ser enterrado vivo como fantasma de retorno ao ventre materno. Este horror de ser enterrado vivo traz a idéia de um aniquilamento acompanhado de uma certa "volúpia" do erotismo incestuoso. Nesta zona entre a vida e a morte algo entra em "choque" com a proibição e se transforma em terror, efeito inesperado da ultrapassagem de um limite onde o sujeito emerge de um campo perceptual, emocional e pulsional. Neste ponto queremos ressaltar, no texto freudiano de 1919,¹⁶³ aquilo que a experiência *Unheimliche* permite remeter à dimensão estética da constituição do sujeito, pois ela indica o intenso movimento onde o que há de mais familiar se revela em seu duplo aspecto: libidinal e mortífero.

¹⁶² Freud, S. - "Lo ominoso" (1919) ("Das Unheimliche"), A. E., Vol. XVII

¹⁶³ Idem.

4.3. “Das Unheimliche”

Em seu artigo “*Le Fantastique*”, Thoret¹⁶⁴ narra uma passagem *Unheimliche* da vida de Freud.

Estava ele degustando uma xícara de café com seu amigo Ferenczi em uma aprazível cafeteria, divertindo-se e trocando idéias, quando de repente Freud empalidece. Seu olhar fica petrificado diante de uma jovem senhora que atravessa o salão em direção a ele. Freud crê ser uma paciente sua que durante um tratamento com ele morreu subitamente. Ao estender a mão a Freud ela se apresenta como a irmã gêmea de sua paciente.

O susto que tomou conta de Freud não permitiu a antecipação de nenhum sentido. A irrupção do fantástico retorno da morta-viva ocorre em clima imprevisível, daquilo que nos é estranho e familiar a um só tempo. É a suspensão do juízo de existência e da prova de realidade que dominam a experiência da estranheza inquietante. As crenças infantis e o desamparo são reativados nesta experiência bizarra, que introduz emoções intensas que não se ancoram em nenhuma significação “*a priori*”.

Quem atravessa esta experiência não demora a se restabelecer de suas certezas rotineiras. É como se a “figura do duplo” após sua aparição novamente se destacasse do sujeito assustado e, ao se afastar, permitisse que o sujeito se reencontrasse mais uma vez face a si mesmo. A atenuação do perigo faz com que o sentimento de identidade se reconstitua e o sujeito aceita não ir longe demais na compreensão de certas coincidências estranhamente familiares.

A psicanálise e seu corpo conceitual permitem uma elaboração a partir deste fenômeno que acreditamos valiosa para nosso pensamento estético.

¹⁶⁴ Thoret, Yves - “*Le Fantastique*”, in “*L’Inquiétante Étrangeté*”, Centre de Recherches et d’ Études Freudiennes, Paris, 1988.

Podemos afirmar que a estranheza inquietante fascina pelo ausência de objetividade. Não é o objeto inquietante que desencadeia o fenômeno, é justo a queda do objeto diante dos próprios olhos que remete a uma experiência de indeterminação que representa, no campo do Outro, o traumático da constituição do sujeito. O lugar que testemunha este momento é o afeto angústia, “topos” de encontro com o nada, pois na experiência “*Unheimliche*” o mundo objetivo desaparece. Isto vai implicar em uma experiência subjetiva, a mais enigmática possível, onde domina a onipotência de pensamento (um desejo pode-se realizar imediatamente) ou a repetição do mesmo, que traz a impressão angustiante do retorno dos mortos.

Guérin¹⁶⁵ vai enfatizar que o “*Unheimliche*” traz a tona a dinâmica própria da alma. Ela é “*in-quiet*”. O inconsciente é o lugar do questionamento, da inquietude e determinante na produção de ficções por meio da linguagem. Neste sentido, a experiência de vacilação própria do “*Unheimliche*” e a angústia inquietante que o acompanha criam o mergulho no mundo do desconhecimento.

É a angústia enquanto representante pulsional afetivo indeterminado e sem objeto que é o motor inquietante produtor de uma ameaça anônima, impossível de suprimir. A presença de uma diferença que carece de objetividade causa um confusão entre o que é familiar e o que é estranho, porém esta revelação ameaçadora cria movimento na busca de algum reconhecimento.

Guérin enfatiza que é no lugar inquietante que nos encontramos mais perto da experiência da descoberta, podemos acrescentar: perto do ato criativo. Ele vai demonstrar isto a partir da idéia do “*Horrível*” enquanto experiência fascinante, a dança macabra, por exemplo, porque traz à tona um poder imperioso

¹⁶⁵ Guérin, M. -“Ça, c'est inquiétant”, In: *L'Inquiétante Étrangeté*, Centre de Recherches et d'Études Freudiennes, Paris, 1988.

que está na proporção da perturbação que o acompanha. Guérin¹⁶⁶ transporta seu pensamento sobre o fenômeno para a estrutura:

“O inquietante é que o Eu (*moi*) é o Isso e que o Isso sou Eu (*moi*)” (p.53)

Há um saber que se impõe sobre a exterioridade íntima da experiência “*Unheimliche*”. Isto remete o sujeito para a construção de uma ficção fantástica, onde o excesso pulsional que o invade, o deixa à deriva, sem palavra.

Partindo, então, de uma perspectiva estrutural onde o que produz a estranheza inquietante no Eu é o Isso pelo seu estatuto de ex-istência que se faz revelar, entendemos que a angústia testemunha a manifestação de uma experiência marcante, traumática, que remete à origem da constituição do sujeito.

Este tempo de origem é no pensamento freudiano um momento mítico marcado por uma diferença de nível no sujeito, diferença esta que tem o estatuto da lógica da exclusão. É tempo-testemunho da violência do erotismo do Outro, que invade e assujeita. O que invade é a experiência de um golpe cortado de significação, corte que dissolve a verdade do Eu no Outro e que traz a proximidade de um vazio de sentido. É tempo da falta fundante do campo da representação, tempo de intensa angústia diante do amálgama brutal das forças contrárias pulsionais referidas ao nada. Há Eros em Thanatos e Thanatos em Eros. Esta mistura primária pulsional é suficientemente horrível para ser imaginarizada. Porém, Freud nos permite saber que o efeito jubiloso do amálgama pulsional é a criação da bela imagem: o eu-ideal.

¹⁶⁶ Idem.

4.4. A questão da imagem

O eu se estrutura na imagem dada a partir de um Outro, e é pela intervenção deste Outro, marcado por alteridade e duplicidade, que o Eu fascinado se conduz passivamente na trilha imaginária. Nesse caminho se reconhece onde não está. No fenômeno do duplo, conforme vimos, se explicita a marca significativa de duplicidade e alteridade como a marca que jamais desaparece e que pode a qualquer momento tomar forma e ser experimentada.

Diante de uma imagem, a percepção consciente corresponde ao fato de que o Eu reconhece que ele não é a imagem percebida, sua consciência é fundamentalmente consciência da alteridade. Por outro lado, o eu desconhece que a imagem é em si mesma o elemento constitutivo, não apenas do mundo que o cerca, mas, sobretudo, de sua própria estrutura. Além de o Eu desconhecer o poder constitutivo e alienante das imagens, ele desconhece também a causa deste poder, aquilo que lhes dá força: o desejo do desejo do Outro. Desse modo, o eu só percebe um mundo-imagens sob a marca do desejo.

Esta marca representa que carregamos o Outro do simbólico, e o outro semelhante é a forma imagética do próprio corpo. Esta imagem irresistível ligada a uma forma é uma representação inconsciente que reflete um desejo duplicado, que animará permanentemente nossas paixões.

Desse modo, quando falamos de tempo originário de subjetivação, podemos através da perspectiva da imagem, dizer sobre uma Bela forma, que está na origem do símbolo, na forma do corpo erogenizado e confirmado pelo olhar de outro, mostrando a "vocação essencial" da imagem para se realizar como símbolo.

Capeller¹⁶⁷ em seu artigo *Estatuto e Função da Imagem* interroga se podemos tratar as imagens como pertencentes a uma ordem dos fatos ou como pertencentes a uma ordem do discurso. Ele segue dizendo que a pergunta implica definirmos se sujeitamos o sujeito às imagens ou se subjetivamos as imagens ao sujeito, e, enfim, afirma que no campo do discurso do sujeito a imagem assume o estatuto de objeto egóico e auto-referido ao sujeito que “se” apreende no olhar.

Sendo assim o Eu efeito de imagem na sua formação ideal e jubilosa é que permite percebermos a questão da metaforização da morte em vida, do horrível em belo, pois como já vimos, a afirmação de si mesmo é correlativa da negação do outro.

Esta cisão primária impede a fusão na relação primária com o Outro, porém o eu permanece eternamente ameaçado por sua própria alteridade, essa alteridade que no fenômeno do duplo se apresenta como “o estranho anunciador da morte”.

Diferencia-se no campo escópico o olhar do olho. Em relação, à pulsão escópica o sujeito é determinado pela cisão olhar/olho. O olho é o vazio determinante onde se assenta a imagem. O olhar é “imaginado” no campo do Outro e, portanto, o olhar subverte e apaixona quando o Isso faz sua aparição. Este olhar efeito-surpresa é diferente daquele que não surpreende, que vê a imagem pacificadora do olho.

Porém, a função do Belo referida à estética do desejo é imagem-surpresa que lança o “sujeito do desejo” no simbólico, porque o interroga e o solicita para o ato de criação e de inscrição de novos traços. Afirmamos, assim, o Belo enquanto efeito produtor de olhares-surpresa, reveladores da alteridade radical e operadores na estrutura desejante da possibilidade de o sujeito vir a criar.

¹⁶⁷ Capeller, L. - “Estatuto e função da imagem”, In: *Tempo Psicanalítico*, Vol. Número 1, Revista da SPID - Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, 1989.

4.5. O imaginário

Lacan¹⁶⁸ nomeia de imaginário o registro psíquico correspondente ao Eu do sujeito. Este investimento libidinal, designado por Freud como narcisismo, é, como vimos constituído pela imagem do Outro. Exatamente como Narciso, o Eu busca seu reflexo amado no olhar do outro, ou, ainda ele ama no outro esse si mesmo que ele vê. Esta imagem apaixonada de si mesmo é a fonte e a sede da paixão, do desejo de reconhecimento e, por outro lado, é também a fonte de agressividade. De acordo com Quinet¹⁶⁹ “o espelho da paixão amorosa reflete a paixão da morte”, no sentido do estranho que não suprimimos e que pela ação da pulsão de morte faz com que a paixão do ódio possa a qualquer momento se revelar.

É na imagem especular que o sujeito se percebe um outro e toma o outro como se fosse seu eu. Lacan vai apresentar esta relação do eu com o outro no estágio do espelho, como um drama onde se estabelece uma identificação imaginária. O espelho é o protótipo do registro do imaginário, pois se trata de uma questão de identificação a partir da imagem do outro.

O drama no espelho se compõe, esquematicamente, de dois momentos, segundo Lacan: um momento anterior de insuficiência e desamparo motor e um outro momento de antecipação, diante desta insuficiência, momento de uma unificação. O primeiro momento corresponde clinicamente às fantasias do corpo despedaçado, fragmentado, e o segundo momento corresponde a uma unificação da imagem, um corpo totalizado, que, de acordo com Lacan, dá uma forma ortopédica ao eu do sujeito. O estágio do espelho vai, então da insuficiência à antecipação que a imagem sustenta, do corpo fragmentado ao

¹⁶⁸ Lacan, J. - “Le Stade du Miroir comme formateur de la fonction du Je” in: *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.

¹⁶⁹ Quinet, A. - Notas de aula durante palestra proferida na SPID sobre “A Imagem-Rainha e as formas do Imaginário nas Estruturas Clínicas”, 1994.

corpo totalizado. É esta forma que dá a impressão ao Eu de ser UM. É justo o fato de a consciência reconhecer este Eu como UM, que faz com que Lacan chame este registro de imaginário, ou seja, o Eu é esta unidade imaginária.

Tomando assim o estádio do espelho como paradigma, é o UM refletido no espelho que assegura ao Eu sua designação de unidade e que vem pacificar o lugar do sujeito cindido, o sujeito do desejo. Justo o que é barrado à consciência é que o Eu jamais está sozinho, ele está sempre acompanhado do estranho, da alteridade, da imagem do Outro. Este lugar da subjetividade que abriga o Eu é o registro do imaginário na topologia lacaniana.

O Eu está sempre acompanhado de seu ideal como um outro que ele aspira ser e ao qual nunca vai-se igualar. Neste sentido, de acordo com Freud os dois pólos narcisistas carregam a questão do ideal, porém de formas distintas. O eu-ideal é uma formação psíquica que se distingue do ideal do eu porque compreende uma identificação primária com a demanda ideal do Outro. Daí a denegação do Outro ser a operação primordial e estrutural que funda o juízo de atribuição, pois no momento em que o eu-prazer afirma que tudo o que é desprazeroso e odiado está fora dele, ele se refere ao objeto como o estranho. É a lógica da exclusão, a atribuição é do tudo ou nada. Esta tendência narcísica, como já enfatizamos, jamais é superada e é responsável pela crença humana na onipotência das idéias. O ideal do eu se refere ao eu ideal, porém, indica a submissão do Eu ao Outro, impondo seu reconhecimento como exigência da lei.

Portanto, o Eu nunca é UM é sempre UM mais UM outro Eu referido ao ideal, ideal este espelhado no outro e que carrega a ambivalência e a duplicidade das paixões: amor e ódio. Isto quer dizer que o que o Eu vê no outro é modelo de identificação ao mesmo tempo que lugar de rivalidade.

Sobre a ambivalência passional temos na literatura a impressionante narrativa de Poe sobre a história de um estudante que se depara com o mais

estranho dos acontecimentos: encontra seu duplo. Seus sentimentos para com ele se misturavam de forma complexa: ódio, estima, respeito e uma incômoda curiosidade. A estranheza do personagem que seria causa de sua dupla imagem, de repetição do idêntico, é narrada como se o fenômeno do duplo fosse um eco acrescido de algo oculto, o que coloca em jogo o enigma da semelhança.

O valor da narrativa de Poe¹⁷⁰ se impõe diante da intensidade da crença do personagem face ao familiar encontro, como se conhecesse o outro em alguma época do passado, ainda que infinitamente remoto. A credulidade do personagem o remete à experiência de estranheza inquietante enquanto efeito tão fugaz quanto vivo, e contra o qual ele luta ferozmente, pois o espanto e o horror se apossam dele em função do imperioso domínio do registro imaginário.

Esse conto fala do mito do fora e do dentro, da operação de expulsão e da operação de inclusão e mostra o drama da separação sujeito-objeto. A questão da cisão primária, a qual o conto remete, apresenta a ambivalência passional e a problematização através do enigma da semelhança em relação ao domínio da ordem do igual sobre a diferença. Entre William Wilson e seu duplo a única diferença é a voz, diferença quase evanescente.

“Naturalmente, não alcançava ele meus tons mais elevados, mas o timbre era idêntico e seu sussurro característico tornou-se o verdadeiro eco do meu”(p. 107)

Tal qual Narciso, onde essa voz é eco, a voz é perdida, porém repete compulsivamente. É o estranho retorno, é o imaginário assustadoramente real. A angústia surge para testemunhar a ameaça do excesso de semelhança. É como se a imagem do Belo se metamorfoseasse em Honível pelo fato de ela não sustentar mais a ambivalência da dúvida.

¹⁷⁰ E. A. Poe. "William Wilson" In: *Contos*, Editora Cultrix, São Paulo, 1986.

Esta ambigüidade própria da estrutura imaginária se evidencia assim, no fenômeno do duplo, quando o imaginário não barra mais aquilo que não se pode ver: o extremo da paixão libidinal que é a própria morte.

Desse modo, prosseguiremos marcando a discórdia como uma apresentação da pulsão de morte, que vem fazer um corte a uma adaptação e acomodação da imagem de se manter aprisionada à não-falta, tornando-se imagem repetitiva e não-criativa, destinando o Eu a nada-ser.

Afirmamos então a discórdia como efeito da pulsão de morte, o eterno retorno de uma agressividade primária no plano do Eu que projeta sua imagem no outro. Esta agressividade é que marca o estatuto de uma diferença estranhamente inquietante entre Eu e sujeito do desejo, que se situa no trajeto da pulsão referido ao eu-realidade-originário.

Vimos, junto com Lacan¹⁷¹, que a identificação narcísica do espelho é definida como uma transformação do Eu quando ele assume uma imagem. Esta identificação jubilosa se dá pela forma bela e totalizante de um Eu, que toma lugar em relação ao horrível corpo fragmentado. O Eu que, de acordo com Freud¹⁷², “é antes de tudo corporal”, é que vai fornecer uma matriz simbólica, além de se manter como miragem de potência.

Esta miragem de potência que tende a obturar toda e qualquer falta é suscetível de queda diante do retorno da vertente pulsional mortífera, que dá origem à agressividade primária.

É em 1966 que Lacan¹⁷³ vai sublinhar o fenômeno da jubilação no plano da estrutura. Ele vai afirmar o efeito do júbilo como decorrente do encobrimento da falta, o que significa que a característica do espelho é não

¹⁷¹ Lacan, J. - “Le Stade du Miroir comme formateur de la fonction du Je”, In: *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.

¹⁷² Freud, S. - “Introducción del narcisismo” (1914) “Zur Einführung des Narcizissmus”, A.E., Vol. XIV

¹⁷³ Lacan, J. - “O Seminário, livro 4, A relação de objeto”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1995

refletir o que falta. Ou ainda, não há imagem daquilo que falta. Portanto, se a falta não tem imagem, o imaginário é, por princípio, um registro sem faltas.

Vale ressaltar que assim é naquilo que o imaginário corresponde à onipotência do Eu. Porém, muito há o que dizer sobre a intercessão deste registro tanto com o simbólico quanto com o real.

O ideal do eu é o lugar significativo de onde surge a possibilidade do Eu de se sentir amado embora como “ser fraturado”. O ideal do eu é lugar secundário que substitui o narcisismo primário e onde o Eu constrói permanentemente sua imagem como ideal do outro, a partir de traços significantes nos quais vai-se espelhar ao mesmo tempo que discordar.

A imagem que dá a forma desejável e que o sujeito desejante sempre vai buscar em termos de ideal é a própria imagem da paixão que se busca no outro e, por outro lado, esta imagem é também aquela do objeto que ele supõe que vai causar o desejo do outro.

Sobre isto, Lacan apresenta a idéia de algo que surge no estágio do espelho, que é o objeto mais evanescente, o olhar como “*objeto a*”. Este olhar que diante do espelho é busca do olhar do outro, procura algo e que não é jamais apreendido. Ele emerge e escapa. O que é apreendido é o outro no lugar do ideal, o objeto do desejo, a partir do qual o Eu vai modelar, lapidar seu ideal onipotente que, quebrado, tenta ser igual ao ideal do eu.

Concluimos assim que o imaginário falha em sua função de barrar algo que não se pode ver, o olhar como *objeto a* e que traz angústia. O Horrível se apresenta como algo estranho, inapreensível, que emerge para logo escapar na função do Belo, porém que causa desejo e provoca angústia.

Esta função do Belo carrega a duplicidade de se manter como lugar ideal para o Eu, como prazer visual, e também desvela o que é da ordem da pulsão escópica e do erotismo, cujo objeto encontramos de forma evanescente no

inapreensível olhar, que é barrado e encoberto pelo especular. É o que permite que o outro, o semelhante, possa colocar-se no lugar de objeto de desejo, porém jamais de objeto causa de desejo. Os objetos de desejo são formas que se apresentam e que as imagens oferecem no lugar daquilo que não tem forma.

É a queda da imagem que faz surgir o vazio, a imagem nua, despida de seu narcisismo. Em nome de uma erótica subsidiada pela estética do desejo apresentamos a idéia sobre o “lapso de imagem”.

4.6. Lapso de imagem: efeito-surpresa.

Vamos elaborar a idéia de “lapso de imagem”(175)¹⁷⁴ como efeito significativo dos mecanismos inconscientes que operam uma falha no imaginário, causando a nudez da imagem. O imaginário falhado no “lapso de imagem” faz emergir um vazio angustiante pela ausência de forma, faz revelar o olhar como *objeto a*. Ou seja, o sujeito desejante lapsado das imagens que sustentam os objetos de desejo perde momentaneamente suas referências imagéticas e experimenta um confusão inquietante e estranho, que indica o surgimento de uma paixão discordante e destrutiva, intercessão entre imagem e real.

Este instante de lapso, onde o desamparo do Eu é efeito de uma possibilidade concreta de destruição do “ser”, se associa à trágica constituição do sujeito e se fundamenta na estrutura narcísica diante da ameaça de sua destituição poderosa. O “lapso de imagem” é efeito da destituição narcísica diante de uma ruptura do aprisionamento imaginário, relativo à onipotência do Eu. A queda da

¹⁷⁴ França, M.I. - “Lapso de Imagem: Traço de Origem” In: *Tempo Psicanalítico*, Vol. 24, Revista da SPID - Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, 1990.

imagem e a angústia que dela emerge é corte criativo que remete ao destino pulsional da sublimação.

Desse modo, queremos afirmar o “lapso de imagem” como um acontecimento psíquico que revela a estranheza inquietante do desejo inconsciente. É efeito-surpresa revelador de um tempo de encontro das forças pulsionais referidas à presentificação do inconsciente como desconhecimento e à indeterminação da indizível angústia como mediadora de algo experimentado no mundo sensível.

O “lapso de imagem” traz o retorno do recalcado referido a um para além da função da aparência, pois revela o centro dos olhares que é de um “vazio deslumbrante” deixando o Eu despojado de todas as suas vestes narcísicas. O que é deslumbrante deste vazio é o que diz respeito ao *objeto a* enquanto bordas erógenas que animam a cadeia significante. O Horrível da nudez do Eu, efeito de imagem, é a destituição narcísica. O que aparece no “lapso de imagem” é também um outro vazio, o vazio de “ser” que traz o testemunho de uma angústia do real. O que ocorre é o lapso do véu encobridor do objeto feito de falta, que é o *objeto a*. Ao deixar cair a máscara só resta o olhar da “morte”. Porém, no “lapso de imagem” a nudez narcísica, o estar sem a veste da “imagem desejável” faz brilhar o objeto em sua função de Belo em nossa estética do desejo, pois resplandece o objeto como *objeto a*. O Belo faz brilhar o lugar da Horrível exclusão, a morte.

Se, como já mencionamos, o imaginário encobre a falta para enganar o desejo e a morte, no “lapso de imagem” surge o efeito da conjunção de Eros e Thanatos, do Belo e do Horrível, efeito que retorna sempre no imaginário por sua intrusão no simbólico, e portanto no real, associado à finitude. No “lapso de imagem” o Eu é traído pelo desejo e confrontado com a morte.

No momento do “lapso” se revela a estranheza do desejo alicerçada em uma passionalidade fundante do discurso, que é narcísica. Com a queda da “imagem desejável” surge o pesadelo diante do “vazio de ser” e da impossibilidade de decifrar o desejo do Outro, experiência de manchamento do Eu no Outro, onde, na ausência de cena, o desejo passa a existir como se fosse puro surgimento de pulsão. Na surpresa, na angústia intensa própria do horror da confrontação da morte não significada, surge o efeito do desamparo como falta de recursos e correlato da ação da pulsão de morte. É neste sentido, que o “lapso de imagem” é efeito-surpresa que revela um campo estruturado pelo desejo do Outro, campo que cria efeitos de imagem e ao mesmo tempo cria efeitos de angústia, fronteira afetiva face a este desejo, como um estranho e familiar vizinho impossível de suprimir ou expulsar. A função do Eu, efeito de imagem, é a de alienação, lugar do engano que se sustenta sobre a incompletude da falta. O “lapso de imagem” faz irromper o des-engano da des-ilusão narcísica.

Em resumo, a articulação do “lapso de imagem” com a estrutura narcísica é que esta última se engata em um desejo duplicado, como já vimos, algo da ordem do “eu me amo em você”. Isto é do mesmo texto do gozo com a diferença de que também marca a distância deste gozo porque fala que ele falta. Então, a constituição do sujeito do desejo se liga à importância da imagem e à falta que ela encobre, ou seja, a mensagem que vem do desejo de um outro supõe o engendramento de um Eu no “não sei o que querem de mim”. A queda da imagem é a queda da máscara que veste o Eu fazendo surgir o lugar da discórdia, da falta de forma. Surge, assim, no efeito-surpresa a vertente intrusiva da imagem, como usurpadora do lugar cindido do sujeito. Ao delegar imaginariamente ao outro o poder, o Eu se deixa fascinar pela fantasia de imortalidade ligada a uma forma, o eu-ideal.

Na estranheza inquietante do, “lapso de imagem” o eu não se encontra tal como se reconhece em sua vertente especular. O estranho se mostra, habita no Eu e suas vestes caem. O “lapso de imagem” é falha da miragem, efeito do inconsciente, tropeço no real, que movimenta o sujeito através do seu som angustiante e o recoloca enquanto desejante na busca incessante de significação, de novas inscrições e de novas apresentações do objeto de desejo.

Esta articulação sobre o “lapso de imagem” pretende sublinhar a ruptura com o sonho de imortalidade e, portanto, apresentar o primado da “morte” sobre o sexual como fundamento que implica a impossibilidade da assunção da castração, de algo que é perfeitamente estranho e que habita no Eu como o enigma da semelhança e da diferença. O “lapso de imagem”, como uma intervenção cortante no desfile de imagens que sustentam o desejo, é um desses efeitos que apontam para a estranheza da estética do desejo e para a verdade do sujeito como imprevisível e parcial.

Nesse sentido, o efeito-surpresa revela a fragilidade da paixão diante da dor de uma ausência radical que se impõe como corte e separação. O som que resta é de um Eu desamparado e destituído narcísicamente de sua onipotência imaginária.

Na dimensão da clínica psicanalítica conhecemos este momento de fluidificação do quadro imaginário que se manifesta como susto, efeito-surpresa diante de um movimento de abertura para o vazio que o enigma aponta. O valor do “lapso de imagem” se refere, como qualquer outro movimento disruptor do psiquismo, ao valor operatório do inconsciente associado à repetição, que, através da interpretação do analista vai impedir o aprisionamento às fixações imaginárias e vai produzir efeitos de liberdade subjetiva.

Os efeitos de liberdade criativa na obra freudiana se referem ao destino da sublimação e a uma libido dessexualizada que problematiza a ordem sexual e o campo do erotismo.

Esta problemática da dessexualização e da mudança de alvo pulsional na sublimação merece, neste ponto de nosso estudo, uma reflexão, pois a queda da imagem no “efeito-surpresa” implica na não fixação da pulsão parcial no circuito primário de satisfação a partir de uma negatividade e de uma diferença que intervém no desfile das imagens. Além disso, o intenso movimento disruptor traz o efeito de estranhamento diante de algo que suscita desejo e horror, um representante privilegiado, o mais familiar e o mais estranho.

Desde o “*Projeto*”¹⁷⁵, Freud nos fala de um julgamento primordial que se associa à memória e que vai indicar uma negatividade no campo de *Das Ding*. Em 1895, isto se refere ao complexo perceptual do *Nebenmensch* que designa o “semelhante” como o primeiro outro do sujeito. Freud, neste momento, faz a articulação das “pulsões” em relação à imagem materna, dizendo que o *Nebenmensch* vai-se dividir em uma dupla experiência onde uma pode ser inscrita como representação inconsciente, pela atividade de memória e uma outra se mantém como não apreendida nem nomeada porque é “dolorosa e má”.

Das Ding, desde este momento freudiano, é o referente, o fundamento de todas as relações de objeto no sentido daquilo que é buscado e nunca encontrado e inclui a idéia de uma presença constante impossível de ser memorizada. Neste sentido, *Das Ding* é que permite o permanente deslocamento do desejo, dando ao princípio do prazer o seu limite.

É assim que *Das Ding*, colocando-se no limiar da significação onde uma diferenciação de origem se dá em referência a outro corpo, o corpo materno, é essencial e fundamental para instigar a pulsão e deixá-la inibida em relação ao

¹⁷⁵ Freud, S. - “Projecto de psicología” (1895) (“Entwurf einer Psychologie”), A.E., Vol. I.

seu alvo sexual, impondo ao percurso pulsional a sua impossibilidade de satisfação.

Das Ding situa-se assim como o objeto cuja “dignidade” se refere ao critério de objeto inapreensível, onde a satisfação pulsional é impossível. Neste sentido, Vital Brazil¹⁷⁶ aproxima *Das Ding* do zero, que tem a função na série numérica de subsumir o nada e, no entanto, “é a causa operatória da série numérica”. Conforme citação de Vital Brazil sobre G. Frege, o zero é “o que não é idêntico a si mesmo” porque designa “o conceito de um objeto impossível”. E Vital Brazil enfatiza que o zero, ao mesmo tempo que se refere ao impossível, é, também um conceito que designa o *UM*, referido ao que é “idêntico a si mesmo”, desse modo o zero se mantém como um elemento da série numérica, também tendo seu lugar na estrutura como um número. É assim, portanto, que podemos falar de *Das Ding* como o que é excluído da realidade psíquica, como o que se refere ao irrepresentável, porém como aquilo que se torna marca ausente da diferença, uma negatividade.

Assim, *Das Ding* se diferencia de *Die Sache*, objeto de satisfação possível. O encontro da satisfação da pulsão com os objetos possíveis é marcadamente faltoso, justo por este estatuto de parcialidade da satisfação pulsional. É o movimento de busca incessante para atingir *Das Ding* que cria o lugar do perdido, e é o efeito-surpresa que rompe com o circuito primário de satisfação, permitindo um circuito pulsional criativo que contorna o vazio de objeto, vazio que implica na queda do eu-imagem, objeto de paixão do Isso.

Como exemplo disto temos o destino pulsional da sublimação como aquele que presentifica o irrepresentável, através da força disruptora da pulsão de morte que rompe com as fixações narcísicas, e que presentifica também em um instante “resplandecente” de erotismo, através da função do Belo, a força

¹⁷⁶ Vital Brazil, H. - “As Estruturas de Sublimação em Psicanálise”, In: *Tempo Psicanalítico*, Revista da SPID - Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, ano 1989, Vol XII, número 1.

reordenadora erótica capaz de movimentar a estrutura psíquica e reorganizá-la no registro simbólico. Isto implica em efeitos criativos e em uma erótica, que associam o corte ativo de desunião da pulsão de morte e Eros enquanto movimento em busca de novas formas.

Assim concluímos que no “lapso de imagem” o enigma resta articulado à lógica da exclusão no plano da constituição do sujeito do desejo (*Ausstossung aus dem Ich*) e se manifesta em uma experiência intensa de angústia, fronteira do nada-olhar ou do tudo-olhar. Desse modo, no lapso, o vazio de “ser” implica na revelação de que já que dois não podem se agüentar, faz-se necessária a articulação ternária e, portanto, a articulação da estrutura narcísica com o simbólico.

No, “lapso de imagem” estamos no efeito do “só depois”, do tempo “a posteriori” e a importância clínica desta idéia nomeada é aquilo que ela revela do traço de origem, que está na ambigüidade da estrutura narcísica. O acontecimento do “lapso” é momento de abertura que revela a opacidade do jogo especular, revelação que se situa entre real e virtual, no plano do símbolo do olhar do Outro.

A imagem especular encobre a “hiância mortífera” através do “êxtase” narcísico e sua queda no “lapso de imagem” desperta o sujeito do desejo em seu angustiante abismo de “ser”. A falha constitutiva do lugar do Outro, a falta que funda uma ordem simbólica se manifesta no momento do “lapso”, que evoca o caráter perfeitamente irredutível do real. Sobre o efeito de ruptura e o afloramento do real, Leclaire¹⁷⁷ escreve que:

“Ninguém fica indiferente quando o chão lhe foge inopinadamente debaixo dos pés ou quando um fantasma se lhe atravessa o caminho: a angústia, a cólera, o terror, as lágrimas ou um riso louco irrompem então porque deixa de haver palavras”. (p.20)

¹⁷⁷ Leclaire, S. - “Desmascarar o Real”, Assírio & Alvim, Lisboa, 1977.

É através da imagem bela e desejável referida à estrutura narcísica, espelho que é contraponto do equívoco, que podemos interrogar sobre a função do Belo, “Daquele” que nos olha e gera desejo com esse olhar. O olhar, que marca eroticamente, assim o faz porque aí, também, está o “envesgamento” do olhar que remete à privação, condição prévia para a simbolização da lei, onde a falta é que é real. O objeto da privação é um objeto simbólico e Lacan designa a falta de objeto na privação como um buraco no real. Isto equivale, em Lacan¹⁷⁸ ao estágio onde “alguma coisa que desenlaça o sujeito de sua identificação o enlaça ao mesmo tempo à primeira aparição da lei sob a forma deste fato, que aí a mãe é dependente, dependente de um objeto, de um objeto que não é mais simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que outro tem ou não tem”.

Podemos afirmar então que no “lapso de imagem” o todo deixa de ser todo porque se duplica em seu parceiro - o *objeto a*. Este olhar evanescente, que passa de relance, causa desejo na revelação do igual que não é igual. Desse modo, o prazer gozoso que se evoca a partir de uma bela aparência, evoca também o não-senso desta aparência, que está no equívoco do especular.

4.7. O objeto a.

Empregamos, até este momento, a expressão lacaniana *objeto a* sem nos referirmos precisamente ao que ela representa na teoria lacaniana e, fundamentalmente, à sua importância para nossa estética do desejo.

¹⁷⁸ Lacan, J. - “O Seminário, livro 4, A relação de objeto”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1995.

Lacan¹⁷⁹ nos diz que o desejo só nos conduz à visada da falha quando se demonstra que o *UM* só se agüenta pela essência do significante. O que quer dizer que há uma fenda entre esse *UM* e o que está “por trás do ser”, o gozo, e, então, “o que faz agüentar-se a imagem é um resto”, nomeado por Lacan de *objeto a*. O *objeto a*, presença de um vazio, causa do desejo, é contornado pela pulsão em seu estatuto de parcialidade. Nesse contorno significante, a pulsão parcial encontra sua satisfação. Desse modo, o desejo tem uma causa que lhe é externa, o *objeto a*.

O conceito lacaniano de *objeto a* é a invenção de um objeto que se reveste da característica de ser escrito com um símbolo, a letra “*a*” da palavra “*autre*”. Este outro com minúsculo, que qualifica o objeto pequeno “*a*”, é nosso semelhante. Para Lacan, o *objeto a* é uma letra cuja função central é de expressar uma ausência de resposta diante de uma insistência pulsional sem fim. Desse modo, o *objeto a* designa uma impossibilidade da ordem do gozo. Ele é heterogêneo ao conjunto dos significantes e é o que lhes dá consistência. Ele é um produto residual, um excedente do sistema formal dos significantes. Na sua condição de excesso, torna-se uma produção muito diferente do elemento significante, pois é o que escapa à lógica significante.

Sabemos que o sistema formal dos significantes precisa de dois fatores para ter consistência: o significante externo S^l , homogêneo ao conjunto significante e, portanto, de natureza simbólica, e o *objeto a*, heterogêneo ao conjunto significante, de natureza real, e que é o resto. Sua condição de borda é que dá consistência ao conjunto e não como o S^l , pela relação simbólica.

Neste sentido, o *objeto a* é o furo da estrutura do inconsciente, lugar deixado vazio pelo significante da cadeia, transformação em borda. Porém, este furo é fonte de uma força que atrai e anima os significantes. O *objeto a* é o furo

¹⁷⁹ Lacan, J. - “Mais Ainda”, Seminário 20, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1982.

brilhante do olhar que porta a imagem do gozo, imagem inapreensível, sempre a escapar.

De acordo com Nasio¹⁸⁰, a relação do *objeto a* com o furo é repleta de “nuances”. Diz Nasio que o *objeto a* é o furo na estrutura do inconsciente, se admitirmos três condições prévias: de que o furo é causa, enquanto polo de atração que anima o inconsciente, de que sua força é gozo e, ainda, de que o gozo no centro desse vazio é um fluxo constante que percorre as bordas do furo.

Ao abordarmos a questão do furo nos remetemos necessariamente à questão das aberturas erógenas, das bordas erógenas que se animam pelo gozo que produzem e criam furos, que, portanto são gerados na tensão e no movimento.

Desse modo, o *objeto a*, como borda que dá consistência ao significante, é fluxo gozoso, causa que movimenta o inconsciente.

Vale ressaltar aqui o que entendemos pelo termo gozo. Gozo não é uma emoção experimentada e, neste sentido se diferencia do prazer e do desprazer. De acordo com a teoria das pulsões em Freud, que vimos no capítulo anterior, a satisfação absoluta da pulsão é impossível de ser obtida, seu objetivo total é inalcançável. A satisfação é sempre parcial e há um excesso pulsional que superexcita as zonas erógenas, mantendo-as como fonte de desejo.

Em resumo, de acordo com Lacan¹⁸¹, o *objeto a* é o gozo enigmático e inominável, que ele vai chamar de mais-gozar. “Mais” que implica a idéia de excesso inassimilável pelo sujeito. Este excesso chamado “a” de “autre”, como mencionamos, pode assumir todas as imagens que participam do “mal - entendido” do encontro desejante entre sujeito e Outro. É este o estatuto do *objeto a*, que se “dá a ver” e escapa nas mais diversas formas de apresentação,

¹⁸⁰ Nasio, J.D. - “Cinco Lições sobre a teoria de Jacques Lacan”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.

¹⁸¹ Lacan, J. - “O Seminário, livro 9, A identificação”, Paris, mimeo.

todas experimentadas nas bordas da emoção, ou seja sobre as imagens alucinadas do desejo.

Em relação à função do Belo na estética do desejo, o conceito de *objeto a* é fundamental porque sua formulação proporciona um enriquecimento para nossa tese, pelo fato de o *objeto a* ser causa que movimenta a cadeia desejante de forma imprevisível para o sujeito, submetendo-o a uma experiência que o descentra e o determina.

Como vimos, a característica do *objeto a* é que ele não tem imagem especular. Por conta disso, ele devolve o vazio de imagem, a sombra, a não-forma. A esse objeto inacessível ao espelho é que a imagem especular vem dar uma vestimenta, podendo assim o *objeto a*, enquanto excesso de gozo inominável e enigmático, assumir uma infinidade de formas e imagens de desejo.

Em relação ao Belo, queremos aproximá-lo da questão do *objeto a*, pelo fato de aquela função representar um modo de experimentar o gozo, no domínio público, porém mantendo a referência à singularidade do desejo. Esta referência é o que caracteriza o Belo enquanto efeito sublimatório, que faz laço social pela via dos desejos singulares, sem poder, portanto, ser reduzido a um ideal comum.

Mas como esta função do Belo opera nos sujeitos desejantes? Como ela é percebida? Como pensar o efeito belo como objeto causa de desejo? Qual a relação entre este “belo *objeto a*” e o sujeito do desejo?

Vamos tentar um percurso argumentativo que nos leve à consistência de nosso pensamento sobre o efeito sublimatório do Belo como causa de desejo.

Em primeiro lugar vamos lembrar que o Eu como colagem de identificações imaginárias e alienado no imaginário desconhece o poder constitutivo das imagens e aquilo que lhes dá força, o objeto causa de desejo. Este objeto, escondido nas imagens, é invisível para o Eu. Estas imagens

estão marcadas e causadas por “*a*”. Desse modo, o Eu perceberá inconscientemente (sem saber consciente) as imagens do mundo marcadas pelo desejo e, de acordo com Nasio¹⁸², “através do filtro do desejo sexual”. Melhor dizendo, o Eu vai perceber inconscientemente “*a*” através do véu alienante de uma imagem intensamente marcada pelo falo imaginário. Concluimos, assim, que há uma operação, no sujeito do desejo, de retorno do objeto, objeto que lhe é excêntrico, através da percepção inconsciente do Eu que captura as imagens em um mundo - imagens sob a marca do desejo sexual. Ou seja, o Eu apenas percebe imagens encobridoras do *objeto a*, pois sabemos que, de acordo com a tese lacaniana, o *objeto a* é não especularizável justo pelo fato de definir o contexto da pulsão. Isto quer dizer que a pulsão não tem imagem, porém sua atividade acontece através das imagens. Neste sentido, o *objeto a* é enigmático por ele evocar o estranho que é da ordem da pulsão, do sem imagem. Esta evocação é do enigma do real da pulsão.

Em segundo lugar, ressaltamos que, para Lacan¹⁸³, o *objeto a* é um gozar fora do corpo ou um mais-gozar. Ou seja, o objeto é um gozar estranho ao corpo porque “alguma coisa interna retorna perceptível do exterior”.

Desse modo, o “mais-gozar” é um gozo residual, uma intensidade pulsional retida no interior do sistema psíquico e que aumenta constantemente a tensão criando um campo de intensidade erótico porque este excesso da pulsão se ancora nas bordas fronteiriças, melhor dizendo, nas zonas erógenas. Estas fontes de desejo são nascedouros dos impulsos desejantes. Para Lacan¹⁸⁴, o mais-gozar é uma categoria que faz o inconsciente trabalhar mantendo-o num estado permanente de erotogenia.

¹⁸² Nasio, J.D. - “Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.

¹⁸³ Lacan, J. - “O Seminário, livro 20”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1982.

¹⁸⁴ Idem.

Em terceiro lugar, mencionamos que o elemento S^l , que está no limite externo de estrutura (ex-siste), confere ao conjunto significante a consistência para que ele permaneça como cadeia estruturada e para que o conjunto se organize como trama ligada, porém, há um furo, que se converte em borda. Este esquema lógico pode ser interpretado pelo mito da horda primeva de “*Totem e Tabu*”¹⁸⁵, no sentido de os irmãos, para continuarem juntos colocarem o pai de fora, matando-o. Porém, é o pai-excluído que marca a possibilidade de eles se constituírem como “clã”. Neste sentido, S^l ao “ex-sistir” ao conjunto, ficando no limite da rede, deixa a falta, que é furo, causar a movimentação da cadeia.

Em quarto lugar, podemos associar este esquema lógico ao surgimento do sujeito, ao ato criativo, ao destino da sublimação e, conseqüentemente, ao efeito sublimatório do Belo. Nossa argumentação chega neste ponto a uma tentativa de explicar logicamente o surgimento do sujeito a partir de um furo, ou ainda, de um “buraco” no real. Lacan vai dizer que o nascimento do sujeito pode ser compreendido a partir deste furo cavado no real pelo esvaziamento de um elemento, ou seja, a emergência do sujeito ocorre como *UM* ali onde o real é afetado por uma falta, ou ainda, onde o real é privado de algo.

4.8. Privação

Partimos do ponto que o surgimento do sujeito implica em que no real haja alguma coisa a menos, uma privação. A privação absoluta de sentido é uma ausência de simbolização.

¹⁸⁵ Freud, S. - “Tótem y Tabú”, (1913) (“Totem und Tabu), A.E., Vol. XIII.

Freud¹⁸⁶, em 1926, ao formular a “*Real Angst*”, privilegia o caráter de indeterminação e de ausência de objeto na experiência angustiante, justo pelo fato de a angústia trazer um fundamento real, um desamparo, que faz com que este afeto aponte para a ausência do sentido diante de uma falta que jamais será recoberta suficientemente pelo simbólico.

Com seu estatuto de afeto sem objeto e como testemunha de uma falha estrutural entre pulsão e a linguagem, a angústia se apresenta como o indizível que carrega a verdade parcial do desejo, pois esta verdade se refere ao “não-realizado” e está implicada no “determinismo de uma estrutura ausente”. É a verdade testemunhada pela angústia diante do “não-realizado” que demonstra o desejo fundado em uma impossibilidade.

Esta expressão de verdade do desejo atesta o surgimento do sujeito, a partir do “vazio de ser”, como traço ausente que indica a questão do real. Neste sentido, a angústia é reveladora do desconhecimento que aparece na privação de sentido, como um desconhecimento que se associa à repetição, ao eterno retorno de algo que vai se expressar como função na medida em que solicita e opera a movimentação da cadeia desejante diante de um “saber que não se sabe” (inconsciente).

É assim que a privação de sentido se liga ao afeto sem objeto e se torna a condição do símbolo porque “anima” o psiquismo para a atividade de simbolização.

Vamos esclarecer este ponto demonstrando como a questão da privação se sustenta através da lógica da exclusão, pois o estranho e odiado é posto fora do Eu (*Ausstossung aus dem Ich*) e o que se revela é a identidade do Eu afirmada em uma dupla negação (Eu = não não Eu). Ou seja, a denegação do Eu é correlativa à denegação do Outro como operação estrutural que funda o

¹⁸⁶ Freud, S. - “Inibición, síntoma y angustia” (1926) (“Hemmung, Sympton und Angst”), A.E., Vol. XX.

juízo de atribuição, pois, no momento em que o eu-prazer afirma que tudo o que é prazeroso e odiado está fora dele, ele se refere ao objeto como estranho.

Portanto, o Eu, por ser uma formação imaginária, que tenta manter a ilusão de completude, negando sua “finitude”, vai ser destituído narcisicamente e confrontado com a ameaça de destituição pela privação de sentido, que revela a “falha estrutural”, e também a verdade da incompletude do “ser” que, como diz Lacan¹⁸⁷, “é justo do lugar do absurdo que a verdade pode falar porque ela emerge onde se dá o encontro entre um não-sentido e a descoberta de um novo sentido”.

Este lugar do absurdo é o que retorna na experiência do eu quando ele se torna estranho a si mesmo. Isto se coloca no que enfatizamos como “lapso de imagem” no sentido de uma vivência sem conteúdo ou forma, uma espécie de exílio momentâneo que cria condições para que o Eu se depare com o estranho nele mesmo, como que algo vindo de fora, este estranho que é a coisa mais familiar do seu “ser”, o “Isso”. A experiência de se exilar “de si”, no nosso estudo, constitui uma forma de introduzirmos na constituição do sujeito o destino da sublimação.

4.9. A articulação simbólico e imaginário

Vamos prosseguir apresentando inicialmente a questão do ideal, cuja amplitude se sustenta a partir da teoria de narcisismo.

¹⁸⁷ Lacan, J. - “La Science et la Verité”, In: *Écrits*, Éditions du Seuil, Paris, 1966.

O Eu-ideal¹⁸⁸ referido a um ideal narcísico do Ideal do eu se associa à onipotência que se constitui por identificação primária com um outro significativo. O Eu-ideal é conceituado como uma estrutura sem sujeito, unido ao polo pulsional e associado à cisão primária (*Ichspaltung*). É uma formação psíquica que se distingue do Ideal do eu porque compreende a tal identificação primária com a demanda ideal de um outro significativo. Assim, o Eu-ideal se funda na imagem corporal, é conceituado como um primeiro narcisismo e se coloca como o fundamento do sujeito no seu infundável processo de vir-a-ser. O Ideal do eu, o outro polo, indica a submissão do eu ao campo do simbólico, como exigência da lei, que o remete à cisão primária do Eu-ideal e impõe o reconhecimento da diferença. Conforme Freud¹⁸⁹ nos diz em 1914:

“O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo eu-ideal, o qual, como o eu infantil, se acha possuído de toda a perfeição de valor”(p. 111).

Este deslocamento de que Freud nos fala representa uma diferença fundamental: há uma intermediação. Ideal do eu é uma direção que fala o narcisismo perdido. Neste sentido, a função do Ideal do eu é apontar para o que falta ao eu, para a direção do desejo e tentar por algo no lugar do perdido. Assim, diz Freud:

“O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era o seu próprio ideal”.(p. 111)

Em 1914¹⁹⁰, diante da preocupação de distinguir idealização de sublimação, Freud apresenta o processo de idealização onde o objeto é supervalorizado e elevado à condição de perfeição, como um processo

¹⁸⁸ França, M.I. - “O narcisismo e o estranho ou de Narciso a Eco”, Tempo Psicanalítico, Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, 1989, Vol. XII, No. 1.

¹⁸⁹ Freud, S. - “Introducción del narcisismo”(1914) (“Zur Einführung des Narzissmus”), A.E., Vol. XIV.

¹⁹⁰ Idem.

marcadamente narcísico que mostra a propensão acentuada de restabelecer no eu o lugar ideal. Assim é que o processo de idealização eleva e engrandece o eu e seus objetos. De outro lado, Freud apresenta a sublimação como um destino pulsional capaz de sobrepujar a fixação narcísica, própria do processo de idealização.

Ainda em 1914, Freud diz o seguinte:

“... a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo o fator mais poderoso a favor do recalque; a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver recalque”. (p. 112)

Esta passagem se articula ao capítulo III do texto “*O Eu e o Isso*”¹⁹¹, de 1923. É aí que Freud vai discutir a inserção da pulsão na estrutura do Eu, o que só foi possível a partir da segunda tópica e da segunda teoria pulsional. Isto porque a introdução do conceito de pulsão de morte redimensiona o problema da inserção da força pulsional no simbólico e permite a articulação da dimensão da força pulsional com a função do ideal, conforme a nova dialética apresentada por Freud, em 1923, entre as estruturas Isso, Eu e Supereu. O que pretendemos abordar aqui é justo o remanejamento da economia psíquica no destino pulsional da sublimação e a implicação da função do ideal nesta revolução econômica do psiquismo. A mobilidade pulsional da sublimação impõe um modelo de circulação pulsional diferente do par neurose-perversão, par resultante do recalque. A questão da renúncia ao alvo sexual da pulsão e a suspensão (*Aufhebung*) do recalque estão ligadas como já vimos à diferenciação que ocorre no percurso da pulsão na sublimação.

Sobre esta diferenciação se sustenta um argumento freudiano referido ao surgimento de uma tensão angustiante diante do fato de ocorrer uma deflação do eu, uma fratura no eu-narcísico diante da diferença que surge na sua

¹⁹¹ Freud, S. “El yo y el ello” (1923) (“Das Ich und das Es”), A.E., Vol. XIX.

pretensa nitidez especular. O eu, ao ser destituído narcisicamente de seu lugar ideal, apresenta-se confuso e com a experiência de estranhamento. Neste ponto, como temos visto, há um estranho olhar que a imagem especular não sustenta contemplar e que retornará como angústia inquietante. Esta ruptura implica na ultrapassagem do eu narcísico que se situa no mais além do princípio do prazer.

Em *A carta roubada* Lacan¹⁹² marca três referências significativas sobre o eu enquanto lugar de encenação onde vai-se apresentar o dito e o não dito, melhor dizendo, a constituição dupla e ficcional do eu, conseqüentemente o jogo imaginário vinculado ao simbólico. Por estas referências Lacan vai caracterizar a estrutura de desconhecimento do eu surgindo no cenário onde, a um só tempo, há enunciado e há não saber dos elementos do desejo e da fantasia. Vamos sublinhar, como exemplo, a terceira encenação do eu, na medida em que é a fantasia sadéana aquela que se liga à dimensão do gozo e ao caráter oculto do objeto.

Ao apresentar este jogo ficcional que consiste em esconder uma estrutura de gozo masoquista, Lacan mostra como a estrutura de desconhecimento que aparece no cenário sádico, mascara a ficção masoquista e a problemática do desejo que aí se colocam.

Neste sentido, temos marcado nesta tese o “lapso de imagem”, como efeito-surpresa semelhante a um curto -circuito provocado pela quebra da ilusão de auto-centramento do eu e que leva a uma desidentificação imaginária e a conseqüente desidealização do eu, colocando o sujeito dividido diante do seu desejo.

Zbrun¹⁹³, em seu texto sobre *Idealização e Desidealização* comenta:

¹⁹² Lacan, J. - “A carta roubada” in: “Escritos”, Editora Perspectiva, São Paulo, 1978.

¹⁹³ Zbrun, M. - “Idealização e Desidealização” in: “Imagem Rainha: as formas do imaginário nas estruturas clínicas e na prática psicanalítica”, Escola Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1995.

“A encenação leva o imaginário até suas raízes no simbólico a fim de produzir um momento em que os ideais da pessoa se apresentem para o sujeito desprovidos de sentido, o “sem sentido” da significação. Ela traz a repetição - “a posteriori” (*Nachträglich*) - da cena primeira do encontro com o objeto do desejo. Roubar o segredo, como no conto de Poe, é querer apoderar-se da causa do desejo. Na análise o sujeito deverá pagar um preço para realmente abrir mão dos ideais, não ser mais o mesmo que sempre foi”. (p. 359).

E, continua mais adiante:

“Retocar (*remanier*) o eu na clínica é trabalhar com os ideais, o que é possível, a partir da encenação do imaginário que se manifesta nas significações que adquirem para o sujeito o sentimento de amar e ser amado pelo Outro”.(p.360)

Desse modo, retocar o eu representa o deslocamento do desejo de um ponto ideal a partir da opacidade especular que nos remete à função do objeto a, que é a de expressar uma ausência de resposta diante da infundável insistência pulsional, ficando designada a impossibilidade da ordem do gozo.

Esta discordância remete ao fundamento do discurso no sentido de que toda subjetividade se inaugura com a dimensão imaginária, pois real e simbólico já estão aí presentes. De acordo com Lacan¹⁹⁴, no estágio do espelho há uma transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem, ou seja, há a subjetivação de uma forma que está na origem do símbolo e que retorna como simbolização da imagem. Enfim, o símbolo se inscreve a partir de uma forma confirmada pelo olhar de outro significativo. Assim, todo símbolo se encontra numa estreita ligação com a imagem, o que significa dizer, como afirmamos, que a imagem tem como “vocação essencial” tornar-se símbolo. Vale ressaltar, que a forma corporal, o eu-ideal, se sustenta aquém do laço social, além do que permite, na sua condição de miragem, que a ordem da percepção visual ocupe um lugar de fundamental engano. Isto quer dizer que a imagem, o que é

¹⁹⁴ Lacan, J. - “Le stade du Miroir comme formateur de la fonction du Je”, in: *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.

visível, inclui uma falta constitutiva, um vazio, que é invisível. Neste ponto, eu e sujeito, no espelho, se fundam no mesmo tempo.

Attié¹⁹⁵ vai insistir em quatro pontos fundamentais que Lacan vai acrescentar ao estágio do espelho para dar-lhe seus elementos estruturais: o UM, o Outro, o olhar e a falta.

“Encontra-se primeiro a referência ao fato de que o corpo faz Um, no espelho. Faz UM por causa da presença do Outro que está atrás. Se quisermos que o UM se construa a partir do simbólico, é preciso que tenhamos esta referência ao Outro. E o que se passa de UM ao Outro neste tempo absolutamente primeiro é uma troca de olhares. Uma troca de olhares que vai, desde então, inscrever uma falta. É uma falta no espelho que a jubilação da criança vem muito precisamente cobrir”. (p.37)

O tema da estética, objeto de nosso estudo, se afirma em relação à falta no espelho inscrita na “troca” de olhares. O que aí se coloca é a perda do “padrão” imaginário de verdade no sentido do visível, pois ocorre uma percepção, tal como Freud colocou no sistema percepção-consciência, que imprime um contraponto em relação à ilusão narcísica de totalidade. O que vai operar, no plano do sujeito enquanto o originário, é uma articulação mediada pelo “fato” angústia entre imagem e ausência de imagem, que é a própria intrusão do imaginário no real. Isto diz respeito ao contexto da pulsão, da angústia e do desejo.

Neste ponto, vamos prosseguir buscando argumentos que sustentem nossa dimensão estética em relação à dupla referência do eu: enquanto imagem, referida a narcisismo através dos dois polos eu-ideal e ideal do eu e, enquanto estrutura referida à problemática da identificação.

¹⁹⁵ Attié, J. “A questão do simbólico” - Publicação do Seminário do Campo Freudiano, Fator Editora, 1987.

O texto de 1921, *Massenpsychologie und Ich - Analyse*, "Psicologia de Grupo e Análise do Eu"¹⁹⁶ apresenta argumentos interessantes sobre o laço social e sua relação com o Eu.

Freud, no capítulo VII, sobre *Identificação*, vai marcar uma diferença entre dois tipos de laços. A distinção é colocada diante de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do Eu. Entenderemos o primeiro laço como laço afetivo, porque remetido a uma ligação anterior a qualquer "escolha de objeto", e o segundo, o laço social.

O primeiro enlaçamento remete a uma angústia primordial, testemunha de uma cisão primária do eu-ideal e experimentada como ausência radical da alteridade e que é anterior a qualquer "escolha de objeto".

A introdução da diferença é um "não primordial" agenciado pelo campo do Outro que introduz o valor da ausência. Como já vimos, o eu aí é cindido primariamente, quer dizer barrado por uma injúria narcísica tão intensa, que o valor da ausência é experimentado como "vivência" de morte. Nesta experiência de desamparo primordial há uma rachadura traumática e uma diferença primária entre eu e mundo. Pois bem, interpretamos que este primeiro enlaçamento afetivo tem como efeito o eu ideal, enquanto formação narcísica primária, que negará a rachadura, a cisão. Este eu-ideal é uma sobrevivência imaginária indestrutível que será ordenada e referida no registro simbólico pelo ideal do eu.

Desse modo, o ideal do eu vai remeter à cisão primária do eu-ideal, mantendo este vínculo arcaico que trará seus efeitos, nitidamente, nos casos de supervalorização sexual dos estados de apaixonamento, o que quer dizer no processo de idealização. O objeto supervalorizado foi colocado no lugar do eu-ideal, ou seja, o excesso de libido narcisista transborda para o objeto.

¹⁹⁶ Freud, S. - "Psicologia de las masas y análisis del yo" ("Massenpsychologie und Ich Analyse") A.E., Vol. XVIII.

Nesta relação eu-ideal e ideal do eu fica evidente que o objeto serve de sucedâneo para o ideal onipotente do eu ideal. O ideal do eu, neste ponto, é o polo narcísico que remete para a manutenção do ideal onipotente, no sentido de que narcísicamente amamos as perfeições que desejamos conseguir para nosso próprio eu. A promessa da completude imaginária torna-se, assim, uma crença. Quer dizer, todo o sacrifício de um eu despretensioso diante de um outro supervalorizado nada mais é do que desejo de posse do eu do poder que emana do outro. Nesse sentido, de acordo com Freud, “o objeto consumiu o eu”.

Esta devoção do eu ao objeto leva a uma isenção de todo e qualquer julgamento crítico. Este silêncio da instância crítica permite que percebamos a ausência de lei, ou ainda, a ausência do Supereu enquanto estrutura crítica com função de lei. Sabemos que no auge do enamoramento Eros se recusa em ir além. Eros se recusa porque uma ruptura faz-se necessária quando não se trata mais de ligação narcísica entre eu e o mundo pois no clímax da supervalorização do objeto é de idealização que se trata e não de uma erótica. Voltamos aqui a mencionar o efeito-surpresa, “lapso de imagem”, no sentido de que a ruptura que se inscreve como queda da imagem, é a queda da imagem onipotente do eu-ideal, que insiste em se impor e se apresenta como um simulacro de devoção ao outro.

Vamos agora argumentar sobre a diferença entre laço afetivo e o laço social.

Enquanto o laço afetivo, como vimos, trata de fascínio e servidão através da eterna insistência do eu na sua onipotência, negando a cisão primária, o outro tipo de laço, o laço social, vai justo remeter ao objeto perdido ou abandonado e que é construído no eu através da estrutura Ideal do eu referida à articulação com o Supereu.

Neste sentido, o objeto é colocado no lugar do eu, que se destitui narcísicamente de ser o objeto de paixão do Isso e vai permitir ser regido pela

lógica ternária, onde a presença do Outro do simbólico faz função agenciando a separação e colocando o perdido como objeto causa de desejo.

No laço social entendemos a sublimação como o destino de pulsão que faz a mediação deste enlaçamento e determina um percurso criativo entre as estruturas Isso, Eu, Ideal do eu e Supereu. Sobre este percurso pulsional mediador de novas inscrições produtoras de efeitos estéticos e éticos, afirmamos que: o Isso, enquanto polo pulsional encontra no destino da sublimação o “paraíso do movimento”, através do corte disruptor que presentifica a pulsão de morte e de um “eros/mortal”, que impera mobilizando a estrutura. Este rompimento surpresa e estranho é testemunhado pela angústia e sustentado por uma posição subjetiva impressa como passiva e e que reúne dor e prazer.

Desse modo, o laço social é um redobramento do laço afetivo que articula dois imperativos: o erótico e o simbólico. Com efeito, sobre a impressão se inscreve a expressão de uma organização psíquica, que se complexifica na produção de novas inscrições, cujo registro é estético e ético.

Estes efeitos criativos são restos do percurso pulsional da sublimação, restos destacáveis do sujeito do desejo que os produziu e que se oferecem como novos objetos de desejo para outros. Estes produtos criativos é que nos vão levar, mais adiante neste estudo, a falar dos efeitos sublimatórios como metaforizações essencialmente estéticas, pois condensam morte e vida, ou, ainda, horrível e belo.

Em resumo, o eu enquanto imagem e enquanto estrutura se coloca como eu fenomênico e como instância psíquica, que é um precipitado de colagens identificatórias, resultantes dos laços sociais. O visível no eu fenomênico funciona para mascarar a função da falta invisível a “olho nu”. Este jogo de luz e opacidade é a dialética que introduz a discordância imaginária e o acesso ao mundo simbólico.

É esta falta que recebe desde a origem uma significação por meio da instauração de uma relação entre a falta e o significante que a simboliza. Quer dizer, como vimos no jogo do fort/da, é a partir do movimento alternado de presença e ausência que se instaura uma oposição com suas marcas significantes, o que consiste fundamentalmente em introduzir nos jogos de linguagem a disjunção do significante do significado e, conseqüentemente, a dimensão simbólica na linguagem.

Este acesso à ordem simbólica se dá, de acordo com Freud em 1925¹⁹⁷, por intermédio da operação de negação, que é um princípio de diferença. Há um campo primário de julgamento a partir do contexto da pulsão, pois a afirmação *Bejahung* é equivalente à unificação e se refere a Eros, e a negação é a sucessora da expulsão que se refere a Thanatos. O que Freud vai sublinhar é que a função do juízo só se torna possível pelo símbolo da negação, pois o eu só reconhece o desconhecimento por uma fórmula negativa. Essa dimensão da negação como símbolo articula-se ao real em Lacan¹⁹⁸, no sentido da indicação do impossível.

Neste sentido, a ordem simbólica situa o sujeito em uma radical alteridade em relação à cadeia significante, pois é do Outro como lugar simbólico, constituinte e determinante do sujeito, que se constitui a ordenação do psiquismo, ou seja, é de onde o sujeito recebe sua significação.

Freud em *Totem e Tabu*¹⁹⁹ mostra a importância da função paterna na medida em que ela ocupa o lugar simbólico, a partir do recalçamento do crime originário, que engendra a lei e a dívida simbólica. É através desta dívida com o Outro que se instaura o movimento desejanste, que busca satisfazer as conseqüências da falta fundante. Ou seja, a falta é introduzida como condição

¹⁹⁷ Freud, S. - "La negación" (1925) ("Die Verneinung"), A.E., Vol. XIX.

¹⁹⁸ Lacan, J. - "O Seminário, livro 3, "As Psicoses", Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.

¹⁹⁹ Freud, S. - "Tótem y tabú" (1913) ("Totem und Tabu"), A.E., Vol. XII.

fundadora da linguagem, pois ela traz a radicalidade da determinação tanto do sujeito quanto do objeto pela ordem simbólica. É a articulação deste imperativo simbólico com um outro imperativo, o erótico, e que referimos ao contexto da pulsão, que pretendemos apresentar como a dimensão estética e ética do desejo.

5 - UM MOVIMENTO CHAMADO DESEJO

5.1. Introdução

A idéia de violar lugares inexplorados, de ir além dos limites do conhecimento, enfim de ousar transitar nas fronteiras do desconhecimento é a marca do pensamento freudiano. A fórmula de 1900, “o sonho é a realização de um desejo”, é exemplar desta marca freudiana e fundamenta, sem dúvida, o campo teórico e prático da psicanálise. Este campo se torna uma novidade justo quando o sonho é apresentado como uma expressão de uma satisfação do desejo inconsciente, o que leva Freud a colocar o desejo no cerne da experiência psicanalítica. Esta praxis, entendida como a unidade dialética do pensamento e da ação, apresenta os sonhos carregados de desejo como construções absurdas em relação ao pensamento consciente.

A realização do desejo tem na obra freudiana o estatuto de ser parcial porque jamais saciada, tornando-se uma busca insistente e repetitiva.

Desse modo, o desejo e seus efeitos são uma verdade em movimento, um eterno renascer, um ir além que se perpetua, e que tem o sonho enquanto testemunha. Esta “via real” que conduz ao inconsciente testemunha a

perenidade do desejo inconsciente, enquanto fonte determinante e movimento que nos anima.

Em 1900, de acordo com Freud²⁰⁰, o desejo se realiza no sonho mas de forma estranha, pois ele tem que atravessar as censuras para as quais os “disfarces” fazem função. Posteriormente, Freud vai mostrar que para além disso o desejo falta neste atravessamento e tropeça na *Real Angst*, apresentando efeitos surpresa, efeitos do inconsciente, que se revelam com uma radical estranheza.

Os sonhos de angústia trazem assim o *Unheimliche* do desejo, destituindo o eu do sonhador de sua aspiração de satisfação e o remetendo às fronteiras do impossível e do indizível.

A angústia se apresenta, então, no seu lugar de elemento que emerge daquilo que de trágico atribuímos à estrutura do desejo, daquilo que entendemos como um *Wunsch* imperioso, que desde o “Projeto”²⁰¹ Freud apresentou como a finalidade de reproduzir a satisfação “original”. Assim é que os sonhos de angústia implicam na impossibilidade inconsciente de repetir o reinvestimento da imagem - lembrança da percepção do objeto e, portanto, trazem a impossibilidade de alucinar a satisfação.

Desse modo, o despertar se impõe como um violento movimento, um traço diferencial entre o mundo dos objetos e um certo “vivido”.

Vamos continuar neste capítulo, agora na perspectiva do desejo, a trabalhar os efeitos estéticos e éticos decorrentes do destino pulsional da sublimação, entendendo o movimento disruptor acompanhado de intensa angústia como efeito-surpresa diante de algo indefensável, que não é possível eludir, uma perda original que traduzimos como uma diferença original.

²⁰⁰ Freud, S. - “La interpretación de los sueños”(1900) (“Die Traumdeutung”), A.E., Vol. IV e V.

²⁰¹ Freud, S. - “Proyecto de Psicología”(1895) (“Entwürf einer Psychologie”), A.E., Vol. I.

Esta diferença original que remete a uma desconhecimento originário se faz audível de diversas maneiras, sons advindos da fronteira entre a emoção e dizer, entre dizível e indizível, entre representável e irrepresentável, fronteira de onde emerge o “acontecimento significativo”, revelação do desejo, pois este lugar fronteira é a fenda que afirma a estrutura inconsciente como estrutura aberta.

Desse modo, diferença original quer dizer tensão permanente marcada pelo movimento de separação experimentado como impressão de intensa angústia. Este movimento impresso como separação tem um caráter traumático porque apresenta a dimensão de impossibilidade de satisfação total e, portanto, remete a outro movimento chamado desejo, traço de união sempre a ser feito.

No capítulo VII da *Traumdeutung* o que Freud mostra é que a atividade desejante visava a identidade perceptiva, ou seja, repetir a percepção à qual estava ligada a satisfação, alucinando a vivência de satisfação. Além disso, Freud apresenta que o desejo pode ser alucinado nos sonhos como também pode ser “realizado” através de um critério que opere a diferença entre a imagem - lembrança do objeto e a imagem-percepção do objeto, ou seja, um “critério para discernir alucinação e percepção”. Neste sentido é o processo de pensamento aquele capaz de substituir uma “identidade perceptiva” por uma “identidade de pensamento”, processo este que pretende tornar realizável aquilo que é da ordem da alucinação e da fantasia.

O que se apresenta imediatamente aqui enquanto questão é em que ordem se coloca a satisfação de desejo, já que os sonhos de angústia “despertam” a ausência de sentido da tal satisfação. Este vazio angustiante impede com sua radicalidade ruidosa e impactante a paralisação do desejo diante das fixações imaginárias.

O desaprisionamento dos objetos imaginários só é possível nos cortes significativos, “golpes fatais” na promessa de completude imaginária.

Neste ponto, vale lembrar o artigo "*Sobre a Transitoriedade*"²⁰², escrito em novembro de 1915, logo após "*Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte*"²⁰³ e "*Luto e Melancolia*"²⁰⁴ onde a exigência de imortalidade, como produto de um eu inconformado com a sua mortalidade, é discutida com argumentos estéticos. Freud apresenta neste texto exemplar que a beleza só adquire o valor de fruição articulada à dimensão da "finitude". Beleza e morte se opõem inclusivamente. Ou seja, toda antecipação de sentido que busca escapar da "finitude" implica em uma fixação, em uma parada do movimento desejante, enfim, mata a beleza.

O poeta Rilke, em sua conversa com Freud, apresenta uma antecipação de luto pela morte da beleza, matando o gozo estético que depende do trânsito desejante, livre do apego eternizado aos objetos. Quer dizer, ao recuar diante da "finitude", o poeta se priva da fruição da beleza.

Como vimos é a pulsão, no seu valor de conceito-fronteira, que nos mostra que ela circunscreve o objeto mas não o apreende, marcando a dimensão da incompletude. É assim que o pensamento freudiano, através da idéia de pulsão como pura atividade, afirmada em 1920 com a disruptora pulsão de morte, vai redimensionar a experiência psicanalítica como aquela criativa por excelência, porque produtora de significações através do valor expressivo e pleno da palavra, apontando desse modo para a dimensão estética da psicanálise. O que se coloca nesta praxis é o corpo-linguagem de desejo em movimento, corpo marcado pela ausência de sentido do completo.

A idéia de completude traz o valor do engano e da ilusão que se opõe ao valor de verdade parcial do desejo enquanto movimento. Ou seja, toda

²⁰² Freud, S. - "La transitoriedad" (1915) ("Vergänglichkeit"), A.E., Vol. XIV.

²⁰³ Freud, S. - "De guerra y muerte. Temas de actualidad" (1915) ("Zeitgemässes über Krieg und Tod"), A.E., Vol. XLX.

²⁰⁴ Freud, S. - "Duelo y melancolia" (1917) ("Trauer und Melancholie"), A.E., Vol. XIV.

fixação imaginária implica na parada do desejo, que é movimento. Como exemplar deste movimento chamado desejo temos o desejo do analista, na sua função de sustentar a angústia da incompletude, da falha estrutural, permitindo entrar em cena a verdade do movimento do desejo e seus efeitos de beleza.

Então, para falar de desejo como um dos quatro conceitos fundamentais escolhidos neste estudo para a problematização da estética e da ética em psicanálise vamos radicalizar a clivagem da representação entre a ausência do objeto de satisfação e a presença da realidade alucinada. Algo sustenta o investimento ou mais precisamente o reinvestimento de “uma imagem mnêmica” e garante a função animadora e movimentadora do desejo. Ou seja, pretendemos afirmar que o desejo é movimento cujo objeto é o desejar, porém algo necessariamente sustenta, media e reconhece este movimento: a linguagem. Por sua vez o valor estético da linguagem do desejo é o encontro forma e movimento, impressão / expressão, que é instante resultante de uma captura erótica da “finitude”.

5.2. Antígona: o desejo na origem.

É em 1897²⁰⁵, que Freud escreve a Fliess sobre a interpretação de Édipo e sua articulação com o saber sobre o desejo inconsciente, antecipando sua fundamentação do texto de 1900²⁰⁶.

É a partir do mito grego edipiano, ao valorizar a “força avassaladora” do desejo e sua indestrutibilidade, que Freud quis saber sobre a

²⁰⁵ Masson, J.M. - “A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess”, Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro, 1978, p. 271.

²⁰⁶ Freud, S. - “La interpretación de los sueños”, (1900) (“Die Traumdeutung”), A.E., Vol. IV e V.

dimensão de verdade do mito que se deixa levar pelo fascínio e pelo horror do incesto. Sobre o caráter de ficção do mito, Freud cria um complexo que vai determinar o enlace do desejo do sujeito em uma estrutura triangular. Neste sentido, Édipo é uma encruzilhada onde se determina a posição sexual do sujeito marcada pela castração, na medida em que se opera um desligamento libidinal que é a interdição da relação incestuosa. O que resta é o sujeito como traço do objeto perdido, pois Édipo é o enlace do sujeito à ordem simbólica, à cultura.

Édipo para Freud é, inicialmente o complexo que carrega a trama de desejos contraditórios e de ambivalência afetiva. Esta construção freudiana, sobre “Édipo Rei” de Sófocles, estabelece o nó entre o desejo incestuoso e o desejo parricida, e aponta para uma significação da castração, quando o herói se pune ao cegar seus próprios olhos por ter transgredido um limite e, desse modo, indica o destino sobre um saber a mais em relação à verdade do desejo.

De acordo com Vidal,²⁰⁷

“Édipo é uma interrogação no campo do saber e da verdade, pois sua trajetória entre nascimento e morte - limite do sujeito - consiste em estender no horizonte significativo o que é do saber”.
(p.18)

Assim, o ato de cegamento de Édipo tem como função na tragédia a recolocação de um saber sobre a questão do desejo. Tirésias é exemplar de como os gregos reconheciam na cegueira a perda necessária a uma passagem para a sabedoria, quer dizer, um para além das imagens e das aparências.

Neste estudo, é a idéia de “lapso de imagem” que pretende desenhar este atravessar a região enganosa das imagens. O que aí se impõe é o angustiante, o *Unheimliche* do desejo diante de um olhar insuportável. Este horrível é metamorfoseado em belo, dimensão estética do desejo, fruto da metaforização de uma articulação do “ser” com a morte. Isto é o que realiza o desejo enquanto

²⁰⁷ Eduardo A. Vidal, “Maldição e bem-dizer” In: “A Ética na Psicanálise”, Letra Freudiana, ano IX, n. 7/8.

movimento, pois trata-se daquilo que de belo remetemos ao desejo porque guiado pela morte e pela ausência de sentido. É neste ponto que a tragédia torna-se o subsídio de algo irreconciliável e de radicalmente perdido no desejo.

O “lapso de imagem” vai marcar uma falha no imaginário, lugar de alienação e de desconhecimento fundamental do sujeito da consciência. O ponto de falha que ocasiona a queda da imagem, suporte ficcional, apresenta o sujeito como efeito de corte e o objeto como perdido da satisfação e, portanto, o objeto não como o alvo do desejo, mas sim como sua causa.

O trânsito da tragédia edipiana ocorre na região onde se verifica a divisão subjetiva enquanto “instante” que se dá a ver a impossibilidade da relação incestuosa. Neste ponto, há falha de imagem, há ausência de garantia do campo do desejo, há “trans-aparência”, atravessamento do mundo equivocado da aparência e surge a impressão daquilo que fascina e que provoca horror. Aí não há apaziguamento possível, *Heimliche* igual a *Unheimliche*, é a irrupção do não-especularizável. Assim é que Édipo transita da alienação do sujeito à marca impressão / expressão diante do horror de um furo no saber de onde emerge a dimensão de uma verdade trágica do desejo: o criminoso gozo incestuoso.

É em Antígona²⁰⁸ que vamos construir no campo do Outro a marca do destino humano. Porque é sobre esta repetição do mesmo, da qual o trágico é inseparável, que Antígona se torna a própria representante do desejo na sua origem.

Vamos assim, focar a tragédia em Antígona diante da perspectiva de considerar os desejos incestuosos que a motivam no seu ato de recusar a ordem de Creonte: a morte do irmão Polinices “sem funeral nem lágrimas”.

Entendemos que a oposição de Antígona a Creonte é um traço de negatividade trágico porque ato que condensa a repetição do mesmo desejo

²⁰⁸ Anouilh, J. - “Antígona”, Editorial Presença Ltda, Lisboa, 1965.

incestuoso de sua origem porém, também, é ato que indica um “entre duas mortes”, um “não” à perpetuação da ausência de sentido. A morte de Antígona sela seu destino ao mesmo tempo que aponta a relação da paixão, e sua impossibilidade, com a pulsão de morte como disruptora, corte e acontecimento que instaura a linguagem. Quer dizer que há um encontro de duas formas de repetição que se superpõem: a inexorável repetição do mesmo e a insistência operante de uma repetição diferencial a partir do mesmo.

Ou seja, há a materialização da ausência de satisfação, cuja insistência é a mola de toda a simbolização. Antígona retrata, no seu valor de mito, a materialização do cadáver, insistindo na simbolização de sua morte. Porém, isto só é marca diferencial porque inclui sua origem incestuosa, a ligação dela com o irmão, experimentada como unidade em Antígona. Trata-se de sua aliança incestuosa que a vincula a seu pai e seu irmão.

É o seu *Até*, sua desgraça e seu flagelo, ou ainda, a loucura de sua família. Ao escolher sua sentença de morte, ela se identifica com a desgraça, perpetuando o incesto de Édipo. Sua filiação a este destino é o exemplar pelo qual ela testemunha, através de sua morte, a afirmação de um valor: o elemento incestuoso na origem do desejo. Aí o destino mantém um sentido espesso e fixo. Antígona é tomada pela morte no momento em que fixa o sentido, não dando lugar para qualquer outro. Não há saída.

Desse modo, em Antígona se apresenta a filiação consentida e “consentido” da heroína ao destino trágico. Ela afirma isto em uma das passagens da tragédia, dando razão ao seu ato

“Minha vida, há muito renunciei a ela, a fim de ajudar os mortos”.²⁰⁹ (p. 100).

²⁰⁹ Idem.

Ajudar os mortos significa “nomear” suas mortes pelo preço de sua vida. Ou ainda, a vida não vale coisa alguma sem aquilo que significa o seu preço: a renúncia a uma ligação desejante primordial, a ligação incestuosa.

Esta estranha origem do desejo é fundadora de toda a estrutura. É o desejo que o feminino encarna e colocado por Guyomard²¹⁰ em dois de seus traços mais constantes: Eva, a mulher tentadora, de desejo diabólico, que tenta o homem e precipita a sua queda, e a Virgem Maria, nova Eva, mãe imaculada que o salva dando à luz, sem sexo nem tentação, o Menino-Deus. Neste sentido o desejo materno inclui o feminino e marca a duplicidade dar à luz e dar a morte, ambivalência própria do desejo na origem.

Esta dimensão do desejo na origem é o próprio fato da estrutura inconsciente, origem que cria “um começo que jamais termina”. Podemos dizer que a tragédia em Sófocles, tanto em “*Édipo Rei*” como em “*Antígona*”, encena a passagem da tirania, onde o poder é fixado e exercido impiedosamente, para a não tirania, o poder que não é um lugar único, é dividido, é laço social.

Sobre o mistério da origem, Antígona representa uma imagem que possui e proíbe a dimensão incestuosa do desejo. Sua morte heróica e gloriosa remete ao indizível momento do arcaico incestuoso, ao mesmo tempo que ela é uma retirada da transmissão deste mesmo destino incestuoso, o de sua família. Esta marca remete ao arcaico, momento fundante, onde sobre uma primeira morte se inscreve uma segunda morte, que dá ao surgimento do desejo na origem este duplo movimento. Neste sentido, a origem é dupla: real e sexuada, onde se revela a impossibilidade de dissociar vida e morte. Ou seja, o “perigo” do desejo materno e do feminino permanece no seu fascínio sedutor como o lugar fundador de toda a história do desejo do sujeito. Sófocles apresentou este perigo tanto em Édipo quanto em Antígona, na revelação do trágico na história dos seus

²¹⁰ Guyomard, P. - “La jouissance du tragique”, Aubier, France, 1992.

personagens. A psicanálise vai-se apoderar deste perigo trágico no que concerne à estrutura do desejo: ele é experimentado no real de um corpo sexuado. Em resumo, antes de tudo a tragicidade do desejo na origem se coloca como confusão “da vida e da morte”, da lei e do incesto, para depois então o corte e a ruptura se inscreverem com seu poder separador sobre esta confusão que o desejo materno engendra.

5.3. Hamlet e o *Unheimliche* do desejo.

A peça é encenada em um ambiente sombrio, crepuscular e frio, clima que traduz o luto do pai de Hamlet e o mistério em torno de sua morte.

Um dos principais efeitos *Unheimliche* da tragédia de Shakespeare é o momento em que Hamlet faz representar na cômte uma peça de teatro por comediantes intinerantes. Ela relata o assassinato de um rei, o que exerce sobre Claudius um efeito de estranheza inquietante diante da representação especular do seu crime. Claudius vive o espetáculo como pesadelo que o coloca em cena como o culpado do assassinato. Este pesadelo o confronta com o indefensável, que faz com que ele interrompa a cena teatral, quebrando a ilusão da peça e reclamando por “luz”.

Podemos interpretar este momento como o reencontro de algo arcaico, um crime que se dá a ver e que desperta o *Unheimliche* do desejo. Sobre esta estranheza Freud vai descrever em seu artigo de 1919²¹¹ como uma experiência - fronteira entre imaginário e real, entre símbolo e aquilo que ele simboliza. O mundo imaginário é, aí, assustadoramente real, ou seja, algo de um

²¹¹ Freud, S. - “Lo ominoso”(1919) (“Das Unheimliche”), A.E., Vol. XVII.

arcaico revela uma forma imaginária primitiva, a culpabilidade do desejo parricida que se associa ao desejo incestuoso. A estranheza deste momento intensifica uma emoção familiar e estranha.

Surge uma “vivência” de duplicação, de perturbadora indiferença entre eu e o outro. Esta con-fusão causa uma fluidificação, uma imprecisão das formas, como elementos que pré - figuram a constituição de novas formas.

Esta experiência, digamos assim, de um retorno ao arcaico, evoca a angústia do real diante do desamparo primordial face à impossibilidade de uma mediação elementar por um sistema de signos. A angústia é o único sinal - impressão que testemunha esta experiência.

Em “*Construções em Análise*”²¹² Freud vai afirmar o trabalho de interpretação como limitado para o ofício do analista. O analista não pode se contentar em escutar e interpretar, ele tem que construir no “escuro”, compondo uma “*maquette*”, uma intriga diante dos enigmas colocados. Essa operação de reconstrução é uma exigência de trabalho para o analista diante da repetição de uma linguagem arcaica rica em ambivalência, em elementos clivados e de duplo sentido.

É em seu artigo de 1915: “*Observações sobre o Amor Transferencial*”²¹³ que Freud nos faz lembrar que a cena em Hamlet sobre o Espectro parece apavorante para o príncipe:

“Seria exatamente como se, após invocar um espírito a sair dos infernos, mediante astutos encantamentos, nós o tivéssemos deixado, em seguida, descer para lá novamente sem o haver interrogado. Nós teríamos trazido o recalcado à consciência apenas para, diante de nosso medo, recalca-lo mais uma vez”. (p. 213)

²¹² Freud, S. - “Construcciones en el análisis”(1937) (“Konstruktionen in der Analyse”), A.E., Vol. XXIII.

²¹³ Freud, S. - “Puntualizaciones sobre el amor de transferencia”(1915) (“Bemerkungen über die Übertragungsliebe”), A.E., Vol. XII.

Freud realça a atitude do analista como aquela que interroga o sujeito diante de uma paralisação angustiante, como aquela que precisa ir além da vacilação.

Neste sentido, entendemos em Hamlet²¹⁴ a paralisação de seu desejo em função de uma mistura de atração e repulsa. A inquietação em Hamlet anula o mundo e o faz vacilar sobre um abismo. A angústia se abate sobre ele e o inquietante se deixa sempre pressentir.

A estranheza inquietante em Hamlet em sua extensão máxima é tautológica: “é inquietante porque é inquietante”. Aí o príncipe anda em círculos, encantado por uma sedução. Surge uma ameaça do Espectro que flutua. É a presença do Outro que Hamlet não consegue fazer desaparecer. Esta ameaça não se mostra claramente, mas sim envolta por sombras.

A falta de Hamlet soa deslocada, estranha, sempre anunciando o mal que vai acontecer, tal qual Freud nos fala no texto do *Unheimliche*: “o estranho prenúncio da morte”.

O que podemos afirmar no texto shakespeariano é o paradoxo engendrado por algo sedutor do arcaico: a sua decepção. É uma espécie de revelação, de um hiato entre um eu-realidade originário e o mundo, um dentro e um fora. O que é inquietante é a aliança do mais próximo com o mais estranho, o amálgama brutal dos contrários. A experiência de horror é uma resposta a uma extrema ambivalência, é a vida que se faz morte.

Em Hamlet, o horror diante do ato monstruoso de Claudius faz eco para o príncipe: será que ele faria tal coisa?

Em resumo, a inquietante estranheza se mostra, em Hamlet, como uma constatação de uma exterioridade que é carregada pelo eu. É como diz

²¹⁴ Shakespeare, W. - “Hamlet”(tradução de Millôr Fernandes) L & PM Editores, São Paulo, 1991.

Guérin²¹⁵: “É um outro eu (moi) ou o eu (moi) como Outro”. Há uma espécie de relação de incerteza, há nesta confusão um sujeito, ao mesmo tempo exterior e submetido a uma força estranha, pronto para construir uma ficção, assim como este mesmo sujeito está diante de um excesso pulsional que o impede de simbolização.

A experiência do *Unheimliche*, desse modo, é fascinante porque lança o eu em um lugar duplo que é especular, atração narcísica, e horror alteritário, repulsa à exterioridade. Por um lado, o eu vive o outro como o mais familiar e, por outro lado, o eu se experimenta como o mais estranho para ele próprio.

Isto remete ao arcaico porque apresenta a angústia ligada a Eros, a angústia testemunha da ação da pulsão de morte, daquilo que insistentemente retorna a um ponto de origem: A reconstrução deste ponto, onde surge o silêncio do impossível de ser representado, é necessariamente o colocar em palavras uma experiência de corte, é elaborar ou instaurar uma significação que não adveio.

Neste sentido, a proposta deste estudo, ao falar do processo de criar pelo destino da sublimação, faz remeter às raízes das inscrições primárias, aos traços fundadores do arcaico e aos circuitos originários da pulsão.

As manifestações deste arcaico são experimentadas como transbordamento no eu do excesso pulsional, que é revelação de um estranho no eu, submerso no lugar do indizível. A emergência do fenômeno da estranheza inquietante traz, como temos visto, o valor de uma ambivalência original. A angústia, como mencionamos, é ruído proveniente do acontecimento pelo sujeito do perigo pulsional diante das forças pulsionais de vida e de morte.

O mergulho no não-sentido, que desperta a pulsão na sua função de corte, na experiência da estranheza inquietante, ancora o pulsional na

²¹⁵ Guérin, M. - “Ça, c’est inquietant” In: “L’inquietante étrangeté”, Université Paris X, Nanterre, 1988.

ambivalência, criando a vacilação do sujeito. Esta ancoragem é logicamente posterior ao que seria o aparecimento do familiar, do *Heimliche*, pois o que é impossível de ser experimentado é o lugar da certeza de se atingir o impenetrável, pois este lugar seria petrificante. A ambivalência já marca um campo de julgamento que, embora traga a confusão, marca, por outro lado, uma experiência limite. Este lugar limite facilita a expressão direta, a apresentação de vias para satisfação.

Esta experiência *Unheimliche* não é catastrófica, como a do psicótico, porque o recalque é mantido, ou seja, não há transformação total na estrutura do sujeito. Há, sim, uma violência pulsional que se manifesta em sua ambivalência primitiva ativando impressões angustiantes, marcas da alteridade radical.

Em seu ensaio sobre "*As matrizes subjetivas de um personagem*", Vital Brazil²¹⁶ marca a descoberta por Freud do valor do mito, na medida em que ele indica uma "matriz de origem" da própria cultura, que remete ao arcaico e ao originário, onde se apresenta uma lógica que revela a incompletude do sujeito cindido na sua constituição. Neste sentido, de acordo com Vital Brazil, a genealogia busca uma metáforização que se vincula à noção de verdade, reunindo "eventos significativos", que são momentos que emergem com o valor da verdade parcial do desejo.

Sobre isto Freud nos diz, em seu ensaio sobre "*Escritores Criativos e Devaneio*"²¹⁷ algo sobre a descoberta de um processo associado à origem e à sublimação, o qual interpretamos, por tratar-se de um artigo de 1908.

"As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos ..." (p.152)

"... todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar, e a verdadeira

²¹⁶Vital Brazil, H. - "Dois ensaios entre psicanálise e literatura", Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992.

²¹⁷Freud, S. - "El creador literario y el fantaseo"(1908) ("Der Dichter und das Phantasieren"), A.E., Vol. IX.

satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma liberação de tensões em nossas mentes”(p. 158)

Entendemos que Freud intui um trajeto pulsional para além do princípio do prazer. Assim é que a pulsão em sua insistência marca um não cessar jamais à busca pela satisfação completa.

Desse modo, os efeitos de sublimação atravessam as marcas da origem no sentido de que é do lugar do absurdo que a verdade se revela, absurdo que é o ponto limite de encontro com o não-sentido exigindo no psiquismo a descoberta de um novo sentido. É esta referência à origem que se materializa em objetos fascinantes e admiráveis que serão socialmente valorizados.

É assim que a experiência do *Unheimliche* aponta para a marca traumática de um desconhecimento radical e é em Hamlet, enquanto personagem trágico, que encontramos a pré-condição para que o “efeito trágico”, o *Unheimliche* do desejo, se faça.

Vital Brazil²¹⁸ vai enfatizar em Hamlet uma interpretação que nos refere a uma estrutura de origem pela via da indecisão do personagem, traço que o transforma num enigma para a interpretação freudiana.

Desse modo, o fantasma surge do lugar onde Hamlet é tomado de surpresa na origem de sua culpa, lugar que não interdita o incesto e sim o confronto com este desejo inadmissível. Este determinante trágico paralisa a ação, pois não há “garantia da ordem” que permita o deslocamento do desejo.

Esta paralisação é demonstrada na protelação da vingança, e aponta para a fixação imaginária, quando a suspeita de Hamlet é transformada em convicção “há algo de podre no reino da Dinamarca”.

Este algo podre remete ao desejo materno, que continua existindo “no reino da Dinamarca”, e com o qual Hamlet não consegue se confrontar, transformando a imagem materna em um personagem passivo, depositando todo o

²¹⁸ Vital Brazil, H. - “Dois ensaios entre psicanálise e literatura”, Imago Ediora, Rio de Janeiro, 1992

seu ódio “no usurpador do lugar do pai na cama de sua mãe”. A figura do usurpador “bem sucedido” excita o desejo de Hamlet em sua insistência de realização da promessa imaginária. Esta posição fixada de um desejo no imaginário, no plano da crença de sua realização, leva o personagem à “anulação do desejo”, à recusa de sua carne e de seu desejo por uma mulher.

Este desejo, que se radicaliza no imaginário referido ao desejo materno, coloca a questão da paralisação como efeito de uma demanda impossível, que demonstra que o desejo, enquanto movimento, se funda no corte da promessa de realização impossível, no corte de uma demanda de gozo, o que fundamenta o desejo na origem confrontado com uma impossibilidade.

De acordo com Vital Brazil²¹⁹, Hamlet é um personagem de enorme expressão sobre a estrutura de origem da culpabilidade, elemento estranho ao desejo.

5.4. Da dimensão trágica do desejo ao movimento chamado desejo.

É no capítulo V de “*A Interpretação dos Sonhos*”²²⁰ que Freud vai fazer referência a duas grandes criações da poesia trágica: *Édipo-Rei* de Sófocles e *Hamlet* de Shakespeare, Freud marca o tratamento diferencial que é dado à tragédia nestas duas épocas, separadas por muitos séculos.

Apoiado na idéia do recalque, Freud mostra a diferença entre os dois personagens, pois em Édipo a fantasia da criança aparece claramente e é realizada na narrativa como em um sonho, mas em Hamlet ela permanece

²¹⁹ Idem.

²²⁰ Freud, S. - “La interpretación de los sueños (1900) (“Die Traumdeutung”), A.E., Vol. IV e V.

recalcada como nos casos de neurose. Hamlet torna-se assim o exemplo privilegiado de formações do inconsciente. O desejo parricida e o desejo incestuoso em Hamlet são estruturados na peça sobre as hesitações do personagem, que se sente vacilante diante do cumprimento da tarefa imposta pelo fantasma do pai. Para Freud, então, estas duas obras literárias estão separadas no tempo.

Vamos enfatizar neste estudo, fundamentalmente, a separação destes personagens da literatura trágica diante do tempo da constituição do sujeito do desejo. Ou seja, trataremos do tempo referido à origem, origem que vibra e faz ouvir seus sons nos movimentos desejantes do sujeito. Todos os efeitos do inconsciente e de seu tempo retroativo, *Nachträglich*, incluem as vibrações angustiantes da origem.

Abordamos a dimensão do desejo na origem, tomando Édipo e Antígona como exemplares, na tentativa de enfatizar a duplicidade na estrutura trágica do desejo. Esta duplicidade é melhor vista em Antígona do que em Édipo.

Antígona, no esplendor de sua imagem, abriga uma confusão: ela possui e proíbe o destino incestuoso de sua família. Ou seja, há uma unidade em Antígona que inclui o incesto e que coloca tragicamente a confusão da vida e da morte. Nada a detém, há um destino trágico que a conduz para sua morte: o incesto que a fez nascer também a faz morrer. Entendemos que Sófocles apresenta nesta confusão a força da tragédia: contra o real da morte nada se interpõe. A força disruptora em Antígona se estabelece sobre uma confusão, sobre a impossibilidade trágica de sair do incesto. Esta é a dimensão de um desejo fundamental que traz também uma lei primordial: a lei da interdição do desejo incestuoso. Esta lei se impõe no valor de a morte não permanecer sem sentido. Com efeito, há um “entre” duas mortes, segundo Lacan vai afirmar.

Marcamos, inicialmente, a questão incestuosa da dimensão trágica do desejo justo para indicar uma diferença em relação à interpretação dada no "Seminário 7"²²¹ por Lacan, onde Antígona é exemplar da ética do analista.

Lacan apresenta Antígona como aquela que se fixa à posição intransponível e que não evoca qualquer outro direito a não ser o que surge na linguagem. Entendemos Lacan "purificando" o desejo de sua dimensão imaginária. Para ele, Antígona "não é nada senão o corte que a presença da linguagem instaura na vida do homem".

Neste sentido nossa crítica recai sobre a "pureza" de uma autonomia a qual Lacan insiste como sendo ela, Antígona, "miraculosamente" portadora, sem, no entanto, insistir sobre o aspecto incestuoso.

Entendemos que, assim, Antígona se coloca à margem de qualquer relação carnal, o que a libera de qualquer drama humano. Neste sentido, Lacan enfatiza o desejo "puro" o que remete, digamos, a um corte "puro", o simples poder de Antígona dizer não. Há quase uma santidade em sua recusa. Antígona é tão intocável para Lacan quanto a Virgem Maria o é para a Igreja Católica. Ambas ficam referidas à ausência de culpabilidade na medida em que se elimina a possibilidade de incesto, "pecado original", diante da negação da sexualidade. Esta "pureza" original vai postular a ausência completa de culpa, aquilo que é imaculado de qualquer toque sexual.

Concordamos com Lacan ao apresentar Antígona como portadora do "corte significante", porém naquilo que este corte significa a "humanidade" de Antígona. Poder dizer "não" é para o ser da linguagem o poder de subtrair o humano do trágico. Então, entendemos que Antígona condensa o amor incestuoso pelo irmão morto e a relação com a morte que instaura a linguagem. Há uma ambigüidade ao mesmo tempo imaginária e simbólica. Ou seja, como

²²¹ Lacan, J. - "Le séminaire, livre VII, L'éthique de la psychanalyse", Éditions du Seuil, Paris 1986.

mencionamos sobre o desejo na origem, há em Antígona um poder imaginário que mantém um sentido espesso e fixo e, por outro lado, ao ser tomada pela morte, ela faz com que se indique uma outra morte, pois fixando o sentido do que ela é, ela se oferece para manter a morte significada, o nome do irmão morto inscrito na ordem do simbólico.

Vital Brazil²²² em sua interpretação sobre Antígona introduz a questão do poder, quando enfatiza que ela se engaja numa luta até a morte contra o poder de seu tio Creonte, rei de Tebas, para dar ao irmão Polínices o seu enterro. Vital Brazil diz:

“Enterrar o irmão é mais que aceitar o real impossível de uma primeira morte, é recusar-se a aceitar uma outra morte, a que o corpo do irmão estava condenado na exposição, em humilhação, ao olhar desses outros que aceitariam passivamente a extinção do nome do sujeito do desejo”. (p.18).

De acordo com Vital Brazil, entendemos que Antígona se opõe à condenação da morte do desejo, porém inclui neste ato um eco narcísico sobre o destino incestuoso de sua família. Inferimos assim que sua morte é eco incestuoso até porque é som partido que advém da destrutividade última do poder narcísico.

Em resumo, a dimensão humana do desejo - desejo de outro desejo - implica no reconhecimento da alteridade associada à destituição narcísica. Este movimento chamado desejo, que emerge de uma estrutura trágica, é efeito da dimensão cultural e, portanto, humana do desejo, onde o “homem” só pode se realizar com o símbolo.

Desse modo, é em Hamlet que apreciamos o *Unheimliche* do desejo, ou seja, a reaparição da origem trágica a partir dos efeitos do inconsciente.

Hamlet apresenta o problema da culpabilidade, que, como Freud coloca no mito do assassinato do pai primitivo, é inaugural da cultura. Freud

²²² Vital Brazil, H. - “A ética de Antígona, a paixão de Sade e a questão do poder”, In: “Arte e Controvérsias”, Petrópolis, Editora Vozes, 1993.

através do valor deste mito apresentado em “Totem e Tabu”²²³, introduz a idéia de uma culpabilidade coletiva determinada por um “crime originário”. Hamlet, filho do rei morto, veste enquanto personagem aquilo que do desejo do sujeito está em questão na psicanálise com a castração simbólica. Este filho dedicado à vingança do pai morto apresenta uma estrutura que põe em jogo, de acordo com Lacan²²⁴, “a dimensão própria à subjetividade humana, o problema do desejo”.

Segundo Vital Brazil²²⁵, Freud descobre em Hamlet um personagem quase emblemático de um sujeito desejante através da aguda penetração “na cena indizível ou na poesia sem limite”.

Neste sentido, Hamlet nos remete a uma estrutura de origem e à lógica do inconsciente, pois ele enfatiza a permanência da paixão pela imagem do pai morto, assim como tenta “neutralizar o gozo da mãe imaginária, objeto primordial, mítico e inacessível, que o transforma em objeto do seu desejo” (Vital Brazil, p. 94).

Desse modo é em Hamlet, como personagem exemplar da constituição trágica do sujeito, que vamos valorizar a persistência da organização pulsional do desejo e nossa “ignorância” do desejo inconsciente, permitindo o reconhecimento da função do desconhecimento.

Sobre esta função do desconhecimento nos diz Vital Brazil²²⁶:

“Esta função do desconhecimento que Lacan chama de “sujeito inconsciente”- talvez forçando a concepção de um sujeito sem objeto, do sujeito como “traço ausente”- é uma função que nós poderíamos descrever como sendo quase matemática, porque se define interpretativamente como a correspondência entre um “evento significativo” atual (uma palavra, um gesto, um lapso, uma composição poética ou dramática, um sofrimento) e todos os eventos significantes passados ou futuros que são, assim,

²²³ Freud, S. - “Tótem y Tabú” (1913) (“Totem und Tabu”), A.E., Vol. XIII.

²²⁴ Lacan, J. - “Hamlet por Lacan”, Textos Psicanalíticos I, Escuta / Liubliü, Unicamp, S.P. 1986.

²²⁵ Vital Brazil, H. - “Dois ensaios entre psicanálise e literatura”, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992.

²²⁶ Idem.

virtualmente - e por efeito de retroação significativa, um efeito *nachträglich* do pensamento - ordenados numa série articulada e referidos à função da memória, de uma série de traços mnêmicos, que mostra a reiteração de conteúdos inapreensíveis” (p. 99).

Ou seja, esta função do desconhecimento surge como função na privação do sentido, uma vez que a linguagem referida aos efeitos - surpresa mostra o valor determinativo do simbólico associado ao movimento desejante.

Além disso, Hamlet é também exemplar desta estrutura de origem quando o “fantasma” surge na origem de sua culpa, apresentando a vacilação do personagem diante de um pai idealizado que o confronta com o desejo incestuoso inadmissível. É esta revelação do “fantasma” que incita a função do pai como “garantia da ordem”. O adiamento no cumprimento de sua proposta de vingança traduz em Hamlet a associação do recalque à culpa, definindo o herói como sujeito desejante em sua estrutura de origem, pois é culpado pelo crime de “não saber”, ignorância pela qual se paga o preço.

Dessa forma, através deste recurso extraordinário de Shakespeare que é o “fantasma”, apreciamos na dialética estrutural o valor do imaginário, os questionamentos que o personagem propicia em relação à sua imagem: a idealização do pai que sustenta sua própria imagem ideal. Além disso, é todo o clima da inquietante estranheza da peça que inclui o valor *Unheimliche* do desejo, espaço de confusão de imaginário e real e que solicita a intervenção do simbólico.

Neste sentido, Vital Brazil²²⁷ ressalta “a estrutura de ficção da verdade” quando Hamlet na “cena do teatro” imagina surpreender Claudius e fazê-lo denunciar-se. E ainda, Hamlet²²⁸ nutre a esperança de resolução do conflito pelo arrependimento da mãe, tentando de todas as maneiras protegê-la de sua raiva, e apresenta dramaticamente em sua fala, no terceiro ato, o saber sobre

²²⁷ Idem.

²²⁸ Shakespeare, W. - “Hamlet”, (tradução de Millôr Fernandes), L & PM editores, São Paulo, 1991.

a possibilidade sedutora da mãe que o fixa imaginariamente, ou seja, o saber do poder do desejo materno, o qual ele implora que ela negue.

“Mãe, pela graça divina,
Não passa em tua alma esse enganoso unguento,
De que não é o teu delito que fala, mas a minha demência” (p. 124).

É neste ponto que se apresenta a trágica anulação do desejo pela tirania da onipotência do desejo materno, alimentando em Hamlet sua ambivalência e intensificando o conflito entre o desejo imperioso e sua interdição.

Enfim, é esta ambivalência conflitiva e a ambigüidade do desejo que levam Hamlet a negar-se ao luto, à elaboração de suas perdas. Esta impossibilidade mantém o paraíso do imaginário e se opõe ao deslocamento do desejo, revelando em Hamlet uma trama narcísica que o paralisa em sua ação. Dessa maneira a linguagem do desejo em Hamlet se fixa em seu paraíso perdido.

Vale ressaltar que a inibição da ação na tragédia de Shakespeare implica na perda de toda e qualquer referência, o confronto com o real, iniciando um lugar - fronteira que, como já mencionamos, faz apelo ao simbólico. Em Hamlet este momento de confusão é preenchido pelo sentimento de culpabilidade que se opõe à “finitude” e ao desapego ao objeto imaginário, mantendo a onipotência imaginária.

Em resumo, de acordo com Freud, Hamlet é o exemplo maior na literatura trágica que nos fala sobre a estrutura de origem da culpabilidade na dimensão do desejo.

Mas, ao enfatizar a confusão entre realidade psíquica e realidade material apresentando a radicalidade do imaginário que expressa o desejo em uma “demanda impossível”, queremos apresentar o solo de onde advém a passagem, a “nova ação psíquica”, que constitui o lugar alteritário. A constituição

deste lugar mediatiza a relação com o imaginário e, conforme Freud nos apresenta na segunda tópica, é o Supereu, herdeiro do complexo de Édipo, que deixa a marca permanente do incesto pois ele garante o movimento chamado desejo em relação ao objeto tornado inacessível.

5.5. A linguagem do desejo

Yves Thoret²²⁹, no seu artigo "*Hamlet, figure étrange et familière, entre Freud et Oedipe*", apresenta o personagem de Shakespeare como "angustiante e fascinante" porque sua indecisão e inação solicitam o leitor para a decifração de um enigma.

Thoret nos refere à descoberta freudiana, em "*Interpretação dos Sonhos*", sobre as duas tragédias, a de Sófocles e a de Shakespeare, que já citamos neste estudo, assinalando a diferença entre aquilo que se passa no "clima onírico" de total desconhecimento, no Édipo-Rei, e aquilo que em Hamlet nos confronta com o radical desconhecimento dos conteúdos inconscientes e por onde o recalque pode demonstrar seus efeitos. Desse modo, o conflito em Hamlet se mantém encoberto, impenetrável, nos limites do sem-sentido. Com efeito, o personagem de Shakespeare é exemplar do retorno do recaiado e de sua força disruptora, que se impõe ao psiquismo, exigindo um contexto de interpretação diante da emergência da dimensão trágica da estrutura do desejo inconsciente. Hamlet tende à anulação do desejo enquanto movimento, pois, preenchido pela ferocidade da culpabilidade, ele se vê confrontado com o real sem a interpretação

²²⁹ Thoret, Y. - "Hamlet, figure étrange et familière, entre Freud et Oedipe", In: "Cahiers pour la recherche freudienne", 3 (27-37) 1988.

do simbólico. A força do personagem expressa uma experiência fronteira, um “entre” realidade psíquica e realidade material, ou um “entre” imaginário e real, lugar de confusão referido ao juízo de existência. É assim que o herói em sua hesitação apresenta uma paralisação do desejo diante da indecisão do julgamento sobre o que é fantasia e o que é realidade.

Em resumo, Hamlet é exemplar do *Unheimliche* do desejo: o estranhamento que nos refere ao antigo e familiar do desejo, o seu fundamento incestuoso e parricida, ao mesmo tempo, que é o estranhamento da lógica do desejo, a lógica do “eterno retorno”, a lógica da repetição de por e repor movimento. Esta lógica do desejo, que associa inconsciente à repetição é operante quando movimentada a estrutura e expressa a linguagem do desejo, linguagem por sua vez também *Unheimliche* porque nos confronta com o princípio de alteridade na constituição da subjetividade, permitindo que postulemos, como o faz Lacan,²³⁰ que o “inconsciente é o discurso do Outro”.

É indiscutível o valor da leitura lacaniana sobre o discurso freudiano que vai formular que o campo psicanalítico é fundado “na fala e na linguagem”. Neste sentido, o inconsciente se constitui na e pela linguagem, o que sublinha o registro simbólico como aquele dominante no psiquismo e fundante do sujeito do desejo.

Mas é Freud, com seu modelo clínico-teórico, que, ao desnaturalizar o desejo, fala da centralidade da linguagem.

Ao desnaturalizar o corpo, desbiologizando sua concepção e destituindo a apropriação médica da noção de corpo, o discurso freudiano introduz a sua perspectiva: o corpo é habitado pela linguagem do desejo. É uma linguagem carregada de símbolos, de imagens e de afetos. A linguagem do desejo

²³⁰ Jacques Lacan, “Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse”, In: “Écrits”, Paris, Seuil, 1966.

é a expressão de um inconsciente plural e dinâmico, portanto é linguagem de uma materialidade de impressões e inscrições que nos remetem a um corpo erógeno, corpo-linguagem de desejo, isto é, corpo assujeitado e possuído pela ordem simbólica.

Este corpo fala, transmite e produz linguagem. Quando produz é corpo-fonte de prazer e de dor. Quando fala diz sempre mais do que quer dizer. Quando transmite, o corpo-linguagem de desejo apresenta a legitimidade do estilo que o lança em um contexto de interpretação, ou seja, traz a marca legítima de sua origem passional e alteritária, marca permanente de tensão entre o sensível e o inteligível.

É a clínica que conduz Freud à escuta da sedução, que ele nomeia de uma experiência primária de passividade sexual. É em sua busca de um “real sexual traumático” que Freud descobre sua concepção de uma sexualidade essencialmente traumática, ou seja, descobre algo de uma exterioridade que antecede o nos dizermos agentes do gozo. Assim, como diz Nicéas²³¹ :

“É para essa sedução traumática que Freud aponta quando mantém a raiz de toda neurose plantada num “sexual não - sexual”. Impotentemente abandonados nas mãos do Outro, dele recebemos cuidados e uma condenação: somos, no início de nossa entrada na ordem humana, ancorados numa posição de objeto - causa de seu desejo”. (p. 17).

Ou seja, como apresentamos anteriormente, em sua origem a sexualidade corresponde a um trauma, e é mais claramente no caso Dora que este complexo trauma - sexualidade é explicitado.

Vamos seguir o Freud analista em seu percurso clínico, percurso de escuta para o corpo - linguagem de desejo.

²³¹ Nicéas, C.A. - “Além da castração, a - sexualidade: indicações freudianas” In: A ordem do Sexual, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1988.

Acompanharemos o discurso freudiano sobre este corpo que, diante dos pólos ordem e desordem, tropeça no não - sentido, o que o recoloca na busca de significações e contornado pelo universo indeterminado do afeto.

É a clínica das histéricas que confronta Freud com a lógica do sacrifício do corpo. Como exemplar desta lógica temos o caso Dora²³², escrito em janeiro de 1901, logo após o tratamento que se estendeu por três meses. Este caso se situa em um entrecruzamento de preocupações e em um tempo da obra de Freud que tem uma significação particular no que diz respeito à sexualidade.

Em 11 de outubro de 1899²³³ Freud anuncia a Fliess sua esperança de que uma teoria da sexualidade possa suceder ao trabalho sobre a "*Interpretação dos sonhos*". A expectativa freudiana se constitui em torno do entrelaçamento do sonho enquanto realização do desejo inconsciente e a história sexual de uma paciente em tratamento. Não é a toa que ao dar a notícia da conclusão do caso a Fliess, Freud explode em entusiasmo:

"É possível que uma teoria da sexualidade seja a sucessora imediata do livro dos sonhos. Hoje me ocorreram diversas coisas muito estranhas, que ainda não entendo propriamente. No que me concerne, não há como cogitar de uma deliberação. Esse método de trabalho funciona aos solavancos. Só Deus sabe a data do próximo arranco, a menos que você já tenha descoberto minha fórmula... São coisas desvairadas, aliás, algumas das quais eu já havia conjecturado durante a primeira era tempestuosa de produtividade" (p. 380).

Freud, a partir de Dora, amplia a peculiaridade dos processos psíquicos, vinculada à introdução do conceito de inconsciente, a outras questões fundamentais para a psicanálise, especialmente no que diz respeito ao pensamento sobre a sexualidade.

²³² Freud, S. - "Fragmento de análisis de un caso de histeria"(1901) ("Bruchstück einer Hysterie - Analyse"), A.E., Vol. VII

²³³ Masson, J.M. - "A Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess", Imago Editora Ltda. , Rio de Janeiro, 1986.

Este tema percorre o caso em toda sua extensão, permeando toda a história de Dora. Seu corpo histérico apresenta a lógica do sacrifício, onde a experiência de passividade sexual expõe sua dupla face: dor e prazer.

Celes²³⁴ comenta como Freud mostra a sexualidade presente em toda a narrativa do caso clínico. Sua dispnéia expressa a relação sexual dos pais, relação que ela teria “espreitado”; sua pressão no peito, sua repugnância e sua “evitação de homens em conversa afetuosa” são expressões de rejeição à sexualidade; sua irritação na garganta e tosse são expressões de uma fantasia de felação, e, ainda, a apendicite é uma fantasia de parto. As representações oníricas tais como a caixa de jóias, a chave e o fogo, no primeiro sonho, assim como as ninfas, o bosque, a estação e o cemitério, no segundo sonho, representam os órgãos genitais femininos. Este segundo sonho é interpretado como a figuração de uma fantasia de defloração. Além disso, para Freud os comportamentos mais “ingênuos” de Dora tem a significação sexual, como, por exemplo, trazer uma bolsinha para a sessão de análise e brincar com ela como representação do ato masturbatório. Enfim, Dora quer saber sobre sexualidade: lê sobre o assunto, fala da relação de seu pai com a Sra. K., do desejo do Sr. K. por ela e de sua relação com Freud na análise. Segundo o analista Freud, a “jovem histérica” sabe sobre sexualidade e afirma que não há questão sobre sexualidade que a histérica não saiba em seu inconsciente.

Mas o que sabe Freud sobre a sexualidade no caso Dora?

Em um primeiro momento Freud afirma sua posição anterior proposta nos “*Estudos sobre Histeria*”²³⁵ dizendo que:

²³⁴ Celes, L.A. - “Sexualidade e Subjetividade nos Inícios da Psicanálise”, Tese de doutorado, apresentada na PUC/RJ, 1991.

²³⁵ Freud, S. - “Fragmento de análise de um caso de histeria”(1901) (“Bruchstück einer Hysterie Analyse”), A.E., Vol. VII.

“Em nenhum dos casos de histeria deixei de achar aquelas condições psíquicas que os “Estudos” postulavam: o trauma psíquico, o conflito de afetos e, segundo acrescentei em publicações posteriores, o distúrbio na esfera da sexualidade” (p. 22).

Neste sentido, no caso de Dora é a cena do lago com seu valor traumático que Freud define como a condição prévia indispensável para a “gênese” de um estado patológico, porém isto não é suficiente para explicar a especificidade dos sintomas, até porque alguns sintomas são anteriores à cena do lago e remontam à infância de Dora. Freud considera, então, que se devam buscar “influências” (*Einfüssen*) ou “impressões” (*Eindrücken*) que tenham tido efeitos análogos ao de um trauma, mas que ao mesmo tempo determinem a especificidade dos sintomas.

Quer dizer, Freud associa as noções de influência e de impressão com o conceito de trauma, carregando, portanto, a idéia de que a histeria é efeito de uma ação sofrida pelo sujeito. Em um primeiro momento, Freud quer dizer que a histeria seria, assim, um modo particular de reação do sujeito submetido a influências e impressões específicas que devem permitir compreender as determinações e as particularidades dos sintomas. De acordo com Celes, estes, por sua vez, são entendidos como a reação particular do sujeito às “influências”, segundo um processo de organização subjetiva.

Ou seja, o sacrifício do corpo é ordenado em uma lógica a partir de “influências” e “impressões” com valor de “trauma sexual”. Assim é que, em Dora, Freud dá uma nova adjetivação para trauma. Não é qualquer experiência traumática, ela é sexual: “trauma e sexualidade se associam como um complexo”²³⁶.

²³⁶ Celes, L.A. - “Sexualidade e Subjetividade nos inícios da Psicanálise” Tese de Doutorado, PUC/R.J., 1991.

É na clínica sob transferência que Freud se dá conta de que o recalque fracassa e de que algo não se “sexualiza”. Há um “solo de realidade”, um para além do princípio do prazer e para além da castração que se impõe e que vai permitir a valorização da paradoxal idéia de dessexualização do alvo pulsional. Abre-se a concepção de um “sexual - não sexual”, a partir do complexo trauma - sexualidade.

Continuando a discutir a sexualidade em Dora, Freud vai dizer que a intensa ativação da “zona erógena”²³⁷ é a condição para a posterior complacência somática (*Somatisches Entgegenkommen*). Ou seja, há uma atividade intensa determinante da complacência somática e não da histeria apenas.

Vale ressaltar a importância desta idéia no que diz respeito ao corpo - linguagem de desejo. É esta complacência do corpo que permite, enquanto condição somática, aos processos inconscientes uma saída no domínio do corpo. E, o que se coloca em questão é, de acordo com Laplanche²³⁸ :

“...o poder expressivo do corpo e da sua aptidão especial para significar o recalcado” (p. 106).

Laplanche adverte para diferentes registros em que esta questão está presente:

- “quando uma doença somática pode servir para a expressão do conflito inconsciente;
- quando uma zona erógena pode deslocar sua intensidade erótica para uma região corporal, não predisposta pela sua função para ser erógena, e, não obstante, torna-se apta a significar um desejo recalcado;

²³⁷ O termo “zona erógena” é neste texto utilizado pela primeira vez para indicar uma parte do corpo diferenciada da genital.

²³⁸ Laplanche, J./ Pontalis, J.B. - “Vocabulário de Psicanálise”, Martins Fontes Editora Ltda, Santos, 1970.

- quando a expressão complacência somática pretende dizer sobre a escolha do próprio corpo como meio de expressão e neste ponto a idéia nos remete às vicissitudes do investimento narcísico do próprio corpo”.

Estas vicissitudes dizem respeito às experiências que se revelam como excitações e efeitos em relação à perda do falo, enquanto objeto imaginário. Estes efeitos representam a evocação do tempo de separação ou corte, implicados na representação da castração como perda. Com efeito, as vicissitudes do corpo histórico mostram a capacidade de negação, às custas do sacrifício do corpo, da realidade da castração. Assim é, que as manifestações somáticas, que brutalmente invadem e submetem o corpo, dizem sobre um corpo ameaçado de desaparecimento na cena de realidade. Este corpo em desordem desde os primórdios da psicanálise, fez com que o analista Freud pudesse escutar algo que transborda, que irrompe e que mostra um corpo assujeitado ao real sexual traumático.

Vale ainda ressaltar a idéia de que para Freud a complacência somática tem o valor de condição de possibilidade para a criação da fantasia, da estrutura de ficção. Isto se alia ao fato de que uma erogeneidade já se expressa como conflito psíquico, o que quer dizer um corpo “conservador” de erogeneidade para além do prazer, o que inclui a idéia de uma “impressão” intensa, que é da ordem do afeto, em uma experiência de satisfação. Algo permanece em um corpo-linguagem de desejo e que se revela como resto operante através da fantasia e do sintoma. Este corpo - símbolo é assim lugar de impressão/expressão do desejo do Outro.

Clinicamente, então, constatamos aquilo que se revela como estrutura de poder. O que se revela é um desejo alteritário e um sujeito que é função deste desejo. O aparelho de fantasia ou a estrutura de ficção é a própria realidade - realidade psíquica - onde o desejo do Outro encontra ressonância.

O que Freud descobre em sua relação transferencial com Dora é que ele, enquanto analista, não pode tomar para si o poder que opera em uma análise. O sintoma histérico como representante da verdade do desejo inconsciente inaugura a psicanálise, porque dá forma à verdade e a opõe ao saber.

Esta forma é a expressão da verdade que nos demonstra como a forma de dizer, a expressão, é tão relevante para a descoberta do desejo inconsciente quanto o conteúdo, aquilo que é efetivamente dito.

A idéia de expressão nos remete à noção freudiana de *Darstellung*, apresentação, ou seja, é aquilo que se dá a ver e que coloca o problema da percepção associado à representação inconsciente.

Desse modo, a *Darstellung* como apresentação nos leva para além da questão de uma memória que possa ser ativada, ela nos remete ao problema da representação afetiva, à questão da angústia como tensão entre percepção e representação.

Esta tensão chamamos de emoção, toque que afeta. Com efeito, a mobilização afetiva coloca o sujeito referido à percepção do objeto enquanto exterioridade. Esta emoção movimenta o sujeito desejante porque o desorganiza de forma *Unheimliche*. Isto que se dá a ver, que se expressa, leva ao engajamento afetivo e permite transitarmos da expressão à impressão.

Coube a Dora, enquanto histérica, testemunhar diante do analista Freud que a sua divisão ou o seu sintoma era uma expressão simbólica de algo impresso em seu corpo enquanto uma trans-forma-ção, que traduzimos por uma ação que se revela na forma e, portanto, inclui uma ruptura.

Ao valorizarmos a permanência da impressão transformada em expressão, indicamos o valor reativo daquilo que causa movimento desejante, causa apelo para repetir o mesmo prazer angustiante impresso e inscrito em uma superfície corporal e que tem uma antinomia radical com a ordem orgânica.

Desde o estabelecimento da especificidade da noção de zona erógena, enquanto uma região do corpo que é sede de uma “excitação sexual” e lugar onde surgem respostas sob o signo da emoção e das diferenças vivas de prazer e de dor, que Freud mostra a subversão da noção de corpo a partir da importância da ordem do erotismo.

A ordem do erotismo subverte a ordem orgânica em sua tendência a reduzir as tensões de diferenças. Contrariamente a isto, a questão erótica intensifica e valoriza as diferenças através de marcas singulares inscritas em um corpo, que não é jamais saciado de prazer, pois, na medida em que a proposta de satisfação cria um corpo-linguagem de desejo, abre-se um corpo-fenda. É um corpo aberto, onde a impressão angustiante de um apelo sem resposta representa que o “esperado” é o retorno de um “mesmo” impossível e inatingível. Este corpo-linguagem de desejo é corpo-fenda, é para além de um corpo prazer-desprazer, pois é corpo impressão - expressão de um desejo de desejo.

Desse modo, é um corpo continente para o erotismo. Ele contém e retém o que ele recebe de um mundo e de uma ordem ofertante. Torna-se lugar assujeitado a um mundo de signos que o impedem de satisfação plena, e de outro lado torna-se o lugar de onde podem jorrar as expressões da “impressão” angustiante de vazio. Como já apresentamos, este vazio não é idêntico a nada, pois ele supõe um contorno, uma fronteira com o sem sentido. O vazio é diferença, porque qualifica a impressão no seu valor indeterminado pela ausência de imagem traçada, desenhada. Este vazio se presta como continente produtor das mais diversas formas de apresentação dos movimentos eróticos, porque vazio que remete ao furo pulsional.

Dessa forma, a atividade perfuradora da pulsão é produtora do vazio, vazio que se torna singular pela movimentação desejante.

Ou seja, este furo pulsional que produz o vazio é perda e é causa e objeto do desejo. A constituição do desejo se dá neste lugar perfurado, como vimos, em sua dimensão trágica. O violento movimento do desejo é a abertura que “se dá a ver”, onde se apresenta de forma “relâmpago” o instante do desaparecimento do objeto. Então, o encontro com a perda é o tropeço no real, é a resplandecência do que resta: movimento de desejar.

Desse modo, algo de uma ruptura radical resta como irreversível, da qual a impressão da angústia faz testemunho de verdade, o que, além de consistir em assegurar o não - fechamento de uma abertura para a satisfação possível, vem garantir o movimento desejanter permanente, movimento de ordem-desordem porque associado aos cortes significativos de onde advêm os movimentos de um corpo erógeno como o que está para além do corpo narcísico, corpo fixado e aprisionado a objetos imaginários.

Vamos voltar, então, ao conceito freudiano de “complacência somática” onde a escolha do corpo sacrificado como meio de expressão vai mostrar, por exemplo, no caso da histeria, que o potencial afetivo, ligado ao “complexo associativo recusado”, é drenado para o corpo.

Nos primeiros escritos de Freud o afeto é entendido como um corpo estranho ao corpo representacional e que precisa ser banido. A idéia de um trabalho de liquidação do afeto advém do fato de ele ser visto como um excesso perturbador cuja descarga é exigida.

Esta formulação se encontra na primeira teoria da angústia, como vimos no primeiro capítulo, onde este afeto por excelência é uma intensa perturbação, nas neurastenias, pronta para ser liquidada ou transforma-se em sintomas nas neuroses de transferência. Quer dizer, o afeto é neste momento da obra freudiana uma espécie de agressão que habita o sujeito, e o esforço terapêutico seria sua eliminação. Com efeito, a posição inicial do problema

coloca a idéia de um mal que vem de uma exterioridade como um estranho que invade o psiquismo e que será expulso mediante uma proposta terapêutica de retorno a um bem - estar. Neste sentido, a ab-reação e suas diversas formas liquidavam o afeto excedente e os sintomas histéricos desapareciam quando se esclarecia a lembrança desencadeante do problema. Aí surge o paradoxo. Esta coisa estranha chamada afeto quando ligada à idéia produzia o valor do acontecimento: o paciente dava à sua emoção uma expressão verbal.

Vejam os: Freud literalmente mostra que uma lembrança desprovida de afeto não tem valor de acontecimento, e enfatiza o fato de a repetição de um processo psíquico se dar com igual intensidade a um suposto momento original, ou seja, o processo psíquico deve ser conduzido "*in statum nascendi*" para então ser traduzido verbalmente. O paradoxo se coloca porque o estranho afeto é um "mal" que ora precisa ser expulso, ora é algo tão familiar que é evocado para dar forma e expressão ao trabalho analítico. Neste sentido, o afeto é ruído restante de um "mal" impossível de ser expulso e que suscita novas descobertas dando expressão àquilo que jaz impresso e inscrito na estrutura com uma estranha familiaridade.

Interpretamos Freud desde esta época intuindo o que ele vai mencionar no seu artigo de 1919, *Das Unheimliche*²³⁹ sobre o "trazer à luz o que está oculto". Em sua clínica das histéricas a estranheza jaz no traço impresso do corpo sacrificado e que remete ao inescapável: o representante inconsciente do desejo do Outro.

O que se põe à prova é como sustentar e decifrar o enigma do desejo do Outro sempre a revelar, ou ainda, como desejar um objeto que só pode

²³⁹ Freud, S. - "Lo ominoso" (1919) ("Das Unheimliche"), A.E., Vol. XVII.

situar-se no extremo limite de seu exílio. Sobre isto diz Leclaire²⁴⁰: “desvio do desejo em seu estado nascente”.

Acompanhamos Freud em sua escuta para o corpo-linguagem histérico, corpo inaugurante da psicanálise porque lançador de enigmas diante da afetação do desejo do Outro. O corpo histérico, embora expresse a linguagem de desejo aprisionada à promessa de gozo imaginário, é corpo que insiste em um saber sobre aquilo que lhe foi imprimido. É corpo afetado que busca expressão em palavra. Esta busca opera na histeria, de forma exemplar, a inclusão da alienação e do sacrifício de um corpo diante da impressão de intensa angústia. A histeria testemunha o afeto como linguagem sem palavra.

Schneider²⁴¹ comenta, neste sentido, a expressão histérica dizendo que não se trata exatamente de desordem, mas sim de uma tentativa de volta à bipolaridade impressão-expressão, que implica em uma linguagem originária. Com efeito, é a histérica que marca para Freud que o corpo fala uma linguagem necessariamente articulada ao afeto. Este afeto-angústia é testemunha do horror de um desamparo primordial, da perda do “pedaço de carne”, momento onde o furo pulsional introduz a desordem intensa e que se torna cena indizível em palavras, porém articulada a uma finalidade significativa, cuja lógica se expressa no sacrifício do corpo. Ou seja, o plano do “vivido” está radicalmente perdido, restando ruídos significantes capturados na rede desejante das relações com o Outro.

Desse modo, o corpo - linguagem da histérica faz o papel de uma caixa de ressonância de um processo angustiante e desesperado diante de um saber inconsciente. O que permanece é a capacidade expressiva do corpo, cujas impressões buscam o endereçamento ao Outro em uma dimensão trágica.

²⁴⁰ Leclaire, S. - “A Propósito do Episódio Psicótico apresentado pelo Homem dos Lobos” in: *Psicose: Uma leitura Psicanalítica*, Interlivros, Belo Horizonte, 1979.

²⁴¹ Schneider, M. - “Afeto e Linguagem nos primeiros escritos de Freud”, São Paulo, Editora Escuta, 1994.

Em resumo, estamos falando sobre a linguagem advinda da marca traumática de um movimento inscrito em um corpo como linguagem que remete ao arcaico, à origem onde a possibilidade estrutural é o indizível, o dizer sem palavras. Isto marca o valor do contorno estrutural, as bordas erógenas, bordas de prazer-angústia intensa. É o corpo impressão-expressão afetiva.

Abordamos, assim, o afeto como linguagem, elemento familiar e estranho que definitivamente se infiltra no corpo através da experiência traumática fazendo repercutir seus efeitos. Desse modo, o corpo-linguagem inclui as marcas afetivas em sua dupla face: a impressão, onde o sujeito é passivo e sofre uma violência simbólica que deixa como resto os ruídos angustiantes de uma exterioridade e de uma realidade inatingível e inacessível, e a outra face, a expressão, enquanto atividade emocional. Assim, impressão e expressão é o par que representa o desejo em sua linguagem de origem. Todo objeto será causa de desejo ao se remeter a esta linguagem de origem.

Para Schneider²⁴² é a ênfase na noção de *Verarbeitung* (elaboração) que vai mostrar a expressão afetiva como termo de uma conquista, que significaria o esboço de uma transcrição.

O termo *Verarbeitung* Freud e Breuer o encontraram em Charcot e o retomam na teoria sobre a histeria acentuando uma eficácia no estabelecimento dos laços associativos que permitem a liquidação progressiva do trauma. Há nesta noção uma suposição de transição entre o registro econômico e o registro simbólico e que remete ao conceito de *Bindung* (ligação), apresentado no primeiro capítulo deste estudo. Desde o "Projeto"²⁴³, este conceito sublinha a condição de ligação através do estabelecimento de facilitações com um sistema já investido e formando um todo. Além disso, ao longo do texto de 1895 aparece o

²⁴² Idem.

²⁴³ Freud, S. - "Proyecto de psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie"), A.E., Vol. I.

seu polo oposto *Entbindung* como o termo que designa intenso surgimento de energia livre tendendo para a descarga. Em 1920²⁴⁴, a questão da ligação é complexificada através do modelo da repetição das experiências desagradáveis, vendo Freud neste conceito a própria marca do pulsional e a característica principal de Eros.

Schneider, ao lembrar o conceito de elaboração que nos remete ao de ligação, vai articular o lugar da emoção e da expressão afetiva como fundamento e esboço de linguagem. E vai exemplificar dizendo que entre o sofrimento e o grito intercala-se todo um trabalho que é de endereçamento ao mundo. O grito contém a passagem traumática de um sofrimento: uma linguagem da paixão que implica uma encruzilhada do grito enquanto uma reduplicação do objeto familiar e estranho que se dá em um espaço de abertura e de passagem disruptiva entre o vivido e o encenado. É esta passagem - hiato que permite o acesso à dimensão simbólica. Sobre isto Schneider²⁴⁵ diz o seguinte:

“O que promove o grito ao estatuto de uma representação inaugural é, aliás, ao mesmo tempo, o que lhe faz perder esta inocência que teria ao ser puramente irrepreensível. O sujeito, por mais criança que seja, que sofra e que grite, a partir do momento em que a associação pode ser feita por ele entre o grito e a resposta do meio, cessa de ser pura vítima para se tornar ator ou diretor. Ora, um diretor se representando vítima é, desta forma, desmascarado. Esta transposição instaura um corte entre a ordem, aliás mítica, do que seria pura e simplesmente vivido e a entrada em cena, a passagem a uma existência que tenta se representar” (p. 86).

Vale ressaltar que este estudo quer sublinhar o estatuto do afeto através do seu par impressão-expressão como o que permite ao corpo de desejo uma linguagem sem palavras que se coloca como movimento angustiante e que quando associado à palavra metamorfoseia algo da ordem da marcagem (ato de

²⁴⁴ Freud, S. - “Mas allá del principio del placer” (1920) (“Jenseits des Lustprinzips”), A.E., Vol. XVIII.

²⁴⁵ Schneider, M. - “Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud”, São Paulo, Editora Escuta, 1994.

marcar) em uma operação de revelação. Forma bela de revelar a marca da “finitude.”

Neste sentido, o resto de uma ruptura radical irreversível assegura o não - fechamento de um corpo. A função do belo, que abordaremos mais adiante, advém do funcionar de um corpo-abertura onde transparece o “ser” da morte.

Assim, há um traço impressivo que expressa uma intangível diferença e marca um corpo através de uma violência traumática que é sexual. O que está em jogo no vai-e-vem impressão e expressão é a subjetivação, o assujeitamento do corpo que suporta e ao mesmo tempo faz aparecer a inscrição-incisão erógena.

Desse modo, o valor erógeno do traço se desenha como algo que constitui e representa o lugar do corpo enquanto gozo, por ser alvo passivo e masoquista - acontecimento em que o gozo pulsional é vivido apenas como trauma - e como algo que se revela como corpo-limite e faltoso, perda-causa de desejo, dívida para com a elaboração e o mundo das significações.

O corpo é linguagem de desejo porque inclui os diversos modos de expressão afetiva, de apresentações estéticas que se associarão ao verbal.

O corpo marcado torna-se falante porque é corpo - conjunto de elementos significantes: as impressões, como traços indiferenciados, eles possíveis para a produção simbólica e para o movimento desejante e as inscrições, os traços diferenciados e ligados entre si.

Para falar de estética em psicanálise nos remetemos ao corpo-linguagem do desejo como aquele que comporta uma complexidade de impressões e de inscrições, diferenças diferentes pois as impressões expressam o *Unheimliche* do desejo, som estranho que, associado aos traços - representação, articula os dizeres que estão na fronteira da emoção e das imagens, permitindo que, nos limites da subjetividade, os símbolos sejam evocados. E é a realização

com o símbolo que afirma o movimento chamado desejo como linguagem desejo de desejo.

O analista Freud, ao se por em escuta, descobre na voz do sacrifício do corpo histórico um saber que se expressa no sintoma e pela angústia.

É um saber que solicita do analista a decifração como condição de acesso ao enigma, e que indica o corpo sacrificado porque corpo fixado, paralisado em relação ao deslocamento do desejo e que se mantém preso a uma produção metafórica repetitiva. Assim, o fenômeno neurótico traz a questão do narcisismo enquanto aquela que pretende negar a “finitude”, a transitoriedade, aprisionando o corpo linguagem de desejo a fantasias de onipotência, que buscam ilusoriamente a completude.

A possibilidade de esse corpo, embora fixado e sacrificado, manter o movimento psíquico se dá pela expressão de uma impressão chamada angústia, que revela de forma indizível a verdade parcial do desejo, verdade que é movimento e que se associa à incompletude e à falha estrutural. Porém, como já mencionamos, é só a partir da segunda teoria da angústia que este afeto é o representante de uma exigência pulsional de ordenação psíquica diante da ameaça de desordem pela ausência de imagem e de determinação de sentido.

É em 1926²⁴⁶ que Freud elege a angústia enquanto afeto que anuncia a aproximação de um perigo pulsional de tal ordem que o estado de desamparo e a ausência de recursos tomam conta do eu. A angústia produz a experiência de um perigo real, efetivamente ameaçador e que traz à tona a experiência de horror ligada a uma angústia originária, ao “arcaico”, que, aliás, sempre preocupou Freud.

Este arcaico diz respeito, no pensamento freudiano, ao tempo de encontro do sujeito do desejo com a linguagem. Ao testemunhar este encontro, a

²⁴⁶ Freud, S. - “Inibición, Síntoma y angústia”(1926) (“Hemmung, Symptom und Angst”), A.E., Vol. XX

angústia torna-se o representante afetivo da linguagem pulsional, efeito subjetivo da marca que constitui o suporte do desejo no campo da alteridade.

Sobre isto encontramos no texto de Nicéas²⁴⁷ o seguinte:

“A angústia é propriamente o afeto do desejo do Outro, cujo enigma o sujeito recobre com a fantasia” (p. 42)

Em 1926, como vimos, há uma dimensão radical do pensamento freudiano através da formulação da *Real Angst*. Este conceito apresenta a falha na estrutura experimentada como efeito-surpresa diante do que não se apreende em lugar algum: o objeto da pulsão. Surge a experiência de abismo pela ausência de sentido. Há neste ponto falha de imagem, “lapso de imagem”, decorrente da impossibilidade de recobrimento fantasmático.

Assim, a angústia como representante afetivo da pulsão, é tradução subjetiva, é linguagem afetiva que supõe a desordem do eu, porque comporta, enquanto linguagem, a estranha linguagem de um “desejo além”.

Mas, além de que? Vejamos: se a angústia suscita o campo do movimento no psiquismo ao dar expressão a uma linguagem da origem do desejo, ela mobiliza o deciframento da marca impressiva e representativa do desejo do Outro. É a angústia a promotora do passo além da angústia, passo além do testemunho da origem trágica do desejo.

Em resumo, a angústia, enquanto testemunha da verdade parcial do desejo, anuncia o sujeito na trilha incessante de procurar o perdido, metaforizando a perda originária de plenitude da satisfação pulsional em movimento constitutivo do campo do desejo de desejo, desejo em deslocamento permanente.

Ao nos referirmos à estética, pensamos o desejo enquanto movimento em oposição à fixação imaginária, porque queremos sublinhar o

²⁴⁷ Nicéas, C.A. - “Angústia e Castração”, Tempo Psicanalítico, Revista da SPID, N. 27, 1994, Rio de Janeiro

trajeto pulsional da sublimação como “trajeto - corte” dos aprisionamentos imaginários, ao mesmo tempo que “trajeto - criação” do objeto causa de desejo, o objeto “digno” da Coisa.

A fim de ampliar os subsídios conceituais para a problematização da estética e da ética em psicanálise, voltamos a escutar o analista Freud, agora em outro relato clínico: o caso do “Homem dos Lobos²⁴⁸”. Esta análise, realizada pela primeira vez entre fevereiro de 1910 e julho de 1914, teve como eixo central a investigação de um sonho de angústia: o sonho com lobos brancos sentados em uma enorme noqueira.

Serguei Constantinovitch Pankejeff, o “homem dos lobos” apresentava aos vinte e três anos, quando iniciou sua análise, um estado de total incapacidade para administrar sua vida. Ao longo dos quatro primeiros anos de análise, Freud constata uma intensa resistência a mudanças por parte do jovem russo, o que leva Freud a estrategicamente estipular uma data para interromper o tratamento, fosse qual fosse o estágio em que este se encontrasse. Esta marcação antecipada do término da análise cria um efeito de movimentação na análise e poucos meses depois o “homem dos lobos” se mostra em condições de “gerenciar” sua vida. Freud volta a encontrá-lo em 1919 e o analisa por mais quatro meses.

Certamente a história clínica do “homem dos lobos” tem uma riqueza peculiar por sua complexidade permitir uma série de produções conceituais e, especialmente, por trazer à luz neste estudo de forma exemplar a articulação do desejo em uma forma “simbólico - arcaica” de expressão. Neste sentido, nos referimos à representação que entendemos de maior importância nesta análise: a representação da “abertura” diante de um violento movimento.

²⁴⁸ Freud, S. - “De la historia de una neurosis infantil”(1918) (“Aus der geschichte einer infantilen Neurose”), A.E., Vol. XVII

Assim, vamos ao texto do sonho - pesadelo em seu trecho de maior inquietação e estranheza:

“De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande noqueira em frente da janela” (p. 45).

A ação no sonho sobre a abertura da janela tem uma imagem tão clara e vívida para o “homem dos lobos” que, conforme ele afirma, levou muito tempo para se convencer de que fora apenas um sonho. Algo de uma dimensão estranha coloca em questão o valor da imagem ocorrendo uma intensificação da angústia, um violento movimento, um tempo de despertar que coloca fim ao pesadelo.

Freud marca que o paciente sempre enfatizou que dois fatores no sonho haviam-lhe causado a maior impressão: primeiro, a perfeita quietude e imobilidade dos lobos e, segundo, a atenção com que todos olhavam para ele. Além disso, a sensação de realidade que o sonho deixou após o despertar também era digna de nota. Mais adiante, Freud mostra que o fragmento “a janela se abre sozinha” deve ser interpretado como “os olhos abriram-se de repente” e o paciente viu algo terrível. Temos a oposição significativa da imobilidade dos olhos dos lobos e da intensa mobilidade da abertura dos olhos - janela. Freud fala de inversão: no lugar da imobilidade estaria o mais violento movimento.

Este terror angustiado do movimento “abrir - fechar” retorna em outro momento da análise diante do lento abrir e fechar das asas da borboleta. À estranha sensação causada pelo movimento da borboleta o paciente associou a uma mulher abrindo as pernas que tomavam, então, a forma de um ‘V’ romano, que conforme assinala Freud, é o número cinco em romano, hora em que, tanto na infância como até a época do tratamento, ele costumava cair em depressão.

Freud, neste momento, argumenta o quanto estas associações não correspondem a sugestões do analista, ou seja, o quanto a atenção flutuante do analista Freud designa uma escuta “viva” para a repetição de um som estranho, que repete porque é diferença que faz tropeçar qualquer tentativa de domínio racional. Neste sentido, vale ressaltar o efeito surpresa, efeito de ruptura que o movimento de abertura marca na história do paciente em “estado nascente” na sua hora de análise, repetindo o que há de traumático. Ou seja, o movimento de abertura se refere a um inquietante acolhimento materno responsável pelo despertar sensível do corpo.

Sobre isto Leclaire²⁴⁹, comentando a análise do “homem dos lobos” diz:

“Quando digo que, no caso do homem dos lobos, o significante “abrir” é corpo ao mesmo tempo que letra, indico aí curiosamente o mais inapreensível do significante, pois a abertura da boca aqui visada não é essencialmente o movimento na sua materialidade registrável (o que pode ser, aliás, uma orelha que se abre?); a abertura da boca da qual se trata aqui é esta experiência de prazer - ou de desprazer, este momento de uma diferença inapreensível apreendida no próprio tempo de seu desvanecimento, a própria experiência deste igual - não igual que se encontra, em última análise, quando se interroga a verdade do desejo.

Digo, então, que o significante é constituído por uma letra na medida em que ela remete intrinsecamente a um movimento do corpo enquanto *inapreensível diferença de um igual - não igual*”.

Em resumo, aquilo que o violento movimento do despertar, que é abertura, vai remeter ao inconsciente do “homem dos lobos” é a representação da ruptura, que nos é indicada pelas abundantes associações e referências em torno da idéia de corte, tais como a alucinação do dedo cortado ou a representação dos rabos arrancados.

²⁴⁹ Leclaire, S. - “A Propósito do Episódio Psicótico apresentado pelo Homem dos Lobos”, in: *Psicose: Uma leitura Psicanalítica*, Interlivros, Belo Horizonte, 1979.

Esta representação da ruptura se impõe diante do fantasma do desejo realizado, mais precisamente o fantasma de retorno ao corpo materno, predominante na vida imaginária dos neuróticos. Na história singular do “homem dos lobos” Freud apresenta este fantasma como a condensação de dois desejos incestuosos: o desejo de penetrar na mãe e o desejo de nesta penetração reencontrar, durante o coito, o pênis paterno e, tal como uma mulher, ser fecundada por ele. Neste sentido Freud sublinha as ligações do fantasma à cena primitiva. A ruptura é o tempo de separação do corpo materno, análogo à abertura dos olhos e da janela. Desse modo, seria o acesso ao “mundo da claridade”, onde reina a diferença.

Leclaire²⁵⁰ chama a atenção para o fantasma do véu, no “homem dos lobos”, véu que representa o limite entre a claridade e as trevas e que coloca em jogo um “entre” o mundo das trevas e o mundo da claridade, ou seja, uma zona de confusão e de indeterminação. Freud se refere no texto ao fato de seu paciente ter nascido empelicado e conclui que a pele seria o véu que o esconde do mundo ao mesmo tempo que lhe esconde o mundo. Então, interroga Freud, o que pode significar este rompimento do véu enquanto tempo essencial do fantasma? Entendemos como o tempo da realidade da castração, do real sexual traumático que confronta o paciente com a significação do corte, corte que é separação e diferença, diferença que se funda na representação e é sustentada pelo som do violento movimento.

Este movimento angustiante revela o que não é possível suprimir, a não ser sob a forma da psicose. O que não se pode eliminar é a experiência da separação. Vale ressaltar que a experiência de separação do corpo materno é uma das raízes do complexo de castração. Respondendo a Freud, diríamos que o rompimento do véu enquanto tempo essencial do fantasma é a evocação do

²⁵⁰ Idem.

tempo de origem, que vem-se impor como possibilidade criativa situada entre o sensível e o inteligível. Ou ainda, é tempo onde a representação da castração encontra no movimento violento de separação a dimensão de sua ancoragem somática, dimensão de fonte e de impressão.

O ser dotado de linguagem desde a origem ao ser tocado em sua dimensão de fonte imediatamente reenvia o violento movimento de separação a expressões eróticas, de união. Toda separação remete ao traço de união.

No "Homem dos Lobos" este traço se inscreve em uma situação catastrófica no sentido da dificuldade do paciente de ultrapassagem, de ir para além da promessa de plenitude do gozo sofrido. A idéia do véu sempre a se romper marca a permanência em um manchamento de seu desejo com o objeto do desejo de sua mãe. Resta um desejo irreprimível, violento, que opera exigindo satisfação completa.

Esta impressão desejante surge no relato freudiano fixada em um tempo de determinação irrevogável do paciente enquanto o objeto do desejo sexual. A sedução faz apelo para que o "homem dos lobos" permaneça envolto em seu véu, que o separa de todo acesso possível à "realidade da castração".

O sonho com os lobos, enquanto enigma, é exemplar do *Unheimliche* do desejo, porque afirma a queda do objeto, a imagem lapsada, e interroga o analista Freud diante dos efeitos criativos a partir do corte significativo e da origem do desejo. Estes efeitos emergem do poder de escapar da clausura do desejo materno e "cair na real", melhor dizendo, *aceder à realidade da castração simbólica*. O sujeito assim cindido renasce para o movimento chamado desejo. Este desejo de desejo encontra em sua fonte a impressão inquietante de um ato de marcar a promessa de realização incestuosa, que é constituinte do desejo.

Enfim, a linguagem do desejo salta da boca - abertura, abertura que é efeito do furo pulsional que, por sua vez, é perda. Esta abertura - boca é

também erógena, causa e objeto de desejo que promove o eterno movimento de abrir e fechar. É o instante de abertura resplandecente, acesso à claridade que nos indica o belo em sua relação com a morte.

Concluimos, então, a primeira parte deste estudo afirmando que o instante ou o clarão onde o objeto como real é entre-visto é instante que metaforiza o horrível em belo, e que apresenta a estética em psicanálise como forma e traçado virtual do trágico. Chegamos à problematização da estética e da ética através dos alicerces conceituais da angústia, da pulsão e do desejo, que se associam como uma sinfonia e que têm no estudo de narcisismo seu contracanto.

2a. PARTE

SOBRE A ESTÉTICA E A ÉTICA DO DESEJO.

6 - SOBRE A ESTÉTICA DO DESEJO

“A atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muita pouca proteção contra a ameaça de sofrimento... A fruição da beleza dispõe de uma qualidade de sentimento, tenuamente intoxicante” (Freud - “Mal Estar na Civilização”)

“... a função do belo é precisamente de nos indicar o lugar da relação do homem com sua própria morte, e de nos indicá-lo somente num resplandecimento” (Lacan - “Seminário 7”)

6.1. Introdução

A segunda parte desta tese consiste em uma construção psicanalítica sobre a estética e a ética do desejo, a partir dos quatro conceitos elaborados na primeira parte deste estudo.

Vamos prosseguir iniciando pelo estudo sobre Estética, tema abordado por Freud em seu artigo de 1919, “*Das Unheimliche*”,²⁵¹ como a teoria das qualidades do sentir. Caminhando junto com o pensamento freudiano neste texto, interpretamos que, ao colocar o efeito de surpresa da estranheza inquietante como um “ramo central da estética”, o que é posto em jogo é o enigma da semelhança como o avesso da diferença, enigma este que inclui uma duplicação: o igual e o familiar aliado a um equívoco, cuja estranheza implica na promessa infinita do idêntico aliada a uma sinistra ameaça.

²⁵¹ Freud, S. - “Lo ominoso” (1919) (“*Das Unheimliche*”), A.E., Vol. XVII.

Abordaremos nossa problemática em psicanálise enquanto a estética do desejo, representada pela função do Belo, que sustenta o imaginário e ao mesmo tempo o faz falhar. Neste sentido, o Belo opera como lugar do equívoco, porque oculta e desvela o horrível em um só tempo.

Desse modo, a estética do desejo se afirma a partir do referencial psicanalítico em uma radical diferenciação com qualquer outro discurso sobre estética, que pretenda o Belo como um valor inquestionável por associar a “verdade” fenomênica à realidade. Esta correspondência através de uma experiência demonstra a busca da afirmação indubitável de que o Belo exclui o horrível. Esta forma de discurso sobre a estética não traz questionamento nem ambivalência alguma sobre a complexidade da questão do Belo, e busca a validade da existência do “ser” enquanto aquele que conhece a reconhece o fenômeno do Belo enquanto verdade. Ficam excluídos, desse modo o confronto, a dúvida, a incompletude do “ser” e do discurso, no que se refere a esta problemática. Sobre isto, Panofsky²⁵² nos mostra como a idéia do Belo associada à teoria da arte no Renascimento buscava a perfeita correspondência a uma tendência, manifesta em todas as criações da época, e que consistia em harmonizar o que parece ser mais oposto. Enfatizamos, aqui, neste exemplo, a propósito do Belo, a negação do enigma, do mistério e do equívoco, justo para sublinhar que enfocaremos esta questão a partir do interior do discurso psicanalítico que tem como um dos seus pilares o conceito de desejo inconsciente.

Este estudo, assim, pretende apresentar a estética do desejo alicerçada no pensamento teórico-prático da psicanálise, demonstrando a função do Belo como uma problemática que traz a intrusão do imaginário no simbólico pela via da “fratura do ser”, fratura esta que é a “ante-sala”, o espaço aberto que

²⁵² Panofsky, E. - “A Evolução do Conceito de Belo”, Martins Fontes, São Paulo, 1994.

deixa entrever a “destruição do ser”, referida ao real inacessível. A este propósito nos apoiaremos no texto freudiano sobre a estranheza inquietante.

O confusãoamento próprio do fenômeno do “*Unheimliche*” que se traduz na expressão “estranheza familiar” vem afirmar que nada se parece mais íntimo em nós do que aquilo que é mais estranho.

O equívoco que é introduzido por Freud no texto de 1919 é o ponto de partida para nossa reflexão sobre a estética do desejo. O valor do Belo, em geral, nos deixa perplexos diante de uma evidência poderosa: como a aparência do Belo ou sua trans-aparência, aquilo que a atravessa, nos toca e nos solicita tanto? Como falar deste valor que estranhamente nos escapa e que ao mesmo tempo desejamos tanto manter como algo tão próximo e familiar?

Através do texto “*Das Unheimliche*”, Freud nos apresenta o enigma da semelhança com toda sua força e indica de uma certa maneira a construção de um espaço de ficção a partir do indeterminado e do sem objeto, próprios do afeto angústia. Este espaço de ficção onde se situa o valor do Belo abriga a inquietante estranheza de tudo aquilo que deveria permanecer secreto e oculto mas que vem à “luz”.

O equívoco da experiência “*Unheimliche*” aponta a falha que ecoa a insuficiência do simbólico em recobrir o real. Na falha da miragem, o estranho se mostra e indica o Real impossível, que se situa no nó primário do imaginário e do simbólico. Esta experiência remete ao desamparo, à agressividade primária e, conseqüentemente, ao tempo de subjetivação do sujeito, onde a mensagem que nos vem do lugar do Outro supõe o engendramento do sujeito no “não sei o que querem de mim”. O ponto de articulação de origem da ordem do simbólico encontra-se na unidade do estádio do espelho e no que ele suscita enquanto o que é duplo para ser um e o que é duplo para ser três.

Nosso estudo da primeira parte desta tese, sobre os quatro conceitos fundamentais para a problematização da estética do desejo, traz os subsídios para a afirmação sobre o efeito sublimatório do Belo associado à hegemonia do simbólico pela via do desejo que é movimento e busca de significação referido ao vazio de sentido, à incompletude do ser e à impossibilidade de se viver uma fantasia de onipotência enquanto verdade.

Ao sublinhar a irrupção do imaginário no simbólico presentificando o real pretendemos demonstrar a articulação do Belo ao Horrível no aspecto que desvela a relação do “ser” com sua “finitude”.

De acordo com Lacan²⁵³ carregamos o Outro em nós mesmos, e o outro, o semelhante, é a forma de nosso próprio corpo. Esse outro do qual dependemos da maneira mais fundamental é, também, o Outro da discordância primária. Ao assumir sua imagem, o sujeito é marcado por um olhar, que desenha uma forma ideal e que se torna um “sonho de domínio”. Esta imortalidade sonhada e ligada a uma forma, o eu ideal, tenta sustentar uma unidade que não há.

Através do enigma da semelhança, que oculta a diferença e a revela ao mesmo tempo, formularemos na estética do desejo a função do Belo solicitando o psiquismo para operar a movimentação da cadeia desejante. Todo enigma, como sabemos, é verdade obscura cujo saber é suposto ou latente e necessariamente opera pelo não cessar do questionamento, colocando o valor da argumentação e da interrogação no lugar da certeza.

É assim que o estatuto da imagem e o fenômeno de sua queda apresentado através da idéia de “lapso de imagem”, efeito-surpresa acompanhado de intensa angústia inquietante, se refere ao ponto em que o Belo,

²⁵³ Lacan, J - “A Tópica do Imaginário”, Seminário I, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

de acordo com Lacan no seminário sobre a Ética, nos indica a relação do homem com a morte na resplandecência.

Queremos dizer que quando o imaginário falha no “lapso de imagem”, a angústia, como afeto indeterminado e sem objeto, é suscitada, o que revela o desamparo do sujeito diante da ameaça de destruição do “ser”.

O fenômeno do Belo marca o valor máximo da imagem em seu potencial de alienação, que oculta e desvela a verdade do registro de uma pulsão destrutiva. Esta afirmação fica sustentada no fenômeno transferencial através dos componentes primários que a transferência abriga: o amor, o ódio e a ignorância.

Estes componentes primários, segundo Lacan²⁵⁴, compreendem três paixões que referidas à sua topologia, imaginário, simbólico e real, vão indicar o lugar do analista, justo na intercessão destes três registros e destas três paixões.

A partir deste lugar e através da referência da interpretação psicanalítica podemos permitir uma distribuição de qualquer fenômeno entre estes três campos. Temos, desse modo, o imaginário, o simbólico e o real e suas intercessões onde a paixão do amor se situa entre imaginário e simbólico, a paixão do ódio entre imaginário e real e a paixão da ignorância entre simbólico e real. Assim, quando falamos de componentes primários da transferência e de suas expressões fenomênicas que se apresentam nos confusões do “lapso de imagem” queremos tornar relevantes psicanaliticamente conceitos e definições que sustentem uma argumentação sobre a estética do desejo.

Tanto a paixão do amor quanto a paixão do ódio se referem à determinação do sujeito pelo objeto. No caso do amor explicita-se aquilo que corresponde a uma “fratura do ser” já que este fenômeno implica na identificação do eu com o objeto idealizado na paixão. Neste sentido, rompe-se a unidade imaginária do eu e podemos falar de uma “fratura do ser”. O eu não se diz mais

²⁵⁴ Lacan, J. - “Le séminaire, livre VIII, le Transfert”, Paris, Seuil, 1991.

reduzido a uma consciência de si a si. Na paixão do ódio a pulsão destrutiva pretende reduzir o objeto a uma coisa aniquilada de qualquer valor. Destruir completamente o "ser" expressaria o valor máximo de satisfação na paixão do ódio. Tanto a paixão do amor quanto a do ódio ficam referidas na determinação pelo objeto a uma ambivalência básica que se encontra em todo e qualquer fenômeno transferencial.

É a paixão da ignorância que está referida ao questionamento do "ser". Se diante dos enigmas propostos pelo analisando ao analista podemos apreciar o valor do desconhecimento do inconsciente, enquanto lugar de questionamento e de interrogação permanente, é do lugar do analista que podemos afirmar a paixão pela ignorância como aquela que vai sustentar a demanda de análise.

Neste ponto, em relação à estética do desejo, faz-se necessária a abordagem do estatuto do objeto como causa do desejo para a psicanálise.

Vamos então prosseguir neste capítulo apresentando o objeto causa de desejo confrontado com o inconsciente interrogativo e referido à castração simbólica, à destituição subjetiva e à presentificação da morte. Isto se associa às três referências de privação, castração e frustração, onde podemos distinguir a privação enquanto uma falta real do objeto simbólico e referida ao vazio, a castração enquanto a falta simbólica do objeto imaginário, que é o falo, e a frustração enquanto a falta imaginária de um objeto real e que se refere ao pênis, enquanto órgão anatômico.

O fenômeno do Belo sustenta o valor imaginário do objeto porém enquanto valor transitório, incluindo desse modo a questão da "finitude" e conseqüentemente da destruição do "ser". Neste sentido a estética do desejo implica em uma ficção sobre o Belo/Horrível, ou seja, a estética apresenta um duplo aspecto: ao pretender o fechamento da incompletude do "ser" ela opera

uma abertura para a confrontação com a destruição do “ser” e, portanto, a uma referência ao não-sentido.

É a linguagem poética que nos mostra esta abertura e esta duplicidade porque nela a palavra desvela e oculta ao mesmo tempo. Quando a palavra tem este potencial de movimento, revela-se a estética do desejo, ela é bela pois carrega, de acordo com a expressão lacaniana, “o sopro da morte”. Assim é a palavra “horripelmente” bela que é reveladora da incompletude do “ser” e de suas duas possibilidades: a de ser fraturado e a de ser destruído em relação à ambivalência da paixão circulante no fenômeno transferencial.

Desse modo a psicanálise enquanto prática teórica e pretendendo situar-se no limite da realidade psíquica, nas fronteiras entre a emoção e o dizer, se oferece enquanto campo de saber que apresenta as estruturas de sublimação: a arte, a ciência e a religião.

Nesta tese enfatizaremos a sublimação na arte, enquanto exemplar da estética do desejo, por ela se referir especificamente à questão do ato criativo. Tanto na religião quanto na ciência, embora estruturas de sublimação e portanto referidas ao mistério da origem podemos perceber um afastamento do ato criativo. Na religião este afastamento se refere à burocratização e a ritualização perdendo com isto a religião sua referência à origem e à criação.

Na ciência, do mesmo modo, as referências ao dado sensorial e à prova experimental demonstrativa reduzem os pressupostos criativos a meras correspondências. Ambas, religião e ciência, podem manter suas estruturas apesar da ausência de questionamento e de referência ao ato criativo.

Na arte é diferente. A angústia suscitada na produção artística é similar na produção psicanalítica, pois o efeito produzido não garante a produção de um novo efeito. Ou seja, a obra criada é um efeito transitório, instantâneo. O

que quer dizer que o efeito é causado pelos tropeços no real, em uma origem perfeitamente desconhecida.

Neste sentido, a estética em psicanálise se aproxima da arte, pois desde seu fundamento, o saber psicanalítico provocado pela produção histórica, se colocou nos limites do não sentido, interrogando a verdade parcial do desejo. Não é permitida nem ao psicanalista nem ao artista qualquer forma de burocratização, pois ela cortaria a possibilidade de presentificação de um radical desconhecimento e, portanto, aboliria a referência ao ato criativo.

Em alguns de seus trabalhos Freud associa a interpretação psicanalítica ao ato criativo, textos onde podemos apreciar a irrupção do imaginário no simbólico, presentificando o real e causando efeitos de busca e movimentação de sentido.

Nestes trabalhos estéticos, digamos assim, o pensamento freudiano apresenta a questão da sensibilidade associada ao “dar corpo” às fantasias, tornando os atos simbólicos e significativos inseparáveis da produção imaginária e da estrutura de ficção. Podemos afirmar que desde a *Interpretação dos Sonhos* Freud²⁵⁵ apresenta sua dimensão estética no sentido de que a arte onírica, com seus mecanismos de condensação e deslocamento de imagens, atesta o privilégio do desejo na sua relação com as cenas fantásticas carregadas de angústia e prazer. Desde 1900, Freud apresenta, na nossa leitura, uma estética do desejo que introduz o sujeito enquanto fraturado e incompleto.

No trabalho de 1929, em *Mal-Estar na Civilização*,²⁵⁶ quando Freud diz que a beleza possui uma qualidade tenuamente intoxicante, que ela é inútil, no sentido de não existir claramente qualquer necessidade social sua, porém, apesar disso, é indispensável à cultura, ele nos aponta um paradoxo precioso. O Belo, em sua função singular com relação ao desejo, como efeito de sublimação

²⁵⁵ Freud, S. - “La interpretación de los sueños” (1900) (“Die Traumdeutung”), A.E., Vol. IV e V.

²⁵⁶ Freud, S. - “El malestar en la cultura” (1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI.

na cultura, é abertura para o campo das intensidades, ele é, como diz Freud, derivado do “campo dos sentimentos sexuais” enquanto um impulso libidinal inibido em sua meta.

Ao colocar o Belo enquanto efeito sublimatório, ou seja, efeito criativo que sustenta a ameaça destrutiva e metaforiza morte em vida, Freud apresenta, no nosso entender, o prazer estético como revelador dos limites da realização narcísica.

Esta visão freudiana do Belo que excede, porque mostra a insistência pulsional, apresenta o conflito como permanente e revela os efeitos de sublimação na cultura, é o que dá subsídios neste estudo para o discurso estético sobre um corpo inserido traumáticamente na linguagem e que escapará sempre da marca do significante. De acordo com Eagleton²⁵⁷, “as cicatrizes que carregamos são as marcas de nossa irrupção dolorosa na ordem simbólica”.

A estética do desejo em psicanálise ganha seu contorno justo quando a linguagem é concebida de modo mais amplo pois referida a um campo de intensidades indeterminadas e lidando com o amálgama pulsional que constantemente ameaça e busca expressão. Freud apresenta um sujeito alienado, que através do movimento desejante referido à alteridade se mostra sujeito excêntrico a si mesmo.

Este pensamento desconstrói qualquer idealização sobre a estética, aquela do Belo e precioso momento onde o sujeito idêntico a si mesmo encontra o objeto. Fica desvirginada a inocência desta forma de prazer.

A estética do desejo, implícita no pensamento freudiano, é uma negatividade, pois a dimensão da felicidade e da plenitude está fora do plano da criação. Freud assim oferece os subsídios para subverter outros discursos sobre estética e propicia a proposta de uma estética em psicanálise porque é ele que

²⁵⁷ Eagleton, T. - “A Ideologia da Estética”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

formula uma teoria que reconhece nos sujeitos humanos uma agressividade primária e um narcisismo primário, e que ambos, uma vez implicados na cultura, pelo destino da sublimação, vão manter o paradoxo do mal-estar enquanto permanente.

Quanto mais renunciemos às satisfações pulsionais mais mal-estar produzimos e mais nos deparamos com a severa economia do pensamento freudiano, através de sua construção do conceito de pulsão de morte.

Neste sentido, não há pensamento idealista que se sustente, o estranho habita em nós, não há como suprimi-lo. Além disso, Freud funda a lei no desejo e sob a marca da castração. Desse modo, Freud apresenta o excesso desejante, ou poderíamos dizer o desejo fora da lei, com o poder de desejar o indesejável, o que dissocia o princípio do prazer, o bem e o belo do conforto do sujeito.

Para falar que não necessariamente estamos bem no bem ou plenos no Belo e que há um para além do princípio do prazer, que é o limite do prazer, falamos de sublimação. Este é o ponto conceitual freudiano que sustenta o paradoxo do esquema de vazio central em torno do qual se articula toda a economia psíquica. A intensidade das paixões (tal como as apresentamos, a do amor, a do ódio e a da ignorância) atestam a evidência desta questão econômica, estrutural e dinâmica, presentificando o registro da pulsão de morte. A contrapartida da ação de Thanatos é Eros, o significante de uma escapada. Eros provê o fundamento estético, não enquanto algo "benigno" sobre a sensibilidade, mas por estar no centro da economia da estética do desejo e por se articular ao vazio de objeto. Desta forma é a intensidade pulsional erótica associada ao não sentido que cria um lugar criativo entre a potência da imaginação e a potência do significante. É a pulsão erótica que articula e liga um campo de intensidades ao campo da palavra.

Embora possamos afirmar, através da experiência psicanalítica na clínica, que as intensidades e os afetos nunca estarão à vontade dentro do campo da palavra, pois algo sempre resta de uma inserção traumática, podemos dizer também que é através do efeito desta reunião de campos, ou ainda através do vigor da palavra que podemos, então, discutir e argumentar a estética do desejo.

Kristeva²⁵⁸ coloca que a prática psicanalítica é uma forma de amor no sentido de uma erótica que sustenta todos os impasses psíquicos. Entendemos que o efeito sublimatório do Belo, faz laço social porque satisfaz eroticamente na esfera pública e, portanto, apresenta formas de satisfação da singularidade do desejo no domínio público. Ou seja, o Belo é efeito criativo que enlaça os sujeitos desejantes.

O Belo, assim, afirma exemplarmente uma erótica e uma estética do desejo que apresenta o valor de subversão do pensamento freudiano ao mesmo tempo que amplia o discurso analítico sobre o desejo, pois indica a estética como antecessora logicamente à ética do desejo, na medida em que a "imagem desejável" contém a transgressão do desejo e seus impasses com a lei que, por sua vez, se funda no desejo. Nossa questão nos conduz a pensar a arte do desejo e seu fundamento erótico como aquele que movimenta e liberta o desejo da lei normativa. Portanto é a estética do desejo que interroga e suspende o poder coercitivo da lei do desejo e seus arranjos sociais e culturais. Inferimos, assim, que toda perspectiva ética para a psicanálise se coloca associada a uma erótica e como uma face da estética do desejo.

²⁵⁸ Julia Kristeva, "La Beauté: l'autre monde du dépressif", In: *Esthétique et Psychanalyse*, Centre de Recherches et D'Études Freudiennes, Paris, 1989.

6.2. O Estranho: um princípio para a estética.

O surgimento do estranho inquietante no Eu procede, como vimos anteriormente, da aparição súbita de uma percepção, como que vinda do exterior, e que promove uma movimentação intensa no psiquismo que diante da insuficiência de elaboração pela linguagem, experimenta um confusãoamento, um transbordamento da pulsão no plano do Eu. Este excesso destitui o Eu de si mesmo e revela o estranho no mais íntimo do seu “ser”.

Entendemos que é o umbral angustiante de uma conjunção do familiar e do estranho que se “dá a ver” para logo depois escapar. Esta conjunção, como mencionamos, de Eros e Thanatos, remete o sujeito a uma ambivalência pulsional originária. Ao ser enviado a este tempo de coexistência de tendências ambivalentes o sujeito se vê colocado momentaneamente em um lugar indeterminado, abissal.

Assim é que a violência pulsional que se manifesta lança o sujeito em um para além de sua estruturação pela representação e pelo fantasma, lugar não especularizável e, portanto, estranho, marcado com o selo da alteridade mais radical.

Esta manifestação relâmpago é um desvelamento de um “entendimento secreto” das intensidades pulsionais antagônicas, onde um “arcaico” referido ao tempo de origem de constituição do sujeito apresenta seu duplo aspecto libidinal e mortífero. Este encontro de forças não mediatizado é da ordem da indizível angústia, única testemunha do enigma originário.

Freud, em seu artigo sobre “*O Tema dos Três Escrínios*”²⁵⁹ examina a escolha do homem diante de três formas sob as quais, ao longo da vida, se apresenta a imagem da mãe: a mãe, ela mesma, a amante escolhida

²⁵⁹ Freud, S. - “El motivo de la elección del cofre” (1913) (“Das motiv der Kästchenwahl”), A.E., Vol. XII.

segundo imagem semelhante à da mãe e, por último, a mãe-terra que o acolhe depois da morte. Freud enfatiza que é somente a terceira das mulheres do destino do homem, a “silenciosa deusa da morte”, que o tomará em seus braços. Neste sentido, Freud apresenta o enigma do feminino como o lugar mais desejado, mais “*Heim*”, o mais familiar associado à morte. Ao constatar, através de várias obras literárias, que onde quer que o tema sobre a escolha entre as mulheres ocorra, ela sempre recai na morte, Freud comenta sobre substituições pelo contrário na medida em que são constantemente representados por um só e mesmo elemento nos modos de expressão do inconsciente, tal como nos sonhos. Freud²⁶⁰ enfatiza, ainda, a luta do homem diante da sujeição à Deusa da Morte, em geral substituída pela Deusa do Amor.

“A terceira das irmãs não era mais a Morte; era a mais bela, a melhor, a mais desejável e amável das mulheres. Tampouco foi esta substituição, de modo algum, tecnicamente difícil: ela foi preparada por uma antiga ambivalência e executada ao longo de uma linha primeva de conexão...” (p. 376).

Desta maneira, de acordo com Freud, há uma inversão desejada: no lugar do destino coloca-se a escolha. Uma escolha que, na realidade, obedece a uma estranha e inquietante compulsão, pois o escolhido inclui uma figura de horror sob a forma estética de ser a mais bela e a melhor que toma o lugar da Deusa da Morte. Esta equivalência da morte que retorna é o estranho, como um véu que se levanta e revela o que jaz entre o “*Un*” e o “*Heimliche*”. É a compulsiva repetição, como um retorno involuntário à ordem da fascinação. O que fascina é o efeito resplandecente que só pode-se revelar na fugacidade indizível da estranheza inquietante.

²⁶⁰ Idem.

Em resumo, é um princípio de equivalência, que Freud apresenta no texto "*Das Unheimliche*",²⁶¹ que aqui queremos sublinhar como aquilo que coloca em jogo o enigma da semelhança.

Este enigma da semelhança é um princípio para a estética do desejo porque vem interrogar a coexistência de duas atitudes psíquicas que persistem lado a lado: uma que afirma o real da Morte, desvelando o Horror, e outra que nega o real, o oculta, e coloca em seu lugar o produto do desejo: o Belo.

Vamos prosseguir, então, a nossa argumentação sobre o enigma da semelhança, a partir do texto sobre *O Tema dos Três Esgrínios*²⁶²: Freud diz o seguinte"

"O mito da natureza transformou-se num mito humano: as deusas do tempo tornaram-se deusas do Destino. Este aspecto das Horas, porém, encontrou expressão apenas nas Moiras, que vigiam a ordenação necessária da vida humana tão inexoravelmente quanto as Horas a ordem normal da Natureza. A inelutável severidade da Lei, e sua relação com a morte e a dissolução, que haviam sido evitadas nas encantadoras figuras das Horas, estavam agora caracterizadas nas Moiras, como se os homens só houvessem percebido toda a severidade da lei natural quando tiveram de submeter suas próprias personalidades a ela." (p. 375).

Há algo de encantado no mito da natureza que é desencantado no humano na medida em que Freud ressalta a severidade da Lei e sua relação com a morte e a dissolução, além da transformação do tempo em Destino. Para que não nos encantemos com a riqueza literária do texto freudiano, vamos perguntar o que é o destino no referencial conceitual da psicanálise.

É no texto de 1920²⁶³, mais precisamente no capítulo III de *Além do Princípio do Prazer*, que Freud, ao exemplificar a insistência da compulsão à repetição, menciona os sujeitos que "dão a impressão de um destino que os

²⁶¹ Freud, S. - "Lo ominoso" (1919) ("*Das Unheimliche*"), A.E., Vol. XVII.

²⁶² Freud, S. - "El motivo de la elección del cofre" (1913) ("*Das Motiv der Kästchenwahl*"), A.E., Vol. XII.

²⁶³ Freud, S. - "Mas allá del principio de placer" (1920) ("*Jenseits des Lustprinzips*"), A.E., Vol. XVIII.

persegue, de uma orientação demoníaca de sua existência”. Freud apresenta aí a compulsão de destino (*Schicksalzwang*) que se refere a uma série de eventos que se repetem apesar ou por causa do seu caráter desprazeroso, o que, em um primeiro momento, implica na idéia de fatalidade exterior da qual o sujeito é a vítima. Porém, Freud vai justo sublinhar que o retorno de acontecimentos idênticos diz respeito à articulação do desejo inconsciente com a ordem da repetição, o que remete à ação da pulsão de morte. Assim, o enigma da semelhança se remete a esta ação “demoníaca” e “mórbida”, pois o desejo gira em torno de “algo” que da vida prefere a morte. Esta morbidez se liga a um eterno retorno, onde o erotismo se enraíza no fato morte. Melhor dizendo, a silenciosa pulsão de morte opera interrompendo as ligações eróticas e as submetendo ao face a face com a ausência de sentido. É assim que a psicanálise vai sustentar a questão do vínculo do erotismo com o que há de mais indesejável. E é desta enigmática semelhança do desejável com o indesejável que Freud²⁶⁴ fala em 1913: há no cerne de nosso desejo um eros mortal.

Rajchman²⁶⁵ cita Freud e Lacan a este respeito:

“Para Freud, esse era o problema da “causalidade psíquica”, ou dos efeitos dos acontecimentos que abrem novos caminhos na rede de nossos aparelhos psíquicos. Seguindo Lacan, Jacques-Alain Miller o reconceituou como problema da “causalidade metonímica”: o corpo libidinal não seria uma causa mecânica nem expressiva de nossos sintomas, mas o “deslocamento”, numa estrutura, causado por uma ausência ou falta fundamental ou constitutiva dentro dela” (p. 48).

Desse modo, quando Freud no *Tema dos três Escriníos*²⁶⁶ menciona a Lei, com letra maiúscula, sua severidade e sua relação com a morte, ele permite que possamos sublinhar a “Lei” do destino como aquela que remete à estrutura

²⁶⁴ Freud, S. - “El motivo de la elección del cofre” (1913) (“Das Motiv der Kästchenwahl”), A.E., Vol. XII.

²⁶⁵ Rajchman, J. - “Erotique de la vérité” - Foucault, Lacan et la question de l’éthique”, PUF, Paris, 1994.

²⁶⁶ Freud, S. - “El motivo de la elección del cofre” (1913) (“Das Motiv der Kästchenwahl”), A.E., Vol. XII.

trágica do desejo, ou ainda, é aquilo que estrutura o próprio desejo a partir do recalçamento originário e que indica o crime originário e a ambivalência decorrente do crime. É isto que torna o desejo tão imperioso, pois ele é desde sempre recalçado.

Este sentido estrutural do desejo é que nos permite construir a idéia de uma imperativo erótico, que inclui o mortal, pois o eterno retorno o *Unheimliche* do desejo é nosso princípio estético. Este princípio estético se apresenta como fatalidade erótica que opera no psiquismo interrompendo a ordem estabelecida, desorganizando e deslocando a estrutura a partir do tropeço na falta fundamental que a constitui. Neste momento do “lapso de imagem” cai o véu enconbridor do objeto feito de falta, que é o objeto a. Esta nudez narcísica, conforme mencionamos, faz brilhar o objeto em sua função de Belo/Horrível. Ao resplandecer na função do Belo, o lugar da horrível exclusão, a morte, surge a possibilidade da “outra satisfação”, percurso singular do desejo, expresso nos efeitos sublimatórios. Isto quer dizer que a partir deste vazio deslumbrante, sempre a ser descoberto, criamos, e os produtos criados determinam, enquanto causa de desejo, outras produções que enlaçam os sujeitos. O “Isso mostra” o inconsciente como saber sempre a decifrar e determinante dos atos desejanter.

Neste sentido, é que Freud sublinha que a “causalidade psíquica”, a determinação inconsciente associada à ação da pulsão de morte através da compulsão à repetição, apresenta o desejo tendo uma causa, uma erótica mortal que põe o inconsciente para funcionar. Lacan vai formular esta causa do desejo como objeto a. Porém vale ressaltar a riqueza poética e conceitual do texto freudiano em 1913²⁶⁷ sobre a escolha e o destino:

“As grandes deusas-Mães dos povos orientais, contudo, pareceram todas ter sido tanto criadoras quanto destruidoras - tanto deusas da vida e da fertilidade quanto deusas da morte.

²⁶⁷ Idem.

Assim, a substituição por um oposto desejado em nosso tema retorna a uma identidade primeva.

A mesma consideração responde à pergunta de como a característica de uma escolha juntou-se ao mito das três irmãs. Aqui também houve uma inversão desejada. A escolha se coloca no lugar da necessidade, do destino. Desta maneira, o homem supera a morte, que reconheceu intelectualmente. Não é concebível maior triunfo da realização dos desejos. Faz-se uma escolha onde, na realidade, há obediência a uma compulsão; e o escolhido não é uma figura de terror, mas a mais bela e desejável das mulheres... A livre escolha entre as três irmãs não é propriamente falando uma escolha livre, pois deve necessariamente recair na terceira, do contrário todo tipo de malefício pode acontecer, como sucede em Rei Lear. A mais bela e melhor das mulheres, que assumiu o lugar da Deusa da Morte, manteve certas características que beiram o sinistro de maneira que, a partir delas, podemos adivinhar o que jaz por baixo" (p. 377).

Desse modo, o desejo se apresenta para ser decifrado sempre "a posteriori", ou seja, o desejo acontece e esta é a questão que lhe é imperiosa. Este imperativo contradiz qualquer estado de ordem ou apaziguamento e indica o campo das intensidades.

Rajchman²⁶⁸ vai comentar o seguinte:

"Nosso desejo é tão "estruturado pelo recalçamento" que se nos afigura um crime fundamental, que nos provoca sentimentos de remorso ou culpa. Assim, o que a história de Freud nos diria é que "desejo recalçado" é, basicamente, um pleonasma, que a Lei é nosso desejo, é a necessidade imperiosa de nosso desejo" (p. 52)

É neste ponto que o texto citado de 1913 traz a intuição do que em 1920 Freud passa a poder formular dentro da sua rede conceitual ampliada, pois ele apresenta, a partir daí, os elementos que fazem elo entre o desejo inconsciente e a pulsão de morte. É neste sentido que nossa tese apresenta o princípio da estética como o *Unheimliche*, a face oculta que nos habita e que pode vir a luz, como um "clarão" de beleza. Este princípio, *Unheimliche*, traduz a negatividade impressa sob a forma afetiva de inquietação e estranhamento. O

²⁶⁸ Rajchman, J. - "Erotique de la vérité - Foucault, Lacan et la question de l'éthique", PUF, Paris, 1994.

estranho é sempre o outro, ou o “*a*” (de “*autre*”), no mesmo sentido do *Nebenmensch* de Freud no *Projeto*²⁶⁹ : o próximo-estranho, ou como dirá Lacan, a “extimidade”, palavra que inclui o paradoxo de uma exterioridade íntima. Enfim, antes de tudo, a dimensão estética é fundamentalmente *Unheimliche* na medida em que ela se constitui de uma “conexão primeva”, de uma “aliança” entre Eros e Thanatos, como apresentada no “*Tema dos Três Escrínios*”²⁷⁰ : a deusa do Amor, a mais bela das mulheres toma o lugar da deusa da Morte.

6.3. O plano estrutural: O “Não” da estética do desejo.

Inferimos acima que é pelo enigma da semelhança que inclui o estranho e a diferença que Freud introduz no texto de 1919²⁷¹ uma referência à estética. Neste sentido, fizemos um deslocamento da perspectiva freudiana, que assegura o registro da sensibilidade como objeto de estudo da estética, para nossa perspectiva baseada nas intuições freudianas. Do enigma da semelhança referido ao amálgama pulsional entre Eros e Thanatos, responsável pela metamorfose do Horível em Belo, passaremos a uma outra referência, mais precisamente a da suspensão do recalçamento, que engendra uma experiência de estranheza inquietante diante do jogo da pulsão de morte.

A presentificação no discurso da estrutura inconsciente, estrutura que afirma e nega a um só tempo, está marcada pelo signo de recalque. A presença do recalçamento se inscreve na própria estrutura da palavra

²⁶⁹ Freud, S. - “Proyecto en psicología” (1895) (“Entwurf einer Psychologie”), A.E., Vol. I

²⁷⁰ Freud, S. - “El motivo de la elección del cofre” (1913) (“Das Motiv der Kästchenwahl”), A.E., Vol. XII.

²⁷¹ Freud, S. - “Lo ominoso” (1919) (“Das Unheimliche”), A.E., Vol. XVII.

“*Unheimliche*”, pois a presença da partícula “*Un*” explicita a clivagem como marca de origem ambivalente. Neste sentido, o “*Un*” designa uma oposição que inclui o termo “*Heimliche*”, devendo ser entendido como um não, uma negatividade.

Freud trabalha em 1919²⁷² a evolução dos dois termos da ambivalência até a coincidência dos opostos, indicando de alguma forma que o recalçado, “*Heimliche*”, retorna engendrando a estranheza inquietante, “*Unheimliche*”. É o familiar com a marca do recalçamento retornando como estranho.

Este mecanismo evoca um outro a “*Verneinung*”, no sentido de que o recalçado pode atravessar até a consciência, desde que na condição de se deixar negar.

É o “Não” do recalque que lança o sujeito na ordem da diferença da linguagem. Ao proibir um dos lados do par opositivo do significante, o “Não” obriga o sujeito a escolher um deles. A operação do recalque, desse modo, funda o sujeito clivado nas instâncias *Inconsciente e Pré-Consciente/Consciente*. Isto quer dizer que a indiferenciação dos opostos é proibida, pois permitiria entrever uma impossibilidade.

A “*Verneinung*” e suas conseqüências, entre elas o “*Unheimliche*”, significam as indicações pelas vias da denegação dos desejos que o sujeito recalçou. Estes apontamentos para o recalçado mantêm os dois lados opostos, “Sim” e “Não”, em uma coexistência ambivalente. Assim, o encontro com a marca significante da ambigüidade do “*Heimliche*” ocorre na presença do “Un”, próprio de uma suspensão do recalçamento. É a estranheza inquietante, uma das formas de demonstrar a marca registrada do recalque, como “um certificado de origem”.

²⁷² Idem.

Vamos prosseguir enfatizando o “*Unheimliche*” como uma forma de “*Verneinung*”, porém estabelecendo as diferenças que tornam a estranheza inquietante um “Não” que tem seu próprio contorno.

O “Não” do “*Unheimliche*” não é um ato de palavra, é um ato afetivo.

A “*Verneinung*” corresponde a uma aceitação intelectual do recalcado, porque persiste o essencial do recalcado e separa-se a função intelectual do processo afetivo. Só assim é possível a passagem de um conteúdo recalcado para a consciência.

No “*Unheimliche*”, não há admissão intelectual alguma, pois não há representação formulada. Tudo se passa na ordem do afeto e, portanto, é o “Não” implicado em um movimento emocional que tem a angústia como central. A angústia como o afeto por excelência atesta o “Não” do “*Unheimliche*” como o “Não” da estética do desejo, pois revela algo subjacente à própria constituição do sujeito e que testemunha a “falha estrutural” e o amálgama pulsional entre Eros e Thanatos.

Desta forma, no texto freudiano de 1919²⁷³ surge a angústia da “morte” como análoga à angústia de castração relacionada com as crenças infantis que bruscamente reaparecem. Freud mostra através de vários exemplos, a experiência horrível de reencontrar aquilo que era considerado inerte como vivo. É neste ponto que a figura do duplo como “o estranho anunciador da morte” é um fenômeno que apresenta um “para além”, uma espécie de recusa do poder da morte. Mas, justo por ser uma recusa que é estranha, torna-se um sinal precursor da morte.

²⁷³ Idem.

O “Não” estético da estranheza inquietante é o reconhecimento afetivo, único possível, da “falha estrutural” e da privação de sentido diante da ausência de objeto.

Freud, no texto “*Das Unheimliche*”²⁷⁴ vai falar sobre a confusão dos diferentes registros de realidade: realidade psíquica e realidade material, mostrando a anulação transitória da diferença entre opostos, tais como, sujeito e objeto ou Eu e mundo exterior. Isto se remete ao circuito originário da pulsão naquilo que já apresentamos em relação ao eu-realidade originário e ao registro da percepção-consciência em Freud.

Sabemos que o “Não” no registro simbólico se estabelece por oposições na ordem da diferença, pois esta questão se refere à ordem do significante. Este “Não” que opera no recalque proíbe a alternância entre os dois termos do par opositivo do significante. A partir do recalque, qualquer significante é colocado em oposição a qualquer outro. Basta um significante ser colocado na ordem da linguagem “que os outros “Não” o são”²⁷⁵.

De acordo com Wine²⁷⁶:

“Na ordem da diferença, o “Não”, enquanto denominador comum aos significantes que não estão sendo proferidos aqui e agora, faz com que todos os significantes sejam equivalentes. Estão todos na mesma oposição em relação ao significante proferido, e são todos equidistantes da coisa. A função intelectual da negação é essa generalização dos opostos ao significante proferido. E aqui, na ordem da diferença e da equivalência, qualquer significante pode fazer metáfora com qualquer outro: esta é a razão substitutiva da metáfora, a ordem do artifício e do artificial, independente de qualquer experiência”.
(p. 144)

²⁷⁴ Idem.

²⁷⁵ Idem.

²⁷⁶ Wine, N. - “Pulsão e Inconsciente - A sublimação e o advento do sujeito”; Jorge Zahar Editor, R.J., 1992.

O “Não” estético é coexistente de um “Sim”, porém é um estar juntos acompanhado de intensa angústia, o que demonstra uma diferença sustentada pelo afeto indeterminado e não pela determinação da linguagem.

Ter o “Sim” e o “Não” ao mesmo tempo não significa indiferença do real em relação à instalação do simbólico com seus sistemas de oposições, como é no caso do operador da “*Verleugnung*”, onde o par de opostos coincide sem colisão.

Afirmamos o estatuto do “Não” estético do “*Unheimliche*” como uma negação, que é estruturante do psiquismo, porque instaura a oposição significativa primordial em termos de ausência e presença.

O “Não” da estética do desejo se refere à ausência de objeto, o estranho familiar do sujeito. É o “Não” afetivo percebido no tropeço com o vazio de sentido que destitui o Eu narcísicamente, pois não reflete a imagem, fazendo assim com que o Eu perca momentaneamente suas referências.

O “Não” que propomos como próprio da estética se refere ao destino da sublimação, pois ele vai-se remeter à diferença entre fixação e deslocabilidade, que é próprio da sublimação. Esta negatividade marca a mobilidade pulsional pela suspensão do recalçamento. Por sua vez esta mobilidade pulsional permite o deslocamento do desejo em uma cadeia de significantes, devido à não fixação da pulsão no objeto primário de satisfação.

Este “Não” do estranho é fundamentalmente estético, porque constitui um campo de intensidades que remodela o circuito pulsional, campo revelador do conflito pulsional.

O campo de pulsionalidade passa pelo campo do Outro e, portanto, o circuito pulsional em seu funcionar constante vai realizar a ligação erótica da pulsão na ordem psíquica, permitindo novas inscrições.

Este esquema próprio do destino da sublimação, podemos articular com a negatividade da estética, que surge no "*Unheimliche*" através da repetição do idêntico, que imprime a marca de estranheza. A compulsão à repetição como expressão privilegiada da ação da pulsão de morte é fenômeno que expressa os limites das trilhas traçadas no campo do prazer. Repetir é tropeçar no que há de pulsional, no real traumatizante. Neste sentido, repetir é mudar o alvo do prazer, é atravessar o campo do limite do prazer e na sua exterioridade, no para além do prazer, criar.

Vamos, então, trazer mais alguns argumentos sobre esta questão da repetição. A repetição como ação da pulsão de morte, pulsão fora do domínio do prazer, vem abalar e interferir na organização prazerosa do psiquismo. Esta ação, que rompe com os limites do prazer, queremos articulá-la ao estranho som angustiante do "*Unheimliche*", como ato, próprio da constituição do símbolo da negação e que reside no surgimento do campo primário de julgamento. O símbolo da negação estética é uma forma diferenciada da ação da pulsão de morte, que introduz o juízo de atribuição, precedido, aliás, da ação da expulsão, que já é uma primeira e mais elementar diferenciação.

Neste sentido, o "Não" da estética do desejo, conforme queremos formular é constitutivo da própria trama da vida psíquica e remete à coisa mais íntima e, no entanto, à mais estranha de nosso ser: o "não" do exílio de si, a quebra narcísica do estranho encontro do Isso no Eu. Vale lembrar aqui o mais conhecido aforismo freudiano: "*Wo Es war, soll Ich werden*" ("Ali onde estava o Isso, o Eu como sujeito deve vir a ser").

O estranho que se mostra se refere ao desejo desconhecido, a algo radicalmente novo, imprevisível pelo sujeito. Esse "*Unheimliche*" do desejo descentra o Eu, o destitui narcisicamente e o submete à singularidade do desejo. O "Não" contido na partícula "Un" e que indica nosso lugar mais familiar

permite o efeito do Belo/Horrível, porque algo causa ou determina que o Eu venha a ser. O “vir a ser” representa o desconhecimento do Eu daquilo que o estrutura e que falha.

6.4. O Belo: efeito sublimatório.

A questão da sublimação em Freud é fundamentalmente tratada, ao longo de sua obra, como um destino pulsional transformador da ordem sexual, porém, que encontra seu elemento propulsor nos impulsos sexuais. A complexidade do pensamento freudiano em relação à sublimação gira em torno desta transformação radical do alvo pulsional, que, tendo um valor de corte, determina dois planos para a satisfação pulsional: um sexual e um não-sexual.

A concepção freudiana de um “sexual não-sexual” se baseia na idéia de um sexual essencialmente traumático, que advém da própria origem da sexualidade em um registro de alteridade e exterioridade ao sujeito e que afirma uma experiência primária de satisfação enquanto uma experiência de passividade sexual. Então, em sua origem, a sexualidade remete a um trauma, a um desamparo primordial que jamais será superado. A cada experiência angustiante de transbordamento pulsional haverá um além do princípio do prazer para o sujeito, que, abalado em sua ordem psíquica estabelecida, experimenta a repetição traumática de um excesso pulsional que, por sua vez, exigirá um trabalho de elaboração para o psiquismo. Neste sentido, cada nova exigência pulsional, que transborda, vai indicar a insuficiência de nossa capacidade de simbolizar diante do real traumático. Evidencia-se, dessa maneira, que o trajeto

pulsional contorna o objeto sem esgotar-se nele, na medida em que a pulsão jamais atinge o alvo da plena satisfação. Esta impossibilidade é que marca os destinos da pulsão em torno de uma questão básica: a da transformação da pulsão. Assim é que a pulsão se transforma necessariamente em outra coisa: linguagem erótica. Cabe a Eros presidir toda e qualquer ligação pulsional na ordem do psiquismo.

Em 1915, em seu texto sobre "*As Pulsões e suas Vicissitudes*"²⁷⁷, Freud apresenta de forma exemplar os pares sadismo-masochismo e voyeurismo-exibicionismo, demonstrando uma inversão de lugares entre sujeito e objeto, que envolve um retorno em direção ao próprio Eu. Dessa forma, o Eu torna-se o objeto para o sujeito, que se funda como clivado. Assim, Freud afirma os dois primeiros destinos da pulsão fundados na oposição sujeito-objeto, em uma unidade clivada, cuja atividade pulsional é circular, passiva e ativa.

Diante disto, Lacan²⁷⁸ vai dizer que o alvo da pulsão não é a satisfação, mas um eterno retorno em circuito, e que o objeto da pulsão é uma 'objetividade acéfala', no sentido de que a pulsão inicia seu percurso como dispersão, pura pulsionalidade, e só quando o movimento pulsional volta refletido sobre si é que se constitui o psiquismo estruturado como linguagem. Ou seja, o processo de subjetivação ocorre mediante uma reversão de atividade em passividade, operação de sujeição à ordem simbólica, que se faz através do mecanismo da identificação entre sujeito e objeto. Dessa forma, a pulsão se liga à ordem significante porque sua ação recebe resposta de uma alteridade, resposta que se marca no psiquismo, ganhando a pulsão representação. De acordo com Freud, o sujeito se assujeita, sofre dor em nome de dominar sua pulsionalidade, dor que fundamenta qualquer produção de subjetividade como masoquista, o que

²⁷⁷ Freud, S. "Pulsiones y destinos de pulsión" (1915), ("Triebe und Tribschicksale"), A.E., Vol. XIV.

²⁷⁸ Lacan, J. - "O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise", Zahar Editores, 1979.

quer dizer que o psiquismo sustenta a tensão, experimentada como dor, sem descarregá-la por completo no objeto.

Em resumo, o surgimento do sujeito só pode ser compreendido a partir do registro sexual fundado no real traumático, real afetado por uma falta. Ou seja, o sujeito do desejo nasce ao se erguer o obstáculo de uma impossibilidade, impossibilidade de se obter o prazer sexual absoluto.

O sujeito ao descobrir o gozo sexual numa experiência passiva no campo do Outro, tem seu desejo enraizado em uma sedução traumática que aponta, como mencionamos, para o sexual/não-sexual. Paradoxalmente, renascem, da falta de satisfação plena, e ressurgem, do ponto de impossibilidade de felicidade absoluta, as imagens intensas, excessivas e enfeitiçadoras que alimentam o desejo. Justamente o gozo é sexual por se referir ao destino mítico de uma realização impossível, de ilusoriamente pretender consumir o prazer sexual absoluto, o que quer dizer que, em seu ponto máximo de intensificação, a satisfação do desejo busca a cessação total da tensão, como se alcançasse a morte.

Quando Lacan afirma que o gozo é delimitado pelos significantes, ele quer dizer que para o gozo não há significantes, ou seja, que a psicanálise não conhece a natureza do gozo, ela conhece as fronteiras significantes que delimitam os focos de gozo enquanto bordas erógenas.

De acordo com Nasio²⁷⁹, é a questão fálica que “baliza” o trajeto do gozo no sentido de marcar os obstáculos com os quais ele se depara através do recalçamento, marcando também as formas de ele ser experimentado: no sintoma e nas fantasias. Concordamos assim que no saber psicanalítico o falo é o umbral para além do qual se descortinaria o mundo mítico do gozo do Outro.

²⁷⁹ Nasio, J.D. - “Cinco Lições sobre a teoria de Jacques Lacan”, Jorge Zahar Editor, 1993.

Vamos aqui prosseguir retomando a problemática da sublimação, buscando uma argumentação onde o efeito sublimatório do Belo é uma experiência relativa ao gozo não fálico, pois a sublimação é uma forma de satisfação da pulsão erótica que contém a idéia freudiana de “dessexualização”, melhor dizendo, uma deflexão da sexualidade diante do “tropeço” no real dessexualizado.

Neste sentido, vamos afirmar inicialmente a sublimação e seus efeitos como acontecimentos psíquicos que se ligam à criatividade, porque se referem à falta constitutiva do desejo inconsciente no seu deslocamento pelos objetos substitutivos elevando, como diz Lacan²⁸⁰, “o objeto à dignidade da coisa”. Freud, em “*Die Verneinung*”²⁸¹, associa “*Das Ding*” ao julgamento de atribuição, como diferença fundante em um campo primordial de juízo de valor, na medida em que o operador estrutural do recalçamento constitui (ao cavar o buraco no real) a diferença entre dois vazios: o vazio preenchível pela representação das coisas, que é a materialidade da realidade psíquica, e o vazio absoluto privado de sentido referido ao real, impossível de ser representado. É “*Das Ding*”, como coisa primordial, que, referida ao complexo perceptual do “*Nebenmensch*”, o complexo do semelhante, se constitui como o primeiro outro do sujeito, outro não especularizável como pura exterioridade. É, assim, este objeto inomeável e inapreensível que permite ao desejo o seu potencial de movimento permanente em torno dos objetos substitutivos. É este objeto, “*Das Ding*”, que Lacan coloca no limiar da significação como a diferença de origem que é instigante na pulsão, no sentido de deixá-la em deslocamento por estar eternamente insatisfeita em seu alvo. Justo por ser o referente de um vazio de experiência, “*Das Ding*” se coloca como causa da estrutura do sujeito e elevada ao nível da sublimação.

²⁸⁰ Lacan, J. - “Le séminaire, livre VII, L’Étiologie de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

²⁸¹ Freud, S. - “La negación”, (1925) (“*Die Verneinung*”), A.E., Vol. XIX.

“*Das Ding*” tem o estatuto de objeto digno por deixar um vazio não preenchível, vazio que é diferença e negatividade e, portanto, é condição estruturante do psiquismo. Ao ser cindida pela rede dos alvos da pulsão, ele instala a oposição significativa primordial: ausência e presença, e desse modo funda o “real primordial que padece do significante”, tornando-se o outro estranho e o outro familiar do sujeito a um só tempo.

Na tentativa de atingir “*Das Ding*”, o sujeito encontra o vazio, encontro com o real traumático de onde nascem as respostas simbólicas diferenciadas no processo da repetição.

Esta repetição enquanto diferença ocorre nos tropeços com o real, onde o encontro com “*Das Ding*” fracassa. É a repetição porque é o eterno retorno de uma ausência e esta ausência no destino da sublimação é reveladora, porque o alvo da pulsão escapa do circuito primário de satisfação e, é inibido em sua tendência sexual e narcísica de fechar-se em alguma fixação imaginária da completude. Neste sentido, abre-se uma verdade nova no campo sexual, a verdade não-sexual do real, verdade que se revela na impossibilidade do gozo absoluto que se dá pela quebra da ilusão. Neste ponto, recria-se a verdade: ela é parcial, é de desejo, é de Eros, é o Eu como sujeito no “vir a ser” e inserido na linguagem de dimensão estética e ética.

Lacan²⁸² vai-se referir na sublimação a um gozo privilegiado porque ele se refere à junção da constituição do psiquismo, o que já implica na perda do gozo fálico (castração) e funda a possibilidade de outro gozo, o sublimatório, elevado à dignidade do ato criativo.

Este ato criativo é momento em que o Eu não pode-se espelhar no outro, o que irrompe no Eu é “lapso de imagem”, destituição narcísica do gozo sexual.

²⁸² Lacan, J. - “Le séminaire, livre VII, L’Étiqúe de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

O lugar do objeto faltoso é o limite com o que há de real no desejo, seu fundamento trágico. Este lugar é agente da enunciação, pois, se o objeto não enuncia, o sujeito do desejo inconsciente se manifesta. Este objeto não especularizável excita o desejo e a produção de efeitos sublimatórios, porque permite o movimento desejante e o exercício da liberdade subjetiva.

De acordo com Lacan, “o gozo é dom”. No efeito sublimatório este dom é causar desejo no outro. Vamos aqui afirmar o Belo enquanto efeito sublimatório exemplar da estética, cujo dom é poder provocar no outro desejo, constituindo-se assim como lugar-objeto causa de desejo.

O efeito do Belo que se associa à arte, enquanto uma estrutura de sublimação, vai demonstrar a diferença do imaginário em relação ao ilusório, indicando a intrusão deste registro tanto no real quanto no simbólico. Sobre a arte comenta Vital Brazil²⁸³:

“A arte pode, portanto, em suas várias manifestações, pelo seu material “sensual”, que sempre apela para os sentidos, e sendo essencialmente “pura relação entre formas” que se faz pela diferença significativa, não se reduzir a nenhum conteúdo que possa ser intelectualizado ou apreendido no significado, designando uma representação “significante”, referida à verdade que se diferencia da “utilidade”, opondo-se a qualquer “objetificação” de seu sentido e dando um acesso ao vazio, ao campo da pura diferença, ao criar a “ilusão” através da qual “*Das Ding*” pode aparecer, revelando o campo de “*Das Ding*” além do objeto”.

Este comentário sublinha o efeito do Belo na arte com seu potencial sublimatório de produzir nos outros, enquanto sujeitos desejantes, emoções, linguagem, significantes novos, enfim, laços sociais entre sujeitos.

²⁸³Vital Brazil, H. - “As Estruturas de Sublimação” In: *Tempo Psicanalítico*, Revista da SPID - Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Vol. XII, número 1, Rio de Janeiro, 1989.

Em “*Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância*”²⁸⁴, Freud comenta a capacidade do artista de expressar seus impulsos mais secretos, desconhecidos, e sublinha a impressão causada pela obra em outros sujeitos cuja emoção despertada também permanece desconhecida em sua origem. Este comentário marca o valor dos efeitos do Belo na arte enquanto criação do novo, pois quando a produção subjetiva do artista cria a obra ele será resto da criação e a obra criada torna-se objeto causa de desejo no domínio público.

O ato estético que produz nos sujeitos desejantes laços sociais é ato que metaforiza o Horrível em Belo, equivalência da morte metamorfoseada em diversas apresentações de vida.

Vamos argumentar esta transformação afirmando que a forma é “em si” polimorfa. Na rede conceitual psicanalítica a sexualidade tem o caráter de perverso-polimorfa o que remete ao auto-erotismo, enquanto forma de satisfação da pulsão com as partes separadas do corpo. Ou seja, enquanto o narcisismo investe o corpo em sua forma totalizante, o auto-erotismo refere-se às bordas ou às partes do corpo investidas libidinalmente. Isto quer dizer que o polimorfismo indica a idéia de um corpo fragmentado em diversas formas, cujo correlato é a forma totalizante e a imagem unificada do Eu.

Se a dimensão estética que introduzimos nesta tese tem como princípio o *Unheimliche* é porque afirmamos que algo resta sem forma e sem imagem, melhor dizendo, não submetido a qualquer harmonia ou integridade imagética. Vale ressaltar que o efeito sublimatório é causa de desejo quando ele, como produto de desejo, cria movimentos desejantes provocando no funcionamento psíquico dos sujeitos uma “animação” que mobiliza a estrutura e provoca a passagem de uma forma para outra, de certa maneira semelhante à liberdade de movimento na associação livre de idéias do processo analítico.

²⁸⁴ Freud, S. - “Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci” (1910) (“Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci”), A.E., Vol. XI.

Esta movimentação é uma transgressão criativa porque desordena a ordem estabelecida no psiquismo para no “só depois”, a partir dos efeitos, reordená-lo. O produto deste processo é uma “transgressão com sentido”, um efeito sublimatório que implica em colocar em jogo o choque da ausência de forma, da fragmentação, com a capacidade plástica e de polimorfismo da pulsão, o que gera intensa angústia, motor afetivo que mediatiza a passagem para uma nova reunião dos fragmentos, o que significa uma metamorfose.

É neste sentido que queremos afirmar o ato estético produzindo o efeito sublimatório do Belo, porque as novas formas e imagens emergem do manchamento, da diluição das formas existentes e ordenadas. Isto indica que a dimensão estética do desejo se refere, no que diz respeito à forma e à imagem, à sua diluição, deformação, condensação e deslocamento. Temos enfatizado estes mecanismos ao tratar da perspectiva econômica sustentada neste estudo através dos conceitos de pulsão, angústia e desejo, tendo no narcisismo seu contraponto.

Enfim, o ato estético inclui a pulsão polimorfa em ação, causando deformação e a metamorfose do fragmentado em efeito Belo.

6.5. O Belo é a “visada” do desejo.

O brilho de Antígona, sua imagem fascinante, está, para Lacan²⁸⁵, no centro da tragédia. O ponto de articulação de toda ação trágica é sua beleza. Esta dimensão estética exerce uma função singular sobre o efeito da tragédia, pois o brilho reflete a evidência de uma fronteira estranha: da morte invadindo a

²⁸⁵ Lacan, J. - “Le séminaire, livre VII, L’Étiologie de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

vida e da vida invadindo a morte. É, como já mencionamos, o esplendor da colisão de Eros e Thanatos.

“É na travessia dessa zona que o raio do desejo se reflete e, ao mesmo tempo, se retrai, chegando a nos dar esse efeito tão singular, o mais profundo, que é o efeito, do Belo no desejo”(Seminário 7, p. 302)

Esse esplendor que incita o desejo é o que expressa e revela eroticamente a impressão do engodo na apreensão da beleza. O erotismo que brilha é destacado do objeto, pois aí não há objeto apreendido.

Assim, no pensamento lacaniano, a função do belo é a “visada” do desejo. Esta “visada” ele coloca como sendo precisamente a de indicar o lugar da relação do “ser” com sua própria morte, indicação que surge somente num resplandecimento. Neste sentido, Lacan²⁸⁶ define o fenômeno do belo como o limite da segunda morte. Vamos aqui apresentar os argumentos de Lacan.

Diz ele que a partir da transgressão da ordem natural, daquilo que no poder do homem libera a natureza das correntes de suas próprias leis, é, que se pode recomeçar a partir do nada. Como exemplar, ele apresenta a “visada” do crime, do não respeito à ordem natural e cita Freud, que, a partir de um crime original, reconstrói a genealogia da lei, ou seja, cria fronteiras “a partir de nada”, do “*ex nihilo*”. Esta é a perspectiva, segundo Lacan²⁸⁷, do criacionismo.

Para ilustrar seu pensamento cita Sade em sua fantasia fundamental que é a de um sofrimento eterno e que coloca a função do Belo em uma relação com a dor.

No enredo sádico o objeto dos tormentos conserva a possibilidade de ser um suporte indestrutível. Este suporte, que é da ordem da fantasia, se fundamenta na conjunção entre os jogos da dor e os fenômenos do Belo.

²⁸⁶ Idem.

²⁸⁷ Idem.

“A análise mostra claramente que o sujeito destaca um duplo de si mesmo, que ele torna inacessível ao aniquilamento, para fazê-lo suportar o que se deve chamar, no caso, por um termo extraído do âmbito da estética, dos jogos da dor. Pois trata-se justamente aí da mesma região que aquela em que os fenômenos da estética se deleitam, um certo espaço livre” (*Seminário 7*, p.316) [o grifo é nosso].

Lacan²⁸⁸ vai afirmar que, por qualquer lado que abordemos o fenômeno do Belo, encontraremos a dor escondida e delineada por trás da imagem, como o horrível estranho que ameaça. Esta ameaça é o significante de um limite, aquilo que intimida o desejo: o poder do sofrimento.

Desse modo, o Belo indica o limite em que o “ser” subsiste no sofrimento.

A “visada”, o instantâneo do olhar ao qual Lacan se refere, designa então a zona que a vida não pode transpor por muito tempo, só pode estar em seu umbral, como “visada” do que não deve ser visto no para além deste limite.

Neste ponto, subsidiados por Lacan, diríamos que no limite se situa o saber sobre uma metamorfose explosiva: a presença cortante da destrutividade no “brilho” da vida.

O fascínio do herói trágico está neste ponto da apresentação da “visada” do Belo em sua relação com o desejo. Emerge aquilo que de trágico se torna visível no fundamento do desejo: o limite entre a vida e a morte.

Antígona é exemplar de uma imagem-limite: a morta em vida. Ao ser condenada ao enterro em vida, ela não está morta, porém já não pertence ao mundo dos vivos. Neste ponto Lacan²⁸⁹ sublinha que é o lugar a partir do qual a vida pode ser vivida, onde se está para além dela: “vivê-la sob a forma do que está perdido”. Aqui enfatizaremos, a partir do pensamento lacaniano, que a vida é criada sob o efeito do perdido sendo essa a perspectiva deste estudo quanto ao

²⁸⁸ Idem.

²⁸⁹ Idem.

que se coloca sobre o “clarão” evanescente do Belo, sua resplandecência como causa de desejo: é a criação estética. Este “clarão” causa um “efeito de cegamento”, que se desdobra em efeito de acesso à verdade parcial do desejo, em função daquilo que se “dá a ver” e que não pode ser olhado. Nesta tese nomeamos este cegamento angustiante como “lapso de imagem”. O lapso que é corte no desfile de imagens cria o privilégio de uma certa miragem como a única que é “visada” numa sucessão de imagens. Surge o poder de uma imagem central em relação a todas as demais imagens, pois ela apresenta o que de belo/trágico há no desejo e que se apresenta de forma evanescente no tempo. De acordo com Freud, diríamos que é o “inanimado” que se manifesta, ação da pulsão de morte.

A própria essência da tragédia é a de se enredar nesta zona limite que é a intrusão da morte na vida. A tragédia apresenta a imagem muito bela da paixão, produzida na superposição de uma série de tramas, porém deixando entrever algo horrível ao redor de uma fascinante ilusão. A dimensão essencial que aí se coloca, para a estética do desejo, é o que habita nos sujeitos desejantes como impasse conflituado e que jamais será elaborado: o sofrimento e a dor diante do fato morte encenado no psiquismo humano pela questão incestuosa.

Antígona traz a marca deste brilho fascinante, transgressor da lei. A presença cortante e autônoma da pulsão de morte surge no ato de Antígona ao assumir uma posição absolutamente radical. Antígona é a guardiã do crime implícito na estrutura do desejo, seu caráter radicalmente destrutivo. Sobre isto, Lacan²⁹⁰ comenta:

“A descendência da união incestuosa se desdobrou em dois irmãos, um que representa o poderio, o outro que representa o crime. Não há ninguém para assumir o crime e a validade do crime senão Antígona”. (*Seminário 7*, p. 342)

²⁹⁰ Idem.

É a sublimação com seus efeitos na cultura que se oferece como a “via régia” pela qual a pulsão se destina a atravessar a zona dolorosa da separação, mantendo a morte significada e transformando a dor em jogos estéticos que a incluem e a revelam. Dessa forma, o efeito estético será sempre referido à reformulação do sofrimento do sujeito em termos de um reordenamento na economia psíquica do transbordamento pulsional. Este circuito pulsional da sublimação é renovador, pois contribui para a re-criação do sujeito.

O prazer que desloca o Eu de seu lugar narcísico é o prazer estético. O prazer estético distingue-se do prazer redutível ao princípio do prazer/desprazer, justo por se referir ao Belo, que, conforme apresentamos, revela a experiência de “finitude”.

A experiência analítica revela o prazer estético ao colocar a direção da cura numa relação com o destino da sublimação e a destituição narcísica. Neste sentido, uma análise é terminável quando no lugar da demanda de felicidade se coloca uma “visada” do Belo, o que significa ter o sujeito encontrado o limite, a zona fronteira, onde toda problemática do desejo se coloca. De certa maneira, o prazer estético para a análise é o brilho da verdade com a qual analista e analisando se comprometem durante o processo ao se interpretar o engano que existe na demanda. O brilho é esta “visada” fascinante que desvela o engano e revela a verdade parcial que concerne ao desejo, demonstrando o saber como necessariamente incompleto, na medida em que nem toda verdade é absorvida no saber.

O Belo, na experiência analítica, se revela na palavra ao ar do analista corporificada em toque de verdade sobre o desejo do sujeito, verdade experimentada como angústia e desamparo. Há, neste momento do “sublime-ato” analítico, uma subtração narcísica, que consiste em escapar das aparências e penetrar em um universo de dizeres significativos, de emoções, de erotismo.

6.6. O tempo e a estética do desejo

A estética do desejo, desde que começamos a buscar seus contornos, tem sido associada ao tempo: tempo que é instante, efêmero, inapreensível e referido ao que resta de um tempo trágico - tempo do limite da segunda morte, a morte simbólica, que surge, no texto lacaniano em seu discurso sobre Antígona.

Gondar²⁹¹ apresenta o tempo na esfera do trágico referido ao que se dá como “um vazio de determinações, um dever não-ligado, disperso, sem governo”. Em relação à pulsão vai enfatizar “o encontro como real” traumático, como “esse esbarrão ao psiquismo com a energia pulsional livre e indomada”, e que marca a um só tempo, a falência do imaginário e o limite do simbólico. Mais uma vez nos deparamos, em relação ao tempo, com a dimensão “*Unheimliche*” desse encontro. É tempo de desamparo diante do desmoronamento de tudo que é uno e que possibilita o surgimento do diverso. Neste sentido, Gondar coloca o tempo vazio de qualquer determinação e de qualquer conteúdo como próprio do excesso pulsional, enquanto que o campo subjetivo se define pela estrutura temporal, ou seja, de um lado uma articulação temporal entre diversas representações e, de outro, o tempo se apresentando em estado puro. A relação se coloca entre o estruturado e o disperso.

Assim, de acordo com o que temos elaborado neste estudo, o tempo se articula na estética do desejo no ponto em que estranhamos, onde a repetição se associa ao inconsciente, no eterno retorno do outro, do estranho que ameaça destruir o tempo composto por “*Chronos*”.

Mas não seria esta repetição o que abre para o tempo de criar? Tempo onde o eterno retorno da dor da separação faz do Belo sua testemunha?

²⁹¹ Gondar, J. “Os Tempos de Freud”, Revinter Editora, Rio de Janeiro, 1994.

Neste sentido, o tempo do Belo se associa ao luto, como o rosto do perdido que retorna vivo, mais erótico do que nunca, pois criando desejo, enlaçando sujeitos.

Freud²⁹², em seu artigo *Sobre a Transitoriedade*, aborda a ligação entre os temas do belo, do luto e do tempo. Freud se inspira para escrever o texto em um passeio com seu amigo Rilke, poeta que, em seu diálogo com Freud, desvaloriza o Belo pelo seu destino transitório. Rilke escuta a resposta estética do amigo Freud²⁹³, que se opõe a ele dizendo:

“Pelo contrário, o valor do Belo aumenta”. (p.345).

E comenta ainda:

“Quanto à beleza da natureza cada vez que é destruída pelo inverno, retorna no ano seguinte, de modo que, em relação à duração de nossas vidas, ela pode de fato ser considerada eterna. A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhes empresta renovado encanto. Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela” (p.346) [o grifo é nosso]

Fica claramente colocada a fruição do Belo e a estética em sua relação com o tempo, onde se experimenta a não antecipação do luto e a não antecipação de sentido. Na estética do desejo, o luto se mostra em uma re-novação encantada: o efeito perturbador e comovente do Belo. É tempo de efeito-surpresa. A melancolia do poeta faz com que ele recue diante da experiência penosa do luto e assim se torne incapaz de usufruir do Belo. Diante do horror de viver a dor da perda, o poeta dissocia o que há de horrível no Belo, demonstrando a impossibilidade, diante disto, de ter acesso à dimensão da estética do desejo. O tempo no Belo é não antecipado, surpreendente e percebido na efemeridade do instante.

²⁹² Freud, S. - “La Transitoriedad”, (1915) (“Vergänglichkeit”), A.E., Vol. XIV.

²⁹³ Idem.

6.7. A dimensão estética da verdade.

De acordo com Birman²⁹⁴, Freud apresenta o descentramento radical do sujeito no efeito do desamparo e na dimensão da morte pelos caminhos do desejo. O desamparo (*Hilflosigkeit*) no pensamento freudiano tem como momento fundamental de seu enunciado o trabalho do “*Mal-Estar na Civilização*”²⁹⁵.

A radicalidade que se define pelo valor do desamparo é naquilo que este efeito apresenta na sua referência à finitude do sujeito. O *Mal-Estar na Civilização*²⁹⁶ é a idéia freudiana da permanência de um impasse no social onde a civilização se vê sob a ação da pulsão de morte “como exigência de singularidade diante das formas consagradas de simbolização e em busca de novas possibilidades de subjetivação”. Neste sentido, Freud apresenta um sujeito fundado no conflito e na diferença, e seu “vir-a-ser” como percurso constitutivo de sua singularidade. É o destino da sublimação, enquanto aquele que muda o alvo e o objeto da pulsão, o que torna possível o advento do “sujeito da diferença”.

Assim a questão do desamparo primordial se coloca como a emergência do horror face à desilusão do Eu sobre seu lugar onipotente. Estar iludido é crer na possibilidade de realizar o valor máximo da vida que é a felicidade. Abrir mão deste projeto é uma imposição estrutural diante da incompletude, da quebra de unidade do Eu face à experiência do “*Hilflosigkeit*”.

A ilusão como contraponto do desamparo é o que marca, “enquanto produção psíquica fundada no desejo” a crença totalitária de um Eu alienado de sua própria constituição. O desencanto do Eu desiludido de sua onipotência

²⁹⁴ Birman, J. - “Psicanálise, Estilo e Modernidade”. inédito.

²⁹⁵ Freud, S. - “El malestar en la cultura” (1929), (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI

²⁹⁶ Idem.

narcísica, é apresentado por Freud em 1929²⁹⁷ e o leva a afirmar que o mal-estar estrutural dos sujeitos mostra que “a felicidade é um problema de economia libidinal”. De acordo com Birman²⁹⁸:

“... face ao desamparo é necessário que o sujeito invente um estilo de existência, de maneira a dar um lugar para a singularidade do seu desejo” (p. 88)

Desse modo, o efeito do desamparo se associa à sublimação no que temos elaborado neste estudo sobre o “*Unheimliche*” do desejo, o Estranho que é a diferenciação não possível de ser suprimida na estrutura do desejo do sujeito e que se coloca contra a hegemonia das ilusões egóicas. Portanto, vamos argumentar a dimensão estética da verdade a partir do estranho-familiar e que aproxima a experiência psicanalítica da poética, ambas na interseção entre “sensibilidade alteritária” e razão. Temos assim afirmado a angustante e inquietante estranheza do desejo como campo da estética onde se pode registrar os efeitos de sublimação, tendo como exemplar o Belo, que possibilita, enquanto efeito que é objeto causa de desejo, a invenção de novos objetos para o circuito pulsional. Ainda sobre isto temos abordado o “lapso de imagem” como efeito que recorta o real, que é condição de possibilidade criativa devido à operação de sublimação. A angústia do real que transborda e desconcerta o Eu é produtora da desilusão e do desamparo, pois se refere à perda sofrida pelo Eu de seu suporte no Outro.

Não é à toa que a sublimação é abordada no texto sobre narcisismo, pois ela opera a desconstrução das imagens ilusórias do desejo que se desenham sobre o fundo narcísico. O que se destaca deste fundo são objetos que indicam o não especular e, portanto, causadores de desejo. O que deles retorna é a marca desejante do sujeito enquanto diferença e singularidade. O que quer dizer que,

²⁹⁷ Idem.

²⁹⁸ Birman, J. - “Psicanálise, Estilo e Modernidade”, inédito.

através da sublimação, o sujeito do desejo é marcado por uma “assinatura” original, que é seu estilo.

O estilo é a dimensão estética da verdade parcial do desejo.

Assim, a partir de desamparo enquanto efeito fundante do sujeito diante da radical inadequação entre corpo e símbolo, é que chegamos à dimensão estética da verdade.

De acordo com Badiou²⁹⁹ “a verdade é um processo, aberto por um evento, que constrói um conjunto infinito genérico”. Este processo se abre por efeito de uma separação.

“Para mim, uma verdade começa por um evento, mas esse evento é sempre desaparecido, abolido, nunca haverá ali conhecimento. O evento é a causa real e desvanecida de uma verdade” (p. 60,)

Como vimos, Lacan mostra que a verdade é o Outro, como um buraco no saber. Este lugar que se chama Outro é lugar onde a palavra, por ser depositada, vai fundar a verdade.

A dimensão estética da verdade indica a localização do vazio, do real irreduzível se presentificando no “Belo” causa de desejo, brilho que revela a questão do estilo na sua relação com o desejo.

Badiou³⁰⁰ vai afirmar que a verdade trabalha na retroação de um quase-nada e na antecipação de um quase-tudo. Neste sentido existe sempre um ponto de tropeço absoluto. Este ponto inominável, ressalta Badiou, é precisamente “nomeável” pelo fato de não ser nomeado. Ele é inomeável pelo fato de não poder ser encontrado na ordem da linguagem. Para Badiou³⁰¹, só o amor pelo inomeável é que permite sem desastre o amor pela verdade em seu real.

“O amor pela verdade se reporta à castração pelo duplo viés da potência e da impotência, do forçamento e do inominável. A

²⁹⁹ Badiou, A. - “Para uma nova Teoria do Sujeito”, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1994

³⁰⁰ Idem.

³⁰¹ Idem.

ética ordena sustentar-se ao mesmo tempo sobre o saber e sobre o inacabável. É justamente a máxima de Freud: análise finita e análise infinita” (p.73)

Neste ponto, ressaltaríamos que a ética sustenta a liberdade estética de inventar o saber. A dimensão estética da verdade é “clarão” e não “clareza”. Ela traz um exercício rebelde e angustiante para a estrutura conflituada do sujeito. Através do fenômeno do Belo, percebemos a “sutil mentira” que nos envolve com a verdade parcial do desejo.

Em resumo a dimensão estética da verdade opera na destituição de todo objeto suposto, ao apresentar a condição inapreensível do objeto causa de desejo.

Badiou³⁰² pode nos ajudar a ilustrar o que queremos dizer sobre a dimensão estética da verdade, quando ele demonstra que:

“a subtração organiza o poema no desígnio direto de uma retirada do objeto; o poema é um maquinário negativo, que enuncia o “ser”, ou a idéia, até o ponto em que o objeto se desvanece”(p. 79).

E mais adiante, comenta:

“Tal é a operação subtrativa do poema, que submete o objeto à prova de sua falta”(p. 79)

Como demonstramos na experiência angustiante do “lapso de imagem”, aí o objeto é des-objetivado pelo efeito de um excesso, o “Belo”, que transborda na estrutura do desejo.

O poema é exemplar pela ausência de objeto, como enfatiza Badiou pela impossibilidade de ser imitado. Ele é um pensamento desconhecido, um pensamento estranho, pois o poema jamais é claro. A objetividade seria a morte do poema.

Freud, a cada momento dos seus textos, - onde o excesso de clareza poderia trazer risco de matar o paradoxo de suas idéias e os enigmas propostos

³⁰² Idem.

pela psicanálise, - lança mão dos poetas; o mais citado e querido é Goethe. O que significa que o poema e a arte em geral são a forma marginal da obra freudiana, uma estética que contorna e revela o brilho do seu estilo, fazendo com que nós, leitores de Freud, escutemos sua obra como objeto causa de desejo. Seu estilo é um acesso estético ao saber psicanalítico. É a arte freudiana como singular que toca na infinitude da verdade, onde ela se subtrai de todo e qualquer saber estabelecido. Não é à toa que ele é o “pai” da psicanálise, criador de um saber que é efeito sempre renovado porque referido à experiência clínica, que possibilita ao sujeito produzir um estilo, o acesso à sua singularidade.

Em relação à concepção do sujeito enquanto singularidade, afirmamos o valor deste estudo como portador da tese de que a estética e a ética do desejo enquanto eixos estruturantes do sujeito, através do destino de sublimação, vão possibilitar a produção do estilo como dimensão estética da verdade, e a sustentação desta diferença na estrutura como dimensão ética, dimensão esta subsidiada pela experiência de perda, luto e separação.

De acordo com Vital Brazil³⁰³ a razão descoberta por Freud é a “razão cética”, pois não se deixa enganar pelo significado proferido:

“A razão cética se põe entre enunciado e enunciação, exigindo da disponibilidade interpretativa da subjetividade uma criatividade no ato psicanalítico, sempre singular e associado a um efeito de sublimação, elevando a língua à “dignidade do indizível”. Estes efeitos de sublimação, que incluem religião, ciência e arte, isto é, toda a produção da cultura, nos confrontam com a questão da linguagem, que não pode mais ser reduzida a uma concepção meramente instrumentalista, como simples meio de comunicação, e nos diz que é valorizando a produção no simbólico e a interpretação do sentido na diferença entre enunciado e enunciação, que se abre um espaço de criatividade, de possibilidade sublimatória, e que se faz a aproximação entre psicanálise e literatura”(p. 32)

³⁰³ Vital Brazil, H. - “Dois Ensaios entre Psicanálise e Literatura”, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992.

Vital Brazil afirma que podemos falar do estilo em qualquer produção da cultura no sentido do lugar da diferença no discurso que se opõe a sua homogeneização, que cala o imaginário e extingue a significação.

É a questão do estilo que nos interroga na psicanálise sobre aquilo que “não é construído e sim encontrado”.

E Vital Brazil³⁰⁴, comenta:

“Sendo indefinido e, portanto, não sendo interpretável, o estilo expande-se além da sua determinação, situando-se fora do pacto narcísico que se faria entre o escritor e o seu leitor “ideal”, que aceitaria passivamente o significado, deixando livre o “escrito” ou o “falado” para provocar conseqüências que nos levam a considerar o indeterminado do acaso. Este indefinido do estilo aponta para o que está além da repetição em excesso à cadeia dos significantes, para o que se associa à noção de “significante flutuante” em Lévi-Strauss com um valor simbólico zero, forma em estado puro suscetível de ser preenchida por qualquer conteúdo, mas dando um valor à expressão do sentido, colocando a questão do estilo no inter-texto entre psicanálise e literatura” (p. 63)

O estilo enquanto exemplar da dimensão estética da verdade apresenta a potência da verdade na própria forma de dizer.

A forma de dizer é a expressão de uma singularidade apreendida na indefinição do estilo, algo da ordem da repetição do traço-fonte, e causa criadora de um texto singular em um espaço de liberdade subjetiva. A criatividade do discurso é sustentada pela diferença implícita na indeterminação do estilo. Esta diferença introduz no texto a alteridade, o campo do Outro como lugar do inconsciente, mostrando o Eu descentrado e diante daquilo que essencialmente lhe escapa.

Vital Brazil³⁰⁵, fala de forma exemplar desta questão:

³⁰⁴ Idem.

³⁰⁵ Idem.

“Uma vez que o estilo não se refere ao que se diz, mas sim a como se diz o que se diz, à marca de uma forma de dizer que sustenta um discurso e o mito da individualidade, ele é irredutível a qualquer tema por mais universal que seja, e aponta, portanto, para um sujeito pretendido, um traço de singularidade na narrativa que, num curso associativo ou na narrativa como ficção, pretensamente individualizaria a interpretação de uma história. E se não podemos privilegiar a “função referencial” da linguagem que determina o “bom estilo” ou a melhor forma de articular o dizer, se não podemos ter um critério “normativo” que negaria as diferenças no estilo, não podemos julgar o estilo dando à fala um sentido de busca de uma verdade pelo estilo, mas apenas podemos dar à forma de dizer o valor de expressão e revelação de uma intenção oculta que vai ser descoberta no auditor que tem “a resposta significativa”, no auditor que interpreta...” (p. 74)

É em relação a esta forma de dizer, o estilo, que ressaltamos, mais uma vez, a estética com sua potência de expressividade, permitindo que o dizer do texto diga mais do que quer dizer, e desta maneira presentificando o enigma e o vazio determinante como uma das vertentes da sublimação e, além disso, privilegiando a criação de uma erótica-estética que se apresenta sob as formas de dizer que se constituem na própria expressividade do desejo inconsciente.

6.8. A estética é impressão-expressão do dizer inconsciente.

A angústia, conforme abordamos no primeiro capítulo desta tese, por seu lugar de sinal primário indica a intrusão das imagens no real inacessível e, portanto, aponta também a vocação essencial da imagem para se constituir como símbolo. Assim, a angústia é sinal da dor da incompletude e tem como

correlato o desamparo, pois este estado é efeito do traumático, cuja experiência é de ausência de fronteiras.

Retomamos este ponto para prosseguirmos a problemática da estética enquanto impressão-expressão do dizer inconsciente.

É através do conceito de angústia do real (*Real Angst*) que a impressão tem seu estatuto referido à experiência da verdade do desejo, e se associa na organização psíquica ao representante afetivo e ao valor da expressão na linguagem do dizer inconsciente.

Em resumo, ao fundar a referência ao excluído, Freud indica o campo primordial do “nada”, enquanto fundamento do discurso, permitindo inferir o domínio da “impressão” da ausência do objeto como aquele produtor do afeto por excelência - a angústia - que vem mediar o “nada-nadeante” de um desamparo primordial. A angústia imprime como testemunha permanente a ausência - presente de objeto, que estabelece um limite no acesso à Coisa.

A expressão se refere à noção freudiana de “*Darstellung*”, no sentido a que nos temos referido neste estudo, como o que se “dá a ver”, ou, “as apresentações que nos remetem às impressões da falha estrutural do sujeito”.

Esta idéia é fundamental para a questão do estilo e da estética pois é a expressão que nos confronta com o “como dizer” da relação forma/conteúdo.

O valor expressivo do discurso é, ainda, aquele que nos remete à complexidade do estilo como “traço que forma e informa” os limites do dizer enquanto mero entendimento do conteúdo.

A expressão, como o que se apresenta em um fora do discurso, representa o que há de enigmático no dizer, enfatizando o caráter polissêmico da palavra, que no contexto da descoberta interpretativa do “para além” do enunciado vai nos referir à transgressão às regras do código lingüístico.

De acordo com Vital Brazil³⁰⁶:

“Adotando uma “lógica do sonho” o discurso inteprutado reconhece, na expressão, os processos primários do pensamento e nos refere à transgressão com sentido do ato criativo”.

Desse modo, o “como dizer” enfatiza a diferença entre o sujeito interpretante e o Eu fenomênico, pois marca, através da forma, que “o que se diz é sempre mais do que se quer dizer”, solicitando o lançamento do sujeito em um contexto de dizeres significativos.

A expressão é o que permite entre-ver no enunciado o impacto da impressão afetiva, angústia que é lugar testemunha da verdade parcial do desejo. Neste sentido, temos as duas faces do afeto que se movimentam e se articulam, na perspectiva estética, com jogos de dor, que buscam o poder de expressão no circuito da linguagem. O que está aqui em questão é o que no discurso freudiano foi denominado de angústia do real do trauma, relativizada em seus efeitos como angústia sinal sempre presente no psiquismo e que é condição fundamental para que ocorra o funcionamento dos processos de simbolização da força constante da pulsão.

Neste sentido é o desamparo estrutural que delinea na constituição do sujeito do desejo inconsciente o lugar da privação absoluta de sentido, um hiato entre a pura pulsionalidade e o universo do símbolo. É a impressão da angústia como afeto indizível e indeterminado que carrega esta verdade do “não-realizado” como ruído implicado no determinismo de uma “estrutura ausente”, ruído que ecoa expressivamente, na estrutura e na rede significante, a dinâmica da finitude diante da insistência pulsional.

Desse modo, a estética encontra, na estrutura afetiva não só a expressão e a forma de dizer no discurso, mas também o sentido fundante de um

³⁰⁶ Vital Brazil, H. - “A Relação conteúdo/forma na expressão literária”, Texto Inédito.

sujeito fraturado e incompleto, pois a verdade do discurso estético é a revelação de um corpo inserido traumáticamente na linguagem.

É a criação poética e a expressão literária que nos permitem a ênfase na forma expressiva de dizer referida à lógica do inconsciente. Sobre isto comenta Vital Brazil³⁰⁷:

“... não podemos desconhecer que é na versatilidade e no estilo extraordinariamente poético de Shakespeare que Freud vai encontrar a “lógica do inconsciente”, isto é, uma referência possível à forma do discurso, descobrindo em Shakespeare, como diz Starobinski, um seu antecessor “no estudo e na versão das paixões humanas”. (p. 3)

Assim, afirmamos neste estudo que a estética é impressão-expressão do dizer inconsciente porque marca a constituição do sujeito fundada nas pulsões e nos seus destinos e registrada pelo testemunho da angústia, por ser uma constituição marcada pela perda e pela separação, cujos jogos de dor, que daí decorrem, colocam o sujeito na posição de um desamparo que é estrutural. Este lugar se opõe às ilusões narcísicas de completude, destituindo-as e trazendo a emergência do “*Unheimliche*” do desejo, ou seja, a impressão estranhamente familiar de uma alteridade radical que tem poder de expressão.

Resta ao sujeito o movimento do desejo em um circuito sublimatório, cujos efeitos pertencem ao registro da estética e da ética como expressões eróticas, que são invenções do como lidar com o “eterno retorno” do que permanece de trágico na estrutura do desejo.

Um dos efeitos faz-se “instante” Belo, efeito exemplar da estética do desejo, efeito causador de desejo que, tal qual o *objeto a*, é presentificado no imaginário como olhar, o que dá as possibilidades neste registro dos jogos de ocultar e revelar.

³⁰⁷ Idem.

Neste sentido, é o Belo que nos conduz à “visada” do desejo, visada erótica que faz laço social e que é perfeitamente estranha ao Eu e, assim, marca a diferença entre o sujeito do desejo inconsciente e o Eu fenomênico.

A inutilidade do Belo indica que ele suporta mal, no nosso mundo de civilização “eficiente”, valores tais como os da clareza, da utilidade ou as mensagens de cunho pragmático, e por outro lado aponta o indispensável da dimensão poética para a cultura.

É este valor transgressor do Belo que se torna um paradoxo, para Freud no “*Mal-Estar na Civilização*”³⁰⁸ ao dizer que o Belo é inútil, porém indispensável à cultura.

Assim é a expressão literária e a poesia, especialmente, que mostram a face transgressora e rebelde do Belo e também onde nasce o seu fascínio. Sobre isto, Badiou³⁰⁹ diz que “o poema é o guardião delicado da língua”. Diríamos neste estudo que o Belo é o guardião delicado do desejo na cultura. O Belo, como o poema, não visam nem descrevem objeto algum, sua função é deixar o desejo desvelado e a palavra nua no mesmo instante em que isso causa a infinita possibilidade de suas vestes.

³⁰⁸ Freud, S. - “El malestar en la cultura” (1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI.

³⁰⁹ Badiou, A. - “Para uma nova Teoria do Sujeito”, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1994.

7 - SOBRE A ÉTICA DO DESEJO.

“O que se trata de projetar assim é uma certa transgressão do desejo.

É aqui que entra em jogo a função ética do erotismo. O freudismo não é, em suma, senão uma perpétua alusão à fecundidade do erotismo na ética”. (Lacan - Seminário 7)

7.1. Introdução

Nossa investigação sobre a ética parte do interior do discurso psicanalítico no sentido de uma busca da sua especificidade na rede conceitual psicanalítica. Assim queremos fundamentar enunciados pertinentes e consistentes sobre a problemática ética a partir da teoria do desejo inconsciente e de sua estruturação trágica.

É em “*Totem e Tabu*”³¹⁰ que Freud elabora, a partir do “mito da horda primeva”, o ato em seu valor inaugural e fundante da cultura, pois é o assassinato coletivo do pai da horda, enquanto ato criminoso, e a conseqüente refeição totêmica comemorativa deste ato, que marca míticamente o surgimento da organização social e o fundamento da cultura.

É o parricídio e o devoramento de um pai despótico que levam Freud a observar que “o pai morto se torna mais forte do que o vivo”³¹¹ pois no lugar de

³¹⁰ Freud, S. - “Tótem y Tabu” (1913) (“Totem und Tabu”), A.E., Vol. XIII.

³¹¹ Idem.

uma lei tirânica do pai onipotente surge um acordo entre irmãos, ou seja, cria-se uma lei simbólica, à qual todos se sujeitam. Segundo Freud “o poder do indivíduo é substituído pelo poder da coletividade”³¹², movimento de enlaçamento social que indica o fundamento da cultura a partir do ato criminoso e da culpabilidade como efeito deste ato. Esta questão é resumida na citação que Freud faz de Goethe no término de *“Totem e Tabu”*: “No início era o ato”.

Assim é que a ordem trágica em Freud associa a lei ao pai morto, constituindo a dívida simbólica e demonstrando a função estruturante edípica através do valor do psiquismo estruturado em um registro simbólico, onde, de acordo com Vital Brazil: “o homem não pode não significar”³¹³. Este enunciado sublinha o imperativo simbólico que sustenta “o reconhecimento de um inconsciente determinativo como um conjunto de significantes, isto é, potencialmente produtor de significações na alteridade”³¹⁴.

Nesta tese afirmamos que o imperativo simbólico se refere à dimensão erótica e alteritária na linguagem do desejo, desejo em sua dimensão *“Unheimliche”*, dimensão que introduz também uma diferença originária referida a uma dialética básica, no plano constitutivo do sujeito, entre Eros e Thanatos. Esta ambigüidade fundante valoriza “a função do real na repetição”, no sentido da indicação de uma realidade impenetrável e inacessível a partir da qual podemos falar, junto com Vital Brazil³¹⁵, da “verdade em ato”, o que quer dizer que toda verdade é parcial, porque se refere ao irrepresentável e a um campo de intensidades, afetivo e sem palavras, do qual a indizível angústia é o representante paradigmático. Isto porque ela se expressa no próprio limite da palavra, colocando o intervalo do que não pode ser dito, indicando no registro da percepção e da impressão uma “outra realidade”, inapreensível, e, portanto,

³¹² Freud, S. - “El malestar en la cultura” (1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI.

³¹³ Vital Brazil, H. - “O sujeito da dívida e a retórica do inconsciente”, Inédito.

³¹⁴ Idem.

³¹⁵ Idem.

impondo um limite à dominância do registro da representação no campo psicanalítico. É a angústia do real como efeito afetivo, sempre inquietante e estranho que sustenta o inomeável da experiência traumática de uma violência originária, trazendo à tona a marca trágica do desejo e do erotismo. A “verdade em ato” nesta tese é o poder tocar e dizer sobre esta experiência de morte e desamparo, isto é, fazê-la representar nos jogos de dor e prazer que mobilizam o psiquismo em uma prática de significância”, e que, ao mesmo tempo, apontam para o além da representação. Este momento-ato, como mencionamos na primeira parte deste estudo, de onde por meio da palavra o sujeito retira seus significantes é, também, momento-fronteira entre emoção e dizer, onde a angústia se mostra como uma margem de dupla referência: margem que indica o Real inatingível e margem que justifica, como motor para o recalque, a constituição fantasmática, constituinte do desejo. A dimensão estética e ética do desejo se associam a este “representante paradigmático do afeto” pois é a impressão-angústia que marca a ordem da subjetividade referida a uma estranha verdade que está impressa e que se expressa na linguagem do desejo.

Desse modo, pretendemos problematizar a questão ética de maneira que ela seja construída por diversas questões com uma pluralidade necessariamente articulada em vários níveis com determinações múltiplas, porém enfatizando a perspectiva de a ética do desejo ser formulada como uma face da estética, ou seja, referida ao que de mais estranho e inquietante engendra o desejo.

Vamos procurar nossa argumentação no texto do “*Mal-Estar na Civilização*”³¹⁶, quando Freud mostra a demanda de felicidade como um problema da economia pulsional, pois a exigência da inscrição pulsional como diferença incide em um registro que já é, em sua estrutura, potencialmente

³¹⁶ Freud, S. - “El malestar en la cultura”(1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI.

diferença. Freud apresenta neste estudo o elo do desejo com a pulsão de morte, pois é um desejo além do bem estar, que marca o sujeito em um registro ambivalente e conflituado por um mal-estar estrutural.

É em sua releitura de Freud que Lacan³¹⁷ realça o caráter trágico do desejo mostrando como ele não é pacificado pela lei, pois apenas a satisfação da pulsão pode sofrer transformação. Portanto, não estamos bem no “bem” e o “bem supremo” é um objeto inatingível e indeterminado, que está basicamente interdito e no para além da representação. A ousadia do discurso lacaniano, no *Seminário 7*³¹⁸, aproxima Aristóteles de Freud, marcando que o “bem supremo aristotélico”, tal como o situaram os grandes pensadores da antigüidade, não podia ser pensado como bem interdito, a não ser a partir da luz da descoberta freudiana.

Desse modo, Lacan³¹⁹ apresenta os fundamentos para o deslocamento do “bem ideal”, e dos processos para alcançá-lo, para o real, na medida em que a psicanálise, de acordo com Freud e Lacan, vai dissociar o princípio do prazer e o bem do conforto do sujeito. Para Lacan³²⁰ o discurso freudiano sobre os impasses do gozo moderno apresentados nos textos do *Mal-Estar na Civilização*³²¹ e em *Moisés e o Monoteísmo*³²² trazem argumentos importantes para a história da humanidade, ou seja, para o plano coletivo, enlaçada a uma historicidade do desejo a partir do contexto da pulsão, do irrepresentável.

O desejo, assim, não é um bem para o sujeito, e Lacan assinala os elementos que fazem elo entre o desejo e a pulsão de morte, ou entre o desejo e o

³¹⁷ Lacan, J. - “Le Séminaire, livre VII, L'éthique de la psychanalyse”, Paris, Éditions du Seuil, 1986.

³¹⁸ Idem.

³¹⁹ Idem.

³²⁰ Idem.

³²¹ Freud, S. - “El malestar en la cultura”(1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”) A.E., Vol. XXI.

³²² Freud, S. - “Moisés y la religión monoteísta”(1939) (“Der Mann Moses und die monotheistische Religion”) A.E., Vol. XXIII.

gozo, insistindo em uma cisão entre o objeto do desejo e o bem. Assim é que podemos desejar o indesejável, graças a um destino que Lacan³²³ põe em realce na palavra de Sófocles, através de Antígona. Ela é exemplar no discurso lacaniano em relação à desgraça de sua família e seu destino incestuoso, que têm como direção trágica o desejo de “ser para a morte”.

Neste sentido, a partir de personagens como Édipo e Antígona, a psicanálise vai-se apoderar do seu sentido trágico no que diz respeito à estrutura do desejo, pois ele é experimentado no real de um corpo sexuado, ou seja, no que há de imperioso em termos eróticos neste corpo.

Como já mencionamos, Freud nos diz conceitualmente algo sobre um trajeto pulsional para além do princípio do prazer, marcando que a pulsão em sua insistência não cessa jamais a busca pela satisfação completa.

Porém, apesar de a compulsão à repetição ser o fenômeno que apresenta a negatividade trágica da ação da pulsão de morte, queremos ressaltar que esta ação se dá como corte e como acontecimento que instaura a linguagem. Ou seja, duas formas de repetição são superpostas: a inexorável repetição do mesmo e a insistência operante de uma repetição diferencial a partir do mesmo. Há um “não” à perpetuação da ausência de sentido, uma negatividade imperiosa que é erótica, porque negativiza o vazio de um desconhecimento radical.

É assim que podemos concordar com Lacan³²⁴ no que diz respeito a Antígona como portadora do corte significante, porém, ressaltamos que é no fato de que este corte significa a “humanidade” de Antígona, “humanidade” que se expressa no poder dizer “não” como o que significa para o ser da linguagem, no dizível e no indizível, o poder de subtrair o humano do trágico ou, melhor dizendo, o poder de extrair uma erótica de um “mal radical”.

³²³ Lacan, J. - “Le séminaire, livre VII, L'éthique de la psychanalyse, Seuil, 1986.

³²⁴ Idem.

Esta negatividade é abordada neste estudo referida a uma anterioridade lógica da estética em relação à ética, pois, como vimos até agora, a estética inaugura, no plano da colisão Eros/Thanatos e do eu-realidade originário, um princípio diferencial. Esta diferença se sustenta em “um sólido critério objetivo”, que podemos interpretar como um julgamento primário a partir do “sólido” real, como o impenetrável e inatingível.

Este critério emerge do registro perceptual de uma experiência limite das fronteiras da emoção que aponta para a marca traumática de um desconhecimento radical, que é causa de sofrimento, cujo efeito é a indizível angústia do real, que só pode “dizer”, sem palavras e no plano do afeto, o princípio “*Unheimliche*” da estética do desejo, que é a verdade do sem sentido. O “*Unheimliche*” é o estranho anunciador do “eterno retorno dos mortos” justo porque apresenta a divisão constituinte do Eu (*Ichspaltung*).

Com efeito, pretendemos na nossa proposta sobre a ética sustentar o deslocamento feito por Lacan³²⁵ do ideal para o real, porém, ressaltando e acrescentando uma estética-erótica que, associada à ética, permite uma melhor apreciação de noções norteadoras no pensamento psicanalítico em relação ao processo criativo, que são as idéias de liberdade simbólica e destino, que remetem a um eterno “rodopiar” erótico que se impõe em torno do inomeável e do inimaginável.

No *Seminário 7*³²⁶, Lacan vai trazer o criacionismo a partir do nada, do “*ex-nihilo*” associado ao destino da sublimação e é sobre esta problemática que vamos desdobrar nossos argumentos na medida em que a estética e a ética do desejo são dimensões que se apresentam no “a posteriori” dos efeitos da prática psicanalítica. Isto porque o que é criado e que enlaça os sujeitos desejantes são os produtos do desejo causados por algo que lhes é externo, “o objeto a”. Este

³²⁵ Idem.

³²⁶ Idem.

objeto causa de desejo, conforme apresentamos, movimenta o psiquismo, pois, de acordo com Lacan, é o lugar deixado vazio pelo significante da cadeia e transformado em borda. O “objeto a” é realçado, no nosso estudo, na condição de excesso e de imperativo erótico que pode assumir todas as imagens que participam do encontro desejante entre sujeito e Outro. Aquilo que se “dá a ver” e escapa nas mais diversas formas de apresentação, todas experimentadas nas bordas da emoção, é o que permite o “eterno retorno” ao lugar da criação, à “potência de satisfazer” que é a dimensão estética e ética do desejo.

7.2. O paradoxo fundamental

A morte é a ausência de razão, de pensamento e de experiência. Ela é irrepresentável, inimaginável, inconcebível, enfim, é a negatividade absoluta.

De acordo com Valabrega³²⁷ em sua leitura do pensamento freudiano, a morte não é, como são as representações e seus significados, uma ligação possível entre a coisa e a palavra; ela é, ao contrário, um vazio abissal entre as duas.

“Si elle est nommée, mot, elle est sans chose, Et si elle est chose, elle est sans mot, indicible. Tel est le paradoxe fondamental³²⁸”
(p. 166)

Partiremos deste paradoxo fundamental para desdobrarmos nossa argumentação sobre a ética do desejo como uma face da estética.

Antes, porém, vamos abordar a forma como a questão da morte penetra no pensamento freudiano. Podemos afirmar que as rupturas na obra freudiana ocorrem por conta desta questão: a morte.

³²⁷ Valabrega, J.P. - “Représentations de mort” in: “Topique: Revue Freudienne, no. 48, Dunod, Paris, 1991.

³²⁸ “Se ela é nomeada, palavra, ela é sem coisa. E se ela é coisa, ela é sem palavra, indizível. Tal é o paradoxo fundamental”.

Vejam, então: em um primeiro momento, Freud marca o descentramento do sujeito a partir do enunciado de que há uma realidade psíquica inconsciente, que ultrapassa a consciência e que cria descontinuidades em seu campo pelas formações do inconsciente (sonho, lapso, sintoma, etc.). Neste momento freudiano não há consideração sobre a questão da morte e isso se evidencia no fato de o Eu permanecer para Freud como capaz de produzir significados a ponto de “tornar consciente o inconsciente”, quer dizer, recuperar o que é da ordem do desconhecimento para as luzes do campo da razão. Em resumo, Freud se apoia na tese do inconsciente e na conseqüente divisão do sujeito e do psiquismo, que se evidenciava nas formações inconscientes.

Como ressalta Birman³²⁹, a consistência deste modelo teórico apoiada na divisão do psiquismo nos dois sistemas, um inconsciente e outro pré-consciente/consciente, vai de “*A Interpretação dos Sonhos*”³³⁰ (1900) até 1915, onde Freud formaliza sua primeira tópica, com o texto sobre o “*Inconsciente*”³³¹. São quinze anos onde reina no discurso freudiano o modelo representacional, a dinâmica entre os sistemas e a instância psíquica do Eu como lugar potencial de instalação de uma razão plena.

É a partir de textos como “*Reflexões sobre os tempos de guerra e morte*”³³² (1915) e “*Sobre a Transitoriedade*”³³³ (1916) que surge a marca da palavra morte no pensamento de Freud. São as desilusões da guerra e a conseqüente angústia diante da categoria de futuro que colocam Freud frente a uma perplexidade: há uma brutalidade e uma violência demonstrada pelos homens que participam da mais elevada civilização humana. A barbárie surge em lugares jamais imaginados por Freud. Diante disto, ele denuncia uma atitude

³²⁹ Birman, J. - “Freud e a experiência psicanalítica”, Taurus-Timbre Editores, R.J., 1989.

³³⁰ Freud, S. - “La interpretación de los sueños” (1900) (“Die Traumdeutung”), A.E., Vol. IV e V.

³³¹ Freud, S. - “Lo inconsciente” (1915) (“Das Unbewusste”), A.E., Vol. XIV.

³³² Freud, S. - “De guerra y muerte. Temas de actualidad” (1915) (“Zeitgemässes über Krieg und Tod”), A.E., Vol. XIV.

³³³ Freud, S. - “La transitoriedad” (1915) (“Vergänglichkeit”), A.E., Vol. XIV.

utilizada, até então, face à morte, uma inequívoca tendência para deixá-la de lado, eliminando-a do mundo das idéias.

“Revelávamos uma tendência inegável para pôr a morte de lado, para eliminá-la da vida. Tentávamos silenciá-la, na realidade, dispomos até mesmo de um provérbio: pensar em alguma coisa como se fosse a morte³³⁴” (p. 327)

Freud³³⁵ continua dizendo que nossa própria morte é inimaginável, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade. Suas reflexões sobre a morte levam-no a pensar como nossa atitude diante dela exerce poderoso efeito sobre nossas vidas, pois a vida empobrece caso não possa ser arriscada. A vida sem a referência da morte torna-se tão vazia que, segundo Freud³³⁶, a exclusão da morte de nossos projetos implica em muitas outras renúncias e exclusões. E é para o mundo da ficção, da literatura e da arte que ele indica “nossa reconciliação com a morte”, pois, por detrás de todas as vicissitudes da vida encontramos, na estrutura ficcional desejante, a pluralidade de “vidas” que buscamos.

A não exclusão da morte para a psicanálise só pode se associar à não antecipação de sentido, aos efeitos-surpresas que indicam os limites últimos da experiência e que nos confronta com o ato criativo associado aos “tropeços” no real, ao “vazio sempre a ser descoberto”. Nossa “reconciliação com a morte”, afirmamos nesta tese, é a fecundidade do erotismo que advém do corte transgressivo da pulsão de morte, que desordena a ordem representacional. Há um eros/mortal que trata desta reconciliação porque se articula ao imperativo simbólico, promovendo a reordenação das rupturas produzidas, melhor dizendo,

³³⁴ Freud, S. - “De guerra y muerte. Temas de actualidad” (1915) (“Zeitgemässes über Krieg und Tod”), A.E., Vol. XIV.

³³⁵ Idem.

³³⁶ Idem.

apresentando efeitos criados pela “transgressão criativa”, que são efeitos de reconstrução dos significados.

“E a morte não é mais um acontecimento fortuito. Certamente, ainda parece uma questão de acaso o fato de uma bala atingir esse ou aquele homem, mas uma segunda bala pode muito bem atingir o sobrevivente, e o acúmulo de mortes põe um termo à impressão de acaso. A vida, na realidade, tornou-se interessante novamente, recuperou seu pleno conteúdo³³⁷” (p. 330, o grifo é nosso)

Há uma segunda “bala”, uma segunda morte que atinge o sobrevivente e que põe “um termo à impressão do acaso”. A intuição freudiana indica a zona de intrusão da vida e da morte como a que possibilita a recuperação da “vida” em seu pleno conteúdo diante do vazio determinante.

A riqueza do texto freudiano deixa entre-ver o “*Unheimliche*” do desejo porque nos confronta com o princípio da alteridade na constituição da subjetividade. O discurso freudiano deste texto, traz o germe da perspectiva sobre o corpo habitado pela linguagem do desejo, como corpo-fonte de prazer e de dor, com sua marca de origem que é passional e alteritária, entre o “sensível” e o “inteligível”.

Freud³³⁸ conclui este artigo apresentando “aquilo que de mais primitivo” carregamos em nossa estrutura, como sendo a ambivalência diante do que amamos, tal qual o “homem primevo”.

“Em suma: nosso inconsciente é tão inacessível à idéia de nossa própria morte, tão inclinado ao assassinato em relação a estranhos, tão dividido (isto é, ambivalente) para com aqueles que amamos, como era o homem primevo” (p. 338)

E, termina, afirmando:

“Não seria melhor dar à morte o lugar, na realidade e em nossos pensamentos, que lhe é devido e dar um pouco mais de proeminência à atitude inconsciente para com a morte, que, até agora, tão cuidadosamente suprimimos?” (p. 339)

³³⁷ Idem.

³³⁸ Idem.

Poucos meses antes, ainda referido à sua primeira tópica, Freud³³⁹ havia escrito uma carta a um velho conhecido que, além de psicopatologista, era um considerado “homem de letras”, onde afirma que a partir dos sonhos, das parapraxias e da clínica dos neuróticos, os impulsos “primitivos” e “maus” persistem recalcados no inconsciente, podendo se tornar ativos a qualquer momento e, que, além disso, nosso intelecto é apenas um “joguete” de nossas pulsões e afetos pois nos compelem a agir de acordo com suas ordens.

É no texto poético de 1915³⁴⁰ que Freud reúne os temas da morte e da beleza, contraste do qual ele extrai o belo em sua função no desejo como uma das apreensões mais preciosas que extraímos da “vida”. Desse modo, é impossível para a melancolia do poeta Rilke extrair qualquer forma de alegria da beleza de uma flor, na medida em que ele recua diante da enfermidade e da transitoriedade dos objetos de estima em vida. Ao antecipar o luto, Rilke tenta defender-se do indefensável, escapar do trágico da condição “finita” de tudo que representa “vida”. Podemos afirmar que a certeza da morte para o psicanalista Freud começa a ter contornos irreversíveis para a sua obra.

É em seu artigo sobre narcisismo³⁴¹, de 1914, que Freud aborda a questão da morte em torno de um Eu, que já não mais pode conter o imperialismo da razão e de sua condição imortal, pois precisa curvar-se diante da idéia da alteridade. Entre libido do eu e libido do objeto, Freud apresenta uma balança de investimento cuja regulação é realizada pelo princípio do prazer.

A questão da morte pode ser apreendida pelo esquema alteritário do pensamento freudiano. Ora, não há desde o início a unidade chamada Eu, pois é preciso uma “nova ação psíquica” para transformar a dispersão das pulsões autoeróticas em unidade narcísica. Assim é que o Eu se constitui a partir de um

³³⁹ Freud, S. - “Carta al doctor Frederik van Eeden”, A.E., Vol. XIV.

³⁴⁰ Freud, S. - “La transitoriedad” (1915) (“Vergänglichkeit”), A.E., Vol. XIV.

³⁴¹ Freud, S. - “Introducción del narcisismo” (1914) (“Zur Einführung des Narzissmus”), A.E., Vol. XIV.

campo alteritário que investe o “infante” e transforma auto-erotismo em narcisismo. Os polos narcísicos eu-ideal e ideal do eu delineiam a idéia freudiana de mais uma transformação mediada pela questão da alteridade. O polo eu-ideal é auto-centrado e se desenha como nosso sonho de imortalidade. Por outro lado, o ideal do eu se refere ao eu-ideal porém é o polo narcísico que descentra o Eu e o coloca assujeitado à dimensão alteritária, pois é a função estruturante edípica em torno da angústia de castração que desiludirá o eu-ideal de seu sonho imortal.

Finalmente, é em 1919³⁴² que a problemática da morte cria seu contorno maior em torno do que há de mais estranho e familiar em nosso psiquismo: “o eterno retorno dos mortos”. Diante de seu artigo sobre o “*Unheimliche*”³⁴³ e da conceitualização da pulsão de morte em “*Além do princípio do prazer*”³⁴⁴ Freud marca um campo de intensidades para além da representação e que vai ter como consequência a retomada na ênfase da questão econômica para o seu pensamento.

Este campo de intensidades desarruma os códigos estabelecidos e a organização semântica, a ponto de Freud enunciar em “*Mal-Estar na Civilização*”³⁴⁵ que a felicidade é um problema da economia pulsional. Assim é que o sujeito é uma produção, um destino pulsional. Dentre os destinos da pulsão é a sublimação que marca de forma nítida a questão da morte, pois, além de permitir a concepção da produção do sujeito como destino pulsional, ela apresenta a ligação da pulsão com novos objetos a partir da colisão Eros/Thanatos, que, como temos visto neste estudo, promove o surgimento do eu-realidade originário, produto perceptual que, de acordo com Freud³⁴⁶, “garante a realidade do representado”.

³⁴² Freud, S. - “Lo ominoso” (1919) (“Das Unheimliche”), A.E., Vol. XVII.

³⁴³ Idem.

³⁴⁴ Freud, S. - “Mas allá del principio de placer” (1920) (“Jenseits des Lustprinzips”), A.E., Vol. XVIII.

³⁴⁵ Freud, S. - “El malestar en la cultura” (1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI.

³⁴⁶ Freud, S. - “La negación” (1925) (“Die Verneinung”), A.E., Vol. XIX.

Entendemos desde o início desta tese o campo da colisão pulsional, como um campo impactante, de choque, ou ainda, como o “chão” de intensidades que se tornam a matéria-prima para o processo de subjetivação. Este “chão” contorna as bordas da emoção, bordas que negativizam um “nada-nadeante”, constituindo-se, portanto, em um campo de julgamento primário, baseado num princípio de diferença.

O eu-realidade originário, proposto em 1915³⁴⁷, é qualificado por Freud como aquele que distingue interior e exterior “segundo um sólido critério objetivo”. Isto quer dizer que Freud refere o sujeito ao campo de intensidades, campo de sensorialidade e de percepção, no sentido de marcar diferença sem fazer disto qualidades do mundo exterior, pois este mundo permanece indiferente.

Esta mesma formulação do eu-realidade originário de 1915³⁴⁸ se mantém em 1925 no artigo “*Die Verneinung*”³⁴⁹ sem, todavia, Freud usar este termo. No entanto, é enfatizada a idéia de o sujeito dispor imediatamente de um acesso objetivo à realidade, diríamos, um acesso da ordem de uma percepção “originária” da realidade. Desse modo, o eu-realidade originário torna-se “o fiador” do enlace necessário do juízo à pulsão, o que nos permite estabelecer o lugar em que a função do juízo se desencadeia. O pronome eu de realidade originário indica o sujeito que antecipa no plano da percepção a estrutura do fantasma, pois a pulsão responde à interpelação significativa do Outro.

Assim, comenta Freud³⁵⁰ em 1925:

“O estudo do julgamento nos permite, pela primeira vez, uma compreensão interna da origem de uma função intelectual a partir da ação recíproca dos impulsos pulsionais primários” (p. 299)

³⁴⁷ Freud, S. - “Pulsiones y destinos de pulsión” (1915) (“*Trieb und Triebchicksale*”), A.E., Vol. XIV.

³⁴⁸ Idem.

³⁴⁹ Freud, S. - “La negación” (1925) (“*Die Verneinung*”), A.E., Vol. XIX.

³⁵⁰ Idem.

Desse modo, o eu-realidade originário sinaliza no plano do pró-nome o movimento da fundação do traço que se dá a partir do campo do Outro, “onde vai se precipitar a marca de inscrição do “ser” afetado pelo significante”³⁵¹. Freud enfatiza o campo das intensidades e o campo afetivo a partir de uma vinculação que passa pelo eu-realidade originário como diferente do eu prazer-desprazer e do eu realidade definitiva.

Com efeito, queremos dizer que a radicalidade da descoberta freudiana a partir da pulsão de morte apresenta a função do juízo como não equivalente nem a pensamento, nem a intelectualidade; ela inclui um fundamento no para além do campo representacional e semântico. A função do juízo é enlaçada à pulsão e, portanto, esta função é aquela que age sobre a realidade psíquica implicando em duas decisões: atribuição e existência. Como sabemos, a negação, na ordem do discurso, se exprime no plano da instância do eu, seja através da palavra “não”, seja através da angústia que, na ordem do afeto, se expressa na experiência da inquietante estranheza provocando a condição de desamparo estrutural do eu.

Vamos retomar neste ponto o paradoxo fundamental da morte para a psicanálise: a morte só interessa conceitualmente ao pensamento psicanalítico a partir da formulação da pulsão de morte, isto é, do irrepresentável. Neste sentido, é a partir desta radicalização da rede conceitual freudiana que se amplia uma teoria implícita do sujeito do desejo inconsciente no pensamento freudiano. Isto por que é a partir de uma negatividade absoluta e de sua denegação que à formulação freudiana se desdobra em um conjunto de operações que movimentam o psiquismo.

Além disso, a sublimação é o destino pulsional na obra freudiana que se coloca como aquele que sustenta este paradoxo, pois é o que opera uma

³⁵¹ França, M.I. - “Lapso de imagem: traço de origem”, Tempo Psicanalítico, Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, No. 24, 1990, p. 87.

diferença de intensidades, que faz emergir a condição de desamparo diante de uma alteridade radical sem que isso implique na abolição do desejo. Muito pelo contrário, é a pulsão se destinando à produção de novos objetos, novas inscrições, o que quer dizer a possibilidade de uma intensificação na eroginização possível do campo dos objetos.

7.3. O originário: o crime, a violência e o imperativo erótico.

As questões do poder, do crime e da violência são temas que aparecem à margem do discurso freudiano e sempre relacionados a outras investigações.

Estes temas se apresentam em "*Totem e Tabu*"³⁵² a partir do mito da horda primeva, onde Freud vai apresentar a lei fundamentada no crime. Através do assassinato do pai violento, Freud sublinha um crime originário que se desdobra em uma modalidade de identificação marcada pela ambivalência, noção que se apoia na presença em um só tempo de uma oposição do tipo sim-não, ou seja, de que afirmação e negação são simultâneas e indissociáveis.

Desse modo, a morte do pai tirânico e seu devoramento pelos filhos na cerimônia da refeição totêmica marcam na literatura psicanalítica as discussões sobre o fundamento da cultura, sobre o amálgama pulsional e sobre a oposição "individual/coletivo". Esta oposição, para Freud, reside no desdobramento no coletivo do plano da própria constituição da subjetividade. Assim, através do ato criminoso e violento surge uma forma originária de laço afetivo com o objeto, marcada pela ambivalência.

³⁵² Freud, S. - "Tótem y Tabu" (1913) ("Totem und Tabu"), A.E., Vol. XIII.

Isto significa dizer que o pai morto é dotado de um poder do qual não dispunha em vida, pois com sua morte surge uma duplicidade que vem à tona sob a forma de culpabilidade. É a partir da cumplicidade em torno de um crime de todos que se estabelece um fundamento de laço social, fazendo surgir um ideal cujo poder ilimitado coloca todos os filhos, em uma tentativa de expiação da culpa, em torno do Totem. Em resumo, o ato criminoso indica que o pai morto está mais vivo do que nunca, pois a veneração amorosa dos filhos após o ato demonstra o aumento da interdição. Lacan sobre isto se remete a Freud no *"Mal Estar na Civilização"*³⁵³ no ponto em que ele diz o seguinte:

“... tudo o que passa do gozo à interdição vai num sentido de um reforço sempre crescente da interdição”.

Há aí uma referência às exigências tirânicas e cruéis do Supereu, no sentido de uma intimação desenfreada e sádica que vocifera e se constitui em uma sede mórbida apropriada para a submissão às leis morais. Esta origem de uma tirania superegóica vai tocar na questão do trauma, que marca a categoria de originário em Freud como aquela que atribui ao crime incestuoso e parricida e à violência simbólica um lugar central.

Vamos prosseguir buscando argumentos que demonstrem e articulem a ética do desejo a esta constatação sobre o originário em Freud.

Partiremos de uma primeira argumentação sobre o valor operatório da ambivalência na construção metapsicológica de Freud a partir do texto sobre as pulsões em 1915³⁵⁴. Neste momento, Freud vai compreender o par de opostos amor e ódio como aquele que reproduz a forma ambivalente do trajeto da pulsão no plano do eu. Desse modo afirma Freud³⁵⁵ que a história das origens do amor manifesta-se com frequência com um valor ambivalente, quer dizer, acompanhada pelo ódio.

³⁵³ Freud, S. - "El malestar en la cultura" (1929) ("Das Unbehagen in der Kultur"), A.E., Vol. XXI.

³⁵⁴ Freud, S. - "Pulsiones y destinos de pulsión" (1915) ("Trieb und Tribschicksale"), A.E., Vol. XIV.

³⁵⁵ Idem.

“Se uma relação de amor com um dado objeto for rompida, freqüentemente o ódio surgirá em seu lugar, de modo que temos a impressão de uma transformação do amor em ódio. Esse relato do que acontece leva ao conceito de que o ódio que tem seus motivos reais, é aqui reforçado por uma regressão do amor à fase preliminar sádica, de modo que o ódio adquire um caráter erótico, ficando assegurada a continuidade de uma relação de amor”. (p. 161, o grifo é nosso)

Vamos assim prosseguir nosso argumento apresentando o sadismo em Freud, tema que é abordado a partir da concepção proposta em 1886 por Krafft-Ebing³⁵⁶ do termo masoquismo, e que se caracteriza pela conduta sistemática de busca de prazer dentro da condição de sofrimento. Este problema masoquista aparece no discurso freudiano da primeira tópica como perfeitamente simétrico ao do sadismo.

Em 1915, Freud se preocupa com os destinos da pulsão, portanto, com as satisfações da pulsão. Em relação ao par sado-masoquismo, ele coloca a circularidade pulsional em termos de atividade e passividade. Ou seja, há um sadismo originário ativo sobre um objeto exterior, porém, pode advir um movimento oposto: o da transformação de atividade em passividade, causando o retorno da agressividade contra o próprio sujeito. É só após a apresentação do novo dualismo pulsional de 1920, particularmente no texto sobre “*O problema econômico do masoquismo*”³⁵⁷, que esta discussão toma uma perspectiva bem mais ampliada. Isto porque a oposição pulsões de auto-conservação versus pulsões sexuais é substituída por uma outra entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Desse modo, a partir da segunda teoria pulsional, a relação entre sadismo e masoquismo é abordada por Freud invertendo um lugar de origem. O masoquismo é originário pois a pulsão de morte tem sua atividade dirigida de

³⁵⁶ Kaufmann, P. - “L’apport freudien - éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse”, Bordas, Paris, 1993.

³⁵⁷ Freud, S. - “El problema económico del masoquismo” (1924) (“Das ökonomische Problem des Masochismus”), A.E., Vol. XIX.

forma imediata sobre o sujeito. Só mais adiante Freud vai afirmar que, sob a égide de Eros, surge uma duplicidade da atividade pulsional que recoloca a questão da origem em relação à dualidade pulsional e à questão destrutiva da seguinte maneira: há uma ação agressiva voltada para o objeto exterior (sadismo originário) e outra ação agressiva voltada para o sujeito (masoquismo primário). Assim, o masoquismo primário é concebido como a resultante da imbricação das pulsões eróticas e tanáticas.

Vamos, então, distinguir as três formas de masoquismo apresentadas por Freud para prosseguir com nossa argumentação sobre o originário no discurso freudiano no que se refere ao crime e à violência, esta última remetida à invasão do erotismo do Outro, marcando a introdução de um imperativo erótico.

O masoquismo erógeno é a primeira entre as três formas que Freud vai discutir, porque fica concebido como uma forma de excitação sexual originária em relação às outras duas. A articulação prazer/dor, nesta forma de masoquismo, indica um poder alteritário que submete o sujeito porque é experimentado como poder violentamente erótico. Sobre isto, vale ressaltar a vinculação das pulsões em uma operação de choque, de impacto pulsional, que tem no masoquismo erógeno a expressão das exigências de satisfação de ambas as pulsões. Esta forma de eroginização torna-se pano de fundo para outros desdobramentos dos jogos de prazer e dor. Freud diz o seguinte no texto de 1924³⁵⁸.

“O primeiro masoquismo, o erógeno - prazer no sofrimento - jaz ao fundo também das duas outras formas. Sua base deve ser buscada ao longo de linhas biológicas e constitucionais e ele permanece incompreensível a menos que se decida efetuar certas suposições sobre assuntos que são extremamente obscuros”. (p. 202)

³⁵⁸ Idem.

Freud continua suas observações sobre o masoquismo erógeno a partir do masoquismo feminino que considera “o mais acessível às observações”, na medida em que ele define a posição feminina que se manifesta no fantasma dos homens masoquistas perversos. Esta questão havia sido abordada por Freud já em 1919³⁵⁹, no texto “*Uma criança é espancada*” como uma contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais. É nesta investigação que Freud lança uma luz sobre o problema do masoquismo a partir de uma fantasia que é investida de intenso prazer e termina num ato de satisfação auto-erótica.

A primeira parte da fantasia de espancamento é sublinhada por Freud pelo fato de a criança espancada nunca ser a autora da fantasia e, portanto, este outro que está sendo espancado gratifica o ciúme e o lado erótico de quem está fantasiando. Em um segundo momento, que Freud considera o mais importante, é a própria autora da fantasia a espancada, e desse modo apresenta-se o valor erótico da alteridade mesclada à violência. Uma terceira parte da fantasia envolve uma intensa satisfação sexual masturbatória: quem bate nunca é o pai, é uma figura indeterminada, obscura, tal qual na primeira fase, em relação a quem está sendo espancado. Nesta última fase, o autor da fantasia não aparece, ele é um observador. De acordo com Freud³⁶⁰:

“Em resposta às prementes perguntas, os pacientes declaram apenas: “Provavelmente, estou olhando”. (p. 238)

Entendemos a estranheza de Freud como sendo devida ao fato de ele constatar uma erótica, ou seja, tudo aquilo que se refere ao amor sensual intensamente vinculado ao sofrimento e à humilhação.

³⁵⁹ Freud, S. - “Pegan a un nifto” (1919) (“Ein Kind wird geschlagen”), A.E., Vol. XVII.

³⁶⁰ Idem.

A primeira fase da fantasia Freud vai referi-la ao amor incestuoso da seguinte maneira:

“ele (meu pai) só ama a mim, e não à outra criança, pois está batendo nela” (p. 236)

A idéia do pai batendo em outra criança sustenta a onipotência imaginária, pois o pai não ama outro, mas apenas ela, autora da fantasia. Freud³⁶¹, assim, nos diz:

“É este, então, o conteúdo e o significado da fantasia de espancamento na sua primeira fase. A fantasia obviamente gratifica o ciúme da criança e depende do lado erótico da sua vida, mas é, também, poderosamente reforçada pelos interesses egoístas da criança. Resta, portanto, a dúvida quanto a saber se a fantasia pode ser descrita como puramente “sexual”, ou se podemos arriscar-nos a chamá-la de sádica”. (p. 234)

É a segunda fase que leva Freud a apresentar o que ele nomeia de “a essência do masoquismo”, pois há uma convergência da culpa e do amor sensual. A transformação de uma fantasia incestuosa em uma fantasia masoquista corresponde a dizer que o recalque operou e faz surgir uma expressão direta da culpa e, portanto, a expressão de uma ambivalência originária. A terceira fase para Freud, que se assemelha à primeira por deslocamento, apresenta a criança como expectadora de uma cena onde uma autoridade bate em substitutos da própria criança.

“No que diz respeito à terceira fase da fantasia de espancamento, aparentemente sádica, já expus o significado que ela adquire como veículo da excitação que impele à masturbação; e demonstrei como desperta atividades da imaginação que, por um lado, prosseguem a fantasia ao longo da mesma linha e, por outro lado, a neutralizam através da compensação. Não obstante, a segunda fase, a fase inconsciente e masoquista é incomparavelmente a mais importante. Não apenas porque continua a operar através da instância da fase que toma o seu

³⁶¹ Idem.

lugar, podemos também detectar efeitos sobre o caráter, derivados diretamente da sua forma inconsciente". (p. 243)

Ao interrogar a origem desta fantasia em termos pulsionais diante dos polos atividade e passividade, de uma ambivalência e circularidade pulsionais, Freud permite, mais uma vez, a introdução da discussão sobre a constituição da subjetividade em um tempo de impacto pulsional e sobre a problemática que daí advém: a questão traumática e violenta do poder erótico que invade e assujeita. É isto que sustenta a consistência da articulação do prazer no sofrimento, que tem um fundamento violento, cruel e transgressor.

Nossa segunda argumentação, que pretende sustentar o originário referido ao crime e à violência simbólica, esta última consqüentemente ao que estamos nomeando de *imperativo erótico*, recai sobre a "gênese" do Supereu. O Supereu tem uma condição paradoxal no discurso freudiano que aqui se reveste de importância.

O lugar desta instância na teoria vem mostrar que o pano de fundo da lei simbólica, que rege a cultura, é um tecido ambivalente, melhor dizendo, um laço erótico e violento que é do registro da estética, porque indica o campo das intensidades pulsionais. Este imperativo erótico foi apresentado quando, nesta tese, nos referimos à estética, no capítulo anterior, em relação ao enigma da semelhança entre Thanatos e Eros. É esta terrível identificação que vem introduzir a ambivalência pulsional originária referida ao duplo aspecto libidinal e mortífero da constituição do sujeito. Isto nos levou a formular o princípio estético como "*Unheimliche*" uma negatividade situada no plano afetivo.

Assim, vale ressaltar que o laço erótico e violento a um só tempo que acima mencionamos, não se refere à marca de uma recusa que preside a posição subjetiva da perversão, no sentido da tentativa de negação da incompletude. Há, aí, uma diferença fundamental a ser colocada sobre este laço afetivo em relação à posição perversa, pois ele não denega o desamparo

primordial, muito pelo contrário, este laço afetivo aparece no plano do eu como uma realidade originária apresentada sob a forma de intensa angústia. A angústia preside o fato da terrível identificação do Horror e do Belo, ou seja, o amálgama pulsional entre Eros e Thanatos e, portanto, testemunha a falha estrutural e a emergência de um eu que apenas perceptualmente reconhece sua fratura através de sua realidade originária: o desamparo primordial. Neste ponto há a exclusão da ilusão e do engano e o que se desvela é, como já afirmado em momentos anteriores, uma espécie de “entendimento secreto” do encontro das forças pulsionais não mediatizado por ato de palavra, porém, mediatizado por ato afetivo, por laço afetivo.

Conforme apresentamos na primeira parte desta tese, Freud denuncia de forma radical as ilusões do desejo quando formula sua segunda teoria da angústia e quando conceitua a pulsão de morte, concepção essencial para sua revisão sobre a importância do sadismo e do masoquismo em relação à constituição da subjetividade. Como vimos, no discurso freudiano isto se coloca no fato de que a questão do poder se associa a uma radicalidade do alvo pulsional: a destrutividade e o imperativo erótico. O remanejamento freudiano passa a privilegiar um sem cessar do jogo sado-masoquista, que associa a violência ao amor sensual, a dor ao prazer.

Assim, coloca-se a economia da gênese do Supereu, no sentido da instância que forma com o Eu um jogo de prazer/dor, pois faz retornar sobre o Eu uma violência pulsional referida ao eu-realidade originário e ao masoquismo erógeno. Desse modo, entendemos que surge na teoria freudiana um Eu desamparado face à ameaça de fragmentação diante do poder totalitário de um Supereu tirânico.

Vamos aqui retomar o surgimento do Supereu na reflexão freudiana, que se dá a partir de duas idéias: uma que é o Ideal do eu e outra que se distingue

desta e que implica em uma faculdade de observação e de crítica que Freud retira das observações clínicas. No entanto, é apenas em 1923³⁶² que, em sua segunda tópica, Freud apresenta o Supereu como instância crítica e interditora, colocando a questão ideal a ele subordinada. Porém, o que vale ressaltar neste estudo sobre o Supereu é a manifestação de dependência do eu através da culpabilidade que, no masoquismo moral, tal qual Freud o apresenta, implica na relação do desejo inconsciente de “ser espancado pelo pai”, e que Freud interpreta como o desejo de ter uma relação sexual passiva, um erotismo baseado na submissão ao poder do Outro. De acordo com as referências ao impacto pulsional, ao eu realidade originário e ao masoquismo erógeno, entendemos que surge na teoria freudiana um Eu desamparado face à submissão de um eros/mortal.

Neste sentido, o masoquismo moral, enquanto uma terceira forma de masoquismo apresentada por Freud em 1924³⁶³, é enfatizado como aquele que “afrouxa” os vínculos com a sexualidade, pois aí o importante é o sofrimento. Freud comenta que o masoquismo moral expressa uma ação da pulsão de morte enfurecida contra o eu. Esta fúria destrutiva é situada estruturalmente como expressão de uma tensão entre o Eu e o Supereu.

Conforme o texto de 1924³⁶⁴:

“A consciência e a moralidade surgiram mediante a superação, a dessexualização do complexo de Édipo, através do masoquismo moral, porém, a moralidade mais uma vez se torna sexualizada... Um indivíduo pode, é verdade, ter preservado a totalidade ou determinada medida de seu senso ético ao lado do seu masoquismo, mas, alternativamente, grande parte de sua consciência pode haver-se desvanecido em seu masoquismo”. (p. 211)

E mais adiante, Freud diz:

³⁶² Freud, S. - “El yo y el ello” (1923) (“Das Ich und das Es”), A.E., Vol. XIX.

³⁶³ Freud, S. - “El problema económico del masoquismo” (1924) (“Das ökonomische Problem des Masochismus”), A.E., Vol. XIX.

³⁶⁴ Idem.

“O masoquismo moral assim se torna uma prova clássica da existência da fusão pulsional. Seu perigo reside no fato de ele originar-se da pulsão de morte e corresponder à parte desta pulsão que escapou de ser voltada para fora, como pulsão de destruição. No entanto, de vez que, por outro lado, ele tem a significação de um componente erótico, a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal”. (p. 212)

Neste ponto, a psicanálise vai apresentar uma moralidade sexualizada a partir da “prova clássica” da fusão pulsional, cuja significação apreendemos a partir do discurso freudiano como a de um eros/mortal, cuja radicalidade é a idéia de fusão de aniquilamento e prazer, o que abre caminho para a afirmação desta tese sobre a ética do desejo como face de uma estética-erótica. Vale ainda ressaltar que esta perspectiva coloca a especificidade ética da psicanálise como necessariamente diferenciada de uma moral dos bons costumes.

Desse modo Freud nesta passagem, indica o que nesta tese afirmamos como imperativo erótico que constitui no nosso pensamento a referência ao originário enquanto a terrível identificação de Eros e Thanatos e que impera estruturalmente sob a forma de uma exigência de satisfação que articula a transgressão criminosa e violenta com a lei que interdita. O ponto desta articulação no plano da hegemonia simbólica se dá através do destino da sublimação, onde há uma “certa” transgressão da lei, uma transgressão criativa.

Lacan³⁶⁵ vai enfatizar esta questão, no *Seminário 7*, através do deslocamento ético da noção de ideal para a de real em relação à estrutura do desejo e seu fundamento trágico: o pai (Deus) está morto, morto desde sempre e ressuscita tornando-se mais vivo do que nunca diante de uma lei de cruza interditora.

³⁶⁵ Lacan, J. - “Le séminaire, livre VII, l'éthique de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

Vamos, então, retomar a condição paradoxal do Supereu no pensamento freudiano. Em “*O Eu e o Isso*”³⁶⁶ ele é colocado como herdeiro do principal conflito da cena edipiana que se dá em torno da lei interditora e do gozo absoluto do incesto. Isto quer dizer que a lei superegóica, vista a partir da proibição da satisfação plena do desejo incestuoso, torna-se o representante da marca permanente da lei da proibição do incesto. No entanto, a proibição do Supereu não incide sobre o desejo em seu fundamento, apenas sobre a radicalidade de sua satisfação, pois como marca Lacan no *Seminário da Ética*³⁶⁷, continuamos indefinidamente a desejar o indesejável. Há um excesso desejante que vai-se articular a uma função excessiva do Supereu e colocar o paradoxo desta estrutura: por um lado violenta e por outro interditora da violência.

A “fúria destrutiva” do Supereu, a qual Freud sublinha, não é aquela relativa à face superegóica que se assemelha a uma consciência crítica, mas sim a uma face inconsciente e tirânica que incita o eu a violar a proibição e a ultrapassar o registro do prazer. É este registro do Supereu, em um para além do princípio do prazer, que será ressaltado por Freud³⁶⁸ ao dizer que é “uma pura cultura da pulsão de morte”. Neste ponto ele não encarna o representante de uma lei simbólica inconsciente mas sim um imperativo tirânico que violentamente conduz o desejo a uma satisfação desmedida: ele é no nosso entender a voz de um imperativo tanático e erótico, de um eros/mortal, que inclui o horror incestuoso. É o imperativo trágico do desejo que emerge do campo das intensidades.

Segundo Nasio³⁶⁹, para Lacan o Supereu tirânico nasce do “esgarçamento traumático sofrido pelo eu quando da rejeição de uma fala simbólica”, enquanto que o Supereu, que é herdeiro do complexo de Édipo se

³⁶⁶ Freud, S. - “El yo y el ello” (1923) (“Das Ich und das Es”), A.E., Vol. XIX.

³⁶⁷ Lacan, J. - “Le séminaire, livre VII, l'éthique de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

³⁶⁸ Freud, S. - “El yo y el ello” (1923) (“Das Ich und das Es”), A.E., Vol. XIX.

³⁶⁹ Nasio, J.D. - “Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.

ergue, enquanto estrutura baseado na introjeção das autoridades parentais e segundo a inscrição da lei da proibição do incesto.

Lacan³⁷⁰, no *Seminário 1*, vai ainda afirmar que o Supereu tirânico é o herdeiro de um trauma primitivo pelo fato de ele encarnar a ferocidade de experiências primitivas do sujeito, que são ao mesmo tempo fascinantes e devastadoras. Isto ocorre por um acontecimento traumático onde o Supereu fica identificado a uma instância cega, repetitiva, que chega ao ponto de ser o próprio desconhecimento da lei. Em relação à teoria lacaniana, o Supereu representa o imperativo do gozo, assim como para Freud ele representa o Isso em sua “fúria destrutiva”. Freud vai dizer, em 1923³⁷¹, que o Supereu tirânico é tão amoral e cruel quanto o Isso, ou seja, ao apresentar-se como lei totalitária e hiper-moral ao eu, ele apresenta o mesmo excesso cruel que só o Isso consegue ter. Desse modo, o Supereu representa em sua tensão com o eu o “mundo infernal do gozo”.

Vamos, então, retomar o ponto sobre o crime originário de *“Totem e Tabu”*³⁷², onde o pai tirânico do gozo transforma-se depois de morto no pai da lei, o que implica na condição paradoxal do Supereu.

Este paradoxo reflete uma identidade primordial das pulsões que carrega a ambigüidade “amor-ódio”, conforme elaboramos neste estudo sobre *“Heimliche”* igual a *“Unheimliche”*. Isto é apresentado míticamente, no discurso freudiano, pela efetivação de um ódio através do crime originário do assassinato do pai da horda. Freud apresenta que o ódio originário acena para o ato violento, parricida, que, ao mesmo tempo, faz reaparecer o amor engajado na culpa e no remorso, que, por sua vez, se vinculam ao crime. Assim a constituição do Supereu por identificação com o pai morto faz com que se erga a lei simbólica que endivida a todos com o ato de violência. Esta dívida faz função de

³⁷⁰ Lacan, J. - “O Seminário, livro 1, os escritos técnicos de Freud”, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

³⁷¹ Freud, S. - “El yo y el ello” (1923) (“Das Ich und das Es”), A.E., Vol. XIX.

³⁷² Freud, S. - “Tótem y Tabú” (1913) (“Totem und Tabu”), A.E., Vol. XIII.

impedimento para a repetição do ato criminoso. A força da interdição aí jaz simbolicamente e a culpa é a expressão mais significativa desta ambivalência primordial da luta eterna entre Eros e Thanatos, conflito dominante da vida psíquica. Justo por isto, a culpa nos aponta como herdeiros permanentes dos desejos incestuosos e parricidas, que não cessam jamais de exercer o poder de um eros/mortal através do “*Unheimliche*” do desejo. Desta forma, a estranheza desejante se faz presente na posição subjetiva do masoquismo erógeno conforme nos fala Freud em 1924³⁷³:

“Estando-se preparado para desprezar uma pequena falta de exatidão, pode-se dizer que a pulsão de morte operante no organismo-sadismo primário é idêntico ao masoquismo. Após sua parte principal ter sido transposta para fora, para os objetos, dentro resta um resíduo seu, o masoquismo erógeno propriamente dito que, por um lado, se tornou componente da libido e, por outro lado, ainda tem o eu como seu objeto. Esse masoquismo seria assim prova e remanescente da fase de desenvolvimento em que a coalescência (tão importante para a vida) entre a pulsão de morte e Eros se efetuou. Não ficaremos surpresos em escutar que, em certas circunstâncias, o sadismo, ou a pulsão de destruição, antes dirigido para fora, projetado, pode ser mais uma vez introjetado, voltado para dentro, regredindo assim à situação anterior. Se tal acontece, produz-se um masoquismo secundário, que é acrescido ao masoquismo original”. (p. 205)

Em resumo, é na concepção de um campo de intensidades de morte e de vida, de uma posição subjetiva como a do masoquismo erógeno e de uma instância paradoxal como o Supereu, que encarna o imperativo do gozo ao mesmo tempo que a lei simbólica, que podemos ler em Freud uma ética do desejo tendo sua raiz em um além do princípio do prazer e em um além da representação do objeto. O que advirá disto é que “o mal é o gozo”, impulso originário em

³⁷³ Freud, S. - “El problema económico del masoquismo” (1924) (“Das ökonomische Problem des Masochismus”), A.E., Vol. XIX.

direção à destruição identificada como potência de satisfazer “plenamente”. Sobre isto Freud comenta no *“Mal Estar na Civilização”*³⁷⁴.

“O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo”. (p. 133)

Esta passagem revela o pensamento freudiano sobre o gozo enquanto o “mal” que está no próximo como em nós mesmos. Este imperativo gozoso remete à violência originária, ao “esgarçamento” do trauma primitivo que permite o elo entre o desejo e a pulsão de morte. Este império da conexão ambivalente de um eros/mortal pode ou não se articular ao imperativo do simbólico, o que marca a diferença entre transgressão criativa e não-criativa, esta última vinculada a um narcisismo despótico e totalitário. Esta questão é colocada de forma exemplar em Sade, conforme Lacan, enquanto gozo não sublimado, apresentando um trágico sem dialética. Por outro lado, a dialética de um imperativo erótico com o imperativo simbólico significa podermos falar do paradoxo da sublimação.

Neste ponto vale ressaltar que é em *“Moisés e o Monoteísmo”*³⁷⁵ que Freud retoma a função do pai morto mostrando que para a história da humanidade o reconhecimento desta função é uma sublimação.

³⁷⁴ Freud, S. - “El malestar en la cultura” (1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI.

³⁷⁵ Freud, S. - “Moisés y la religión monoteísta”(1939) (“Der Mann Moses und die monotheistische Religion”), A.E., Vol. XXIII.

Este reconhecimento se dá quando a verdade parcial do desejo surge no destino pulsional da sublimação, possibilitando uma transformação: a pulsão torna-se história através dos efeitos sublimatórios.

Freud lembra que o homem primevo necessitou de um pai-deus como criador do seu universo, como chefe do seu clã, além de ser protetor e interditor. Freud associa isto a *Moisés e o Monoteísmo* no sentido de que um único deus faz retornar uma verdade de impressões primitivas. Esta verdade tem um efeito de caráter compulsivo sem ser apreendida conscientemente. O retorno do “grande pai” assume um efeito de reencontro com o vazio da falta deixada que é acompanhada de intensa angústia. O que vem à luz é uma poderosa reação contra o ódio experimentado contra o pai, uma culpabilidade devida a tal hostilidade. Esta reação pode criar uma exigência pulsional que requer uma outra satisfação. Marcaremos esta “outra satisfação” como aquela que advém da dívida simbólica e, assim, como um imperativo erótico articulado ao imperativo simbólico em um para além da captura da imagem do “grande pai”, o que significa dizer algo sobre “o vazio de Deus a ser descoberto”.

7.4. Do destino à liberdade simbólica ou do mal ao mal-estar: a ética do desejo

Lacan³⁷⁶ na introdução do seu *Seminário 7* comenta:

“Pois bem, coisa curiosa para um pensamento sumário que pensaria que toda exploração da ética deve incidir sobre o domínio do ideal, senão do irreal, iremos, pelo contrário, ao inverso, no sentido de um aprofundamento da noção de real. A questão ética, uma vez que a posição de Freud nos faz progredir nesse domínio, articula-se por meio de uma orientação do referenciamento do homem em relação ao real”. (p. 21)

³⁷⁶ Lacan, J. - “Le séminaire, livre VII, l'éthique de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

Mais adiante, continua:

“É é no interior dessa oposição entre a ficção e a realidade que o movimento de báscula da experiência freudiana vem situar-se”.
(p. 22)

Vamos prosseguir retomando Freud desde o caso Dora³⁷⁷, para buscarmos argumentos da autorização, dada pelo discurso freudiano, deste deslocamento feito por Lacan.

É a “clínica das histéricas” e particularmente o caso Dora que, através da riqueza sintomática, fundam a psicanálise porque indicam o desejo ligado à insatisfação e à incompletude. É a indagação histórica do “quem sou eu?” que, através do desejo do Outro, como diz Lacan, permite um questionamento enigmático pela via do sintoma clínico. Este enigma se coloca diante de um desejo de desejo insatisfeito no sentido de que os histéricos buscam saber sobre esta questão neles e no outro. Ao ser questionado em sua clínica, o analista Freud descobre que o sintoma histórico era uma expressão de falta de saber e, ao mesmo tempo, manifestava a verdade desta falta. É a partir desta constatação clínica que o discurso freudiano ergue uma teoria do desejo inconsciente, onde o sujeito é dividido em desconhecimento e conhecimento.

No *Seminário 17*³⁷⁸, ao interpretar Dora para além do Édipo, Lacan comenta que ela não quer o conteúdo, a jóia, mas sim o continente, o precioso invólucro, a caixa de jóias. Ou seja, o que fascina Dora é a vestimenta imaginária para seu gozo e, desse modo, seu amor pela Sra. K. não é um amor fálico: Dora designa um outro gozo, pois o fálico lhe é oferecido, mas ela não o quer. Vale

³⁷⁷ Freud, S. - “Fragmento de análisis de un caso de histeria”(1905) (“Bruchstück einer Hysterie-Analyse”). A.E., Vol. VII.

³⁷⁸ Lacan, J. - “O avesso da psicanálise”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

aqui ressaltar a nota de rodapé colocada por Freud³⁷⁹ em seu pós-escrito ao caso Dora:

“Não consegui descobrir a tempo, nem informar à paciente, que seu amor homossexual por Frau K. era a corrente inconsciente mais poderosa de sua vida mental”.

Esta corrente inconsciente poderosa, mencionada por Freud, terá um desdobramento teórico no discurso freudiano, desdobramento este que levará muitos anos para ter consistência em sua rede conceitual. A discussão de que o desejo não é forçosamente um bem, nem para o sujeito, nem para o próximo, vai marcar a perspectiva sobre a ética do desejo em Freud, fundamentalmente no texto do “*Mal-Estar na Civilização*”³⁸⁰ ao observar que o mandamento cristão “Amarás ao próximo como a ti mesmo” é desumano. A insistência lacaniana sobre a ética em seu “retorno a Freud” se dá justo no ponto de cisão entre o objeto do desejo e o bem, na medida em que podemos desejar permanentemente o não desejável.

O não desejável é abordado no *Seminário 7* ligado à tragédia de Sófocles, que realça o destino incestuoso e que Lacan, então, acentuará através do caráter trágico do desejo.

Rajchman³⁸¹ vai mostrar como neste ponto Lacan vai ligar esse “senso trágico” à descoberta freudiana de um “mal-estar” que é inerente ao nosso desejo, introduzindo-o de uma nova forma no campo da ética. Freud, desde “suas históricas”, levanta as indagações sobre o lugar do desejo na demanda do saber e, posteriormente, nos afirma um “mal-estar” estrutural, denunciando as ilusões do desejo como irrealizáveis e referidas à questão do poder. Este poder no plano coletivo muitas vezes ao tentar ser exercido, o é em nome de um “ideal do bem

³⁷⁹ Freud, S. - “Fragmento de análisis de un caso de histeria” (1905) (“Bruchstück einer Hysterie-Analyse”), A.E., Vol. VII.

³⁸⁰ Freud, S. - “El malestar en la cultura” (1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI.

³⁸¹ Rajchman, J. - “Erotique de la vérité - Foucault et Lacan et la question de l'éthique”, PUF, Paris. 1994.

coletivo”, tornando-se assim um poder coercitivo que pretende negar a tensão conflitual permanente nos sujeitos, que é a marca indelével do “mal-estar”. Esta forma de exercício de poder é exemplar em Creonte, na tragédia de Antígona.

Vamos prosseguir com a descoberta freudiana do “mal-estar” como aquela que permite a demarcação da perspectiva psicanalítica sobre a ética, perspectiva esta necessariamente diferenciada da moral. Sobre isto, é no caso do “Homem dos Lobos”³⁸² que Freud vai apresentar, de forma exemplar, que o fato traumático só adquire importância “*a posteriori*”; com efeito, “*nachträglich*” quer dizer, há um saber constituído no “só depois” em que algo opera na estrutura. É sobre este ponto que Rajchman³⁸³ chama a atenção no sentido da grande inversão freudiana da moral:

“... não recalamos nosso desejo por termos uma consciência, temos uma consciência porque nosso desejo é sempre já recalcado”. (p. 52)

É neste sentido que se coloca o radical desconhecimento do eu: o eu não sabe quem é, nem o que virá a ser.

De acordo com Rajchman³⁸⁴:

“... o problema ético específico com que a psicanálise nos confronta é, em suma, o problema de não conhecermos a lei de nossas próprias fatalidades eróticas”. (p. 53)

Esta dimensão da fatalidade Freud aborda em 1929³⁸⁵, através do argumento de que tudo o que se passou é preservado no psiquismo, ou seja, “elementos primitivos” se mostram preservados lado a lado com versões transformadas que dele surgiram, e de que estes elementos podem ser trazidos de novo à luz.

³⁸² Freud, S. - “De la historia de una neurosis infantil” (1918) (“Aus der Geschichte einer infantilen Neurose”), A.E., Vol. XVII.

³⁸³ Rajchman, J. - “Erotique de la vérité - Foucault et Lacan et la question de l'éthique”, PUF, Paris, 1994

³⁸⁴ Idem.

³⁸⁵ Freud, S. - “El malestar en la cultura”(1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI.

“... determinada parte (no sentido quantitativo) de uma atitude ou de um impulso pulsional permaneceu inalterada, ao passo que outra sofreu um desenvolvimento ulterior”. (p. 86)

Freud aí assinala a questão do “eterno retorno”, da fatalidade da repetição, que é o que vai sustentar a dimensão trágica no discurso freudiano. Há uma intensidade que permanece inalterada e que pode ser “trazida à luz” a qualquer momento. Esta intensidade pulsional lança o sujeito em um contexto primordial de desamparo (*Hilflosigkeit*). Este fenômeno do desamparo abre para os circuitos originários da pulsão, onde o horror diante do “Destino”, implica em um movimento angustiante que é abertura para o mundo imaginário e simbólico.

Assim, Freud³⁸⁶ nos diz:

“A derivação das necessidades religiosas, a partir do desamparo do bebê e do anseio pelo pai que aquela necessidade desperta, parece-me incontrovertível, desde que, em particular, o sentimento não seja simplesmente prolongado a partir dos dias de infância, mas permanentemente sustentado pelo medo do poder superior do Destino. Não consigo pensar nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai. Dessa maneira, o papel desempenhado pelo sentimento oceânico, que poderia buscar algo como a restauração do narcisismo ilimitado, é deslocado de um lugar em primeiro plano. A origem da atitude religiosa pode ser remontada, em linhas muito claras, até o sentimento de desamparo infantil. Pode haver algo por trás disso, mas presentemente, ainda está envolto em obscuridade” (p. 90, o grifo é nosso).

Vamos então prosseguir buscando “o envolto em obscuridade” através da idéia que Freud traz do sentimento oceânico como aquele que remete a um sentimento primitivo de “unidade com o universo” porém que é “deslocado de um primeiro plano”. O que Freud nos indica enquanto obscuro é, no nosso entender, o que afirmamos como contrapartida no plano do sujeito desta ilusão totalizante de unidade que o eu experimenta como uma experiência de manchamento, de confusão. Esta confusão remete a uma desordem ao

³⁸⁶ Idem.

campo de intensidades e de percepções sensíveis, que, de acordo com Freud³⁸⁷ em 1919, é a experiência “*Unheimliche*”, própria do registro da estética. Em oposição à ilusão de unidade, que é “um deslocamento de um primeiro plano” segundo Freud, temos o “*Unheimliche*” como representante da quebra das ilusões, como a percepção “originária” de um desamparo, de uma angústia do real, pelo fato de o suporte do eu no campo do Outro torna-se fluido.

Mais uma vez vale ressaltar que esta experiência diante do horror do destino, de um “mal” e estranho impossível de suprimir no plano da estrutura, diz respeito à colisão pulsional de Eros e Thanatos, que manchados e identificados carregam uma essência trágica, que é a da desordem pulsional.

Sobre isto Freud apresenta, uma releitura do que é mostrado em 1915³⁸⁸ sobre o eu-realidade originário, o eu-prazer e o eu-realidade definitiva no texto de 1929³⁸⁹. Assim, vejamos:

“Uma reflexão mais apurada nos diz que o sentimento do eu do adulto não pode ter sido o mesmo desde o início. Deve ter passado por um processo de desenvolvimento, que, se não pode ser demonstrado, pode ser construído com um razoável grau de probabilidade. Uma criança recém-nascida ainda não distingue o seu eu do mundo externo como fonte de sensações que fluem sobre ela... Desse modo, pela primeira vez, o eu é contrastado por um objeto sob a forma de algo que existe exteriormente e que só é forçado a surgir através de uma ação especial. Um outro incentivo para o desengajamento do eu com relação à massa geral de sensações - isto é, para o reconhecimento de um exterior, de um mundo externo - é proporcionado pelas freqüentes, múltiplas e inevitáveis sensações de sofrimento e desprazer, cujo afastamento e cuja fuga são impostos pelo princípio do prazer, no exercício de seu irrestrito domínio. Surge, então, uma tendência a isolar do eu tudo o que pode tornar-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e a criar um puro eu em busca de prazer, que sofre o confronto de um “exterior” estranho e ameaçador. As fronteiras desse primitivo eu em busca de prazer não podem fugir a uma retificação através da

³⁸⁷ Freud, S. - “Lo ominoso” (1919) (“Das Unheimliche”), A.E., Vol. XVII.

³⁸⁸ Freud, S. - “Pulsiones y destinos de pulsión” (1915) (“Trieb und Tribschicksale”), A.E., Vol. XIV.

³⁸⁹ Freud, S. - “El malestar en la cultura” (1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI.

experiência. Entretanto, algumas coisas são difíceis de serem abandonadas, por proporcionarem prazer, são, não eu, mas objeto, e certos sofrimentos que se procura extirpar mostram-se inseparáveis do eu, por causa de sua origem interna. Assim, acaba-se por aprender um processo através do qual, por meio de uma direção deliberada das próprias atividades sensoriais e de uma ação muscular apropriada, se pode diferenciar o que é interno - ou seja, que pertence ao eu - e o que é externo - ou seja, que emana do mundo externo. Desse modo, dá-se o primeiro passo no sentido da introdução do princípio de realidade, que deve dominar o desenvolvimento futuro...

Desse modo, então, o eu se separa do mundo externo. Ou, numa expressão mais correta, originalmente o eu inclui tudo, posteriormente separa de si mesmo um mundo externo. Nosso presente sentimento do eu não passa, portanto, de apenas um mirrado resíduo de um sentimento muito mais inclusivo - na verdade, totalmente abrangente - que corresponde a um vínculo mais íntimo entre o eu e o mundo que o cerca. Supondo que há muitas pessoas em cuja vida mental esse sentimento primário do eu persistiu em maior ou menor grau, ele existiria nelas ao lado do sentimento do eu mais estrito e mais nitidamente demarcado da maturidade, como uma espécie de correspondente seu" (p. 85 e 86)

Há 14 anos atrás, em 1915³⁹⁰, Freud havia falado o seguinte:

"Assim, o eu realidade originário, que distinguiu o interno e o externo por meio de um sólido critério objetivo, se transforma em um eu-prazer purificado, que coloca as características do prazer acima de todas as outras" (p. 157)

Depois, em 1925³⁹¹:

"Para compreender este progresso, deve-se lembrar que todas as representações provêm de percepções; são repetições das mesmas. Originalmente a existência da representação já é, pois, uma fiança para a realidade do representado. A oposição entre subjetivo e objetivo não existe desde o começo"(p. 298)

³⁹⁰ Freud, S. - "Pulsiones y destinos de pulsión"(1915) ("Trieb und Tribschicksale"), A.E., Vol. XIV.

³⁹¹ Freud, S. - "La negación"(1925) ("Die Verneinung"), A.E., Vol. XIX. Em alemão este trecho corresponde a: "Um diesen Fortschritt zu verstehen, muss man sich daran erinnern, dass alle Vorstellungen von Wahrnehmungenstammen Wiederholungen derselben sind. Ursprünglich ist also schon die Existenz der Vorstellung eine Bürgschaft für die Realität des Vorgestellten. Der Gegensatz zwischen Subjektivem und Objektivem besteht nicht von Anfang an".

Vamos desdobrar, então, alguns argumentos a partir da articulação pretendida nas citações acima. É através da perspectiva de uma “fiança” (*Bürgschaft*) que o eu-realidade originário vai garantir, na dimensão da pulsão, o “primeiro passo” na introdução da realidade como um primeiro campo de percepção e de sensorialidade, que se situa no domínio de um para além do princípio do prazer. Há manchamento do que Freud apresentava como duas realidades: a psíquica e a material, pois em relação ao circuito originário da pulsão, há na representação de um eu-realidade originário um “sólido critério objetivo” que é o de referir tudo ao registro da percepção e à intensidade pulsional. No que diz respeito ao impacto pulsional, todas as sensações e percepções não se tornam qualidades porém criam uma diferença, um campo de manchamento pulsional, que é experimentado como desamparo e angústia.

Esta referência da colisão de Eros e Thanatos encontra no pensamento freudiano seu lugar de “parcela inconquistável”, parcela de nossa própria constituição psíquica, que é a referência a uma “realidade” originária, definitivamente desconhecida, porém que define um campo perceptual intenso sem consistência imagética, campo pulsional e afetivo de angústia originária e de impressão indeterminada.

Este originário angustiante se apresenta dez anos depois de 1915 como o lugar da fiança na constituição da subjetividade. Desse modo, entendemos o eu-realidade originário de 1915 ou o fiador de 1925 que “garante a realidade do representado”, como efeito de estrutura, como produto imediato da ação de uma erótica-mortal, que é traumática e que vai imperar eroticamente como “desejo maestro (desejo incestuoso), que mantém como fundo o solo repetido do desejar o indesejável”³⁹². Aí se coloca no plano do sujeito a dimensão radical do desejo.

³⁹² França, M.I. - “Com-viver com o trágico: a estrutória de um caso clínico”, trabalho de conclusão do curso de formação de analistas da SPID, 1990.

Este argumento é fundamental neste estudo porque vai articular nosso pensamento diante da idéia de um “eterno retorno” aos circuitos “originários” da pulsão, o que representa o retorno da diferença fundante ou de uma repetição diferencial e que significa a ruptura ou o choque com a “mesmidade”.

As rupturas na ordem psíquica promovem a criação de novos circuitos, novas inscrições e introduzem a dimensão estética e ética no pensamento psicanalítico.

Assim é que o “momento” criativo implica em um “eterno retorno”, “*Unheimliche*”, de algo que não se sabe como abordar e que, de acordo com o texto de 1919³⁹³, é retorno de algo que “deveria ter permanecido secreto e oculto, mas que veio à luz”. Isto que vem à luz, faz parte do campo de “brilho” estético, que fascina pelo excesso de objetividade (“sólido critério objetivo”), no sentido de que o “*Unheimliche*” é a queda do objeto e da imagem especular (determinados fantasmaticamente) o que vai remeter ao retorno de uma experiência de indeterminação e manchamento. Isto representa no campo do Outro, o traumático que constitui o sujeito. O afeto angústia, enquanto testemunha do trágico encontro com o nada, torna-se o motor inquietante, produtor de uma ameaça sem nome, impossível de suprimir.

Assim, Freud fala em 1919³⁹⁴:

“... entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo recalcado que retorna. Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então o estranho; e deve ser indiferente a questão de saber se o que é estranho era, em si, originalmente assustador ou se trazia algum outro afeto. Em segundo lugar, se é essa, na verdade, a natureza secreta do estranho, pode-se compreender porque o uso lingüístico estendeu “*das Heimliche*” para o seu oposto “*das Unheimliche*”, pois esse estranho não é nada novo

³⁹³ Freud, S. - “Lo ominoso” (1919) (“*Das Unheimliche*”), A.E., Vol. XVII.

³⁹⁴ Idem.

ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou dessa através do processo de recalque. Essa referência ao fator do recalque permite-nos, ademais, compreender a definição de *Schelling* do estranho como algo que deveria ter permanecido oculto mas veio à luz” (p. 300 e 301)

A coincidência dos termos antitéticos “*Heimliche*” e “*Unheimliche*” traz à tona o enigma da semelhança daquilo que é mais familiar. Esta identidade traz o “certificado de origem” do amálgama pulsional, a estranheza que representa o encontro com a marca significativa da ambigüidade do “*Heimliche*”. O familiar, o angustiante de uma realização impossível, se revela e se esconde por trás do “*Un-Heimliche*”. Isto demonstra que a “radical ambigüidade significativa” é a de que a dimensão de Eros faz entrar a de Thanatos e a única possibilidade que resta é a de comportar as duas, de forma amalgamada.

Este limiar de essência trágica e erótica vem à luz quando o imaginário falha e, na ausência de cena, o sujeito vacila porque perde a possibilidade de se figurar numa seqüência de imagens. O desejo, na ausência de cena, se apresenta sem o suporte ficcional, como intensidade angustiante e desordenada, experimentada como desamparo. É a incompletude subjetiva que consagra esta emergência do real, que se define para Lacan como o topos intangível, como ex-istente ao mundo dos signos, e que tem um estatuto de vazio, vazio este que se articulará com os vazios constitutivos do simbólico e do imaginário.

Conforme formulamos no capítulo anterior, a idéia do “lapso de imagem” é um efeito de estrutura que implica na emergência do ruído do “já existente”, de um real para além do mundo ficcional. O sujeito é lapsado na imagem, falhado onde ele é constituído.

Neste ponto vale ressaltar que o conceito de eu-realidade originário sustenta o registro do real da pulsão enquanto “fiança” da realidade do representado. É neste sentido que Freud afirma que o objeto não é encontrado,

mas sim re-encontrado. É assim que o reencontro do objeto marca no discurso freudiano o campo perceptual articulado às representações, apresentando a dimensão das intensidades como fundamental na constituição do sujeito e do objeto. Desse modo, na metapsicologia de 1915³⁹⁵, o pensamento freudiano já desenhava, a partir do impacto pulsional, o lugar das intensidades na prática psicanalítica, porém, é no texto de 1919³⁹⁶, quando Freud formula a compulsão à repetição, e em 1920, no *para além do princípio do prazer*, que a potência da pulsão vai ser dimensionada como realidade originária no plano do sujeito. Como temos visto, o eu-realidade originário se situa na teoria como marca impressiva de uma potencialidade pulsional que é capaz de desorganizar o campo ordenado das representações através da circulação do excesso pulsional que cria uma intensificação “demoníaca” nos processos psíquicos.

Sobre isto citamos Freud no texto de 1919³⁹⁷:

“Há um ponto de aplicação mais geral... mas penso que merece destaque especial. Refiro-me a que um estranho efeito se apresenta quando se extingue a distinção entre imaginação e realidade, como quando algo que até então considerávamos imaginário surge diante de nós na realidade, ou quando um símbolo assume as plenas funções da coisa que simboliza, e assim por diante” (p. 304)

Em resumo é esta confusão de que Freud nos fala sobre a desarrumação da ordem representacional face à intensificação pulsional, que indica o amálgama brutal de Eros e Thanatos trazendo o manchamento através do “eterno retorno” aos circuitos originários da pulsão o que implica em um “impacto” suficientemente horrível para ser imaginarizado. O que resta é o desamparo diante da violência simbólica do erotismo do Outro. Isto que assujeita é operação de corte que dissolve a verdade do eu no Outro, trazendo a proximidade do vazio de sentido.

³⁹⁵ Freud, S. “Pulsiones y destinos de pulsión” (1915) (“Trieb und Triebchicksale”), A.E., Vol. XIV.

³⁹⁶ Freud, S. - “Lo ominoso” (1919) (“Das Unheimliche”), A.E., Vol. XVII.

³⁹⁷ Idem.

É esta percepção estranha que, como mencionamos, situa, no plano constitutivo do sujeito, uma negatividade primária. Em resumo, o estranho que retorna é de uma importância singular na rede conceitual freudiana, pois é o que se impõe como o reencontro repetido com nossa estrutura falha. É este ponto da compulsão à repetição que Freud indica como um destino próprio da subjetividade humana.

Lacan³⁹⁸ vai enfatizar que é claro que não se trata de um destino natural, como o de um retorno da necessidade. É justamente de outra coisa que Freud nos fala: o aspecto de insistência da compulsão representa a insistência repetitiva de encontrar o objeto perdido. Sabemos que esta busca está destinada ao fracasso, porém, perseveramos sempre nela. É esta tendência a reencontrar o objeto perdido que funda toda a orientação do sujeito em sua relação ao mundo desejante. Repetir não é jamais encontrar o mesmo, e portanto a repetição demanda de uma certa forma o novo, tornando-se estruturante do mundo dos objetos, pois não cessamos assim de engendrar objetos substitutivos.

Portanto, é neste contexto de um encontro faltoso, de uma insuficiência do simbólico e de um objeto reencontrado que Freud nos permite retirar de sua teoria uma ética do desejo sustentada em um para *além do princípio do prazer*.

Freud nos fala em 1929³⁹⁹:

“Podemos rejeitar a existência de uma capacidade original, por assim dizer, natural de distinguir o bom do mau. O que é mau, freqüentemente não é de modo algum o que é prejudicial ou perigoso ao eu, pelo contrário, pode ser algo desejável pelo eu e prazeroso para ele. Aqui, portanto, está em ação uma influência estranha, que decide o que deve ser chamado de bom ou mau. De uma vez que os próprios sentimentos de uma pessoa não a conduziram ao longo desse caminho, ela deve ter um motivo para submeter-se a essa influência estranha. Esse motivo é

³⁹⁸ Lacan, J. - “Le seminaire, livre VII, l'éthique de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

³⁹⁹ Freud, S. - “El malestar en la cultura” (1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI.

facilmente descoberto no desamparo e na dependência dela em relação a outras pessoas, e pode ser melhor designado como medo da perda de amor”(p. 147)

Neste trecho do discurso freudiano queremos assinalar o desamparo como efeito que remete ao real da “mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou”, ou seja, a restrição sexual imposta pela proibição do incesto. Assim, o desamparo, articulado à angústia do real, torna-se o fenômeno que aponta para o traumático no sentido de uma experiência de total falta de recursos, um nada-ser, que é a contrapartida do sonho de completude no qual a promessa de realização narcísica se sustenta em um tudo-ser. Lacan⁴⁰⁰ vai afirmar que o desejo nasce desta inversão de valor da falta, que ele vai nomear de “poder da pura perda”. Esta inversão neste estudo é representada pelo campo de intensidades das paixões que presentificam o registro da pulsão de morte. É isto que temos marcado como a propriedade de um registro onde a contrapartida da ação de Thanatos é um imperativo erótico que provê o fundamento estético, fundamento este que é “brilho resplandecente” ponto central da economia do desejo que emerge do vazio de objeto. Esta potência erótica se associa à potência do significante permitindo a transformação da pulsão em história, em produção de efeitos na cultura.

Sobre este fluxo constante, que percorre e erogeiniza as bordas em torno do furo pulsional, já demonstramos anteriormente que ele é fluxo gozoso, é imperativo erótico que anima e movimenta o inconsciente de forma imprevisível. Sobre isto Lacan⁴⁰¹ vai assinalar o “brilho” de Antígona articulado à essência trágica do desejo.

Assim vejamos: é a fatalidade de um destino onde a morte é vivida de maneira antecipada que traz à tona a questão do que significa nas palavras de Lacan⁴⁰²:

⁴⁰⁰ Lacan, J. - “Sur la signification du phallus”, Seuil, Écrits, 1966.

⁴⁰¹ Lacan, J. - “Le séminaire, livre VII, l'éthique de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

⁴⁰² Idem.

“... o destino de uma vida que vai confundir-se com a morte certa... morte invadindo o domínio da vida, vida invadindo a morte”. (P. 301)

Esta zona de confusão tem uma função singular no efeito de tragédia, efeito que emerge do suplício de ela ser enterrada viva numa tumba. Sobre esta função singular Lacan indica que ela se dá na travessia dessa zona onde o desejo se reflete e se retrai ao mesmo tempo, causando o efeito do belo no desejo. É neste sentido que a beleza de Antígona esclarece a articulação da ação trágica.

A beleza de Antígona é exemplar pois ela apresenta um excesso que está “encarnado” nesta figura heróica. Um excesso que indica a ultrapassagem de qualquer possibilidade de julgamento de valor do tipo bem e mal. Este excesso é do registro de um brilho, de uma luminosidade por demais exposta e que leva à interdição diante da imagem. Isto porque há algo transbordante “por detrás” dela, que é o poder do sofrimento, que se delineia como o “significante de um limite”. Trata-se do limite diante da proximidade da percepção de uma ameaça passível de revelação, algo que se pode dar a ver, mas que não pode ser visto, que, em suma, é a essência trágica “dessa Coisa mantida *“en souffrance”* no que somos ou podemos vir a ser”⁴⁰³ (p. 92)

Neste ponto, vale ressaltar o paradoxo da sublimação em relação ao que Lacan afirma sobre “a elevação do objeto à dignidade da Coisa”. Sobre isto, Antígona se apresenta também como exemplar, pois sua ação deliberada que a conduz à própria morte é relevante para a questão ética psicanalítica, não no que diz respeito ao seu heroísmo fatídico, mas naquilo que seu ato representa. Este ato a conduz a um efeito singular, ao belo, porque indica a zona da morte invadindo a vida e vice-versa, pois este ato não se dá em nome de bem algum, não é por nenhum ideal do bem coletivo. Seu ato transgressivo se dá em nome do

⁴⁰³ Rajchman, J. - “Erotique de la vérité - Foucault, Lacan et la question de l'éthique”, PUF, Paris, 1994.

“não poder não significar”. Ela morre por desejar dar nome a um cadáver, seu irmão Polínices. O “belo” da ação trágica se articula à ética do desejo no sentido da dialética dos dois imperativos: o erótico e o simbólico. O “instante de resplandecência” reside aí na zona de colisão de Eros e Thanatos, uma zona de ruptura com tudo que está ordenado, ordem representada na história de Antígona pela lei escrita da cidade, que Creonte tanto insiste em fazer valer. Há na paixão e no esplendor de Antígona o para além dos bens da cidade, há um “Bem Supremo”, inatingível, que se apresenta como uma paixão em sofrimento. Isto é o que há de mais “*Unheimliche*” no Belo, um horror que se revela e se esconde em um erotismo conturbado, apaixonado, e que Freud e Lacan vão colocar como o desejo do indesejável.

Em resumo, esta tese defende a apresentação de uma estética-erótica, fundada na “essência trágica” do desejo, na colisão de Eros e Thanatos que cria um imperativo erótico que, no plano do sujeito, vai ligar um campo de intensidades a uma rede de significantes que impera simbolicamente. Esta articulação entre os dois imperativos - o erótico e o simbólico - abre, para a especificidade ética da psicanálise, uma ética do desejo, ou ainda, um “*ethos*” sustentado pela permanência de um “mal-estar” estrutural.

Desse modo, o mal em Freud é colocado em seu valor máximo transgressor, desordenador e demoníaco através do conceito de pulsão de morte. Porém, a ação silenciosa da pulsão de morte só se faz “ruidosa” em um efeito de imperativo erótico que opera no psiquismo como “potência de pura perda” e que permite criar a “transgressão com sentido”.

7.5. Sublimação: a outra satisfação, o outro paradoxo.

Vamos prosseguir, então, nossa argumentação de que a ética do desejo é uma face de uma estética-erótica. Para tal, vamos retornar nosso princípio para a estética, o “*Unheimliche*” do desejo que remete a “*Das Ding*” como a “exterioridade íntima” em torno da qual se orientam as trilhas desejantes do sujeito. “*Das Ding*”, o inatingível “bem supremo” introduz-se no discurso freudiano como objeto-causa, orientador do movimento desejante. No complexo do “*Nebenmensch*”⁴⁰⁴, “*Das Ding*” é a primeira coisa que pode separar-se de tudo o que o sujeito começou a nomear e a articular, pois é algo que se refere à “Coisa” do meu próximo, do meu vizinho. Assim, “*Das Ding*” é estruturalmente irrepresentável, é a perda potencialmente orientadora de nossas buscas, que permite a “fecundidade” do erotismo para recriar a partir do vazio deixado por essa perda.

Surge assim, a partir de “*Das Ding*”, a questão em torno de uma erótica que vai interrogar o para além da lei coercitiva do desejo. Este para além da lei é uma forma de transgressão cujo destino sublimatório da pulsão vai permitir sua fundamentação criativa. Abordaremos, então, a extensão desta problemática em torno de “*Das Ding*” através das características da plasticidade e da movimentação pulsional, próprias da sublimação. É a capacidade plástica da pulsão neste destino que a transforma em produtos culturais que enlaçam os sujeitos desejantes.

A especificidade da sublimação é o lugar fundamental que ela ocupa no pensamento freudiano em relação à oposição inclusiva do individual/coletivo. Em geral, os psicanalistas, até recentemente, preferiam não falar neste destino

⁴⁰⁴ Freud, S. - “Proyecto de psicología” (1895) (“Entwurf einer Psychologie”), A.E., Vol. I.

pulsional no que toca às dificuldades teóricas que o próprio percurso freudiano criou ao longo de sua obra. Porém, parece-nos que o maior temor reside no fato de aquele conceito poder remeter o discurso psicanalítico a um registro moral.

Mas no texto sobre o *"Mal-Estar na Civilização"*⁴⁰⁵ Freud apresenta a sublimação com um contorno conceitual relativamente preciso, onde Eros é a fonte deste destino com sua capacidade de enlaçamento social.

"A sublimação da pulsão constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural, é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. Se nos rendêssemos a uma primeira impressão, diríamos que a sublimação constitui uma vicissitude que foi imposta às pulsões de forma total pela civilização. Seria prudente refletir um pouco mais sobre isso... é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia à pulsão, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (pela opressão, recalque, ou algum outro meio?) de pulsões poderosas. Essa "frustração cultural" domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos. Como já sabemos, é a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm que lutar. ... Não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação uma pulsão. Não se faz isso impunemente. Se a perda não for economicamente compensada, pode-se ficar certo de que sérios distúrbios decorrerão disso" (p. 118, o grifo é nosso.)

Não se priva uma pulsão de satisfação impunemente, nos diz Freud, ou seja, não nos privamos de nosso desejo imperioso se nossa economia pulsional não puder ser reordenada. Reordenação que é erótica, pois só Eros é capaz de enlaçar sujeitos. A sublimação torna-se na economia das pulsões, como menciona Rajchman⁴⁰⁶, "o espaço público da outra satisfação".

"A sublimação é, antes, o espaço público em que nossos corpos perversos singulares podem estabelecer contato entre si, através da criação de belos objetos que os representam, sem por isso abolirem o que os torna singulares. É justamente por essa razão

⁴⁰⁵ Freud, S. - "El malestar en la cultura" (1929) ("Das Unbehagen in der Kultur"), A.E., Vol. XXI.

⁴⁰⁶ Rajchman, J. - "Erotique de la vérité - Foucault, Lacan et la question de l'éthique". PUF, Paris, 1994.

que ela cria um público diferente daqueles em que as pessoas se unem em busca de um propósito ou bem comum, identificadas com um ideal comum. A sublimação implica outro tipo de “vínculo” entre nós” (p. 87)

O vínculo que enlaça os sujeitos é do plano da criação, pois não estávamos procurando aquilo que reencontramos. Lacan⁴⁰⁷, sobre isto, lembra a conhecida frase de Picasso:

“Eu não procuro, acho”.

Este vínculo criado pela sublimação é da ordem da não intenção, do não pedido, do não existente *“a priori”*, pois ele se faz sobre um espaço que jamais será preenchido. Cria-se a partir do furo pulsional, a partir do *“ex-nihilo”*, como diz Lacan⁴⁰⁸. A idéia de criação através do destino da sublimação deriva no discurso freudiano daquilo que advém do vazio da Coisa (*Das Ding*); nós não encontramos o que perdemos, mas nós reencontramos outra satisfação, um vínculo erótico com o perdido que é, antes de tudo, *“Unheimliche”*. É esta estética erótica que permeia e articula nossas ações com os desejos que a habitam. Porém, é uma articulação que implica em uma “certa transgressão do desejo”. De acordo com Lacan⁴⁰⁹:

“O rodeio, no psiquismo, nem sempre é unicamente feito para regular a passagem que reúne o que se organiza no âmbito do princípio do prazer ao que se propõe como estrutura da realidade. Há igualmente rodeios e obstáculos que se organizam para fazer com que o âmbito do vacúolo como tal apareça. O que se trata de projetar assim é uma certa transgressão do desejo.

É aqui que entra em jogo a função ética do erotismo. O freudismo não é, em suma, senão uma perpétua alusão à fecundidade do erotismo na ética...” (p. 189) [o grifo é nosso]

A alusão à fecundidade do erotismo se refere à outra satisfação que se impõe no destino da sublimação, como uma satisfação implicada na mudança

⁴⁰⁷ Lacan, J. - “Le séminaire, livre VII. L'éthique de la Psychanalyse”. Seuil, Paris, 1986.

⁴⁰⁸ Idem.

⁴⁰⁹ Idem.

de objeto e do seu alvo, o que não quer dizer que o objeto sexual desapareça. Afirmamos, junto com Lacan, que o objeto sexual é ressaltado. O paradoxo da sublimação se coloca pelo fato de ao mesmo tempo que o objeto é intensificado eroticamente ele, também, se torna inatingível enquanto alvo de satisfação sexual direta e imediata. A “outra satisfação” própria da sublimação é mediadora dos laços sociais na medida em que “o objeto elevado à dignidade da Coisa” não se torna necessariamente “sublime”, ao contrário, sua função é de alguma maneira desvelada “como uma potência insistente e cruel”.

Temos apresentado esta potência como o “eterno retorno do mesmo”, insistência que cruelmente impera na estrutura do desejo. Este fatídico retorno se dá no sentido do insuportável, do “deixar vir à luz o oculto”. Isto se refere à transgressão de um limite, o que significa aproximarmo-nos de algo psiquicamente insustentável, avançar em direção de um vazio central, onde o próximo, “*Das Ding*” encontra-se inevitavelmente separado do sujeito. Há, aí, de acordo com Lacan⁴¹⁰, “a idéia de um suplício eterno”, e de acordo com nossa tese um Horror que persiste nos vínculos com o Outro. Neste ponto se organiza a inacessibilidade do objeto enquanto objeto de gozo, o que se torna o ponto crucial em que Freud e Lacan se debruçam para falar de ética, melhor dizendo, da dimensão ética da análise.

Esta dimensão se articula com a função do desejo na economia da experiência analítica, e é isto que Lacan ressaltava como a possibilidade de os analistas se moverem na orientação do discurso freudiano.

Vimos como a função do desejo se articula com o problema do gozo e seus aspectos de intangibilidade e opacidade, ou seja, há um campo tornado inacessível por uma barreira. Vale aqui ressaltar a questão da imagem, conforme apresentamos em capítulos anteriores. Há algo “por detrás” da imagem, um vazio

⁴¹⁰ Idem.

que se “dá a ver” no para além da captura da imagem, e que, de acordo com Lacan, é “o vazio de Deus a ser descoberto”, o que significa a entrada em função de algo que faz diferença.

Esta diferença parte no discurso freudiano da conceitualização da destrutiva pulsão de morte, que desorganiza a ordem psíquica estabelecida e introduz um recomeço com novos custos, com a economia psíquica se reordenando. Temos ressaltado a identidade da destruição com a criação, no sentido que na introdução da desordem um imperativo erótico se coloca, que associa a dialética pulsional de Eros e Thanatos a um outro imperativo simbólico exemplarmente colocado por Vital Brazil⁴¹¹ nos termos já mencionados nesta tese de “o homem não pode não significar”.

Lacan⁴¹², ao falar do “*ex-nihilo*”, indica a criação a partir do nada, criação que se revela em uma estrutura de negatividade, ponto de partida e de chegada dos circuitos da pulsionalidade no destino da sublimação. É este destino que é capaz de transformar pulsão em história pois os objetos criados emergem do remanejamento da economia pulsional em uma dimensão estética e ética do desejo. Os efeitos sublimatórios, assim, se oferecem na cultura como objetos causa de desejo que fazem laços sociais.

Sobre este remanejamento da economia pulsional é que Lacan vai, no seu retorno a Freud, apresentar o fundamento ético como real, ou seja, uma ética fundada no real da pulsão. O prazer da facilidade dos trilamentos (*Bahnungen*) apresentado no “*Projeto*”⁴¹³ vai ser invocado por Lacan⁴¹⁴ como “prazer na repetição”, quer dizer, naquilo em que a compulsão à repetição comporta como dimensão própria da estrutura tirânica da memória, o que se

⁴¹¹ Vital Brazil, H. - “O sujeito da dúvida e a retórica do inconsciente”, inédito.

⁴¹² Lacan, J. - “Le séminaire, livre VII, l'éthique de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

⁴¹³ Freud, S. - “Proyecto de psicología” (1895) (“Entwurf einer Psychologie”), A.E., Vol. I.

⁴¹⁴ Lacan, J. - “Le séminaire, livre VII, l'éthique de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

coaduna com a proposta lacaniana de que “o nervo do princípio do prazer se situa no nível da subjetividade”.

Em resumo, nesta tese sustentamos a tirania da memória no campo das intensidades através da re-percepção do traumático (violência erótica) da constituição do sujeito. Isto causa um eterno retorno aos “circuitos originários da pulsionalidade”, desorganizando a ordem representacional. Sobre esta desordem impõe-se uma nova ordenação que articula um imperativo erótico-mortal, próprio do campo das intensidades, com um imperativo erótico-simbólico, pois Eros preside o trabalho de ligação no inconsciente produzindo significações. Quer dizer que a função do bem e do belo para a psicanálise promove a dialética de um campo impactante pulsional, representado na teoria freudiana das pulsões pelo fiador da realidade do representado (o eu-realidade originário), com um campo simbólico e imaginário, representado no trajeto da pulsão no eu pelo eu-prazer e pelo eu-realidade definitiva.

Esta dialética do bem e do belo para a psicanálise carrega a noção de criacionismo e se torna história através dos efeitos sublimatórios da pulsão e, portanto, sempre nos “damos conta” desta dialética no “*a posteriori*”.

De acordo com Lacan⁴¹⁵:

“... definimos o bem na criação simbólica como o “initium” de onde parte o destino do sujeito humano em sua explicação com o significante. A verdadeira natureza do bem, na profunda duplicidade, resulta do fato de ele não ser pura e simplesmente bem natural, resposta natural, mas poder possível, potência de satisfazer”. (P. 284)

Desse modo, algo enigmático, “*Unheimliche*” retorna sem cessar de nossos atos, colocando-nos face a face com intensas ameaças, imperativos cujas exigências desconhecemos. Nosso desejo se move na direção de um desvelamento imperioso orientado pela satisfação radical da pulsão, explicitada

⁴¹⁵ Idem.

na qualidade “de morte”, o que remete ao “eterno retorno dos mortos” em “vida”, ou ainda, ao “*Unheimliche*” movimento do desejo em torno da perda e da separação.

É nesta borda de emoção que se situa o erógeno e a possibilidade de uma erótica-estética calcada na função do belo.

Vale ainda, mais uma vez, ressaltar a função do belo na nossa tese como aquela que faz entrar os jogos de dor, o que quer dizer que é através desta função, onde o belo se articula ao fundamento trágico da estrutura desejante, que emerge a dor. É o belo co-movente do desejo que faz a dor participar do enigmático e inacessível bem, o vazio constituinte sempre a ser descoberto. O que se revela e se esconde é “brilho”, é luz resplandecente que emana do objeto causa do desejo, e, justo por isto, o belo estranhamente nos indica nossa relação com a própria morte, nossa transitoriedade. Isto ocorre como instante evanescente do que não podemos suprimir, daquilo que há de mais “*Unheimliche*” no desejo.

8 - MOMENTO DE CONCLUIR: ARGUMENTOS FINAIS

Ao longo de todo o processo desta tese apresentamos a estética e a ética do desejo buscando suas especificidades no discurso analítico e a dimensão singularizante de seus efeitos para a psicanálise enquanto prática teorizada.

As perspectivas econômica e estrutural que foram abordadas neste estudo pretenderam valorizar o redimensionamento dado por Freud em sua segunda tópica às formulações sobre a pulsão e a angústia a partir da “virada” dos anos vinte buscando as decorrentes implicações no plano constitutivo do sujeito, no que diz respeito à dimensão estética e ética, e, conseqüentemente, à direção de ação do psicanalista.

É a partir da ênfase do discurso freudiano diante do entendimento de uma exterioridade ao campo estruturado do simbólico que colocamos em questão o saber psicanalítico e sua relação com as problemáticas, estética e ética do desejo, na medida em que é uma prática discursiva cujos questionamentos emergem no seu campo a partir de uma tensão produtiva entre os elementos fragmentados e dispersos, que insistem compulsivamente em um além do princípio do prazer, e os elementos ordenados no espaço da representação. É isto que coloca a psicanálise como “prática teorizada”, que se constitui a partir da dialética entre “terminável e interminável” na dimensão do psiquismo. Assim é que o saber psicanalítico opera com as “qualidades” do psiquismo e suas articulações com os objetos concebidos como “causa” do desejo inconsciente e,

neste sentido, traz para o cerne de suas interrogações a questão do sujeito desejante na sua relação com o real.

De acordo com Vital Brasil⁴¹⁶:

“Renovando a hermenêutica a psicanálise diz que interpretar é introduzir a dimensão do referente, e as abstrações que ela usa estão, como constructos hipotéticos, se mantendo sempre em revisão. Uma vez que só pode manter os seus conceitos fundamentais (Grundbegriff) pela “razão argumentativa”, enquanto estes conceitos se submetem a uma práxis que “trata o real pelo simbólico” (Lacan⁴¹⁷), e se constituem, no seu valor operacional pela sua função heurística, a psicanálise se define como uma teoria em permanente questionamento que não pretende chegar ao saber totalizante de uma “Weltanschauung” de uma “visão do mundo” prescritiva que informaria a “direção da cura”.

Desse modo, apresentamos nesta tese a “razão dimensionada” que se explicita na “função do julgamento” e, em um tempo “a posteriori”, através dos efeitos sublimatórios como produtos de “trans-forma-ção” de uma pulsionalidade fragmentada e dispersa em linguagem ordenada e inscrita no tempo e na história. Esta passagem que inscreve a pulsão no tempo e na história é sustentada pelo destino da sublimação no discurso freudiano e, também, por Lacan no seu retorno á obra de Freud, sendo o que valoriza a psicanálise como uma práxis de registro estético e ético, pois referida ao poder das rupturas que irrompem no eu, alienado em uma razão discursiva consciente.

Estes efeitos de rupturas são formas de sublimação que erotizam e criam a herança cultural, revelando o desejo inconsciente na sua circularidade pulsional e no seu aspecto singular articulado ao “espaço público” e em referência a “outra satisfação”, que é uma “transgressão com sentido”, o que significa dizer “um acontecimento significativo” na intercessão entre “individual

⁴¹⁶ - Vital Brazil, H - “O sujeito da dúvida e a retórica do inconsciente”, inédito.

⁴¹⁷ - Lacan, J. - “O Seminário, livro 11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1976.

e coletivo” e entre “estrutura e história”. Desse modo a experiência psicanalítica coloca a questão do eu enquanto uma instância psíquica que é efeito de imagem e que, quando o imaginário falha no “lapso de imagem”, emerge em um tempo de vacilação, de dúvida radical. Neste ponto, penetra o que há de mais “*Unheimliche*” para o universo da linguagem ordenada e, momentaneamente, o sentimento de identidade do eu fenomênico se vê diante do perigo de fragmentação, justamente porque a queda do objeto remete a uma experiência de indeterminação que representa, no campo do Outro, o traumático que constitui o sujeito. Assim, o eu se destitui de sua roupagem narcísica diante da desconstrução dos significados, permitindo a intensificação do movimento desejante, cujo deslocamento deixa as formas imagéticas sem repouso em busca de uma reordenação.

Apresentamos nesta tese a dimensão estética da psicanálise revelando as impressões (*Eindrücken*) do que é indizível no plano da consciência, porém que revela o contexto da linguagem para além da ordem, pois se abre para o discurso fragmentado e descontínuo, para a produção dos efeitos do Belo que se situam entre percepção angustiante e fantasia. Como afirmamos, é o afeto angústia a testemunha deste “instante *Unheimliche*” que vai do fenômeno da compulsão à repetição, que expressa a ação da pulsão de morte, até a “impressão” marcante, na estrutura, de uma ausência, de um vazio determinante.

Esta ameaça do “eterno retorno dos mortos” é sem nome e sem palavra, porém representa, no plano afetivo, uma negatividade enquanto diferença indeterminada pelo confusãoamento entre o que é familiar e o que é estranho, produzindo mobilização que é sofrimento no psiquismo. É este lugar da angústia inquietante e da estranheza que nos coloca próximos da experiência de descoberta, pois é um plano de interrogações e questionamentos que

associamos neste estudo a uma estética - erótica, por se tratar de um imperativo determinante na produção de ficções por meio da linguagem e, ainda, que transporta a ambigüidade do fenômeno estranho -familiar para a estrutura.

Assim, vejamos: no lugar do manchamento e da dispersão afirmamos que surge a produção de significações na subjetividade. Nossos argumentos apresentam a importância de um campo de intensidades, tumultuado e disperso, e de uma percepção - impressão indeterminada que indica os limites da razão ordenada, produzindo uma tensão que impõe uma ação psíquica, a qual implica decisão e escolha enquanto efeito que é surpresa, ou, ainda, um "efeito de sujeito".

Neste sentido, a perspectiva psicanalítica sobre a questão do sujeito o apresenta como descentrado em um permanente vir - a - ser, pois é um sujeito evanescente que surge no lugar de uma ausência, sustentado pela busca de um reencontro com um objeto definitivamente perdido. É assim que o sujeito em psicanálise se coloca como "efeito de uma perda" que em nossa tese valorizamos em torno da questão do "originário" no pensamento freudiano. O originário, para Freud, se refere ao mítico marcado por uma diferença de nível no sujeito, diferença esta que tem estatuto lógico, porque referido à concepção de um sujeito dividido na sua própria constituição e remetido a uma ambivalência pulsional.

Sobre isto apresentamos, dentro das perspectivas econômica e estrutural, o princípio da estética como sendo o "*Unheimliche*" porque revela um campo de intensidades que mostra que o inquietante no Eu é o Isso, o qual, no seu estatuto de "ex-sistência", se faz revelar a partir da "exterioridade íntima" da experiência da inquietante estranheza, experiência abissal porque o excesso pulsional invade causando o "desfalecimento no psiquismo" da ordem

estabelecida. O "*Unheimliche*" remete ao arcaico e aos circuitos originários da pulsão como o retorno de um enigma que solicita interpretação de sentido.

Estes circuitos originários têm no registro da percepção e da impressão angustiante o testemunho de um tempo de violência do erotismo do Outro, que invade e assujeita. Esta violência é uma diferença que tem o estatuto da lógica da exclusão no plano constitutivo do sujeito, diferença referida a uma dialética básica entre afirmação e negação.

Sobre a "união de opostos" afirmamos a constituição da diferença primária no plano afetivo a partir do impacto pulsional, onde há Eros em Thanatos, e Thanatos em Eros, plano do sujeito sem representação e sem imagem, onde uma percepção intensa e indeterminada se refere à angústia "originária" do real, pois algo resta sempre inassimilável, porque suficientemente horrível para ser imaginarizado.

Conforme abordamos, Freud⁴¹⁸, em sua formulação sobre a teoria das pulsões, em 1915, apresenta o eu - realidade originário como registro que se refere ao real da pulsão e ao campo da percepção, de onde retiramos um princípio diferencial.

Neste sentido, o sujeito emerge de uma negatividade, deste princípio diferencial, de uma razão alteritária que deixa descoberta a incompletude do "ser". Esta diferença "*Unheimliche*" Freud⁴¹⁹, em 1919, a coloca no âmbito da estética, como a teoria das qualidades do sentir.

Nesta tese nos valem da intuição freudiana para defender a proposta estética de que o Belo/Horrível é o dois que só pode se constituir como UM, ao introduzirmos o enigma da semelhança, que levou Freud a afirmar "*Heimliche*" é igual a "*Unheimliche*" em 1919⁴²⁰, ou ainda, em 1913⁴²¹, que

⁴¹⁸ Freud, S. - "Pulsiones y destinos de pulsión" (1915) (Trieb und Tribschicksale"), A.E., Vol. XIV.

⁴¹⁹ Freud, S. - "Lo ominoso" (1919) ("Das Unheimliche"), A.E., Vol. XVII.

⁴²⁰ Idem.

⁴²¹ Freud, S. - "El motivo de la elección del cofre" (1913) ("Das Motiv der Kätshenwahl"), A.E., Vol. XII.

a Deusa da Morte é substituída pela Deusa do Amor. Demonstramos que o que resplandece é o erotismo associado a um campo estruturado pelo desejo do Outro, campo que cria efeitos de imagem e efeitos de angústia. Surge “neste instante” de resplandecimento o contorno brilhante e erótico de um vazio sempre a ser descoberto, e que anima a cadeia significativa.

Nesta tese, o efeito - surpresa da queda da imagem foi nomeado de “lapso de imagem”, lapso que desnuda o eu, o deixa sem a veste desejável, fazendo surgir a “potência de satisfazer” através do objeto causa de desejo, em sua função de Belo/Horrível. Isto significa apresentar uma erótica - mortal que revela o espaço ambivalente que designa a inserção da negação como afirmação, do Horrível como Belo ou da “Morte” como “Amor”.

Desse modo, enfatizamos a “dupla” pulsional Eros e Thanatos como a que enigmaticamente apresenta a “unidade” na função do Belo como “dupla”, pois o efeito do Belo vai desvelar a vertente intrusiva da imagem como usurpadora do lugar cindido do sujeito.

Assim, o Belo, enquanto efeito sublimatório, tem como função, referida à estética do desejo, o fato de perturbar, comover e indicar o para além da imagem, pois é a intensidade da imagem - surpresa que lança o “sujeito do desejo” no simbólico, porque o interroga e o solicita, operando enquanto função na estrutura desejante a possibilidade de criação através de inscrição de novos traços e de novas apresentações dos objetos de desejo.

Esta operação advém daquilo que imprime uma diferença estranhamente familiar e inquietante entre eu e sujeito do desejo, na medida em que o imaginário falha em sua função de barrar “algo” que não se pode ver a não ser sob uma forma inapreensível e fascinante, que emerge e escapa na função do Belo causando desejo e angústia.

Conforme afirmamos é enquanto imagem causa de desejo que a função do Belo produz efeitos de liberdade criativa, evocados no equívoco do especular. Este equívoco é o próprio “mal - entendido” do encontro desejante entre eu e Outro, e que se “deixa ver” naquilo que jaz “por detrás” da imagem, como o poder do sofrimento de uma perda.

Esta revelação da verdade parcial do desejo se refere ao “não - realizado” e está implicada no “determinismo de uma estrutura ausente”, que atesta o surgimento do sujeito a partir do vazio de “ser”, e se apresenta sempre na dimensão estética do “*Unheimliche*”, dimensão da ambivalência, porque desvela o Horrível e o oculta, colocando em seu lugar o paradoxo do Belo, que, de acordo com Freud⁴²², “é inútil porém indispensável à cultura”.

Desse modo, o efeito do Belo é uma metaforização que condensa a dupla “morte e vida” e, portanto, aponta para a estruturação trágica do desejo, para o Eros-mortal próprio da sua fundamentação.

Retomando assim a referência central desta tese sobre a estética, associada a uma erótica e à ética do desejo, afirmamos que: é este sentido trágico da estrutura do desejo que nos permite construir a idéia de um imperativo erótico, que inclui o “mortal”, pois o que impera é o eterno retorno inquietante do “*Unheimliche*” do desejo, que se apresenta como “fatalidade erótica” e que opera no psiquismo enquanto efeito - surpresa, interrompendo o desfile de imagens, desordenando o psiquismo e causando o deslocamento do desejo a partir do “tropeço” no real, que quebra a unidade, que, sendo dupla, se revela intensamente como o “estranho anunciador da morte”.

Ao cair o véu encobridor do objeto feito de falta, surge a nudez do especular que é vazio de “ser”, lugar da horrível exclusão. Esta dor da “pura perda” enquanto significante de um limite escapa no para além da imagem e

⁴²² Freud. S. - “El malestar en la cultura”(1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”), A.E., Vol. XXI.

deixa entre-ver o horrível estranho que ameaça. Esta cortante visada da destrutividade só pode se apresentar no “brilho” da vida, na visada do “Belo” em sua relação com o desejo.

Esta dimensão estética do Belo/Horrível mostra uma condensação significativa por uma oposição inclusiva, que mantém uma tensão ambivalente, onde uma diferença não se apaga na semelhança enquanto enigma. Isto porque se refere ao enigma da origem que se remete à alteridade, ao Outro “como o lugar estrutural que contém a resposta significativa sustentada pelo princípio da razão diferencial⁴²³”.

Apresentamos, assim, a dimensão essencial que aí se coloca para a estética do desejo, enquanto o que “habita” nos sujeitos desejantes como impossível de suprimir, que repete e insiste e que se manifesta diante do “desmoronamento - surpresa” de tudo o que é especular, pois uma vez lançados no angustiante “vazio”, nos deparamos com as fronteiras - limite da realidade psíquica. Este movimento intenso demonstra o desejo em permanente deslocamento sempre referido ao “desejo de outra coisa”. Neste sentido, sublinhamos a sublimação e seus efeitos como acontecimentos psíquicos de valor erótico e de registro estético e ético porque se ligam ao ato criativo e se referem à falta constitutiva do desejo inconsciente no seu deslocamento pelos objetos substitutivos elevando, como diz Lacan⁴²⁴, “o objeto à dignidade da Coisa”.

Freud, em “*Die Verneinung*”⁴²⁵ associa “*Das Ding*” à função de julgamento pois ela descreve uma diferença fundante em um campo primordial de juízo na medida em que o operador estrutural do recalçamento constitui a diferença entre dois vazios: um preenchível pela representação das coisas e o outro privado de sentido, impossível de ser representado. É “*Das Ding*” ,

⁴²³ Vital Brazil, H. - “O sujeito da dúvida e a retórica do inconsciente”, inédito.

⁴²⁴ Lacan, J. - “Le Séminaire, livre VII, l'éthique de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

⁴²⁵ Freud, S. - “La negación (1925) (“Die Verneinung”), A.E., Vol. XIX.

quando referida ao complexo perceptual do "*Nebenmensch*"⁴²⁶, o complexo do semelhante, que se constitui como o primeiro outro do sujeito, outro não especularizável como pura exterioridade, que Lacan coloca no limiar da significação como a diferença de origem que é instigante na pulsão, no sentido de uma eterna insatisfação em atingir o seu alvo.

De acordo com Lacan, na sublimação há um gozo privilegiado porque ele se refere à junção da constituição do psiquismo, o que já implica na perda do gozo fálico e indica a possibilidade de outro gozo elevado à dignidade do ato criativo, onde o eu não pode-se espelhar no outro, o que aponta para a excentricidade e demonstra a "hiância" constitutiva do desejo inconsciente.

Freud, ao postular uma "origem mítica", nos apresenta a função de julgamento surgindo a partir das pulsões, quando formula, desde 1915⁴²⁷, o plano do impacto pulsional de Eros e Thanatos e se refere ao eu - realidade originário. O eu - realidade originário nesta tese é o referente de um critério que emerge do registro perceptual e que, de acordo com o pensamento freudiano, sustenta um "sólido critério objetivo", que interpretamos como um critério primordial que se associa à função do julgamento, pois ele indica uma "experiência - limite" das fronteiras da emoção, que, a partir do impenetrável e "sólido" real, demonstra a marca traumática de um desconhecimento radical. O "som" restante desta experiência é "*Unheimliche*", justo porque apresenta a divisão constituinte do Eu (*Ichspaltung*), mostrando a face escondida, a "ferida" secreta de onde a psicanálise retira sua abordagem radical sobre o tema da "perda do objeto". Esta perda ultrapassa o campo das representações, é acontecimento no psiquismo e nos remete a outro tema: o do "destino" das pulsões chamado sublimação.

⁴²⁶ Freud, S. - "Proyecto de psicología" (1895) ("Entwurf einer Psychologie), A.E., Vol. I.

⁴²⁷ Freud, S. - "Pulsiones y destinos de pulsión" (1915) ("Trieb und Tribschicksale"), A.E., Vol. XIV.

É este destino pulsional que introduz no pensamento psicanalítico a oposição inclusiva entre escolha (liberdade simbólica) e destino, oposição implicada no eterno rodeio erótico em torno do "inimaginável". É esta problemática que ressaltamos neste estudo, enquanto um imperativo erótico constituído de uma "identidade primeva" entre Eros e Thanatos, amálgama que coloca em jogo a silenciosa ação da pulsão de morte associada à capacidade plástica de Eros. Esta ação erótica pulsional mobiliza a estrutura, provoca a "anima - ação", colocando em jogo a ausência de forma, o "*Heimliche*" do não-realizado, que só pode-se engendrar enquanto "*Unheimliche*" com seu fundamento ambíguo. Em resumo, na tentativa de atingir "*Das Ding*", há o encontro com o real traumático, um retorno aos circuitos originários da pulsão um "Eros- mortal", lugar - fronteira indizível, cortante, de onde se recria a verdade parcial do desejo enquanto emergente de uma erótica inserida na linguagem simbólica, cuja dimensão é estética e ética.

Isto que é criado e que enlaça os sujeitos desejantes são os produtos de desejo causados por algo que lhes é externo; "o objeto a", lugar deixado vazio pelo significante e transformado em borda, bordas erógenas da emoção, cuja "dança" estético - erótica do "eterno retorno" ao lugar da criação, "deixa ver" o império da "potência de satisfazer". Esta "potência de satisfazer" é inquietante e estranha porque demonstra o vínculo de uma erótica, própria do pensamento psicanalítico, com a dor da "pura perda".

É o laço erótico e violento a um só tempo que apresenta a terrível identificação do "Horror" e do "Belo", ou seja, a unidade amalgamada da "dupla" pulsional de Eros e Thanatos. O que emerge enquanto "realidade originária" é o desamparo de um eu - perceptual cuja intensa impressão é testemunhada pela angústia do "real". Assim, afirmamos nesta tese o "entendimento secreto" do encontro das forças pulsionais não mediatizado por

ato de palavra, porém mediatizado por ato afetivo, dimensão estética, “*Unheimliche*”, do desejo.

Desse modo, demonstramos neste estudo que o imperativo erótico é a referência ao originário, que impera estruturalmente sob a forma de exigência pulsional de satisfação introduzindo a idéia de transgressão em relação ao desejo, relevando seu fundamento trágico: a permanente insistência de desejar o indesejável. A “fúria destrutiva” de que Freud⁴²⁸, fala, em 1923, sobre o Supereu, representa o imperativo do gozo, o excesso cruel e violento que só o “Isso” mostra.

Assim, nosso interesse em construir a estética e a ética do desejo no pensamento psicanalítico diz respeito à articulação do imperativo da conexão ambivalente de um Eros mortal com o imperativo simbólico, que se impõe através da atividade de simbolização do psiquismo diante do reconhecimento do “pai morto” e que, de acordo com Lacan⁴²⁹, revela “o vazio de Deus a ser descoberto”.

Este reconhecimento podemos valorizar na sublimação, enquanto categoria estética e ética na psicanálise, porque é o “destino” que possibilita a “escolha”, transformando a pulsão em história através dos efeitos sublimatórios.

Esta “trans-forma-ção” demonstra a insistência repetitiva de encontrar o objeto perdido, busca cujo “destino” é o fracasso, porém, apesar disso, perseveramos sempre nela. É este “destino” de encontrar a “pura perda” como semelhante à “potência de satisfazer”, que funda toda a orientação do sujeito em sua relação ao mundo desejante, movimento estruturante do mundo dos objetos e de onde retiramos a demonstração de uma ética do desejo em um para além do princípio do prazer. Esta ética do desejo é uma face da estética erótica porque assinala a realidade originária do desamparo como o efeito que

⁴²⁸ Freud, S. - “El yo y el ello” (1923) (“Das Ich und das ES”), A.E., Vol. XIX.

⁴²⁹ Lacan, J. - “Le Seminaire, livre VII, l'éthique de la psychanalyse”, Seuil, Paris, 1986.

remete ao real da “mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou”⁴³⁰, ou seja, a restrição sexual imposta pela proibição do incesto.

Neste sentido, conforme afirmamos através da falha do imaginário na experiência angustiante do “lapso de imagem”, apresenta-se uma operação no psiquismo de destituição de todo o objeto suposto, pois o objeto é aí desobjetivado pelo efeito de um excesso que transborda, permitindo o retorno à “fonte”, causa criadora de um “texto” singular em um espaço de “escolha” de liberdade subjetiva, que é “invenção” do como lidar com o eterno retorno do que permanece de trágico na estrutura do desejo.

Em resumo, esta tese defende a apresentação de uma estética - erótica, fundada na “essência trágica” do desejo, campo de impacto de Eros e Thanatos, que cria um imperativo erótico, o qual no plano do sujeito, vai sustentar um campo de intensidades. Estas intensidades que insistem e repetem, o “*Unheimliche*” do desejo, vão-se articular à rede dos significantes que impera simbolicamente. Esta articulação entre dois imperativos - o erótico e o simbólico - se efetua no destino da sublimação, dimensão estética e ética do desejo, pois é a capacidade plástica da pulsão neste “destino” que apresenta a “escolha” possível do sujeito do desejo, que é a “outra satisfação”.

Esta “outra satisfação” é o vínculo que enlaça os sujeitos no plano da criação, porque é da ordem da não-intenção, do não-existente “*a priori*”. Cria-se a partir da ausência de sentido, do vazio da Coisa (*Das Ding*), um vínculo “*Unheimliche*”, porque é um vínculo erótico com o perdido. É esta estética - erótica que permeia e articula nossas ações com os desejos que a habitam, uma ética do desejo, ou ainda, um “ethos” sustentado pelo mal-estar estrutural.

⁴³⁰ Freud, S. - “El malestar en la cultura” (1929) (“Das Unbehagen in der Kultur”). A.E., Vol. XXI.

Desse modo, a função do Belo e do Bem para a psicanálise se associa ao ato criativo, instante revelador de como o desejo se move na direção de um desvelamento imperioso orientado pela satisfação radical da pulsão, fazendo entrar em cena os jogos de prazer e dor, onde o Belo faz função, comovendo a estrutura desejante diante do enigmático e inacessível Bem. O que resta é brilho extraído do inimaginável, o “ao vivo” da “morte” que se escuta de forma “*Unheimliche*”.

9 - BIBLIOGRAFIA

- ANOUILH, J. - "Antígona", Lisboa, Editorial Presença, 1965.
- ANTONOVSKY, A. - "Idealization and the holding of ideals" in: Contemporary Psychoanalysis, Journal of the W. A. White Institute, New York, 1991.
- APPLGARTH, A. - "Comments on aspects of the theory of psychic energy", New York, International Universities Press Inc., Vol. 19, July 1971, n. 3.
- ARISTÓTELES - "Ethique de Nicomaque", Paris, Flammarion, 1965.
- ARISTÓTELES - "Dos argumentos sofisticos" in: Aristóteles, col. Os Pensadores, org. José Américo Motta Pessanha, São Paulo, Editora Abril Cultural, 1973.
- ATTIÉ, J. - "A questão do simbólico" in: Transcrição, Vol. 3, Publicação do Seminário do Campo Freudiano, Bahia, 1987.
- AULAGNIER, P. - "Les destins du plaisir", Paris, PUF, 1979.
- AULAGNIER, P. - "A filiação persecutória" in: Tempo Psicanalítico, Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Rio de Janeiro, 1980, Vol. I.
- BADIOU, A. - "Para uma nova teoria do sujeito", Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

- BARROS, C. P. de - "Thermodynamic and evolutionary concepts in the formal structure of Freud's Meta-Psychology" in: The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy, Vol. I, New York, Basic Books, Inc. Publishers, 1971.
- BARROS, E. B. - "Eu Narciso, Outro Édipo", Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1991.
- BARTHES, R. - "A câmara clara", Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, R. - "O óbvio e o obtuso", Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- BATAILLE, L. - "O umbigo do sonho: por uma prática da psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- BAUMGARTEN, A. G. - "Estética: a lógica da arte e do poema", Petrópolis, Editora Vozes, 1993.
- BAYER, R. - "História da Estética", Lisboa, Editora Estampa, 1979.
- BERENSON, B. - "Estética e História", São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
- BIRMAN, J. E OUTROS - "O objeto na teoria e na prática psicanalítica", Rio de Janeiro, Editora Campus, 1984.
- BIRMAN, J. E OUTROS - "A ordem do sexual", Rio de Janeiro, Editora Campus, 1988.
- BIRMAN, J. - "Freud e a experiência psicanalítica", Rio de Janeiro, Taurus - Timbre Editores, 1989.
- BIRMAN, J. - "Freud e a interpretação psicanalítica", Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1991.
- BIRMAN, J. - "Ensaio de teoria psicanalítica", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- BIRMAN, J. - "Psicanálise, ciência e cultura", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

- BIRMAN, J. - "Psicanálise, estilo e modernidade", inédito.
- BLEICHMAR, J. - "Introdução ao estudo das perversões: a teoria de Édipo em Freud e Lacan", Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1984.
- BOSANQUET, B. - "Historia de la estética", Buenos Aires, Editorial Nova, 1949.
- BRANDÃO, J. - "Mitologia Grega", Vol. II, Petrópolis, Editora Vozes, 1987.
- CANIZAL, E.P. - "Surrealismo, rupturas expressivas", São Paulo, Atual Editora, 1986.
- CAPELLER, L. - "Estatuto e função da imagem" in: Tempo Psicanalítico, Vol. XII, no. 1, Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Rio de Janeiro, 1989.
- CELES, L. A. - "Sexualidade e subjetividade nos inícios da psicanálise", Tese de Doutorado do Departamento de Psicologia da PUC/RJ, 1991.
- CHEMANA, R. (ORG.) - "Dicionário de Psicanálise", Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- COTTET, S. - "Introdução à Ética", in: Revista da Clínica Freudiana, Rio de Janeiro, 1988.
- COTTET, S. - "O paradoxo do gozo", Transcrição 5, Rio de Janeiro, Fator, 1989.
- DERRIDA, J. - "L'écriture et la différence", Paris, Seuil, 1967.
- DIDIER - WEILL, A. - "Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- DIDIER - WEILL, A. (ORG.) - "Fim de uma análise, finalidade da psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- DOR, J. - "O pai e sua função em psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

- DOR, J. - "Introdução à leitura de Lacan", Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- DOREY, R. E OUTROS - "L'inquiétante étrangeté (Das Unheimliche)"
Cahiers pour la recherche freudienne, n. 3, Université Paris X,
Nanterre, Paris 1988.
- EAGLETON, T. - "A ideologia da estética", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor,
1993.
- FOUCAULT, M. - "Les mots et les choses", Paris, Éditions Gallimard, 1966.
- FOUCAULT, M. - "Isto não é um cachimbo", Rio de Janeiro, Paz e Terra,
1989.
- FRANÇA, M. I. R. F. - "Um estudo sobre a pulsão de morte e a escolha e
objeto de amor", Dissertação de Mestrado da PUC/RJ, 1985.
- FRANÇA, M. I. R. F. - "O narcisismo e o estranho ou de Narciso a Eco", in:
Tempo Psicanalítico, Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy
Doyle, Rio de Janeiro, 1989.
- FRANÇA, M. I. R. F. - "Lapso de imagem: Traço de Origem", in: Tempo
Psicanalítico, Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Rio
de Janeiro, 1990.
- FRANÇA, M. I. R. F. - "Com-viver com o trágico: a estrutória de um caso
clínico", Trabalho de conclusão do Curso de Formação de
Psicanalistas apresentado à Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle,
1990.
- FRANÇA, M. I. R. F. - "A pulsão e a ética", in: "A palavra e o silêncio",
Sérvulo A. Figueira (org.), Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993.
- FRANÇA, M. I. R. F. - "A indizível angústia", in: Tempo Psicanalítico, n. 27,
Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Rio de Janeiro,
1994.

- FREUD, S. - "Contribution à la conception des aphasies: une étude critique" (1891), Paris, Presses Universitaires de France, 1983.
- FREUD, S. - "Fragmentos de la Correspondencia con Fliess (1892-99), in: Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu Editores (A.E.), 1976, Vol. I
- FREUD, S. - "Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos", (1893) in: Obras completas, A.E., Vol. III
- FREUD, S. - "Bosquejos de la comunicación preliminar", (1893) in: Obras Completas, A.E., Vol. I.
- FREUD, S. - "Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias)", (1894) in: Obras Completas A.E., Vol. III.
- FREUD, S. - "Obsesiones y fobias", (1895) in: Obras Completas, A.E., Vol. III.
- FREUD, S. e BREUER, J. - "Estudios sobre la histeria", (1895) in: Obras Completas, Vol. II.
- FREUD, S. - "Proyecto de Psicología", (1895) in: Obras Completas, A.E., Vol. I
- FREUD, S. - "A proposito de las criticas a la neurosis de angústia", (1895) in: Obras Compeltas, A.E., Vol. III
- FREUD, S. - "La herencia y la etiología de las neurosis", (1896) in: Obras Completas, A.E., Vol. III.
- FREUD, S. - "Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa", (1896) in: Obras Completas, A.E., Vol. III
- FREUD, S. - "La etiología de la histeria" , (1896) in: Obras Completas, A.E., Vol. III.

- FREUD, S. - "La sexualidad en la etiología de las neurosis", (1896) in: Obras Completas, A.E., Vol. III.
- FREUD, S. - "Sobre los recuerdos encubridores" (1899) in: Obras Completas, A.E., Vol. III
- FREUD, S. - "La interpretación de los sueños" , (1899) in: Obras Completas, A.E., Vol. IV e V.
- FREUD, S. - "Sobre el sueño" (1901) in: Obras Completas, A.E., Vol. V.
- FREUD, S. - "Psicopatología de la vida cotidiana", (1901) in: Obras Completas, A.E., Vol. VI.
- FREUD, S. - "Tres Ensayos de la Teoría Sexual" , (1905) in: Obras Completas, A.E., Vol. VII.
- FREUD, S. - "Fragmento de análisis de un caso de histeria", (1905) in: Obras Completas, A.E., Vol. VII.
- FREUD, S. - "El delirio y los sueños en la Gradiva de W. Jensen", (1907) in: Obras Completas, A.E., Vol. IX.
- FREUD, S. - "Acciones obsesivas y prácticas religiosas" , (1907) in: Obras Completas, A.E., Vol. IX.
- FREUD, S. - "Las fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad", (1908) in: Obras Completas, A.E., Vol. IX.
- FREUD, S. - "Carácter y erotismo anal", (1908) in: Obras Completas, A.E., Vol. IX.
- FREUD, S. - "La moral sexual "cultural" y la nerviosidad moderna", (1908) in: Obras Completas, A.E., Vol. IX.
- FREUD, S. - "El creador literario y el fantaseo", (1908) in: Obras Completas, A.E., Vol. IX.

- FREUD, S. - "Análisis de la fobia de un niño de cinco años", (1909) in: Obras Completas, A.E., Vol. X.
- FREUD, S. - "La novela familiar de los neuróticos", (1909) in: Obras Completas, A.E., Vol. IX.
- FREUD, S. - "Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci", (1910) in: Obras Completas, A.E., Vol. XI.
- FREUD, S. - "La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis", (1910) in: Obras Completas, A.E., Vol. XI.
- FREUD, S. - "Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia Paranoides) descrito autobiográficamente", (1911) in: Obras Completas, A.E., Vol. XII.
- FREUD, S. - "Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico", (1911) in: Obras Completas, A.E., Vol. XII.
- FREUD, S. - "Nota sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis", (1912) in: Obras Completas, A.E., Vol. XII.
- FREUD, S. - "Totem y Tabu - Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos", (1913) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIII.
- FREUD, S. - "El interés por el psicoanálisis", (1913) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIII.
- FREUD, S. - "Introducción del narcisismo", (1914) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIV.
- FREUD, S. - "Recordar, repetir y reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II)", (1914) in: Obras Completas, A.E., Vol. XII.
- FREUD, S. - "Puntualizaciones sobre el amor de transferencia", (1915) in: Obras Completas, A.E., Vol. XII.

- FREUD, S. - "Sobre el destino antitético de las palabras primitivas" , (1910) in: Obras Completas, A.E., Vol. XI.
- FREUD, S. - "Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre", (1910) in: Obras Completas, A.E., Vol. XI.
- FREUD, S. - "Agregados a la interpretación de los sueños", (1911) in: Obras Completas, A.E., Vol. XV.
- FREUD, S. - "Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa", (1912) in: Obras Completas, A.E., Vol. XI.
- FREUD, S. - "El motivo de la elección del cofre" , (1913) in: Obras Completas, A.E., Vol. XII.
- FREUD, S. - "El Moisés de Miguel Angel" , (1914) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIII.
- FREUD, S. - "De guerra y muerte: temas de actualidad", (1915) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIV.
- FREUD, S. - "Pulsiones y destinos de pulsión", (1915) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIV.
- FREUD, S. - "La represión" , (1915) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIV.
- FREUD, S. - "Lo Inconsciente" , (1915) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIV.
- FREUD, S. - "Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños", (1917) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIV.
- FREUD, S. - "Duelo y melancolía", (1917) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIV.
- FREUD, S. - "La transitoriedad", (1916) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIV.
- FREUD, S. - "Una dificultad del psicoanálisis" , (1917) in: Obras Completas, A.E., Vol. XVII.

- FREUD, S. - "Un recuerdo de infancia en poesía y verdad" , (1917) in: Obras Completas, A.E., Vol. XVII.
- FREUD, S. - "El tabu de la virginidad" , (1917) in: Obras Completas, A.E., Vol. XI.
- FREUD, S. - "Conferencias de introducción al psicoanálisis", (1917) in: Obras Completas, A.E., Vol. XVI.
- FREUD, S. - "De la historia de una neurosis infantil", (1918) in: Obras Completas, A.E., Vol. XVII.
- FREUD, S. - "Pegan a un niño" , (1919) in: Obras Completas, A.E., Vol. XVII.
- FREUD, S. - "Lo ominoso" , (1919) in: Obras Completas, A.E., Vol. XVII.
- FREUD, S. - "Más allá del principio de placer", (1920) in: Obras Completas, A.E., Vol. XVIII.
- FREUD, S. - "Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina", (1920) in: Obras Completas, A.E., Vol. XVIII.
- FREUD, S. - "Psicología de las masas y análisis del yo", (1921) in: Obras Completas, A.E., Vol. XVIII.
- FREUD, S. - "Dos artículos de enciclopedia" y "Teoría de la libido" , (1923) in: Obras Completas, A.E., Vol. XVIII.
- FREUD, S. - "E Yo y el Ello" , (1923) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIX.
- FREUD, S. - "Consideraciones sobre lo inconsciente", (1922) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIX.
- FREUD, S. - "La organización genital infantil", (1923) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIX.
- FREUD, S. - "Neurosis y psicosis", (1924) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIX.

- FREUD, S. - "El sepultamento del complejo de Édipo" , (1924) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIX.
- FREUD, S. - "La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis" , (1924) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIX.
- FREUD, S. - "El problema económico del masoquismo", (1924) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIX.
- FREUD, S. - "Nota sobre la "pizarra mágica"" , (1925) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIX.
- FREUD, S. - "Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos", (1925) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIX.
- FREUD, S. - "La negación", (1925) in: Obras Completas, A.E., Vol. XIX.
- FREUD, S. - "Inhibición, sintoma y angustia", (1925) in: Obras Completas, A.E., Vol. XX.
- FREUD, S. - "El porvenir de una ilusión" , (1927) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXI
- FREUD, S. - "El malestar en la cultura", (1929) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXI.
- FREUD, S. - "Fetichismo", (1927) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXI.
- FREUD, S. - "Dostoievski y el parricidio" , (1927) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXI.
- FREUD, S. - "Sobre la sexualidade femenina" , (1931) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXI.
- FREUD, S. - "Sobre la conquista del fuego" , (1932) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXII.
- FREUD, S. - "Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis", (1933) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXII.

- FREUD, S. - "Una perturbación del recuerdo en la Acrópolis", (1936) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXII.
- FREUD, S. - "Análisis terminable e interminable", (1927) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXIII.
- FREUD, S. - "Construcciones en el análisis", (1937) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXIII.
- FREUD, S. - "Moisés y la religión monoteísta", (1939) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXIII.
- FREUD, S. - "Esquema del psicoanálisis", (1938) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXIII.
- FREUD, S. - "La escisión del yo en el proceso defensivo", (1938) in: Obras Completas, A.E., Vol. XXIII.
- FREUD, S. - "La cabeza de Medusa", (1922) in: Obras Completas, A.E., Vol. XVIII.
- GARCIA - ROZA, L. A. - "Acaso e repetição em psicanálise . Uma introdução à teoria das pulsões", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.
- GARCIA - ROZA, L. A. - "O mal radical em Freud", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
- GARCIA - ROZA, L. A. - "Introdução à metapsicologia 1", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.
- GARCIA - ROZA, L. A. - "Introdução à metapsicologia 2", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.
- GARCIA - ROZA, L. A. - "Introdução à metapsicologia 3", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- GUÉRIN, M. - "Ça, c'est inquiétant" in L'inquiétante étrangeté, Centres de Recherches et d'Études Freudiennes, Paris, 1988.

- GONDAR, J. - "Os Tempos de Freud", Rio de Janeiro, Revinter, 1995.
- GUYOMARD, P. - "La jouissance du tragique. Antigone, Lacan et le désir de l'analyste", Paris, Aubier, 1992.
- HOFFMANN, E. T. A. - "Contos fantásticos", Rio de Janeiro, Imago, 1993.
- HYPPOLITE, J. - "Commentaire parlé sur la Verneinung de Freud" in: J. Lacan, *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.
- HYPPOLITE, J. - "Ensaio da psicanálise e filosofia", Rio de Janeiro, Timbre e Taurus, 1989.
- JURANVILLE, A. - "Lacan e a filosofia", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
- KANT, I. - "Crítica da faculdade do juízo", Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993.
- KAUFMANN, P. - "L'apport freudien - Éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse", Paris, Bordas, 1993.
- KOFMAN, S. - "L'enfance de l'art. Une interprétation de l'esthétique freudienne", Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1970.
- KRISTEVA, J. e OUTROS - "La beauté: l'autre monde du dépressif" in: *Esthétique et psychanalyse, Cahiers pour la recherche freudienne no. 4*, Université Paris X, Paris, 1989.
- KRISTEVA, J. - "Étrangers à nous-mêmes", Paris, Gallimard, 1988.
- LACAN, J. - "O Seminário, livro 1. Os escritos técnicos de Freud", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. - "O Seminário, livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. - "O Seminário, livro 3. As psicoses", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

- LACAN, J. - "O Seminário, livro 4. A relação de objeto", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- LACAN, J. - "Le Seminaire, livre VII, L'éthique de la psychanalyse", Paris, Seuil, 1986.
- LACAN, J. - "Le Seminaire, livre VIII, Le transfert", Paris, Seuil, 1991.
- LACAN, J. - "Le Seminaire, livre IX, Paris, mimeo.
- LACAN, J. - "Le Seminaire, livre X, Paris, mimeo.
- LACAN, J. - "O Seminário, livro 11. Os quatro conceitos da psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1979.
- LACAN, J. - "Le désir et ses interprétations", Vol. 1, 2 e 3, Paris, mimeo.
- LACAN, J. - "O Seminário, livro 17. O avesso da psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, J. - "O Seminário, livro 20. Mais ainda", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1982.
- LACAN, J. - "A carta roubada" in Escritos, São Paulo, Editora Perspectiva, 1978.
- LACAN, J. - "Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je" in Écrits, Paris, Seuil, 1966.
- LACAN, J. - "Au - delà du "principe de réalité"", in Écrits, Paris, Seuil, 1966.
- LACAN, J. - "Fonction et champs de la parole et du langage en psychanalyse", in Écrits, Paris, Seuil, 1966.
- LACAN, J. - "Hamlet por Lacan", Textos psicanalíticos I, São Paulo, Escuta/Liubliú, Unicamp, 1986.
- LACAN, J. - "Introduction au Commentaire de Jean Hyppolite sur la Verneinung", in Écrits, Paris, Seuil, 1966.

- LACAN, J. - "Réponse au Commentaire de Jean Hyppolite sur la Verneinung de Freud", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.
- LACAN, J. - "Remarque sur le rapport de Daniel Lagache: Psychanalyse et Structure de la Personnalité" in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966
- LACAN, J. - "La Science et la Vérité", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.
- LACAN, J. - "L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud" , in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.
- LACAN, J. - "Subversion du Sujet et Dialectique du Désir", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.
- LALANDE, A. - "Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie", Paris, Presses Universitaires de France, 1985.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. - "Vocabulário de Psicanálise", São Paulo, Martins Fontes, 1981, 5a. edição.
- LAPLANCHE, J. - "Vida e Morte em Psicanálise", Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- LYOTARD, J. - "Lições sobre a analítica do sublime", São Paulo, Papyrus, 1993.
- LECLAIRE, S. - "Psicanalisar", São Paulo, Perspectiva, 1977.
- LECLAIRE, S. - "O corpo erógeno", Rio de Janeiro, Fon-Fon e Seleta, 1979.
- LECLAIRE, S. - "Mata-se uma criança", Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.
- LECLAIRE, S. - "Desmascarar o Real", Lisboa, Assírio e Alvim, 1977.
- LECLAIRE, S. - "A propósito do episódio psicótico apresentado pelo Homem dos Lobos" in *Psicose: uma leitura psicanalítica*, Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
- LECLAIRE, S. - "O País do Outro", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
- MACHADO DE ASSIS - "Seleção de Contos", Rio de Janeiro, Revan, 1989.

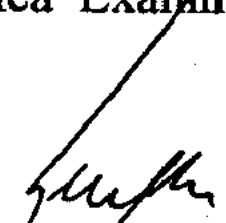
- MADUREIRA, P. P. - "Rumor de Facas", São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- MASSON, J. M. - "A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess", Rio de Janeiro, Imago, 1986.
- MIJOLA - MELLOR, S. - "L'angoisse de fiction chez Hitchcock" in Pouvoirs de l'image, Topique no. 53, Paris, 1994.
- NASIO, J. D. - "Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.
- NASIO, J. D. - "Os olhos de Laura. O conceito de objeto a na teoria de J. Lacan", Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- NASIO, J. D. - "A criança magnífica da psicanálise. O conceito de sujeito e objeto na teoria de Jacques Lacan", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- NASIO, J. D. - "Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- NASIO, J. D. - "O olhar em psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- NICEÁS, C. A. - "Angústia e Castração", Tempo Psicanalítico, Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle no. 27, Rio de Janeiro, 1994.
- NIETZSCHE, F. - "A origem da tragédia", São Paulo, Editor Moraes, 1992.
- NIETZSCHE, F. - "Nietzsche" in Os Pensadores, José Américo Motta Pessanha (org.), São Paulo, Editora Moraes, 1992.
- PANOFSKY, E. - "Idea: a evolução do conceito de Belo", São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- PERELSON, S. - "A dimensão trágica do desejo", Rio de Janeiro, Revinter, 1994.

- PESSOA, F. - "Poesias", Lisboa, Editora Ática, 1958.
- POE, E. A. - "Contos de terror, de mistério e de morte", Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- POE, E. A. - "Contos", São Paulo, Editora Cultrix, 1986.
- QUINET, A. e OUTROS - "Imagem rainha. As formas do imaginário nas estruturas clínicas e na prática psicanalítica", Rio de Janeiro, Sette Letras, 1995.
- RABINOVICH, D. - "Modos logicos del amor de transferencia", Buenos Aires, Manantial, 1992.
- RAJCHMAN, J. - "Erotique de la vérité. Foucault, Lacan et la question de l'éthique", Paris, Presses Universitaires de France, 1994.
- ROSSET, C. - "O real e seu duplo", Porto Alegre, L & PM Editores, 1988.
- RUDGE, A. M. - "Pulsão, linguagem e ato", Tese de doutorado, PUC/RJ., 1994.
- SCHNEIDER, M. - "Afeto e linguagem nos primeiros, escritos de Freud", São Paulo, Escuta, 1993.
- SHAKESPEARE, W. - "Hamlet", Porto Alegre, L & PM Editores, 1991.
- THORET, Y. - "Le Fantastique" in L'inquiétante étrangeté, Cahiers pour la recherche freudienne, Paris, 1988.
- THORET, Y. - "Hamlet, figure étrange et familière, entre Freud et Oedipe" in L'inquiétante étrangeté, Cahiers pour la recherche freudienne, Paris, 1988.
- VALABREGA, J. - "Représentations de mort" in De la Mort, Topique no. 48, Paris, 1991
- VARENNE, K. - "Léonard de Vinci, l'insoumis de la forme" in Pouvoirs de l'image, Topique no. 53, Paris, 1994.

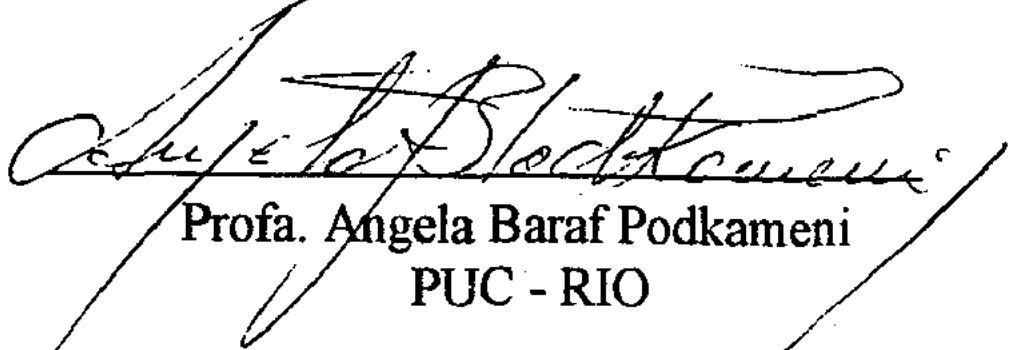
- VERNANT, J. P. - "Mito e pensamento entre os gregos", São Paulo, Paz e Terra, 1990.
- VERNANT, J. P. - "A morte nos olhos", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- VIDAL, E. e OUTROS - "Die Verneinung" in Letra Freudiana, Escola, Psicanálise e Transmissão, Ano IX, no. 7/8, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1990.
- VITAL BRAZIL, H. - "O sujeito da dúvida, a interpretação e o real", in Narrativa, Ficção e História, Imago, Rio de Janeiro, 1988.
- VITAL BRAZIL, H. - "As estruturas de sublimação em psicanálise" in Tempo Psicanalítico, Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Vol. XII, no. 1, Rio de Janeiro, 1989.
- VITAL BRAZIL, H. - "Dois ensaios entre psicanálise e literatura", Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- VITAL BRAZIL, H. - "A ética de Antígona, a paixão de Sade e a questão do poder" in Artes e Controvérsias, Petrópolis, Vozes, 1993.
- VITAL BRAZIL, H. - "Contradição e Contrariedade" in Tempo Psicanalítico. Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Vol. no. 1, Rio de Janeiro, 1983.
- VITAL BRAZIL, H. - "O sujeito da dúvida e a retórica do inconsciente", inédito.
- WINE, N. - "Pulsão e Inconsciente. A sublimação e o advento do sujeito", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
- WISNIK, J. M. - "Ilusões perdidas" in Ética, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

- ZBRUN, M. - "Idealização e desidealização" in Imagem rainha: as formas do imaginário nas estruturas clínicas e na prática psicanalítica, Escola Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1995.
- ZIZEK, S. - "O mais sublime dos histéricos. Hegel com Lacan", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Maria Inês Reinhoefer Ferreira França, intitulada "A Estética e a Ética do Desejo: um Estudo Psicanalítico", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Prof. Sérvulo Augusto Figueira
Orientador / PUC - RIO



Profa. Angela Baraf Podkameni
PUC - RIO



Prof. Carlos Alberto Plastino
PUC - RIO



Profa. Miriam Chnaiderman
USP



Profa. Regina Andrade
ECO/UFRJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 07/11/95



Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação
do Centro de Teologia e Ciências Humanas